

OS LOBOS DO MAR

AS AVENTURAS SECRETAS
DE JACK LONDON

CHRISTOPHER GOLDEN
& TIM LEBBON
ILUSTRAÇÕES DE GREG RUTH

Benvirá



OS LOBOS DO MAR

**AS AVENTURAS SECRETAS
DE JACK LONDON**



OS LOBOS DO MAR

AS AVENTURAS SECRETAS
DE **JACK LONDON**

CHRISTOPHER GOLDEN & TIM LEBBON

ILUSTRAÇÕES DE **GREG RUTH**

TRADUÇÃO DE **ALEXANDRE BOIDE**

Benvirá

Copyright © 2012 by Christopher Golden & Tim Lebbon Copyright
ilustração © 2012 by Greg Ruth Publicado mediante acordo com os
autores, representados por Baror International, INC., Armonk, Nova
York, EUA.

Título original: *The Secret Journeys of Jack London: Book II: The Sea
Wolves*

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Luiza Del Monaco e Paula
Carvalho Edição de arte: Carlos Renato Serviços editoriais: Luciana
Oliveira Estagiária: Lara Moreira Félix Preparação: Alessandra de Sá
Miranda Revisão: Laila Guilherme e Isabel Jorge Cury Diagramação:
Balão Editorial Capa adaptada do projeto original de Sarah Hoy
Conversão eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G566L

Golden, Christopher Os lobos do mar / Christopher Golden, Tim Lebbon; ilustrações Greg Ruth; tradução Alexandre Boide. – São Paulo: Benvirá, 2014.

recurso digital : il. (As aventuras secretas de Jack London; 2) Tradução de: The Sea Wolves Sequência de: O mundo selvagem Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8240-129-3 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Aventura. I. Lebbon, Tim. II. Ruth, Greg.

III. Boide, Alexandre. IV. Título. V. Série.

14-10581

CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2014

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar 05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

545.985.001.001

*Para o clã dos Booth, todos eles.
Vocês são parte da família Necon... e não poderíamos imaginar uma tribo
mais acolhedora ou generosa.*

*“Não é possível violar as imposições da própria natureza sem que essa
natureza acabe se retraindo.”*

JACK LONDON

SUMÁRIO

Introdução

1. O pelicano
2. Um anjo entre demônios
3. Perdido nos encantos da beleza
4. O mais nobre de todos
5. Longe do campo de visão
6. O homem de duas faces
7. O imediato
8. Diamantes e Morte
9. Morte pairando no ar
10. A névoa da guerra
11. O turbilhão
12. Correntes profundas
13. Inimigos íntimos
14. Trovão e relâmpago
15. Irmãos de sangue



INTRODUÇÃO

Nunca fui um grande escritor, mas sempre consegui contar histórias. Agradeço a Jack London por isso. Ele me fez entender que as histórias são feitas de coração e alma, e não de palavras e ortografia. E coração e alma eram algo que ele tinha de sobra.

Jack salvou minha vida muitas vezes. Uma delas literalmente, ao afugentar dois homens perigosos que queriam me sequestrar e escravizar. Aconteceram outros episódios ao longo dos anos, e na maioria das vezes ele nem sequer estava presente. O que sempre me salvou foi pensar em Jack. Pensar na sua coragem, na sua visão de mundo, na sua filosofia de que a vida é para ser vivida e não para ser desperdiçada. E na sua convicção de que existem tantas coisas desconhecidas que nunca poderão ser exploradas totalmente numa única vida. Algumas dessas coisas são incríveis, outras, terríveis. Jack presenciou ambas.

Graças a ele, eu me tornei um explorador – de corpo e alma. E gosto de pensar que, de certa forma, eu também pude ajudar em suas aventuras.

Todos sabem no que Jack se transformou: um dos maiores escritores de todos os tempos, capaz de contar uma história como ninguém, dando a ela um poder quase... digamos, sobrenatural. Embora muita gente acredite que ele escreveu sobre o que viveu, eu sempre soube a verdade, pois ele mesmo me contou: Jack nunca, jamais poderia contar suas aventuras reais. Eram experiências bastante pessoais para ser colocadas no papel, e muitas delas, terríveis demais. Jack viu coisas que não deveriam ser presenciadas por ninguém.

Mas ele nunca disse que *eu* não poderia contar essas histórias.

Jack morreu jovem, mas nos seus quarenta anos viveu a vida de muitos homens. Morreu sabendo que há mais coisas neste mundo do que podemos ou deveríamos entender.

Eis uma das razões por que escrevo estas linhas. Sou um homem velho. Que mal há em se conhecer a verdade? Alguém irá acreditar no que eu digo? Nestes tempos modernos e tecnológicos, quando o fantástico não parece mais tão fantástico e quando o selvagem não é mais tão selvagem, acredito que essas histórias, embora assustadoras, devam ser contadas.

Elas são um alerta, e acho que não podemos nos esquecer disso.

Aqui estão as verdadeiras histórias de Jack London.

Suas aventuras secretas.

Hal Sawyer
São Francisco
Junho de 1962

CAPÍTULO UM

O PELICANO

Não fosse o pelicano, Jack London teria sido morto pelos lobos. Mesmo embalado pelo balanço suave do navio, ele não conseguia dormir nem relaxar, apesar de seu corpo implorar por descanso. Sua mente estava inflamada pelas lembranças de suas aventuras no norte, e cada dor, incômodo ou ferimento eram uma recordação daquelas experiências, assim como os sons e os cheiros que sentia. Confinado em uma cabine apertada com seu amigo Merritt Sloper e outros três homens entregues ao próprio cansaço, Jack se viu invadido por uma enorme sensação de vazio. Fazia apenas alguns dias que havia deixado o Alasca. Depois de tanto tempo na natureza – e sentindo os próprios instintos selvagens aflorar, tomar força, ganhar *vida* –, sentia-se enjaulado naquele ambiente, queria sair dali, subir para o convés.

Foi isso que fez nas três noites anteriores. Os dias eram mais fáceis, permeados de conversas casuais e horas passadas observando o horizonte distante, envolvido pelo frio, apesar de acariciado pelo sol. Mas as noites eram bem difíceis. Era como se a escuridão o atraísse para suas garras – e não a ausência de luz temporária de um local sem iluminação, mas a escuridão do infinito.

Jack respirou fundo o ar fresco e se segurou à balaustrada, sentindo as pernas oscilar com o movimento do navio sobre as águas calmas do Pacífico. Os cabelos foram agitados pela brisa, que ele sentiu como a carícia da mão de um ente querido. “Talvez eu esteja precisando mesmo desse tipo de conforto”, pensou, porque as lembranças de tudo por que havia passado – a perigosíssima trilha Chilkoot, a experiência de quase morte no grande silêncio branco, Lesya e o terrível Wendigo – eram suficientes para enlouquecer qualquer um. Uma coisa, porém, Jack tinha aprendido durante os meses que passou nas terras ermas do norte: ele *não era* uma pessoa qualquer.

– Eu sou Jack London – falou, e seu nome soou como algo notável até para si mesmo. Não era uma questão de senso de grandeza, tampouco de arrogância. Começava a entender do que um ser humano era capaz, e queria explorar ao máximo esse potencial.

Um leve nevoeiro instalara-se sobre o mar, um pouco mais concentrado e espesso a estibordo. A lua e as estrelas eram apenas luzes difusas acima de sua cabeça. Quando se virou, Jack viu o capitão e os principais tripulantes reunidos na casa do leme, fazendo seu melhor para que o *Umatilla* continuasse navegando com eficiência e segurança. Dois deles estavam sentados no cesto da gávea, os vultos indistintos e seus murmúrios perdidos em meio à neblina e à escuridão. Jack foi caminhando em direção à proa, onde sabia que encontraria apenas silêncio e tranquilidade.

Ele se perguntou como seria fazer uma viagem solitária por aqueles mares. Não muitos meses antes, a caminho do Alasca, ficou admirado com a imensidão do oceano, com seu poder e com o respeito necessário para navegá-lo. Mas, naquele momento, o que via era sua natureza intocada.

Algo se moveu na proa. A princípio ele pensou se tratar de um pedaço de gelo que se desprendera ou de um objeto sacudido pela brisa. Quando chegou mais perto, no entanto, viu o bico comprido, o olhar atento e as asas fechadas de um pelicano que o encarava sem medo, mas não sem certa desconfiança.

– Olá, passarinho – Jack disse em voz baixa. Olhou para trás e para cima, porém ninguém mais pareceu notar a criatura. A umidade se acumulava sobre o convés, e o nevoeiro a estibordo parecia mais próximo. Ninguém mais passeava por ali àquelas horas da noite. Virou-se para a ave, que ergueu a cabeça e fez menção de abrir as asas.

Jack se agachou sobre o convés, tentando demonstrar que não representava ameaça àquela magnífica criatura. Procurou por algum ferimento em seu corpo, mas não encontrou nada. A ave apenas havia considerado o navio um bom lugar para descansar e talvez até já tivesse feito isso antes, ciente de que a proa era um dos locais mais sossegados a bordo depois que o sol se punha.

– Não vou machucar você – ele disse baixinho, fazendo a garganta vibrar e emitir um ruído estranho. Deu-se conta de que não fazia ideia

do som que aquele tipo de ave emitia, mas o animal sacudiu a cabeça e bateu as asas várias vezes antes de se aquietar novamente. Jack se manteve imóvel e se pegou observando o olho do pássaro. Ele estava refletido ali, e se perguntou de que forma o pelicano o encarava – como uma ameaça, algo digno de interesse ou apenas parte do cenário onde se encontrava?

Ele observou a ave como Lesya, o espírito da floresta, havia ensinado, e não demorou muito para ignorar mentalmente as distinções entre homem e animal. Os papéis dos dois ali eram unicamente os de observador e observado. Apesar de no fim ter se provado indigna de confiança, Lesya lhe concedera uma espécie de dom, abrindo sua mente e seus sentidos para que ele pudesse intuir os pensamentos de outras criaturas. Quando se concentrou no pelicano, teve o mesmo tipo de mau pressentimento que vinha se instalando em sua mente.

A distância, Jack ouvia as pancadas ressonantes de ondas contra um casco. Franziu a testa. O *Umatilla* continuava navegando tranquilamente, sem nenhum impacto ou solavanco. O pelicano se ergueu sobre as patas e abriu seu enorme bico.

Jack ouviu o mesmo som novamente, o impacto da água contra um casco que avançava de encontro às ondas. Havia alguma coisa por perto. Olhou para os dois homens no cesto da gávea, mas eles eram apenas vultos perdidos sob a névoa, não sendo possível determinar em que direção estavam olhando.

– O que pode ser isso, então? – perguntou ao pelicano, que abriu as asas, sem sair de cima da balaustrada, virando-se sobre as patas para que pudesse observar todo o convés. “Eu poderia alertar os vigias”, pensou Jack. Mas o que diria? A escuridão e a neblina haviam inquietado seus sentidos, mas a sensação de que havia algo estranho no ar poderia ser só impressão sua.



Quando chegou mais perto, no entanto, viu o bico comprido, o olhar atento e as asas fechadas de um pelicano que o encarava sem medo, mas não sem certa desconfiança.

Inclinou-se sobre a balaustrada, olhou para baixo e viu a espuma branca sob o navio. A embarcação navegava com tranquilidade, sem se chocar com as ondas, e as gotículas que o atingiam eram carregadas pela mais suave das brisas.

Uma sombra se moveu a distância em meio às ondas. Jack se agarrou à balaustrada e tentou enxergar através da névoa que se fechava como uma cortina sobre o mar. “É alguma coisa muito grande”, pensou.

Logo em seguida, a sombra surgiu de novo. Uma massa em meio à neblina, uma forma solidificada oscilando em um lugar comumente ignorado, e eis que um barco surgia, navegando em uma trajetória diagonal, e se chocaria com o *Umatilla* em questão de segundos. Tinha três mastros e uns trinta metros de comprimento, parecendo uma embarcação insignificante perto do *Umatilla*. Ainda assim havia algo quase predatório na maneira como se aproximava.

Os mastros ostentavam velas escuras que se escondiam sob a luz fraca do luar, e o barco avançava sobre as águas como se não estivesse lá, como se fosse um navio fantasma. O único sinal de sua existência era o impacto intermitente das ondas contra o casco, que ia se tornando cada vez menos audível à medida que a embarcação se movia na direção do *Umatilla*.

Jack avistou vultos trabalhando no cordame, além de alguns outros no convés. Correntes começaram a tilintar quando a escuna surgiu ao lado do *Umatilla*, e Jack notou que havia algo muito errado ali.

Ouviu o murmúrio alarmado dos vigias. Logo depois escutou o som de algo zunindo no ar; os dois homens grunhiram, e o falatório cessou.

Atrás dele, o pelicano soltou um resmungo parecido com o praguejar de um velho. Jack se agachou atrás da balaustrada e espiou por cima dela. Havia uma atividade frenética a bordo da escuna fantasma – o cordame farfalhava, os vultos se moviam, e ele ouviu o impacto suave do casco da embarcação se chocando contra o *Umatilla*.

Foi apenas quando os ganchos começaram a aparecer sobre a balaustrada, a uns dez metros de distância de onde estava escondido, que Jack se deu conta do que estava acontecendo. “Estamos sendo atacados!”

Pensou em soltar um alerta, mas ninguém ouviria. Caso se apressasse, conseguiria chegar aos conveses inferiores antes que o primeiro agressor

subisse a bordo... mas a corda amarrada ao primeiro gancho já estava retesada pelo peso do homem que subia.

Seu instinto ordenou que ficasse onde estava, e o pelicano abriu as asas e levantou voo, movido pelos próprios impulsos. A ave resmungou mais uma vez lá do alto e desapareceu com rapidez a bombordo, mergulhando na névoa cada vez mais espessa. Por uma fração de segundo, Jack compreendeu a sensação de liberdade do pássaro, mas logo se viu na própria pele outra vez, procurando por sombras onde se esconder quando a primeira cabeça apareceu acima da balaustrada.

O homem subiu no convés, e Jack ficou impressionado, deixando escapar até um leve suspiro. O invasor se movimentava como uma sombra, em silêncio absoluto, e se manteve agachado enquanto olhava de um lado para o outro. Os braços pendiam junto às laterais do corpo, e ele parecia carregar algo na mão direita. Sua postura como um todo era ameaçadora – encolhido como uma mola prestes a liberar sua energia, que se acumulava com a violência de uma tempestade se formando ao longe.

O homem farejava o ar como um animal, a cabeça inclinada. Olhou para o cesto da gávea, fez um breve gesto com a mão por cima da balaustrada e disparou rumo à primeira porta que levava aos conveses inferiores. Sua sombra era volumosa – devia ter no mínimo quinze centímetros a mais que Jack, com seu metro e setenta e sete –, e a cabeleira espessa parecia ter os próprios padrões de movimento, diferentes do restante do corpo. Jack não conseguia ouvir nada e deixou escapar em um sussurro a palavra que sua mãe lhe havia ensinado a temer desde a infância: – Fantasma.

Os outros cinco homens que apareceram logo em seguida, no entanto, com certeza não eram fantasmas. Com um ruído de tecido contra metal e um breve gemido de esforço, subiram a bordo e rapidamente se dispersaram, determinados e ameaçadores.

– Ah, se eu pudesse voar... – murmurou Jack. Ele não podia mais continuar onde estava. Sem nenhum plano em mente, mas também sem nenhum temor, Jack sacou a faca da cintura e saiu atrás do último invasor a subir a bordo.

“O primeiro que chegou é o que está no comando”, pensou, e notou algo na silhueta do homem que o perturbou. Jack atravessou o convés

sem tirar os olhos dos ganchos na balaustrada, para se certificar de que nenhum invasor o veria. Agachado, arremessou-se por uma porta aberta, entrando em um corredor mal iluminado que dava para a escada que levava às cabines. Passos leves ressoaram pelos degraus de metal, e ele foi atrás, mantendo-se abaixado para que sua sombra não se projetasse muito à frente.

Lá embaixo, quase no fim da escada, Jack ouviu algo que mudou tudo. Até então a aparição do barco em meio à neblina, a invasão e as sombras rastejantes pareciam ser parte de um estranho sonho, testemunhado por um pelicano. Agora, porém, a emoção da aventura começara a fluir pelas veias de Jack.

– Você tem ouro? – perguntou uma voz grave e ameaçadora.

– Não... não.

Tump!

Jack conhecia muito bem o som de uma faca rasgando a carne.

– Jesus! – ele murmurou, recuando, pois de repente tudo se tornou real até demais.

A mesma pergunta foi feita outra vez, e a resposta de novo foi negativa, ocasionando outro assassinato. Nesse momento os outros ocupantes da cabine acordaram, e houve certa agitação. Mesmo assim, o invasor não precisou de mais que alguns poucos segundos para reaparecer do lado de fora da cabine.

Ele saiu de costas para Jack, mas então se deteve e virou a cabeça. Não era o primeiro homem que Jack vira subir a bordo, mas também era um sujeito alto e forte. Vestia roupas escuras e folgadas, os cabelos eram pretos e compridos, e na mão direita carregava uma faca enorme. A lâmina estava molhada, porém o homem não parecia nem um pouco alterado.

“Quantas pessoas ele acabou de matar?”, Jack se perguntou, soltando um suspiro lento e contido, a boca entreaberta, ciente o tempo todo de que uma engolida em seco ou um suspiro mais forte bastariam para denunciá-lo.

E as facas se voltariam contra ele.

O homem se dirigiu à cabine ao lado e abriu a porta sem fazer barulho. Quando ele entrou, Jack desceu os últimos degraus e se agachou para ouvir mais uma vez a mesma pergunta ser murmurada: –

Tem ouro?

– Quem...?

– Tem ouro?

– Não... ninguém aqui tem...

– Quem tem ouro?

– Eu não...

Tump! Tump!

“Merritt!”, pensou Jack. Seu amigo dormia em uma cabine logo abaixo, e os companheiros daquele homem estavam espalhados pelo navio. “Os malditos vão acabar com todo mundo, inclusive com Merritt.”

Devia haver umas trezentas pessoas a bordo do *Umatilla*, voltando dos garimpos de Yukon, e naquele momento quase todas estavam dormindo. Eram pessoas na maior parte atormentadas pelos próprios fantasmas, e acordar em um pesadelo como aquele com certeza causaria confusão e pânico. Como alguém era capaz de fazer o que aquele sujeito estava fazendo?

Jack segurou sua faca e se viu forçado a tomar uma decisão. Poderia ir em frente e entrar em luta corporal com o assassino, pôr uma faca em seu pescoço, exigir sua rendição e depois acordar os outros para informá-los sobre o que estava acontecendo. Em uma emergência como aquela parecia ser o melhor a fazer – um inimigo seria neutralizado, e o número daqueles que estariam cientes do ataque seria multiplicado.

Quando o homem saiu da cabine, outra vez virado de costas para Jack, sua faca estava tão ensopada de sangue que algumas gotas vermelhas caíram sobre o chão de madeira. Ele se dirigiu à porta seguinte e a abriu. Antes que Jack pudesse se decidir, o homem já havia desaparecido lá dentro.

– Quem tem ouro? – A voz do homem se fez ouvir outra vez, grave e abafada.

– Jack London tem ouro! – gritou Jack, sentindo o coração disparar e o sangue ferver nas veias ao tomar impetuosamente sua decisão. A tripulação e os passageiros do *Umatilla* precisavam ganhar tempo. Jack talvez fosse a única pessoa capaz de proporcionar isso.

Ele se virou e subiu correndo a escada, emergindo outra vez no convés e respirando o ar úmido e gelado da noite. Deixou a porta aberta e deu alguns passos para o lado, grato pela neblina. Aproximou-se da

parede oposta àquela em que a porta estava encostada, bem ao lado da saída da escura passagem. “Ele vai achar que estou escondido atrás da porta”, pensou Jack. “Ou então que eu fugi.” Mas Jack não fugiria. Estava com medo, porém também sentia uma força primitiva surgir dentro de si, uma determinação fria e implacável. Aquele banho de sangue o havia deixado enojado, mas isso não significava que não estivesse pronto para a luta.

Ouviu o som dos passos do homem, ainda silenciosos, contudo já sem tanta cautela. No alto da escada, o assassino deu um chute poderoso na porta, fazendo-a bater com força contra a parede. Jack agiu com rapidez, agarrando-o pelo joelho e arremessando-o escada abaixo. O homem não gritou ao cair – na verdade não emitiu ruído nenhum além do impacto de sua cabeça contra os degraus e o estalo de algo se quebrando.

Jack não esperou para ver se o homem levantaria. Bateu a porta e arrancou a maçaneta para que a passagem não pudesse mais ser aberta. Virou-se e viu que, no local onde os ganchos haviam sido presos, cordas tinham sido amarradas nos cunhos, o que significava que a embarcação dos assassinos deveria estar navegando logo ao lado.

Ele tinha aquela faca fazia tempo, e ela sempre se mostrara confiável. No entanto as cordas estavam molhadas, e sua mão, trêmula, por isso a tarefa de cortá-las se mostrou mais difícil do que Jack esperava. Ele se manteve abaixado, lembrando-se do destino que se abatera sobre os vigias da cesta da gávea. Uma besta, suspeitava, ou talvez um arpão. A última coisa que queria era que sua silhueta virasse um alvo para mais um ataque.

Algo atingiu a porta atrás dele, fazendo-a estremecer. Ele teve um sobressalto, e a corda que segurava se partiu. Estava tão tensionada que se projetou em alta velocidade, como um chicote, acertando o rosto de Jack antes de cair sobre o barco logo abaixo.

Quem quer que estivesse lá com certeza perceberia que algo estava faltando.

A porta estremeceu novamente sob um forte impacto.

O som de algo se partindo ressoou em algum lugar – uma superfície de madeira rompida ali perto, talvez, ou um tiro disparado ao longe.

– Ei, você aí! – gritou uma voz vinda de cima. Jack se virou e se agachou em posição de defesa, a faca na mão direita, pronto para entrar

em ação. – Ei, aquilo ali... é um barco?

– Capitão, vire a bombordo! – gritou Jack.

– Quem está falando? E o que está acontecendo?

– O navio foi invadido por piratas em busca de ouro. Vire a bombordo. Eu estou fazendo o que posso para...

A porta foi atingida de novo, e lascas de madeira voaram pelo ar quando a superfície ao redor da maçaneta quebrada se deformou.

– Vire a bombordo! – Jack correu para a corda seguinte e começou a cortá-la. Algo passou zunindo por sua cabeça, balançando seus cabelos e arrancando-lhe sangue da orelha, e o obrigou a se abaixar, com o coração disparado e os olhos arregalados de susto.

“Ele *matou* aquelas pessoas a sangue-frio”, Jack pensou, recordando os eventos terríveis que presenciara momentos antes. Já havia testemunhado atos de brutalidade extrema de homens contra seus semelhantes, mas todos, com exceção de um, eram feitores de escravos e estavam mortos. Mesmo assim, quanto mais pensava no que tinha visto, mais perturbado ficava.

No fundo do estômago, sentiu um leve desconforto – um sinal de que o *Umatilla* começava sua guinada à esquerda. “Muito bem, capitão”, pensou, e logo em seguida ouviu um tiro ser disparado em algum lugar do navio.

A corda se partiu sob sua faca, mas dessa vez ele estava preparado. Jack se agachou e virou o rosto, sentindo a ponta solta da corda agitar seus cabelos enquanto corria agachado junto à balaustrada. Já tinha cortado duas, mas ainda restavam outras duas. O vento mudou de direção, e o navio começou a ser sacudido pelas águas; estava navegando contra a maré. Jack ouviu as duas cordas restantes ranger na balaustrada – à medida que o *Umatilla* embicava para bombordo, o barco dos invasores era puxado mais para perto de seu casco, preso pelas cordas, que faziam a embarcação se inclinar na direção das ondas.

Quando Jack alcançou a terceira corda, ela estava tão tensionada que as gotas d’água voavam de toda a sua extensão sob a luz do luar. Chegava a ser algo bonito de ver.

Mais tiros foram disparados em algum lugar atrás dele, e uma gritaria teve início. Era um bom sinal. Torceu para que os garimpeiros tivessem conseguido deter os desgraçados, também para que os piratas não

tivessem matado mais ninguém e, sobretudo, para que seu amigo Merritt estivesse vivo.

Parou ao lado da corda... e depois seguiu em frente. Alguém se aproximava às suas costas. Apesar de não conseguir ouvi-lo, nem vê-lo, nem sentir seu cheiro, Jack *sabia* que havia alguém ali.

A alguns passos da corda, Jack se agachou e ergueu a faca.

O homem estava a pouco mais de dois metros de distância – o primeiro a subir a bordo do *Umatilla*. Suas roupas estavam molhadas, e uma trilha de sangue descia-lhe pelo rosto a partir da testa. Sua postura era casual e relaxada, como se estivesse caminhando no parque, e não cometendo uma execução em massa. Era enorme – tinha bem mais que um metro e oitenta de altura, o peito largo e braços e pernas musculosos, que se faziam notar mesmo sob as roupas largas. O nariz torto e as olheiras conferiam a seu rosto uma austeridade funesta.

Ele encarou Jack como quem observa um peixe capturado que está prestes a ser abatido pela faca.

– Encontrou o seu ouro? – perguntou Jack.

O homem arqueou uma das sobrancelhas. Seus olhos brilhavam, refletindo a luz do luar e revelando uma inteligência brutal. Aquele homem era impiedoso, mas sabia o que fazia. Seu sadismo era óbvio e deliberado.

– Então foi você quem interrompeu meu assalto – disse o homem com um tom de voz grave e contido. Calmo.

O navio agora mudava de rota de modo mais acentuado. Jack conseguia ouvir a agitação das águas logo abaixo e os mastros da oscilante embarcação pirata se chocando contra o *Umatilla*.

– Não gosto de ladrões – respondeu Jack. Sua raiva se tornou ainda maior quando notou o nível de selvageria de seu oponente.

– Ora, então se dê por feliz em saber que não é um ladrão que vai matar você – disse o homem, e começou a avançar em meio à neblina.

O último gancho, cuja corda não havia sido propriamente amarrada, rangeu, quebrando-se em seguida. Os fragmentos de metal se espalharam pelo convés e zuniram pelo ar. A corda chicoteou como a cauda de um réptil. O homem virou o rosto para se proteger, e Jack aproveitou a ocasião para se lançar sobre ele, atingindo-o com o ombro esquerdo. Mesmo depois de tudo o que havia testemunhado, não queria ver sua

faca encravada na barriga do sujeito. Talvez, se tivesse feito isso – usando o fator surpresa para apunhalá-lo no coração –, tudo pudesse ter sido diferente.

Atacar aquele homem era como atingir uma carcaça de boi pendurada em um matadouro. Seu corpo era uma massa pesada e compacta, e não havia como aquela investida ser encarada como algo mais que uma simples provocação. Antes que Jack pudesse se recompor para avançar de novo, ele ergueu as duas mãos enormes. E, em um piscar de olhos, Jack estava sendo arremessado pelos ares.

Por um instante recordou-se do pelicano, e seu grito de medo e surpresa lembrou os resmungos enigmáticos da ave. Depois ele caiu, sentindo a visão ficar turva enquanto despencava em direção ao mar. A embarcação pirata continuava a ser puxada e agitada pelo *Umatilla*, que se chocava contra as ondas. O homem se manteve firme no convés, observando o mergulho de Jack para a morte.

“Não!”, a mente de Jack rugiu quando ele atingiu a superfície do mar e foi tragado para o fundo. O frio o deixou sem fôlego, e a água entrou em sua boca aberta, deixando-o totalmente à mercê dos caprichos do oceano. Lembrou-se de quando havia sucumbido no deserto congelado e fora trazido de volta por um lobo da selva. “Não, não, eu *me recuso* a morrer de novo.”

Jack largou a faca para poder usar as duas mãos. Nadou na direção do que imaginou ser a superfície, sem saber ao certo se subia ou descia. Os movimentos eram confiantes, fluidos, mas só até o ponto em que percebeu que afundava. Havia um peso puxando-o para baixo, do qual não poderia se desfazer – o saquinho de ouro que conseguira em Yukon e mantivera sempre no bolso desde então. Jack se desvencilhou das botas. O frio era terrível, lancinante. “O que será que existe lá embaixo?”, pensou, e em seguida amaldiçoou a si mesmo pela curiosidade.

Enquanto verificava se o saco com as pepitas e o pó de ouro ainda estavam em seu bolso, Jack aproveitou para ordenar os pensamentos. O coração estava disparado; a visão, borrada; e os ossos pareciam congelados. Logo acima, conseguiu ver o casco escuro das duas embarcações passando.

Jack agitou braços e pernas com toda a força de que era capaz, sentindo o fôlego se esvair e o desespero tomar conta de sua mente. Por

fim conseguiu emergir à superfície, perto da popa da escuna pirata, que passou por ele singrando as ondas. O casco o atingiu com tanta força que expeliu o ar de seus pulmões. Ele tateou às cegas e conseguiu se agarrar a uma corda. Tossindo, cuspiendo e tentando alcançar a balaustrada da embarcação, Jack quase não notou o vulto que emergia a seu lado e escalava a lateral do barco até o convés. “Assim parece até fácil”, Jack pensou, e então o vulto se curvou sobre ele.

Jack olhou para cima e se deparou com o rosto molhado do homem que havia enfrentado a bordo do *Umatilla*. Quando abriu a boca – para gritar, perguntar alguma coisa ou simplesmente por estar surpreso –, o sujeito estendeu a mão, agarrou sua jaqueta e o puxou para o convés da escuna pirata.

– Seja bem-vindo ao *Larsen* – disse o grandalhão. Em seguida virou as costas e se afastou.

Todo trêmulo, Jack se encostou na balaustrada e olhou para cima. No máximo trinta segundos antes estava no convés do *Umatilla*. Instantes depois encontrava-se no barco que, segundo o homem, se chamava *Larsen*. As coisas estavam acontecendo depressa demais. Apenas uma corda ainda prendia o *Larsen* ao navio. Tiros ressoavam, porém era difícil enxergar o que acontecia cinco metros acima. A guinada a bombordo solicitada por Jack fazia a embarcação menor tombar e se chocar contra o casco da maior. Os sons agudos da madeira se rompendo eram claramente audíveis entre os disparos das armas e o impacto das ondas.

Alguém apareceu na balaustrada do navio, e Jack ergueu a mão. Vultos se enfrentavam em uma luta corporal, e um corpo despencou sobre o convés do *Larsen*. Um homem saiu de seu esconderijo e arrastou o que havia caído.

Jack ficou de pé, com apenas um pensamento em mente: voltar para o *Umatilla*. A qualquer momento as duas embarcações se separariam e, ao verem frustrado seu ataque surpresa, os piratas empreenderiam uma fuga. O homem caído devia ser um deles, em uma escapada um tanto descuidada, e, quando os demais também voltassem...

Alguém deu risada, e três vultos surgiram das sombras. Um negro baixinho olhou para Jack e sorriu, revelando um dente de ouro que reluziu sob a luz fraca do luar. Os três se dirigiram ao local onde a

embarcação se chocava contra o *Umatilla*.

Ouviu-se um berro, e outro corpo despencou lá de cima. Dessa vez era uma mulher. Ela desabou sobre o convés com um baque de fazer o estômago revirar, gemeu e se virou. Logo em seguida um homem a agarrou pela perna e a arrastou para o outro lado do barco.

– Que é isso? – murmurou Jack. – Espere um pouco. Ei!

Mais vultos apareceram na balaustrada logo acima, um homem berrando, outro chorando. Foram arremessados na escuna como os demais. Os três tripulantes deixaram que se esborrachassem no piso de madeira antes de tirá-los dali. Um deles – um garimpeiro com quem Jack havia conversado, mas de cujo nome não se lembrava – se levantou imediatamente e sacou uma faca, porém um dos piratas, com um movimento de mão dos mais displicentes, atingiu-o com um golpe tão poderoso que lançou alguns dentes de sua boca no mar. O homem caiu, e o pirata o jogou sobre o ombro.

Jack correu para a última corda que unia as duas embarcações. Não fazia sentido se esgueirar pelos cantos, pois todos sabiam de sua presença ali. O pânico tomou conta de seu corpo. A mente trabalhava com agilidade e coerência, mas ainda assim o medo persistia, uma escuridão que parecia obliterar a luz do luar. “Estão jogando as pessoas para cá”, ele pensou, “não importa o quanto estejam feridas.”

Vários outros vultos desciam, passando pelo cordame e aterrissando da mesma maneira silenciosa como os piratas haviam subido no *Umatilla*. Um homem o encarou com ódio no olhar, e alguém começou a atirar.

Jack se escondeu atrás de um bote salva-vidas fixado na balaustrada. As balas lascavam a madeira à medida que atingiam o alvo. Ele esperou por certo nível de gritaria e correria, mas só ouvia gargalhadas guturais.

“Preciso sair daqui!”, pensou, mas no fundo já sabia que era tarde demais. Ouviu o som de uma espada rompendo a corda, e a direção do *Larsen* mudou. O cordame rangeu, as correntes tilintaram, e Jack saiu de trás do bote quando a escuna deu uma guinada a estibordo.

O *Umatilla* logo ficou distante na escuridão, em meio à neblina. “Merritt”, pensou Jack. Podia ver os vultos na balaustrada do navio, e mais tiros foram disparados contra os piratas.

Nenhum deles parecia se preocupar com isso.

– O mar trouxe um rato molhado – disse o negro, sorrindo para Jack.

– Para mim parece mais um cachorro morto – respondeu um homem pálido que lembrava um ogro.

– Não é nem uma coisa nem outra – falou uma voz, que Jack soube imediatamente a quem pertencia. Alguém envolveu seu pescoço por trás e o suspendeu. – Este é o que reagiu.

Jack se viu cercado por seis homens. Estavam todos vestidos da mesma maneira, com roupas pretas e largas, as facas ainda nas mãos. Alguns seguravam pequenos sacos de pano com ouro. Um deles estava ferido na lateral do corpo. Se aquilo fosse um tiro, já deveria estar no chão. Ou gemendo. Mas até mesmo ele sorria para Jack, e havia uma expectativa no ar que o fazia estremecer mais que o frio, o mar e sua quase morte no norte gelado.

Aquela experiência tinha acontecido na natureza selvagem, que por definição era imparcial.

A selvageria daqueles homens, porém, era cometida sem nenhum tipo de preocupação moral. Era maldade pura.

– Podemos, Fantasma? – perguntou alguém.

– Acho que não – respondeu o grandalhão. Jack se virou para encará-lo.

– Fantasma? – perguntou Jack.

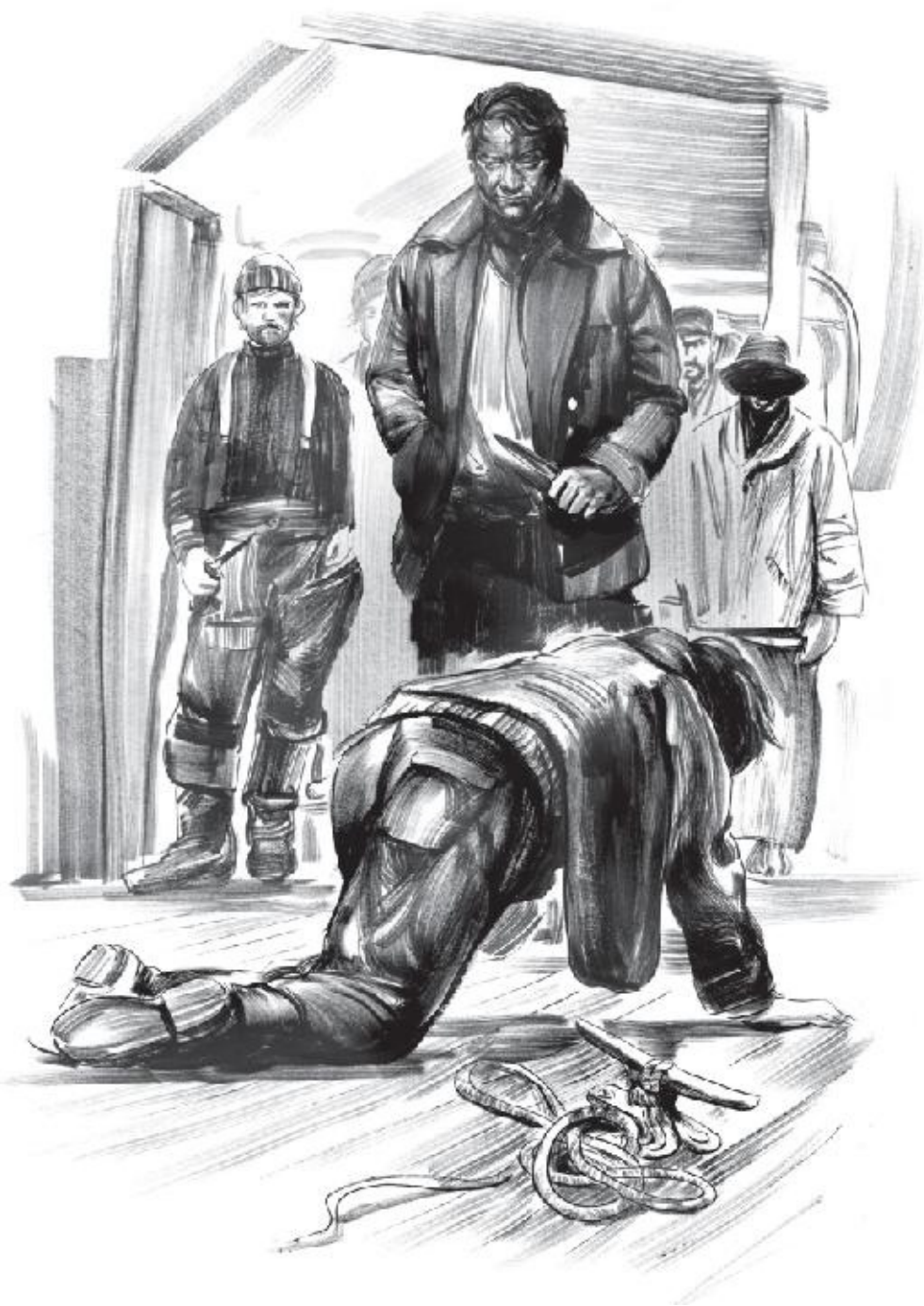
– Isso mesmo. E você me colocou em uma posição de desvantagem aqui, amigo.

– Não do meu ponto de vista – rebateu Jack, fazendo de tudo para soar desafiador. Mas os olhos do homem se cravaram nele, e logo ficou claro que seu corpo era uma estrutura sem sustentação, prestes a desabar.

Fantasma sorriu. Tinha percebido o medo de Jack e estava claramente disposto a explorar esse fato.

– Ainda não sei seu nome, filho – murmurou Fantasma, e o oceano inteiro ouviu.

– Eu sou Jack London – ele respondeu. Dizer seu nome lhe deu forças, evocando tanto o lado selvagem como o homem em que havia se transformado. Jack se deleitou ao ver que Fantasma arqueou uma das sobancelhas.



A selvageria daqueles homens, porém, era cometida sem nenhum tipo de preocupação moral. Era maldade pura.

– É mesmo? – falou Fantasma. – Você reagiu, Jack London. Foi um ato de coragem.

– E estupidez – acrescentou outro homem.

– Ora... – disse Fantasma, dando de ombros e colocando uma das mãos nas costas de Jack. – De vez em quando as duas coisas são sinônimas.

– Burro eu *nunca* fui – retrucou Jack.

– Por que reagir, então?

– Vocês são assassinos e ladrões.

A tripulação do *Larsen* caiu na gargalhada.

– Ah – disse alguém –, e até mais que isso.

Fantasma ergueu a mão para silenciá-los, sem tirar os olhos de Jack.

– E daí? – perguntou ele, encarando-o com a expectativa estampada no rosto.

Jack não respondeu, e ele sorriu.

– Pois bem, Jack London, está na hora de descer.

– Junto com os outros? – perguntou o ogro.

– Não. Junto com os outros, não – respondeu Fantasma, pensativo. Fez um gesto para um homem alto e pálido, que Jack reconheceu como o pirata que fizera rolar escada abaixo a bordo do navio. – Finn, providencie instalações confortáveis para o nosso convidado.

Ao mencionar a palavra *convidado*, o capitão abriu um sorriso. O homem ao qual ele se referiu como Finn, que poderia ser seu nome ou algum tipo de apelido, segurou Jack pelo braço e o arrastou na direção do castelo de proa. O pirata não parecia ter se machucado na queda da escada – não havia vestígios de sangue nem de contusões.

– Eu deveria ter enfiado a faca em você – disse Jack, mas seu comentário só provocou mais gargalhadas. Era o tipo de som que não parecia combinar com aquele ambiente. Quando Finn deu um safanão em Jack, alguém soltou um assobio curto e decidido.

– Ali!

Com um sibilo e um baque surdo, um vulto branco desabou sobre o convés, debatendo-se até que um marujo esmagasse seu pescoço sob o peso da bota. O pelicano parou de se mexer, as asas de pontas negras abertas e sem vida, e sangue escorrendo do peito.

– Vamos ter um jantar diferente amanhã, Fantasma – disse o homem que abatera o animal. Ele foi até lá, agachou-se e arrancou a flecha de balestra do corpo da pobre criatura.

– Talvez – respondeu Fantasma. – Talvez.

Jack sentiu o olhar do homem sobre suas costas enquanto era puxado para as entranhas do barco, rumo ao alojamento cavernoso da tripulação animalésca do *Larsen*. E ainda podia sentir aquele olhar penetrante mesmo depois que a porta se fechou e ele foi deixado sozinho no escuro, tremendo de frio.

CAPÍTULO DOIS

UM ANJO ENTRE DEMÔNIOS

Jack acordou na cama de baixo de um beliche fedorento no alojamento da tripulação, surpreso consigo mesmo por ter conseguido pegar no sono naquela embarcação úmida e gelada. A porta não havia sido trancada, mas ele sabia que não tinha para onde fugir, exceto para o mar revolto. Apesar de não ter baixado a guarda, sentia-se abandonado e exausto. Ignorando os planos de rebelião que fervilhavam em sua mente, seu corpo sucumbiu ao cansaço, e enfim seus pensamentos silenciaram.

Quando despertou, piscou algumas vezes com os olhos virados para a parede e ficou tenso quando percebeu que não estava sozinho.

Havia alguém de pé atrás dele. Jack era capaz de sentir aquela presença, apesar de não ouvir sequer sua respiração. Um cheiro almiscarado pairava no ar, uma combinação do suor dos homens com a sujeira dos animais, talvez acompanhado do odor pertencente à criatura que naquele momento se aproximava do beliche. No entanto, ao respirar de novo, o fedor que sentiu emanava dos lençóis em que estava deitado, e não do invasor.

“Ele veio me matar”, pensou, e se perguntou se o outro tinha notado quanto ele ficara nervoso ao acordar sozinho na semipenumbra.

Jack ficou à espera do farfalhar das roupas e do grunhido que precederiam o ataque. O ruído que ouviu segundos depois, porém, foi deliberado demais para ser a ação de um assassino em potencial. Franziu a testa, ainda virado para a parede, e de repente compreendeu tudo. Sua jaqueta estava pendurada no beliche, e só então percebeu que não a vestia. O invasor não era um assassino, e sim um ladrãozinho barato.

Movendo-se de maneira repentina, Jack ficou de pé em um salto, acertando um chute no tronco do vulto parado ao lado do beliche. O golpe foi desferido com tamanha força que lançou o invasor para o outro lado do recinto, onde ele se chocou contra os outros beliches, batendo a

cabeça na cama de cima e desabando sobre a de baixo. O homem resmungou de surpresa e estalou a língua ao estender a mão para se levantar.

Jack, por sua vez, já estava de pé. Não tinha nenhuma arma, tampouco tempo para procurar uma, e conseguiu ver que se tratava de Finn, o marinheiro que emboscara a bordo do *Umatilla*, responsável por jogá-lo naquele alojamento algumas horas antes. Com a barba por fazer e os dentes arreganhados em uma expressão de raiva, Finn o mataria se tivesse chance, e Jack sabia que, em um lugar confinado como aquele, o homem maior e mais forte levaria vantagem.

Foi a ganância que o salvou. A ganância de Finn.

O marujo deixou cair o casaco de Jack, mas já devia ter descoberto o saquinho pesado que havia no bolso e deduzido o que continha. Em vez de atacar Jack, ele preferiu se concentrar em seu tesouro e apanhar o casaco caído ao lado da cama. Ao fazer isso, porém, colocou-se em uma posição vulnerável.

Jack agarrou o casaco, puxando-o com violência, e ergueu a perna direita, atingindo com o calcanhar a virilha de Finn. O homem soltou um grito de dor, e Jack saiu correndo na direção da porta. Ao subir os três degraus e sair da cabine, ouviu o marujo furioso vir em seu encalço.

“Como é possível alguém ser tão resistente?”, pensou Jack. O chute havia sido cruel, e o normal seria que Finn precisasse de um tempo para se recuperar. Porém, no instante em que chegou à escada que levava ao convés, ouviu o rugido do homem atrás de si.

– Seu desgraçado! – grunhiu Finn. – Vou arrancar seus olhos!

Já no segundo degrau, Jack percebeu que jamais conseguiria escapar. Virou-se e notou o ar de surpresa no rosto do marujo ao saltar de volta para baixo. Finn o capturou sem grandes dificuldades, fechando uma das mãos na garganta de Jack e erguendo a outra com o punho fechado. Ele apertou com mais força, e Jack se sentiu como um boneco sem vida manipulado por um titereiro cruel. Finn o espremeu contra a parede diante da escada e sorriu ao sentir que esmagava o pescoço de Jack.

Jack apertou o tecido do casaco, sentindo o peso do saquinho de ouro, e desferiu um golpe com toda a força, acertando Finn bem na têmpora. Os olhos do homem se arregalaram, e a mão afrouxou um pouco, apenas o suficiente para que Jack pudesse agir. Ele apoiou o pé

contra a parede atrás de si e empurrou o corpo para a frente, arremessando Finn contra a escada. O marujo perdeu o equilíbrio e caiu para trás, batendo a cabeça contra um dos degraus de madeira. Jack aproveitou para subir, passando por cima dele o mais depressa possível.

Embora Finn tivesse agarrado sua perna, Jack conseguiu se desvencilhar e logo chegou ao topo da escadaria que levava ao convés. O céu noturno estava mais claro, e o luar, límpido o suficiente para lançar um brilho prateado sobre a embarcação. Enquanto Jack refletia sobre para onde correr e qual poderia ser o conceito de justiça do sádico capitão Fantasma, Finn surgiu da porta do castelo de proa e se lançou sobre ele.

Em um espaço mais aberto, Jack imaginou que a agilidade fosse um fator que trabalharia a seu favor. Depois de anos vivendo nas ruas de Oakland e São Francisco e percorrendo as ferrovias do país em busca de trabalho e aprendizado, havia se envolvido em centenas de brigas, das mais inofensivas escaramuças às mais ferozes pancadarias. Aos dezoito anos, era mais forte do que muitos homens-feitos e sabia bem como usar artimanhas pouco louváveis.

Para Finn, porém, ele parecia não passar de um boneco, arremessado pelos ares com um soco desferido por um punho de pedra. Duas vezes. Três vezes. Um quarto golpe certamente faria Jack perder os sentidos. Ele agarrou um chumaço dos cabelos de Finn e puxou-o com força, desequilibrando-o por um instante. Com um murro na garganta, conseguiu fazer Finn cambalear para trás, mas não a ponto de soltá-lo.

Com um grunhido, o marinheiro ergueu Jack acima de sua cabeça e o lançou contra o mastro de proa. Algo estalou dentro de seu corpo, e Jack sentiu que havia fraturado no mínimo uma costela. O ar escapou de seus pulmões, e ele teve que fazer força para puxá-lo de volta, sentindo o peito em chamas. Tentou se levantar, mas Finn não permitiu.

Jack ouviu um vozerio ao redor. O vigia fez um comentário grosseiro no cesto da gávea. O ogro e o negro estavam entre os que haviam aparecido para ver a briga, que àquela altura já se transformara em um espancamento brutal. Finn pareceu se esquecer do ouro no bolso do casaco, que Jack ainda segurava com firmeza. A preocupação do marujo naquele momento parecia ser apenas infligir dor.

Jack sentiu os socos atingi-lo e o gosto de sangue se espalhar pela

boca. Estava ciente de que ninguém o ajudaria e de que acabaria sendo morto.

Um vulto apareceu correndo à direita, uma presença silenciosa cortando o brilho do luar, e em seguida Finn foi puxado para trás e arremessado no convés. Ele saiu rolando pelo chão de madeira e se esborrachou contra a balaustrada. Com uma fluidez de movimentos inacreditável – deslocando-se de um ponto a outro de maneira quase instantânea –, Fantasma se pôs de pé ao lado de Finn e o encarou com um olhar furioso e implacável.

Finn preparou-se para levantar, procurando palavras para se explicar. No entanto, assim que abriu a boca, Fantasma o atingiu com um soco poderoso, levando-o de volta à balaustrada, como um boxeador que fica preso nas cordas.

– Cale-se! – ordenou o capitão.

Os olhos do marujo se encheram de medo, e ele obedeceu.

Com o sangue escorrendo da boca e do nariz, Jack se levantou com dificuldade, buscando se equilibrar, a mão apoiada no mastro. Os outros membros da tripulação estavam todos reunidos ao redor, e Jack teve certeza de que Fantasma logo os mandaria voltar ao trabalho. O capitão, porém, parecia preferir a presença de uma plateia. Os marujos observavam tudo fascinados, quase lambendo os beiços à espera de mais violência. Jack torceu para que esse desejo fosse frustrado.

O capitão deu as costas para Finn e se aproximou de Jack a passos silenciosos sobre a madeira do convés.

– Jovem Jack – começou Fantasma, observando-o com atenção, como se fosse a primeira vez que o via –, creio que uma explicação se faz necessária aqui.

– Simples – respondeu Jack, fazendo uma careta por causa da dor que sentia no maxilar e em todo o rosto ao falar. – Acordei e surpreendi aquele homem tentando me roubar. Como não queria abrir mão do que é meu, resolvi enfrentá-lo.

– Ofereceu seu corpo em sacrifício, para ser mais exato – respondeu Fantasma, abrindo um sorrisinho malicioso. “Tal como o sorriso do diabo”, pensou Jack, “o dele nunca chega aos olhos.”

– O que poderia fazer jus a tamanho castigo? – continuou o capitão do *Larsen*. – Ou a qualquer tipo de enfrentamento?

Abalado pela dor e se esforçando para entender as intenções do capitão, Jack quase se esqueceu do casaco, caído no convés a alguns metros de distância dele e de Fantasma. Jack tentou pensar em uma mentira capaz de salvar seu tesouro, conquistado a tão duras penas, mas seus olhos o denunciaram.

Fantasma apanhou o casaco do chão e arqueou uma das sobrancelhas em uma expressão de curiosidade ao notar a presença de algo pesado em um dos bolsos. Ergueu o saquinho de pano nas mãos, deixando o casaco cair no convés.

– Se tivesse sido pego com isto a bordo do seu navio, teria sido morto no ato.

– Era isso que Finn queria fazer.

Um breve e cruel brilho de fúria reluziu nos olhos de Fantasma quando se virou para o marinheiro, antes de voltar a concentrar suas atenções em Jack.

– Já atacamos meia dúzia de embarcações que voltavam de Yukon – disse o capitão. – Seu navio foi o que nos rendeu menos ouro até agora.

– Não havia muito mesmo o que encontrar – confirmou Jack. – Ninguém conseguiu muita coisa por lá. Aposto que vocês só conseguiram algumas pepitas pequenas e um pouco de ouro em pó.

– Que não deixam de ter seu valor, acredito.

– Sim, mas do que é meu, eu não abro mão! – rebateu Jack.

Fantasma deu três passos à frente e se posicionou diante de Jack. Seu olhar era mais de curiosidade que de ameaça, mas Jack já havia visto o quanto aquele homem poderia ser cruel.

– Possuímos apenas aquilo que podemos manter, senhor London. Só declarar a posse não basta. E, mais cedo ou mais tarde, todas as coisas acabam trocando de mãos. – O capitão enfiou o saquinho de pano no bolso. – Se quiser isto de volta, fique à vontade para tentar recuperá-lo. Mas é melhor que esteja pronto para matar, porque eu não hesitarei em fazer o mesmo.

Jack sentiu o ódio tomar conta de seus pensamentos ao se lembrar dos homens que haviam morrido em troca de uma quantidade tão irrisória de ouro. Fantasma esperou para ver se ele o atacaria, mas Jack London não seria louco a esse ponto. Mesmo em sua melhor forma, sem a dor nas costelas e o zumbido nos ouvidos, ele precisaria de toda a

astúcia e de uma boa dose de sorte para superar Fantasma em uma luta.

– Vou me lembrar disso – ele respondeu.

Fantasma fez um rápido aceno de cabeça e se virou para Finn.

– Minhas ordens foram bem claras, Finn. Não era para ninguém tocar nele. E, para piorar, você queria roubá-lo e ainda ficar com o ouro...

– Não, senhor – retrucou Finn. – Não era essa a minha intenção. Eu só...

O sorriso cruel de Fantasma foi suficiente para silenciar o homem.

– E ainda me interrompe! – grunhiu o capitão.

O barco rangeu, os cabos afrouxaram, e as polias começaram a girar, mas a tripulação se manteve em silêncio absoluto. Jack já havia observado aquele tipo de comportamento antes, nas matilhas de cães do norte congelado. Quando um membro do grupo desafiava o líder, uma luta sangrenta e feroz se seguia, e o restante ficava só esperando para massacrar o derrotado. Naquele caso os envolvidos eram homens, e não cães, mas o silêncio agourento revelava a mesma intenção maligna.

– Por acaso sou injusto na distribuição dos lucros, Finn?

– Não, senhor – respondeu Finn, a voz trêmula. – Pode acreditar que não.

– E mesmo assim – falou Fantasma, quase distraidamente –, mesmo assim... – Virou-se e começou a andar de um lado para o outro, batendo com o dedo na têmpora como se fosse um ator fingindo estar imerso em uma reflexão profunda. Em seguida olhou para Jack e deu uma piscadela, com uma expressão divertida no rosto. – Senhor Johansen – chamou o capitão.

Jack se virou para ver o homem que deu um passo à frente, um sujeito magro e alto de olhos miúdos e dedos longos e estreitos. Aquele, deduziu ele, devia ser o imediato, pois Fantasma o havia tratado por *senhor*, e era o homem que receberia suas ordens diretas.

– Senhor?

O sorriso desapareceu do rosto do capitão.

– Vamos fazê-lo passar por baixo da quilha.

Finn soltou um grito, saltou do lugar onde estava junto à balaustrada e sacou uma faca de aparência assustadora, que brandiu na direção do capitão. Com um tapa bem dado, Fantasma fez a lâmina voar de sua mão

e se cravar no convés, brilhando à luz do luar. O capitão era tão forte e poderoso que derrubou o outro no chão em uma fração de segundo. Passando uma das unhas pelo queixo de Finn, obrigou o marujo a soltar um grito de rendição ao sentir sua carne sangrar.

– É a quilha ou sua garganta! – grunhiu Fantasma, falando tão de perto que seu nariz quase tocou o do outro. Foi pouco mais que um sussurro, mas no silêncio da noite a tripulação inteira conseguiu ouvir. – É a dor ou a morte. A escolha é sua.

Finn ficou imóvel, e Fantasma se levantou, dando as costas para o marujo subjugado. O capitão olhou para Jack.

– Essas são as únicas escolhas por aqui, Jack. Você certamente aprenderá isso.

Quando menino, Jack London também foi uma espécie de pirata. Desesperado para escapar do trabalho infernal na fábrica de conservas Hickmott, pegou dinheiro emprestado de sua mãe de criação e comprou uma corveta chamada *Razzle Dazzle*. Durante toda a juventude esteve na companhia de homens rudes, e junto com alguns deles assaltava os criadouros de ostras nos alagadiços da baía de São Francisco, roubando o que podiam à noite para vender em Oakland na manhã seguinte. *Piratas de ostra*, era assim que se chamavam. Por ser o dono do barco, tornou-se o capitão. Para alguém com catorze anos parecia uma tremenda aventura.

Naquele momento, porém, ele estava no convés do *Larsen*, com suas velas impulsionadas por uma leve brisa, navegando rumo ao oeste pelo Pacífico, para longe da costa da Califórnia – onde estavam sua casa e seu porto seguro, além de uma família que já esperara por tempo demais por seu retorno, rezando pela chegada do alívio financeiro que Jack obteria em Yukon. Em uma única noite, no entanto, vira o sangue verter de diversas lâminas, ouvira os últimos suspiros de pessoas inocentes, testemunhara o sequestro brutal de passageiros do navio e fora selvagemmente espancado por alguém que parecia mais um bicho que um homem. Mesmo assim pressentia que horrores ainda piores o aguardavam.

Pirata de ostra? Ele era só um menino endiabrado tentando enganar a guarda costeira e escapar ileso de suas travessuras. Aqueles, sim, eram

piratas *de verdade*. Viviam sob a lei da espada e do porrete. O derramamento de sangue era algo corriqueiro para eles, e a violência era a solução para todos os conflitos. Enquanto não conseguisse pensar em uma maneira de fugir, o que àquela altura parecia impossível, precisava se concentrar em um único pensamento: manter-se vivo. Era um instinto dos mais familiares – havia conseguido sobreviver a um longo e tenebroso inverno nas margens de um rio congelado, à crueldade dos mercadores de escravos, à obsessão de um espírito da floresta enlouquecido e à fúria selvagem de Wendigo. Aquele seria um novo desafio, mas uma situação que Jack era perfeitamente capaz de superar.

Finn, por sua vez, corria o risco de estar morto dali a poucos minutos.

Jack fez de tudo para não atrair atenção. A tripulação estava ocupada com a preparação do castigo, e ninguém parecia se importar com uma eventual tentativa de fuga de sua parte. O barco media cerca de trinta metros da proa à popa e não devia ter mais de oito metros de largura. Aquela era a extensão de seu mundo, pelo menos por ora. Havia quatro botes a bordo – usados, conforme supôs, para desembarcar na costa quando estivessem ancorados –, porém seria impossível descer um deles até a água e sair navegando pelo mar sem que ninguém percebesse.

Fantasma era outro que parecia ter se esquecido da presença de Jack.

Johansen começou a gritar suas ordens, e dois homens – Vukovich e Kelly – levaram o relutante Finn até a frente do navio e o seguraram enquanto outros amarravam seus pulsos e tornozelos.

– Seus desgraçados! – gritou Finn, tentando se libertar enquanto o despiam. – Vocês precisam enfrentá-lo!

Vukovich o agarrou pelos cabelos e o forçou a encará-lo.

– Por causa da sua ganância? Enfrentar o homem por isso? Não, Finn. Você vai ter o que merece.

Jack se manteve um pouco afastado da tripulação do *Larsen*, praticamente esquecido de sua situação desagradável por um instante enquanto observava os homens arrastarem Finn até a proa. Já tinha ouvido falar sobre aquele castigo – havia lido em um livro quando menino e o incluía nas histórias de piratas que contava para seus camaradas –, portanto sabia o que iria testemunhar. Arremessariam Finn para fora do barco e o fariam passar por baixo da embarcação, arrastando-o pelo casco coberto de corais, que rasgariam sua pele

inteira. Quanto mais rápido fosse puxado, com maior força seria esfolado e piores seriam seus ferimentos. Caso o puxassem devagar demais, tentando poupá-lo das lacerações, ele poderia se afogar.

– Não entendo – disse Jack, colocando-se entre o ogro e Louis, o negro baixinho, que vira logo depois de Fantasma tê-lo puxado para bordo. – Pensei que ele fosse ser jogado de um lado para o outro pelos bordos do barco. Se for arrastado da proa até a popa...

Ficou olhando para os dois à espera de uma resposta. O ogro o ignorou, coçando a enorme cabeça. Louis, porém, abriu um sorriso, revelando o péssimo estado de sua boca: dentes faltando, outros afiados como os de um tubarão e um único canino na parte de cima, feito de ouro.

– Vai machucar, *c'est vrai* – confirmou Louis com seu sotaque francês caribenho. – Mas, se ele morrer... *c'est sa bonne fortune*.

Jack franziu a testa, confuso.

– Eu não...

O ogro grunhiu e pigarreou, passando a mão pela barba imunda.

– Se o capitão permitir que ele morra, Finn é um homem de sorte – ele falou, a voz grave e retumbante. – O bobalhão quer resistir, pensa que pode desafiar Fantasma, mas não há como. Se ele sobreviver, é melhor entrar na linha. Se você desafiar Fantasma e perder... vai preferir ter ido logo para o inferno.

Ouviram-se uma gritaria e uma confusão no convés, e Jack se virou para ver o que acontecia no momento em que Finn foi lançado. Vukovich, Kelly e dois outros homens começaram a correr pelas balaustradas segurando as cordas, diminuindo o ritmo apenas para contornar as estruturas funcionais do barco. Jack tentou não visualizar a imagem de Finn sob a embarcação, prendendo o fôlego enquanto os corais rasgavam sua pele. Enojado, viu os homens ser seguidos pelo resto da tripulação na direção da popa.

Foi ele próprio agarrado por um punho de ferro e puxado para lá, sem pressa, mas também sem nenhuma gentileza.

– Vamos lá, jovem Jack – Fantasma rugiu em seu ouvido. – O espetáculo é para todos.

“Nem todos”, pensou Jack, lembrando-se dos passageiros raptados do *Umatilla*, que ainda deviam estar trancafiados nas entranhas do barco.

No entanto, considerou que era melhor se manter em silêncio a esse respeito. Aquele era um assunto a ser resolvido em outro momento.

Acompanhado por Fantasma, ele foi caminhando para a popa, onde a tripulação se reuniu próximo à balaustrada. Juntos, os quatro que tinham feito a amarração puxaram as cordas, içando Finn da água. Jack observava tudo apavorado, pois sabia que presenciaria algo terrível.

O que puxaram de volta para bordo a princípio não era reconhecível como um ser humano. A pele das costas, dos braços e das pernas de Finn havia sido dilacerada, e os músculos, retalhados. Ele parecia apenas um pedaço de carne ensanguentada. Só quando vomitou a água do mar no convés manchado de vermelho e tentou se ajoelhar, Jack teve certeza de que aquela criatura era um homem.

Logo em seguida Finn desabou, e o sangue que escorria em abundância dos ferimentos espalhou-se pelo convés.

Johansen, o imediato, olhou para o capitão à espera de uma ordem, sob os olhares ansiosos da tripulação. Por um instante Jack pensou que o martírio do homem ainda não tinha acabado. O capitão já havia imposto sua punição, mas a tripulação parecia querer dar sua contribuição ao castigo. Jack presumiu que tentar manter um tesouro escondido fosse a mais grave das transgressões entre os piratas. As palavras de Fantasma indicavam que o espólio dos crimes era dividido de maneira que todos concordavam ser justa. Tomar para si mesmo uma quantia de ouro tão pequena como a roubada de Jack significava roubar de todos os demais.

Apesar de o clima de violência ainda pairar no ar, com olhares hostis dirigidos a Finn, ninguém ousou atacar. Era como se aguardassem a permissão do capitão, mas essa ordem não veio.

– Levem-no lá para baixo! – Fantasma mandou por fim. – Louis, cuide dele da melhor maneira possível. Depois o deixe por lá. O resto de vocês, de volta ao trabalho. Senhor Johansen, verifique nossa rota. Se nos desviarmos, perderemos nossa chance.

– Sim, senhor! – gritou Johansen, e foi correndo em obediência.

Ao ver negada sua parte na punição, a tripulação poderia ter ensaiado um protesto, mas para Jack já estava bem claro que ninguém ali desafiaria o comando do capitão. E, depois do que Fantasma havia feito com Finn, entendeu o porquê. A lealdade dos homens a Fantasma era também reforçada pelo medo.

A tripulação se espalhou rapidamente pelo barco, apesar de a Jack parecer que, naquele tempo bom, o *Larsen* era capaz de navegar praticamente sozinho. Vukovich se ocupou do cordame, e os outros foram todos procurar o que fazer. Pouco tempo depois, o único homem ao lado de Jack junto à balaustrada de popa era o capitão.

Fantasma não olhou para ele ao falar: – Jovem Jack – disse o capitão, fazendo questão de usar o *jovem* novamente para diminuí-lo –, você sabe cozinhar?

Jack se virou para ele, a cabeça girando a mil. *Sobrevivência*.

– Sou um ótimo cozinheiro – ele respondeu.

Fantasma assentiu em concordância.

– Um garoto que toma decisões rápidas e não tem medo de uma briga viaja de Yukon para São Francisco? Bem que desconfiei que você sabia se virar sozinho. Perdemos nosso cozinheiro, o senhor Mugridge, em uma batalha alguns meses atrás. Estávamos nos virando com Finn, mas ele não está em condições de cuidar da cozinha por uns tempos.

“Por uns tempos?”, pensou Jack. Depois de ser levado lá para baixo, Finn teria sorte se acordasse no dia seguinte.

– Então você fica encarregado do trabalho dele – continuou Fantasma.

– Aqueles que sabem ser úteis têm menor chance de morrer na minha mão. Vá até a cozinha e veja o que pode fazer. Logo vai amanhecer, e queremos nosso café da manhã. E depois, para o almoço, vamos ter um prato especial.

Jack estremeceu ao ouvir a maneira como Fantasma disse aquilo. O capitão arreganhara os dentes em um gesto que parecia mais uma demonstração de apetite do que um sorriso.

– E o que é? – Jack quis saber.

Fantasma o olhou de cima a baixo como se reconsiderasse sua decisão. Depois soltou um grunhido e saiu andando, deixando Jack sem resposta, sozinho no convés.

A primeira coisa que Jack fez foi limpar a cozinha. Nos meses que tinham se seguido à “perda” do antigo cozinheiro, Finn não se esforçara muito para combater o acúmulo de gordura e poeira. Todas as superfícies lisas do recinto estavam cobertas por uma camada de sujeira que precisava ser raspada e depois lavada, e Jack foi obrigado a começar

a trabalhar bem antes do amanhecer. Quando o sol se ergueu sobre as ondas a leste, preparou-se para cozinhar, embora o melhor que tivesse a oferecer como refeição fosse aveia com canela, alguns ovos e fatias finas de um toucinho gorduroso. Fez o inventário da comida disponível e preferiu guardar os vegetais e as carnes que ainda estavam relativamente frescos para as outras refeições.

Em uma rápida conversa com Louis, descobriu que havia galinhas vivas na despensa que forneciam os ovos e, caso fosse preciso, poderiam se tornar alimento. As carnes e os vegetais ainda frescos haviam sido adquiridos na mais recente visita à costa, apenas dois dias antes. Ao que parecia, dispunham de carne bovina e suína conservada em sal, além de grãos secos e um balaio repleto de biscoitos. Jack, porém, não tinha autorização para entrar lá e conferir.

Mesmo assim imaginou que, apesar de estarem rumando para sudoeste, na direção do Japão, Fantasma não devia ter planejado uma viagem muito longa, caso contrário faria um estoque maior de comida. A tripulação era pequena, mas aquelas provisões não seriam suficientes para atravessar o oceano, principalmente considerando o risco de escorbuto. Não havia vegetais suficientes a bordo, e meio barril de maçãs não constituía exatamente um bom carregamento de frutas. Concluiu que elas eram destinadas apenas aos oficiais, contudo não iria servi-las antes de conversar com o capitão a respeito.

Em um balde largado em um canto, Jack encontrou o pelicano abatido na noite anterior. Então aquele seria o prato especial reservado para o almoço – pelicano frito. Poderia fazer um ensopado, mas a ordem do capitão era preservar o sabor da ave. Jack poderia fritar batatas e cebolas bem temperadas, assim todos teriam um belo almoço. Ele, no entanto, não compartilharia dessa refeição; prepararia algo diferente só para si. Jack não queria comer a criatura cuja providencial aparição havia salvado sua vida. Desejou ter o dom de devolver a vida ao animal, mas isso era impossível. Ao contrário, o destino do pássaro seria a barriga dos monstros que tripulavam o *Larsen*.

O comentário de Fantasma sobre o almoço tinha soado ameaçador a Jack antes do amanhecer, mas àquela altura era mais um motivo para deixá-lo intrigado. Seria possível que o capitão tivesse intuído que o pelicano significava algo para Jack? Com certeza não. Portanto, apesar

de toda a sua gravidade, Fantasma tinha falado aquilo em tom de brincadeira. Na verdade não parecia ser do tipo brincalhão, mas não havia outra maneira de interpretar suas palavras. Era mais um elemento a se levar em conta nas observações que Jack vinha fazendo a respeito daqueles homens rudes e seu capitão.

Comparado ao restante da tripulação, Fantasma era um sujeito de outra estirpe. Estava cercado por um bando de brutamontes ignorantes e parecia ser o mais violento deles, e sem dúvida era o mais perigoso, mas sua inteligência era notória. Era possível ver nos olhos de Fantasma a expressão de um intelecto voraz e tenebroso. Por outro lado o capitão não tinha nenhum resquício de boas maneiras nem moralidade, o que levou Jack a crer que se tratava de um autodidata. Tudo isso tornava a fuga daquela embarcação diabólica ainda mais problemática.

– Como estão indo as coisas aí, mestre-cuca? – perguntou uma voz, e logo em seguida Kelly, o irlandês, apareceu na cozinha.

Jack tentou não demonstrar seu incômodo com a maneira como havia sido chamado. *Mestre-cuca* era ainda pior que *jovem Jack*. “Tenho nome”, ele pensou, mas não disse nada. Tudo o que desejava era se manter vivo por tempo suficiente para sair daquele barco amaldiçoado.

– Pode dizer aos homens que o café da manhã está pronto – anunciou.
– Eles podem se revezar e comer aqui na mesa. Pelo jeito não tem nenhum camareiro a bordo, então acho que vou ter que servir eu mesmo o capitão e o senhor Johansen.

– Você entende tudo bem rapidinho, hein, mestre-cuca? – alfinetou Kelly.

O marinheiro saiu da cozinha, passando pelo refeitório, e subiu a escada até o convés, gritando obscenidades para os companheiros a fim de chamá-los à mesa. Aquele sujeito parecia até amigável em meio a tantos piratas embrutecidos, mas Jack não estava disposto a criar nenhum tipo de laço em um barco onde era prisioneiro. Repassou mentalmente o rosto dos tripulantes. Além de Fantasma e Johansen, havia também Kelly e Louis, Vukovich e Finn e o grandalhão que tinha apelidado de Ogro. Dos outros cinco restantes, sabia que o nome do moreno comprido era Maurilio e que o gigante africano, com a pele escura como piche, era chamado de Árvore. O gordo era Demetrius, mas havia se esquecido de perguntar a Louis o nome dos gêmeos

escandinavos barbudos e caladões.

Todos pareciam dispostos a matá-lo, o que tornava a questão do alojamento ainda mais delicada. Como poderia dormir no meio daqueles homens sabendo que poderia ser assassinado durante o sono?

“Simples, Jack”, pensou. “Eles não precisariam esperar você dormir. Porém, nenhum deles teria coragem de matá-lo sem a permissão do capitão.” Tudo isso era verdade, mas o primeiro argumento era o que mais o preocupava. Enquanto preparava o café da manhã, refletira a respeito da força e da agilidade de Fantasma e sua tripulação. Finn poderia tê-lo partido em dois caso não tivesse sido pego de surpresa; sua força superava, e muito, a de qualquer homem comum. Portanto, se os tripulantes do *Larsen* não eram homens comuns, como indicavam as observações de Jack, o que seriam, então?

– Tem alguma coisa cheirando bem aqui! O que será? – rugiu Ogro quando entrou na cozinha.

Jack apanhou uma bandeja enorme com uma tigela de aveia e pratos com biscoitos e bacon. Havia acabado de fazer os ovos mexidos do capitão e do imediato, que levou aos aposentos dos oficiais.

Usou o bico da bota para bater na porta.

– Entre – Fantasma respondeu.

Não era nada fácil equilibrar a bandeja e abrir a fechadura enquanto o barco oscilava sob seus pés, mas Jack conseguiu, e empurrou a porta com o ombro. Só depois que entrou percebeu que havia cometido um engano – aquele não era o aposento do capitão, e sim uma espécie de sala de navegação. Havia uma porção de cartas náuticas nas paredes junto com o que pareciam ser mapas de constelações.

Havia três pessoas em torno da mesa. Fantasma estava lá, debruçado sobre um enorme mapa antigo. Johansen estava sentado à sua esquerda, o que era de esperar. O que surpreendeu Jack foi a pessoa sentada à direita do capitão, que analisava ainda mais detidamente os mapas e as cartas náuticas espalhados por ali. Delicada e graciosa, com uma mecha de cabelos cobrindo parte do rosto, a mulher parecia deslizar os dedos sobre a superfície da mesa em busca de algo perdido.

Ela piscou várias vezes, como se tivesse acabado de acordar, e o encarou com seus olhos cor de cobre que emanavam inteligência e vivacidade. A pele era cor de café e brilhava sob a luz do sol que entrava

pela vigia. Abriu um sorriso, que fez o coração dele se apertar dentro do peito.

– Bom dia – disse ela, seu sotaque francês adicionando um toque exótico às palavras. – Você deve ser o Jack.

CAPÍTULO TRÊS

PERDIDO NOS ENCANTOS DA BELEZA

Ele serviu o café da manhã, ignorando os comentários favoráveis e desfavoráveis, e quase cambaleou ao topar com Árvore. Este, sem fazer contato visual, começou a recolher os pratos e se encarregou de colocar ordem no refeitório. Enquanto isso, Jack passou o tempo todo pensando naquela linda mulher e em qual seria seu papel ali.

Quando suava a camisa na cozinha, depois do café da manhã, Jack chegou a pensar que havia imaginado sua existência. Contudo, jamais seria capaz de criar olhos como aqueles, com uma tristeza tão comovente. Tentou lembrar se ela estava a bordo do *Umatilla*, mas não conseguiu chegar a nenhuma conclusão. No fim, aqueles pensamentos se revelaram uma perda de tempo – caso ela estivesse no navio, ele não teria se esquecido. O rosto dela não era do tipo que passava despercebido. E, assim como Lesya, o espírito enlouquecido da floresta, caso ele nunca mais a olhasse nos olhos, mesmo assim se lembraria para sempre.

Seria ela a companheira de Fantasma? Os homens do mar em geral – e isso incluía os piratas – consideravam mau agouro ter uma mulher a bordo, mas, se fosse esposa ou amante do capitão, isso explicaria tudo.

– Mestre-cuca, estava quase aceitável – comentou Louis.

Jack teve um sobressalto – não tinha ouvido ninguém chegar pelo curto corredor que levava à cozinha. “Estou perdido nos encantos da beleza”, pensou, mas logo notou que aquela aparição representava uma boa oportunidade. Louis parecia ser um sujeito extrovertido, e Jack sabia como se aproveitar disso.

– Fiz o que deu – justificou Jack. – Mas, com os ingredientes certos, posso fazer alguma coisa aceitável *de verdade*.

– Não duvido – disse Louis com um traço de divertimento na voz. Seu sotaque francês não era agradável como o da mulher. Era quase um jeito

irônico de falar.

– O pessoal gostou – continuou Jack. Ele largou a escova de aço que estava usando para limpar a madeira suja e se virou para Louis, apoiado em uma divisória, com um brilho maldoso no olhar e um sorriso cruel no rosto. Seu dente de ouro reluzia timidamente.

– Claro – rebateu Louis. – O que Finn servia era comida de cachorro, e você providenciou uma coisa... – Ele deu de ombros e abriu as mãos.

– Melhor? – sugeriu Jack.

– Uma coisa que deu para o gasto – ele corrigiu, ainda com o sorriso no rosto.

– Quem é a mulher? – perguntou Jack. Tentou parecer desinteressado, voltando a esfregar a sujeira. Louis soltou uma risadinha atrás dele.

– Ah, você conheceu a convidada do Fantasma. Pois é, senhor mestrecuca, quem a conhece nunca mais se esquece. Ela jogou o feitiço em você também? Capturou seu olhar? Está atormentando seus pensamentos?

– Ela é só uma mulher – murmurou Jack, mas não havia como negar que era tudo verdade. Não se lembrava do que Johansen fazia na sala de navegação, nem mesmo da expressão no rosto de Fantasma. As palavras da mulher, porém, ecoavam em sua mente, como se fossem cantadas por um pássaro pousado em seu ombro. *Bom dia. Você deve ser o Jack.*

– Isso é o mesmo que dizer que Fantasma é só um homem – retrucou Louis, também sussurrando.

“E não é o que ele é?”, Jack pensou em dizer, mas conseguiu se segurar. Não queria deixar que suas intenções transparecessem, então o que fez foi se virar para Louis e tentar outra abordagem.

– Ela é a mulher dele?

Louis franziu a testa.

– Não diria isso. Mas ela é importante para ele, isso é verdade.

Jack não conseguiu deixar de sentir uma pontada de ciúme. Era uma coisa absurda – já que nem conhecia a mulher –, mas, ao olhar para ela, sentira um nó na garganta parecido com o que experimentara ao ver o primeiro pássaro depois de passar um inverno inteiro em uma cabana à beira do rio Yukon, onde quase havia morrido de fome.

– Você a conhece, então – ele falou.

– Eu? *Oui*.

O sorriso de Louis se desfez, e o olhar se tornou distante.

– E ela te conhece?

Louis deu risada e olhou por cima do ombro, talvez em busca de ouvidos indiscretos que pudessem escutar a conversa.

– Só por alto.

– Só por alto? – repetiu Jack. Que diabos aquilo significava? *Você deve ser o Jack*, a mulher tinha dito, e a tristeza em sua voz era indisfarçável.

– Fui eu que a encontrei – informou Louis. – Eu a conhecia, e disse isso a Fantasma. Claro que disse. Ele é o meu capitão! A fama dela já havia se espalhado por Nova Orleans, e, para cada dez pessoas que não acreditavam, havia uma como eu. – Ele soltou outra risada. – E, para *mil* que acreditavam... havia alguém como eu. Então, talvez, *monsieur* mestre-cuca, eu estivesse destinado a cruzar o caminho de Sabine.

– Sabine – Jack falou, saboreando o nome dela na boca.

Louis sentou sobre a bancada onde Jack preparara os alimentos e acabou colocando a mão sobre um pedaço de carvão ainda quente no fogão, fez uma careta e examinou a queimadura. “Ele está *louco* para me contar”, pensou Jack e, após analisar cuidadosamente as possíveis motivações de Louis, não viu problema nenhum em continuar investigando.

Se o assunto fosse Sabine, queria saber tudo o que fosse possível.

– Antes de me alistar no *Larsen*, passei um tempo em Nova Orleans e andei bastante pela cidade. Não é da minha natureza ficar parado. Ouvi uma porção de histórias sobre demônios, feiticeiros e forças sobrenaturais agindo por lá... – Ele arregaçou uma das mangas, revelando um amontoado de tatuagens com belos desenhos, mas desbotadas e quase sem cor. – Enfim, toda cidade tem suas histórias, mas Nova Orleans tem muito mais. E a de Sabine é a que eu lembro melhor, porque desde que a vi parada em uma janela jamais a esqueci.

Louis parecia ter se transportado de volta ao cenário do relato, os olhos perdidos ao longe, e Jack se manteve em silêncio absoluto, para não estragar o momento. Em seguida, porém, o marujo piscou algumas vezes, virou-se para Jack e abriu seu sorriso outra vez. Era claramente uma máscara para encobrir as partes da história que ele preferia omitir.

– E como ela veio parar no *Larsen*? – perguntou Jack.

– São Francisco – respondeu Louis. – Eu estava por lá, procurando Fantasma e seu barco. Já conhecia a reputação dele e precisava sumir por uns tempos, porque... – Ele fez um aceno com a mão e abriu o sorriso outra vez, revelando o canino de ouro. – E Sabine estava lá para visitar uma pessoa muito velha e também muito importante.

– Um parente dela? – questionou Jack.

– Alguém que sabe das coisas – Louis se limitou a dizer. – A velha morreu antes de Sabine chegar à casa dela. Mas eu a vi por lá e sabia o que ela poderia significar para Fantasma e o destino de seu barco. Com meu charme natural, foi só uma questão de tempo para que ela se juntasse à nossa tripulação.

– Então ela está aqui por vontade própria – falou Jack, apesar de duvidar que aquilo fosse verdade. Os olhos dela e a tristeza em sua voz diziam o contrário. Ela até podia estar com Fantasma, mas exibia um ar de solidão e abandono que o deixara comovido.

Louis, no entanto, caiu na risada.

– Claro que sim, mestre-cuca. Todos estamos aqui por vontade própria. É ou não é?

– Não – respondeu Jack. Era um risco que corria, um pequeno ato de rebelião. Louis, no entanto, não esboçou nenhuma reação, e Jack sentiu que ele estava gostando de contar sua história. – E o que ela poderia significar para o destino do barco?

– Ela é uma vidente – contou Louis. – Uma bênção para o barco, e fui eu que a encontrei. Eu. – Seu orgulho era quase infantil, e Jack balançou a cabeça, fingindo admiração. – O navio em que você estava... no dia em que zarpou do Alasca, foi Sabine quem contou onde estaria, o que levava e o que havia – ele batucou no canino de ouro com a unha comprida – a bordo.

– Ela sabia disso? – perguntou Jack, e se lembrou dos dedos elegantes de Sabine passeando pelos mapas e pelas cartas náuticas como se procurasse seu lugar no mundo.

– Ela sabe onde as coisas vão estar – explicou disse Louis. – Os barcos, as pessoas, o ouro. Ela lê isso no mar. Fantasma chama isso de descobrir a ordem no caos, ou – ele fez um gesto com a mão – alguma outra esquisitice.

– E ela mantém algum relacionamento com Fantasma?

Louis piscou os olhos, pensativo, e abriu seu sorriso de novo.

– Bom, não *exatamente*...

– Contando mentiras de novo, Louis?

A voz de Fantasma era inconfundível, e por um instante Jack viu o medo se instalar no rosto de Louis. Logo em seguida, porém, ele respirou fundo, escondeu-se atrás de um sorriso reluzente e desceu da bancada.

– Estou só cumprimentando o mestre-cuca – respondeu ele.

Fantasma permaneceu parado à porta com sua presença imponente.

– Está na hora de voltar ao trabalho.

Louis fez um gesto afirmativo com a cabeça, mas Fantasma continuou bloqueando a porta. Ele encarava Jack com um olhar tão incomum que o obrigou a desviar os olhos. Era como se estivesse sendo observado por um tubarão. Totalmente inumano, mas com uma inteligência impossível de ser ignorada.

Nem mesmo desviando o olhar.

– Ninguém tem escrúpulos quando se trata de adicionar detalhes improváveis a um conto fantástico.

Jack prendeu a respiração e recomeçou o trabalho de limpeza.

– Já leu Hawthorne, jovem Jack?

– Uma coisa ou outra – respondeu ele. Tentava compreender as intenções de Fantasma a seu respeito, porque sabia que incluíam algo mais do que fazê-lo cozinhar. Enquanto não entendesse aonde a conversa iria chegar, preferia não responder com precisão nem mesmo à mais inocente das perguntas. Poderia ter negado conhecer Hawthorne, o que talvez fosse um erro. Ou então admitido a Fantasma que já havia lido alguns romances do autor e vários de seus contos e que admirava sua complexidade e questionava a pureza moral de sua visão... Mas talvez isso também fosse um erro. Não fazia ideia do que poderia inflamar o temperamento explosivo do capitão.

– Ótimo – disse Fantasma. – Gostaria de conversar sobre ele com você algum dia.

Jack ouviu quando o capitão abriu passagem e Louis foi embora. Os passos suaves e confiantes do capitão se afastaram na direção de sua sala de comando na popa. Jack soltou o ar e depois respirou fundo, surpreso ao notar o quanto estava tenso. “Algum dia”, Fantasma tinha falado,

referindo-se ao futuro que ele tanto temia.

No entanto, sua maior preocupação quanto ao futuro não era a volatilidade de Fantasma, e sim a possibilidade de rever Sabine e quem sabe conversar com ela. Se fosse mesmo a mulher de Fantasma, até uma troca de olhares mais prolongada poderia significar a morte para Jack. Fosse como fosse, gostaria de saber mais a respeito dela. E, caso não tivesse nenhuma relação com Fantasma, isso suscitaria ainda mais perguntas. Onde ela dormia naquele barco cheio de homens grosseiros? Como suportava viver cercada por eles?

Questionou também as alegações de Louis sobre seus misteriosos poderes. Em outro contexto Jack teria duvidado daquelas palavras ou presumido que se tratava de um certo exagero fantasioso, mas tinha visto a maneira como ela examinava aqueles mapas e o olhar de expectativa no rosto de Fantasma e Johansen. Não importava a afeição que pudesse haver entre os dois – fosse recíproca ou não –, ela prestava um serviço aos piratas. Esse fato poderia ser suficiente para explicar por que a brutalidade do capitão não se voltava contra ela.

“Mas e quanto a mim?”, pensou Jack. “Que tipo de serviço posso prestar? Discutir Hawthorne?”

Não, Fantasma deveria ter algum outro plano em mente para ele. Os demais passageiros raptados do *Umatilla* estavam presos em algum lugar do *Larsen*, mas ele circulava livremente, encarregado de alimentar a tripulação enquanto Finn se recuperava. O capitão havia expressado admiração por seu espírito de luta e, talvez, por sua esperteza.

“E pelo meu lado selvagem”, completou Jack para si mesmo.

Talvez por isso também.

Qualquer que fosse a intenção do capitão, Jack sabia que precisava se aproveitar da relativa liberdade para localizar os reféns tomados do *Umatilla* e fazer o que pudesse para garantir a segurança deles e levá-los de volta ao navio junto ele. E, se enquanto isso conseguisse descobrir mais sobre a misteriosa Sabine, tanto melhor.

Jack passou o restante do dia trabalhando na cozinha, ação que foi interrompida somente quando foi buscar os pratos sujos na sala de comando. O capitão e Johansen fizeram as refeições juntos, mas ele não viu nem sinal de Sabine. Jack procurou por ela em todos os lugares por

onde passou, ficando sempre de ouvidos abertos à espera de passos leves que pudessem indicar a presença de uma mulher. Na única ocasião em que teve alguns minutos para descansar e subir para o convés, respirou fundo ao sair da cozinha, passou pelo refeitório e subiu a escada, torcendo para sentir seu doce aroma feminino. Só o que encontrou, porém, foi o cheiro de água salgada e suor, além do fedor característico de animais molhados que ele conhecia tão bem.

Mas aquele odor não parecia fazer sentido ali na embarcação. A última vez em que o havia sentido fora em uma alcateia que se preparava para enfrentar o terrível Wendigo.

Pensou diversas vezes em interromper o trabalho e fazer uma busca pelo *Larsen*, mas sempre encontrava algum membro da tripulação no refeitório ou no corredor que levava à cozinha. Os homens raramente davam atenção a Jack – começava a pensar, aliás, que Árvore era mudo e que os escandinavos eram incapazes de se expressar por causa da barreira do idioma. Por outro lado, sabia que qualquer passo em falso poderia resultar em uma punição como a recebida por Finn. Com o maxilar e o nariz dolorido e as costelas enfaixadas com retalhos de cobertores, mais um castigo corporal poderia significar a morte de Jack.

Sendo assim, limitou-se a cozinhar, lavar os pratos, limpar a cozinha e administrar o estoque limitado de alimentos a bordo, e ao pôr do sol estava tão cansado que mal conseguia parar em pé.

Em um canto da cozinha, as penas ensanguentadas e os ossos do pelicano estavam à espera de ser descartados. Todas as refeições consumidas em Yukon – que incluíam o abate, a evisceração, a remoção da pele e o aproveitamento da carcaça – haviam preparado Jack muito bem para o duro trabalho a bordo. Mesmo assim, preparar a ave não fora nada fácil, e os elogios que recebera de Fantasma depois de servi-la não amenizaram em nada seu incômodo. Na verdade, saber que a morte do pelicano tinha proporcionado uma refeição agradável para aqueles desgraçados fez Jack se sentir enojado. Poderia ter cuspidido naquela carne ou então ter escondido vidro moído nela como uma vingança simbólica. Em vez disso, porém, empenhou-se o máximo possível na tarefa. Aquilo fazia parte de seu esforço para conseguir se manter vivo, e tinha certeza de que o pelicano compreenderia.

Quando subiu ao convés de novo, o sol desaparecia no horizonte a

oeste, e o mar parecia um pouco mais agitado. As velas estavam infladas pelo vento, e o cordame rangia enquanto o *Larsen* oscilava sobre as ondas. Quem estava no leme era Maurilio, quieto e concentrado, ignorando Jack e preferindo olhar para a lua, que já se insinuava por trás de um véu de nuvens. Havia mais alguns tripulantes no convés, mas nem sinal de Fantasma e, para o desânimo cada vez maior de Jack, tampouco de Sabine.

O barco, porém, não era muito grande, portanto estava ciente de que ela estava por perto.

Jack jogou o balde com os despojos do pelicano no mar e se despediu mentalmente do animal. Em seguida desceu até a cozinha, apagou o lampião a óleo que tinha deixado aceso e se instalou no pequeno espaço reservado para o dormitório, que ainda tinha o cheiro de Finn. Pelo menos Fantasma o havia retirado da cabine dos marujos no castelo de proa.

“No meio da noite”, ele prometeu a si mesmo, “vou sair para dar uma volta.” E, apesar de tudo, seu estado de exaustão fez com que logo pegasse no sono.

Jack acordou sobressaltado ao sentir que algo se chocava contra sua cabeça. Gemeu e rolou para o lado, erguendo as mãos para se defender, e começou a desferir chutes aleatórios no escuro, sem atingir nada além da superfície de madeira. Parou, aguçou os ouvidos e ficou alerta. Não havia ninguém por perto; Jack estava sozinho. Um pesadelo o havia feito se agitar e bater a cabeça contra o espaço confinado em que dormia.

Aguçou os sentidos ao despertar e detectou o mau cheiro que pairava na cozinha, apesar de seu esforço na limpeza. O barco estalava e oscilava, e uma grande colher de metal pendurada na parede de madeira balançava de um lado para o outro, fornecendo um padrão sonoro repetitivo que ajudou a embalar seu sono.

“Nada de dormir.” Jack se levantou, foi até a bancada da cozinha e encheu uma caneca com água do balde mantido ali. Estava quente e tinha gosto de terra, mas, para matar a sede, servia. Precisava estar bem acordado para o que viria a seguir.

Ao lado da cozinha ficava o refeitório, e do outro lado, na popa da embarcação, os aposentos do capitão e várias outras cabines menores.

Johansen ocupava uma delas, e havia também a sala de navegação em que Jack servira o café da manhã; supostamente, Sabine deveria estar em alguma outra. Teria que atravessar o refeitório em silêncio absoluto e se aventurar pelo convés para começar a exploração.

De acordo com o que tinha observado, os piratas haviam raptado pelo menos seis pessoas do *Umatilla*. Não havia muitos lugares onde pudessem estar trancafiadas, e o momento ideal para procurá-las era aquele. “Mas e depois? Vou roubar um bote e sair remando por essas águas perigosas?” Aquele, no entanto, era um problema a ser resolvido em outro momento. O primeiro passo era descobrir onde estavam os reféns.

Ele descalçou as botas que Johansen tinha providenciado para substituir as que havia perdido no mar antes de ser içado para o barco dos piratas. Quando deu o primeiro passo para fora da cozinha, uma imagem se produziu em sua mente de modo tão surpreendente e repentino que o fez deter o passo: Fantasma deitado em seu leito com os olhos abertos, um sorriso no rosto, escutando e sentindo tudo o que acontecia na embarcação.

Jack olhou para o corredor curto e escuro. A porta de Fantasma estava escondida na penumbra, mas o peso de sua presença era inegável. Jack atravessou o refeitório às pressas, preocupado com o fato de os pensamentos poderem atrair a atenção de Fantasma para si.

Um único lampião a óleo iluminava o refeitório, projetando sombras compridas e perturbadoras. Jack não ouviu nenhum ronco, suspiro ou algum outro sinal de que alguém pudesse estar dormindo nos bancos ou sob a mesa.

Depois de atravessar o refeitório, parou na beirada da escada. Lá em cima, por uma portinhola, poderia chegar ao ar livre, onde respiraria mais livremente, mas o problema era que Fantasma sempre designava um vigia para aquela saída, mesmo na calada da noite. Além disso, haveria alguém no controle do barco e outros patrulhando o convés e executando os trabalhos necessários para manter a navegação. Não podia ser flagrado naquele momento. Apesar de não ter sido trancafiado, seria ingenuidade imaginar que pudesse bisbilhotar à vontade sem sofrer nenhuma represália.

Jack fechou os olhos e pôs os sentidos em alerta. O cheiro de animal

molhado se fazia presente ali tanto quanto em todos os outros lugares. O barco navegava sobre as ondas, oscilando em movimentos ritmados. As tábuas rangiam, o cordame se esticava e retinia, e as velas farfalhavam no ar. Em algum lugar logo acima, ouviu passos no convés.

Por ora precisava se restringir aos patamares inferiores. O que não era ruim, já que os prisioneiros certamente não estavam na parte de cima. Ele precisaria explorar as entranhas do barco.

Jack passou direto pela escada e se aproximou da porta proibida, que não estava trancada. As dobradiças rangeram, e ele empurrou a porta com força, entrando rapidamente e logo fechando-a atrás de si. Foi se esgueirando pelo breu, prendendo a respiração, e aos poucos sua visão foi se acostumando à falta de luminosidade. Havia quatro grades no teto, proporcionando a entrada da luz do luar, e uma pequena calha atravessava os dois lados do corredor, para escoar a água que entrasse. O cheiro predominante ali era o do mar.

Com algumas áreas fracamente iluminadas, as sombras que se espalhavam pelo corredor pareciam mais escuras do que nunca. Jack foi caminhando devagar, agachado, atento a qualquer movimento que pudesse indicar que tinha sido descoberto. Não havia nenhum indício disso... mas algo parecia, *sim*, pairar sobre o ambiente, alertado por sua presença.

Pisando leve, respirando pela boca, Jack passou pelo primeiro trecho iluminado. Olhou para cima, esperando ver um dos piratas espreitando a movimentação lá embaixo com uma lâmina em punho, mas não se deparou com nada parecido.

Deteve-se diante da primeira porta, localizada à sua esquerda. Era grande e pesada e estava trancada com três cadeados. Os batentes pareciam ser chumbados na parede, e, pelas frestas na madeira, Jack teve certeza de ver uma chapa metálica brilhar por entre as tábuas. Ergueu a mão e quase bateu... mas desistiu ao concluir que uma porta como aquela poderia ser usada para aprisionar pessoas. O cheiro de bicho molhado pairava no ar ali também, e com muito mais força. Era como se exalasse da madeira, e por um momento pensou ter sentido a presença de algo rondando a porta do outro lado. Quando apurou melhor os sentidos, porém, não notou nada além de uma assustadora ausência, como a toca vazia de um urso que saiu para caçar e pode

voltar a qualquer momento.

Foi em frente, ansioso para deixar aquela estranha porta para trás.

A segunda porta da área restrita era menor – e nem um pouco segura. Jack farejou uma fresta entre as tábuas e os batentes e sentiu cheiro de carne salgada, vegetais em processo de apodrecimento, biscoitos e farinha, e ouviu o cacarejar das galinhas, que se ouriçaram com sua chegada.

Jack escutou o som de passos logo acima. Tentou ficar imóvel, encolhido junto à parede do corredor, na sombreada luz fraca do luar, precavendo-se caso um dos piratas resolvesse espiar pela grade. O marinheiro seguiu seu caminho, e, quando Jack se aproximou da terceira e última porta, começou a ouvir sussurros.

Deteve-se, a cabeça inclinada para um dos lados, e por um instante sentiu medo de escutar o que diziam. Havia algo muito estranho naquele barco, e Jack já tinha considerado até mesmo a possibilidade de que os prisioneiros estivessem mortos e que apenas ele estivesse sendo mantido como...

Como o quê? Cozinheiro? Por ora, talvez, mas esse fato tinha sido consequência do castigo imposto a Finn, e não um fator levado em conta na decisão inicial de Fantasma de separá-lo dos demais. Teria sido escolhido como vítima especial para o sadismo dos piratas? Não, porque havia algo além de divertimento nos olhos de Fantasma quando olhava para ele. O capitão de qualquer embarcação mantinha certo distanciamento da tripulação em virtude de sua posição, mas Jack havia notado quase de imediato a inteligência nos olhos de Fantasma e tentava adivinhar o significado de suas palavras. Seria verdade que ele gostaria de discutir Hawthorne ou algum outro assunto a respeito do qual seus homens certamente seriam ignorantes?

Jack ouviu os murmúrios novamente, uma discussão travada com sussurros, e, apesar de não ser possível identificar nem uma palavra, a aflição dos interlocutores era óbvia. Pressionou a orelha contra a porta e ficou escutando, captando apenas trechos isolados do que era dito do lado de dentro.

- ...descansar...
- ...agir logo...
- ...nos matar, como fizeram...

– ...resgate...

– ...estou com medo!

Aqueles só podiam ser os prisioneiros do *Umatilla*.

Jack arranhou a porta, e os murmúrios cessaram. “Eles podem pensar que são ratos”, ponderou, mas depois se lembrou de que não tinha visto nenhum a bordo.

– Ei, vocês aí – sussurrou ele, a boca na fresta entre a porta e o batente. Havia pregos de metal nas dobradiças, mas pelas falhas entre as tábuas era possível notar que não havia chapas metálicas naquela porta. Olhou para a primeira porta do corredor e mais uma vez se perguntou o que poderia haver lá dentro.

– Quem está aí? – sibilou uma voz, bem mais alto do que deveria.

– Falem baixo! – repreendeu Jack. Eles ficaram em silêncio por alguns instantes, e Jack aproveitou para olhar pela grade mais próxima. A luz do luar continuava entrando, sem nenhuma sombra que a perturbasse e nenhum som que interrompesse o silêncio da noite.

– Quem é? – a voz perguntou de novo, dessa vez mais baixo.

– Sou do *Umatilla*.

– Quê? Está se escondendo deles?

– Não – respondeu Jack, mas não soube como explicar sua situação. – Quantos vocês são?

– Somos oito – informou a voz. – E o *Umatilla*?

– Está bem longe, amigo.

– Então o que...?

– Shh.

Agora que os tinha localizado, Jack não sabia o que fazer. Com mais tempo e o equipamento apropriado, talvez conseguisse arrombar as fechaduras, ou então arrancar os pregos das dobradiças, e libertar os prisioneiros. Mas e depois? Não tinha armas, nem um plano, e com certeza um confronto entre os reféns e os piratas terminaria em um banho de sangue. Não haveria piedade. Na melhor das hipóteses, os cativos teriam uma morte rápida. Já na pior... A imaginação de Jack, fértil e repleta de sugestões tenebrosas graças a suas experiências anteriores, elaborou situações horrendas, entre as quais a passagem sob a quilha parecia ser a mais leve das torturas.

Piscou os olhos, concentrando-se de novo no momento presente.

– Vocês vão ter que esperar – Jack avisou. – Se eu soltar vocês agora, seremos todos mortos.

– Mas podemos pegar um bote e fugir!

– Não estão sentindo o balanço do barco? Estamos em alto-mar, amigo. Nós afundaríamos, ou então morreríamos de fome ou congelados. Não tem outro jeito.

– Qual é o seu nome?

– Jack London.

– Pois bem, Jack London... Nós estamos trancafiados aqui, sujos e fedendo, recebendo só um pedaço de pão velho e um balde de água por dia.

– Lamento muito por isso. Mas, acreditem em mim, eu sei do que esses homens são capazes. Eles mataram muita gente a bordo do *Umatilla* e...

– Mataram?

– Dezenas de pessoas, pelo que pude ver. – Jack fez uma pausa e ouviu a respiração pesada do homem e o murmúrio dos demais. – Vocês não sabiam?

– Não – respondeu o homem. – Pensamos que tinha sido só o...

– Ouro – completou Jack.

O homem ficou em silêncio outra vez, e Jack sentiu que o clima do outro lado da porta havia ficado pesado. “Devem estar sofrendo um bocado”, pensou. Nesse momento, quase prometeu em voz alta que os tiraria dali a qualquer custo.

No entanto, quando a outra porta que levava ao corredor se abriu, o foco de sua preocupação mudou.

Jack instintivamente se agachou e procurou sua faca, mas se lembrou de que a havia perdido quando fora arremessado ao mar por Fantasma. E, mesmo que tivesse uma arma, a luta não seria nem um pouco equilibrada. Um vulto parou diante da porta aberta, a silhueta recortada pela luz fraca do recinto ao lado. Era uma pessoa magra – poderia ser Kelly, ou Louis, ou até o moreno Maurilio. Quem quer que fosse, caso o encontrasse ali, na certa iria puni-lo. Ele não tinha sido proibido de perambular pela embarcação, mas também não esperava que os piratas

tivessem senso de justiça a ponto de admitir isso.

Quando a silhueta falou, ele reconheceu sua voz imediatamente.

– Saia daqui – ela sussurrou com seu exótico sotaque.

O barco se ergueu e tombou um pouco para o lado, obrigando Jack a procurar apoio para se equilibrar, e nesse instante o vulto veio em sua direção.

Era Sabine.

– Saia daqui – ela repetiu. A luz da lua deixou sua pele mais pálida, lançando sombras sobre os cabelos ondulados e escurecendo seus lábios carnudos. – Você precisa sair daqui.

– Sabine.

Era a segunda vez que ele dizia o nome dela, mas a primeira em sua presença.

– Jack, volte para a cozinha. Durma. Sobreviva.

– Mas...

– Ainda não entendi por que ele não matou você.

A voz dela era quase melancólica, monótona, como se falasse sozinha.

– Eu sei me cuidar sozinho – ele respondeu, e por um instante tudo ficou em silêncio. O barco escalou uma onda e parou em sua crista por um momento, como se esperasse o desfecho da conversa.

– Não aqui – garantiu ela.

A voz de Sabine emanava tanta sabedoria e experiência que Jack se viu impelido a dar um passo à frente e observar seu rosto mais de perto. Por uma fração de segundo, sentiu um medo terrível de ter sido enganado e enfeitado por uma bruxa do mar em busca de um novo alvo para o *Larsen*.

Sabine veio em sua direção, e, quando passou por um ponto iluminado pelo luar, sua beleza o deixou sem fôlego. Os olhos dela, porém, pareciam tristes e cansados.



Sabine veio em sua direção, e, quando passou por um ponto iluminado pelo luar, sua beleza o deixou sem fôlego.

Jack e Sabine estenderam a mão na direção um do outro, mas não se tocaram. Seria alguém como ela capaz de amar um homem como Fantasma? Isso parecia inconcebível. Ainda assim lá estava ela, circulando livremente pelo barco. Teria tamanha liberdade se não estivesse a bordo por livre e espontânea vontade? Apesar de seu discreto ar de tristeza e de parecer o oposto perfeito da brutalidade ameaçadora de Fantasma, a lógica indicava que os dois eram mais que apenas parceiros de negócios.

– Última chance – murmurou ela, olhando para cima, na direção do convés. Jack não ouvia nenhum som vindo de lá, mas ela arregalou os olhos escuros e inclinou a cabeça para o lado, claramente escutando algo que ele não era capaz de detectar.

– Não vai me delatar? – perguntou Jack.

Ele respirou fundo e sentiu o primeiro odor agradável desde que subira a bordo do *Larsen*. Ela era uma lufada de ar fresco, com o perfume sutil de um dia de primavera no Monte Diablo. No entanto, era algo perigoso pensar assim de uma mulher que poderia ser a amada do capitão, considerando que alguém como Fantasma fosse capaz de amar.

Jack passou por ela no corredor estreito, e por um momento os dois se viram iluminados pelo luar sob a grade. Sem poder distinguir nenhum vulto fora da luminosidade, para Jack era como se só estivessem os dois ali, tão próximos que ele inspirou o ar exalado por ela, uma experiência inebriante.

Em seguida eles tiveram o primeiro contato físico – ela o tocou no quadril e o empurrou na direção da saída com uma força surpreendente. Olhou para cima de novo, deu-lhe as costas e se dirigiu à porta por onde Jack havia entrado.

Os murmúrios dentro da cela aumentaram de volume, mas ele mal conseguia escutar.

Sabine abriu a porta e saiu, dando uma última olhada antes de fechá-la. Foi quando ele a viu sorrir pela primeira vez. Em seguida ouviu passos apressados lá em cima, provavelmente para investigar a causa do barulho.

Jack saiu apressado pela porta por onde Sabine havia entrado e se viu em outro corredor, com uma escada bem íngreme à frente, que levava a um lugar escuro. Ouvia os ruídos de homens dormindo – roncos,

grunhidos e os resmungos baixos de quem sonha – e se deteve por um instante. Louis tinha dito que ela lia coisas no mar. *Fantasma chama de descobrir a ordem no caos*, ele contara. Ela era capaz de localizar pessoas e embarcações, prever onde estariam em determinado momento.

Ele se perguntou o que Sabine tinha ido fazer ali.

Alguém deu um grito enquanto dormia, em um idioma que Jack não conhecia. Aventurar-se pelo castelo de proa seria perigoso demais – Sabine o tinha salvado uma vez, e só por causa dela ele poderia voltar ao pequeno leito na cozinha.

Ele já havia descoberto o suficiente para uma noite. E, a bem da verdade, a presença de Sabine o fizera perder o foco. Jack arranhou a unha na parede e deu com a cabeça na parte posterior da escada. Sua capacidade de ser silencioso e sua sensibilidade haviam sido prejudicadas.

O homem gritou de novo, um som desesperador.

– Ele está chorando de saudade de casa – disse uma voz, e o susto que Jack levou o deixou paralisado.

Fantasma surgiu da escuridão à esquerda de Jack, passando por uma porta que ele nem sabia existir. O capitão parecia preencher todo o seu campo de visão, envolto em sombras lançadas pelo luar.

– Isso acontece com todos eles de tempos em tempos – prosseguiu Fantasma. – Costumo vir até aqui ouvir. Esses homens podem ser rudes, mas quando dormem são como bebês.

– Eu... – começou Jack, mas não tinha nada a dizer. Não queria ter de justificar sua pequena excursão noturna, tampouco implorar pela própria vida.

– Acho que pressenti sua escapadela – disse Fantasma. Ele olhou para trás, na direção da porta por onde Jack tinha entrado. – Então descobriu onde eles estão?

– Você precisa soltá-los.

– Preciso?

Com uma única palavra, Fantasma fez com que Jack se sentisse uma criança de novo.

– Eles não são animais.

– Não mesmo. São menos que isso.

– Eles precisam de mais coisas além de pão e água – insistiu Jack.

Fantasma refletiu por um instante e em seguida deu de ombros, demonstrando desinteresse.

– Pode levar os restos da cozinha para eles amanhã, se quiser.

Jack fez um gesto afirmativo com a cabeça. Se conseguisse um tempo para passar a sós com os demais prisioneiros, talvez conseguisse bolar um plano de fuga.

– Não vai me agradecer? – perguntou Fantasma com ar de curiosidade, observando Jack como se ele fosse uma cobaia de laboratório.

– Vou agradecer efusivamente quando eu e os outros prisioneiros estivermos em terra firme, sãos e salvos.

Fantasma abriu um leve sorriso.

– Você é corajoso, jovem Jack. Isso, eu sou obrigado a admitir. Havia um tom de ameaça em sua voz, e a malícia em suas palavras era inegável.

“O que devo fazer?”, pensou Jack, entrando em pânico. Para sobreviver, chegaria ao ponto de assassinar aquele homem se fosse necessário. Ele havia matado Wendigo. Certamente seria capaz de matar um pirata, não seria? No entanto, Fantasma era mais que um simples pirata, isso já estava bem claro. E, apesar de Wendigo ter um apetite e uma ferocidade inigualáveis, o capitão do *Larsen* era muito mais... traiçoeiro. Fantasma exalava força e autoridade, e no meio do oceano não havia mais ninguém com quem Jack pudesse contar.

– Venha comigo – disse Fantasma. – É a última noite em que teremos tempo para conversar, e tenho uma pergunta a fazer.

Ele subiu a escada que levava ao convés sem nem precisar se certificar de que Jack o seguiria.

Atordoado e confuso pela presença daquele homem terrível, Jack não teve escolha a não ser ir atrás dele.

CAPÍTULO QUATRO

O MAIS NOBRE DE TODOS

A lua estava quase cheia. Uma luz pálida banhava o convés do *Larsen*, decorando o barco com tons prateados. O céu noturno encontrava-se límpido, com infinitas estrelas iluminando o caminho para qualquer que fosse o destino que os esperasse. As velas estavam infladas, e a embarcação singrava o Pacífico como se fosse uma espécie de criatura mitológica nascida na água, e não um objeto construído pelas mãos do homem.

– Sua raiva me fascina – comentou Fantasma, tragando de seu cachimbo e soltando uma lufada de fumaça.

O coração de Jack estava disparado, e as têmporas pulsavam. Fantasma sabia que ele havia descoberto onde estavam os outros prisioneiros do *Umatilla* e, mesmo assim, não fizera nenhuma menção de puni-lo. Por trás da aparência tranquila do capitão, porém, havia uma selvageria latente, que poderia emergir a qualquer momento. Jack já tinha visto isso acontecer. Fantasma continuava olhando atentamente para ele, esperando sua resposta.

“Que seja, então”, pensou Jack. Já estava cansado de controlar a língua.

– E por acaso estou em condições de sentir *alguma coisa* além de raiva? – rebateu Jack.

Fantasma arqueou uma das sobrancelhas, claramente surpreso e satisfeito por Jack enfim começar a se abrir. Ele tragou o cachimbo com força entre os lábios, fazendo o tabaco assumir um brilho alaranjado na escuridão da noite, e soltou a fumaça pelo nariz. Jack não pôde deixar de associar seu rosto ao de Satã.

“Cuidado”, pensou. “Você está desafiando Lúcifer.”

– Você acredita que os prisioneiros não merecem ser tratados como animais...

– Não sou um simples animal – rebateu Jack.

– Você foi educado para acreditar em uma moralidade criada por gente que se julgava capaz de controlar o lado animalesco dos seres humanos, para proteger a si mesmos e aos seus – esclareceu o capitão. – Mas vai encontrar sempre dois tipos de pessoas na vida, jovem Jack: as que são mais fortes e as que são mais fracas que você. E não me refiro à força física. Se eu sou mais forte e posso tirar algo de você, por que não fazer isso?

Jack o encarou pela primeira vez, olho no olho.

– Tirar dos outros o que não lhe pertence é roubo. Se quiser alguma coisa, precisa merecer. O esforço faz a recompensa valer a pena, e você terá realizado algo, em vez de apenas se apropriar do trabalho dos outros.

– Então não devo roubar de você porque isso é “errado”? – Fantasma soltou uma risadinha. – Com certeza você consegue me apresentar um motivo melhor que esse.

Entretanto Jack descobriu que não, e isso o deixou perturbado.

– Se eu sou mais forte – continuou Fantasma – e tiro algo de você, não representa uma realização minha, à minha própria maneira? Não passamos de animais, jovem Jack. Os mais fortes devoram os mais fracos. Sempre foi assim e sempre vai ser.

– Mas você *mata* as pessoas – replicou Jack.

Fantasma pensou a respeito por um instante, deixando o silêncio pairar ao redor enquanto dava outra tragada no cachimbo. Balançou a cabeça em uma negativa.

– Matar é só um ato mecânico. E, às vezes, necessário. Jamais matei alguém só por diversão, mas o assassinato é uma ferramenta muito útil.

– Como pode ser assim tão frio? – perguntou Jack, elevando o tom de voz.

Fantasma ficou tenso, e o olhar se perdeu ao redor. Aparentemente, desafiar seu modo de pensar em uma conversa privada era uma coisa, mas fazer isso ao alcance dos ouvidos da tripulação era outra bem diferente. Os dois marujos escandinavos estavam por perto, um no leme e o outro no cesto da gávea. Sempre pareciam estar por perto quando Fantasma circulava pelo convés. O capitão falava baixinho, mantendo a conversa só entre os dois – talvez para que a tripulação não ouvisse a

contestação de suas ideias –, mas a presença dos gêmeos loiros não parecia perturbá-lo, reforçando a desconfiança de Jack de que ambos não falavam o idioma deles.

– Sua preciosa humanidade é uma ilusão, garoto – rugiu Fantasma. – A natureza humana não é diferente da dos animais. Todo o resto é afetação, uma compaixão que não passa de fingimento. Você mataria se fosse forçado pelas circunstâncias. E roubaria, caso o seu estômago mandasse.

Jack desviou o olhar, mas não a ponto de esconder do capitão que sabia muito bem do que ele estava falando.

Fantasma soltou uma risada baixinha, quase um rosnado.

– Ora essa, que maravilha. Você também é um ladrão.

– Não por escolha própria...

Fantasma o segurou pelo braço, obrigando Jack a encará-lo.

– *Tudo* o que fazemos é por escolha própria, Jack. Aceite seu lado selvagem; não adianta nada negá-lo.

– Vi *muita* coisa no mundo selvagem – contou Jack. – Mais do que você pode imaginar. Lutei pela minha vida contra um animal que mais parecia um monstro; tenho o sangue dele nas mãos. Descobri meu lado selvagem e consegui aceitá-lo. E *dominá-lo*.

Fantasma o encarou com uma expressão diferente, inclinando a cabeça para o lado antes de assentir devagar com a cabeça.

– Sabia que tinha visto alguma coisa em você – comentou o capitão. Ele bateu o cachimbo na balaustrada, e as cinzas foram levadas pelo vento. – Mas você disse que *dominou* seu lado selvagem? Impossível. Pode tê-lo aprisionado, mas nem por isso o dominou. Só existe uma maneira de se harmonizar com sua natureza animal, que é se rendendo a ela.

A observação inicial de Jack, de que Fantasma era Lúcifer, fazia tanto sentido àquela altura que ele quase a mencionou em voz alta. O problema de Lúcifer era justamente refletir mais que os outros anjos sobre sua condição, porém sem entender a definição celestial de moralidade. Jack pensava de maneira diferente e não estava disposto a se render às crenças dos outros.

– Já leu Aristóteles, capitão? – ele perguntou.

– Você se surpreenderia se eu dissesse que sim?

– Não – respondeu Jack. Foi quando se deu conta do motivo por que Fantasma o mantivera vivo. Ele não o queria como tripulante. Nem como cozinheiro. O capitão era o senhor de todos os demônios naquela barca do inferno, mas eles eram todos lacaios, inferiores a ele em todos os sentidos.

Ele havia mantido Jack solto porque queria poder ter aquele tipo de conversa – gostaria que alguém desafiasse sua visão de que os humanos eram selvagens por natureza. Jack se perguntou quem de fato o capitão tentava convencer: a seu prisioneiro ou a si mesmo.

– Continue – pediu Fantasma.

– O grande filósofo escreveu que “em seus melhores momentos, o homem é o mais nobre de todos os animais; quando se desvia da lei e da Justiça, é o pior”.

Fantasma sorriu, e um brilho cruel se acendeu em seu olhar. Ele cutucou Jack com o dedo.

– Então você admite que é um animal – falou o capitão.

– Você não entendeu o que eu...

– Entendi *perfeitamente* o que você quis dizer – interrompeu Fantasma.

– Você insiste em limitar sua natureza aos conceitos de justiça e civilidade.

– São duas coisas necessárias para a sobrevivência da espécie.

Fantasma soltou um riso de deboche.

– E o conceito de Darwin de que “só os mais fortes sobrevivem”?

Jack sabia que aquela conversa jamais teria fim. Era um desfile circular de visões conflitantes, e talvez Fantasma gostasse tanto de discutir que jamais *permitiria* que o debate terminasse.

– Desprovida da consciência, a sobrevivência do mais forte transforma o homem em um monstro.

– Ah, agora chegamos ao cerne da questão – disse Fantasma, saboreando o momento. – Então eu sou um monstro? Ou simplesmente um animal? O que separa os homens dos animais para você, Jack?

– A capacidade de raciocinar – Jack respondeu no ato. – A autoconsciência. A fé.

– A fé... – repetiu Fantasma, renegando o conceito com um aceno de cabeça em discordância. Depois ergueu as mãos e mostrou os pole-gares.

– Que tal isto aqui, Jack? Não é isso que nos separa dos animais? É o que nos torna assassinos mais eficientes, pelo menos. Mas os macacos também os têm. – Ele pôs o dedo sobre os lábios. – E que tal isto? A complexidade da linguagem? Mas podemos muito bem aprender tudo o que é necessário uns com os outros sem precisar de palavras. Só estamos nos enganando com essa ideia de que somos algo além de animais.

O vento enfraqueceu momentaneamente, fazendo murchar as velas. Os cabos envergaram e as polias rangeram, fazendo Fantasma se afastar da balaustrada e começar a trovejar ordens. Os escandinavos correram para obedecer, e Maurilio e Árvore apareceram para ajudar. Jack os observou com atenção, e pela primeira vez notou o quanto pareciam tensos e assustados, como cães que pressentem a aproximação de uma tempestade.

“O que eles sabem que eu não sei?”, perguntou-se.

– É melhor você descer e dormir um pouco, jovem Jack – recomendou Fantasma. – Só faltam algumas horas para o café da manhã, e você não vai querer ver essa tripulação com fome, acredite. Eles ficam absolutamente enlouquecidos.

Os olhos do capitão brilharam de divertimento, e ele lhe deu as costas para vigiar o trabalho de seus homens. Jack já havia fornecido o estímulo intelectual de que ele necessitava, e agora estava sendo dispensado. Era frustrante – queria persuadir Fantasma a soltá-lo, junto com os demais prisioneiros do *Umatilla*, no próximo porto em que ancorassem. No entanto, a oportunidade para isso não havia surgido. A visão de mundo de Fantasma deixava claro que ele só os libertaria caso se beneficiasse de alguma forma com isso. Jack precisava arranjar uma maneira de convencê-lo de que libertá-los seria a melhor opção para seus interesses.

Começava a ponderar que uma fuga seria impossível. Por ora, no entanto, era preciso descansar. “Ainda não chegou o momento”, refletiu. “Durante os próximos dias, não vamos aportar em lugar nenhum.”

Até lá pensaria em alguma coisa.

A briga aconteceu logo depois do café da manhã. A tripulação inteira viu quando tudo começou – uma gritaria enquanto o gordo Demetrius repreendia alguém pelo trabalho malfeito no recolhimento da vela do

mastro de ré –, e Jack se virou para ver do que se tratava. A presença de Finn no centro da confusão o pegou de surpresa, e ele o olhou com um ar de espanto.

Finn havia sido esfolado sob a quilha apenas dois dias antes. Boa parte de sua pele fora rasgada e, em algumas partes, removida por completo. Não parecia que fosse sobreviver nem à primeira noite. Àquela altura, porém, as marcas ainda estavam lá, visíveis e rosadas, mas as feridas já tinham cicatrizado. Aparentava uma recuperação de semanas, e não de um dia e meio.

Jack o observou boquiaberto, ignorando os gritos dos demais. Em suas reflexões havia comparado Fantasma a Lúcifer, e o *Larsen* a uma barca do inferno, e naquele momento essa ideia parecia mais pertinente do que nunca. A recuperação de Finn havia sido tão plena – ele até já caminhava normalmente – que não parecia possível. Para Jack, no entanto, não era a primeira vez que o impossível se mostrava diante de seus olhos.

O restante da tripulação, que se ocupava de encurtar as velas para se adaptar às condições de pouco vento, fez um círculo em torno dos dois encenqueiros. Finn era uns vinte centímetros mais alto que o grego rechonchudo, além de ter os braços mais longos. No entanto, apesar de sua recuperação milagrosa, Finn não estava na plenitude de sua forma. Sobre o convés todo sujo de sangue, que escorria em abundância de ambos os homens, Finn fez uma finta com a esquerda e soltou uma direita que teria destroçado o maxilar de Demetrius se tivesse atingido o alvo, mas o gordo conseguiu se agachar e se aproveitar da curta distância para desferir três socos no abdome do oponente, que se dobrou em dois.

Finn então agarrou um chumaço dos cabelos sebosos de Demetrius e o puxou para o lado. O grego cravou suas unhas nele, mas Finn o derrubou e também mergulhou sobre o convés, onde a luta se tornou mais feroz do que nunca. Quando o barco tombava para um dos lados, eles trocavam de posição. Os marinheiros começaram a torcer por um e outro. Finn acertou um murro na garganta de Demetrius. Quase sem fôlego, o gordo enfiou o dedo no olho esquerdo de Finn com tanta força que Jack achou que fosse saltar da órbita.

A tripulação se divertia com o espetáculo. Vukovich e Maurilio

acompanhavam tudo agachados, como se fossem interferir a qualquer momento. Louis, Ogro e Árvore sorriam. O canino de ouro de Louis reluzia sob o sol. Aos poucos, o círculo em torno da violenta disputa ia se fechando.

– Que horror – sussurrou alguém atrás de Jack, fazendo-o estremecer de satisfação, pois ele conhecia aquela voz.

Jack se virou. Sabine tinha saído de uma cabine de popa, e seus olhos tristes estavam concentrados na sangrenta batalha. Como um lírio solitário que nasce em um terreno assolado pela guerra, ela acrescentava à cena uma beleza incongruente com aquele momento. Com seu vestido branco e os olhos ocultos sob a sombra dos cabelos, ela simplesmente não se encaixava ali.

– Você não deveria estar vendo isso – disse Jack, tomando-a pelo cotovelo e tentando conduzi-la de volta à cabine.

Sabine, no entanto, não aceitou a sugestão. Com os lábios apertados, assistia à violenta disputa como se aquele fosse o motivo que a tivesse levado ao convés.

– Sabia que isso iria acontecer – ela disse baixinho. – Só não sabia que seria tão cedo.

– Ah, é – falou Jack. – Você é vidente, segundo Louis me contou.

– Pois é – ela confirmou. – Esse é meu fardo. Mas a minha conclusão nesse caso não tem nada a ver com minha clarividência. Finn se precipitou e caiu no conceito do capitão. Demetrius está na posição mais baixa na hierarquia do bando, e, com Finn enfraquecido, essa é uma boa chance para tentar ascender.

“O bando”, pensou Jack. Em suas reflexões, já tinha comparado aquela tripulação a uma matilha de cães ou lobos.

– Você fala como se eles fossem animais – ele comentou.

Sabine lhe lançou um olhar que era quase de pena.

Um rugido de dor chamou a atenção de ambos de volta à briga. Demetrius tinha agarrado a genitália de Finn e a apertara com força. Finn gritou. Ele mostrou os dentes pontudos, e por um momento pareceu mais um animal do que um homem. Depois lançou a cabeça para a frente, fechando a boca e sacudindo a cabeça, enquanto arrancava a orelha do grego. O sangue jorrou, Demetrius soltou um berro, e o destino do embate mudou.

– Meu Deus – murmurou Jack, desviando o olhar.

Mas Sabine continuou olhando. Parecia enojada, mas não desviou os olhos da briga, como se fosse a grande rainha por cuja honra os dois marujos lutavam. Jack sentiu uma pontada de ciúme e olhou ao redor, para ver se algum membro da tripulação tinha notado a presença dela. Quem ela queria impressionar? A resposta, porém, era bem óbvia: o *capitão*.

Jack o localizou, parcialmente escondido pela vela do mastro de ré, assistindo àquela demonstração de barbárie. Ele estreitou os olhos, mas seu rosto não expressava nenhum tipo de emoção. Caso estivesse de toga e tivesse um martelo na mão, todos diriam que ele estava ali no papel de juiz.

Os escandinavos estavam plantados a seu lado. Quando os dois se aproximaram do círculo de espectadores, os demais tripulantes abriram caminho. Jack imaginou que Fantasma fosse acabar com a briga e punir os dois homens. Em vez disso, porém, o capitão balançou a cabeça e fez um gesto com a mão, permitindo que a tripulação ficasse à vontade. Limitou-se a assistir e esperar pelo desfecho sangrento da luta.

Jack olhou para Sabine. Teria ela razão? Demetrius havia procurado briga com Finn em um momento de fraqueza para subir na hierarquia da tripulação? Considerando a expectativa estampada no rosto dos demais e a ferocidade com que se desenrolava o embate, concluiu que por certo o orgulho não era a única coisa em jogo ali.

“Onde será que eu me encaixo na hierarquia?”, pensou Jack. “Como um prisioneiro, mas também como um membro da tripulação, pelo menos por enquanto.” Diante das circunstâncias, considerou que os reféns trancafiados lá embaixo estavam em uma situação melhor que a sua. Passavam fome, mas Jack concluiu que era mais seguro ficar por lá do que no meio dos piratas.

Johansen observava tudo com a mesma ansiedade dos demais. Podia até ser o imediato, mas Jack notou que não era o membro da tripulação em quem Fantasma mais confiava. Esse privilégio pertencia aos escandinavos, que pareciam estar sempre por perto.

O imediato reparou na presença de Jack e Sabine. Abriu um sorriso perverso para os dois e lhes deu uma piscadela maliciosa, como se os convidasse a se divertir com a carnificina em andamento no convés.

Com dificuldade, Finn conseguiu ficar de pé. Um de seus braços estava imóvel junto à lateral do corpo, quebrado e deformado. Jack conseguia distinguir o que considerou ser um osso surgindo da carne dilacerada. Ficou enojado, com vontade de gritar a fim de que todos ouvissem, para que aquela selvageria fosse interrompida. Como Fantasma era capaz de permitir que aquilo continuasse, mesmo sabendo que um de seus homens, ou até ambos, ficaria impossibilitado para o trabalho durante semanas, ou para sempre, caso um deles acabasse morrendo? Jack se virou para Sabine. Uma lágrima escorria por seu rosto, mas ela se recusava a desviar os olhos. Johansen voltou a assistir à luta, estimulado pela reação de repulsa de Jack e Sabine à barbárie que se desenrolava ali.

Com as pernas bambas, Demetrius se levantou. Um de seus olhos estava inchado e fechado, vertendo sangue e fluidos viscosos. No lugar onde ficava a orelha só se via um pedaço de carne dilacerada. Havia arranhões em seu rosto e tronco. E ainda assim ele sorriu, e um rugido grave reverberou em seu peito. Embora estivesse ferido, era evidente que se encontrava em melhores condições que o oponente.

Finn cambaleou para um lado, depois para o outro, em busca de uma brecha para atacar. Mas só tinha um braço em condições de luta e enxergava apenas com um único olho. Apesar de muitos dos ferimentos estarem cicatrizando, vários acabaram se abrindo de novo. Ele parecia desorientado. Poderia ser por causa da exaustão, ou então uma decisão estratégica, mas ele esperou que Demetrius tomasse a iniciativa, e por fim o grego avançou sobre ele como um touro em uma arena.

Finn se esquivou habilmente para o lado e desferiu um chute na perna de Demetrius, destroçando seu joelho. O marujo gordo gritou quando Finn saltou sobre ele, envolvendo-lhe o pescoço com o braço quebrado e arrastando-o até a balaustrada. Finn soltou um cabo amarrado em um cunho, enrolou-o em volta da garganta do grego e começou a puxar, como se quisesse enforcá-lo.

Jack se virou para Sabine, que enfim tinha baixado os olhos e não assistia a mais nada. Ele próprio não aguentava mais aquele espetáculo. Tocando o braço dela, um leve roçar de dedos sobre uma pele sedosa que o fez estremecer, restabeleceu a força interior necessária para intervir.

– Capitão! – ele falou, correndo na direção de Fantasma. – Não pode deixar isso continuar. Se acontecer um assassinato, você será cúmplice.

Os escandinavos saíram de onde estavam para barrar o acesso dele ao capitão. Jack deteve o passo, mas continuou com os olhos grudados em Fantasma até o pirata enfim se virar para encará-lo.

– Você não entende como as coisas funcionam por aqui, jovem Jack – respondeu Fantasma, sem alterar o tom de voz. Arreganhou os dentes, mas não era exatamente um sorriso. – Uma hora você vai aprender que aqui não é lugar para civilidade e boa conduta. O mais forte come primeiro, e os fracos ficam com os restos. E os mais fracos preferem morrer a admitir essa condição.

Fantasma se virou para continuar assistindo à briga. Jack queria insistir em seu apelo, mas a promessa de violência nos olhos azuis dos gêmeos o demoveu da ideia. Enquanto recuava alguns passos, ouviu um som de madeira sendo quebrada. Demetrius havia arrancado um pedaço da balaustrada para atacar Finn, que ainda conseguiu deter um ou dois golpes com o punho antes de levar uma pancada na cabeça. Finn gemeu, incapaz de reagir ou sequer levantar a mão para se defender.

Demetrius comemorou sua vitória com um rugido, agarrando Finn pelos cabelos. Horrorizado, Jack só conseguiu observar enquanto o grego batia a cabeça do derrotado contra o convés e escancarava a boca para morder a garganta de Finn.

– Não – murmurou Jack. A briga tinha sido cruel, era verdade, mas aquilo era desumano.

Fantasma foi caminhando na direção dos gêmeos, e o círculo inteiro se abriu para ele. O capitão acertou um chute violento nas costelas de Demetrius, fazendo o marujo cair de costas no convés, em uma postura tão submissa quanto a de Finn.

– Já chega – falou Fantasma. – Você já fez o que precisava fazer.

Quando Sabine tocou suas costas, Jack quase gritou de susto. Todos os olhares estavam voltados para Fantasma naquele momento... todos, menos o dela, que manteve a mão onde estava, em um sinal sutil e secreto de intimidade que o deixou sem reação. Instintivamente, Jack soube que deveria tomar muito cuidado ao se aproximar dela. Sabine pertencia a Fantasma, assim como o barco e a tripulação, e o capitão era muito cuidadoso com aquilo que era seu.

– Vão pegá-lo hoje à noite – ela falou com uma tristeza ainda maior no olhar, além de um tom de cautela e urgência na voz. – Vamos ser trancafiados juntos. Não reaja, Jack. Não discuta, não faça nada. Nem hoje, nem nunca.

Jack franziu a testa.

– O que vai acontecer hoje à noite?

– Sinto muito – murmurou Sabine. Ela se virou e se afastou às pressas, talvez para a sala de navegação, onde guiaria os piratas até seu próximo alvo indefeso. Jack olhou ao redor e viu Johansen vigiando-os com um olhar desconfiado.

– Mestre-cuca! – gritou o imediato. – Ajude a tirar esses idiotas do convés e tente tratar das feridas deles da melhor maneira possível.

Jack olhou para Johansen, para Fantasma e por fim para os dois feridos, que lutavam para se levantar sem a ajuda de ninguém.

– O restante de vocês, de volta ao trabalho! – gritou Johansen.

A tripulação se espalhou pelo barco. Alguns escalaram o cordame, outros desceram para os conveses inferiores. Árvore e Vukovich ajudaram os encenqueiros a voltar às cabines no castelo de proa, e em pouco tempo só restaram Jack, Fantasma e os gêmeos no convés.

– Eles têm nome? – Jack perguntou de repente, apontando com o queixo para os escandinavos.

Fantasma arqueou uma das sobrancelhas.

– O imediato acabou de lhe dar uma ordem, jovem Jack.

– É verdade. Mas, vendo a condição de Finn após a briga e depois de passar por baixo da quilha, duvido que possa ajudar muito.

– Imobilize o braço quebrado de Finn e o joelho deslocado de Demetrius – respondeu Fantasma, contemplando o horizonte distante no qual uma tempestade começava a se desenhar. – Amarre bem apertado. Deve ser suficiente.

– Suficiente para quê? – questionou Jack.

– Para sobreviverem a esta noite.

“E o que vai acontecer hoje à noite?”, pensou Jack. O tom de voz de Fantasma denunciou que o capitão começava a se irritar, assim como a tensão nos músculos dos ombros e do pescoço e a maneira como ele abria e fechava os punhos, como se a briga no convés o tivesse

estimulado a liberar a própria agressividade. Não era momento para perguntas. Além disso, Fantasma tinha razão: Johansen havia lhe dado uma ordem.

Ele saiu andando em direção ao castelo de proa.

– Huginn e Muninn – disse Fantasma.

Jack se deteve e se virou, franzindo a testa antes de se dar conta de que o capitão respondia à sua pergunta. Fantasma apontou com o queixo para os escandinavos, que não pareciam interessados na conversa, apesar de saberem que o assunto eram eles, já que o capitão havia acabado de proferir seus nomes.

– Esse é o nome deles de verdade? – perguntou Jack.

– Eles são meus, Jack, posso chamá-los como eu quiser. Você conhece esses nomes? Huginn e Muninn?

Jack fez que sim com a cabeça.

– São de um mito nórdico. Os corvos de Odin. Os olhos e ouvidos dele nos lugares onde ele não podia estar.

– Esses nomes significam *pensamento* e *memória* – continuou Fantasma. – É bom ter uma pessoa culta a bordo. É estimulante. – O capitão chegou tão perto que Jack conseguiu sentir o odor desagradável de sua pele. – Mas não pense que sua vida tem algum valor para mim por causa disso.

Jack abriu um sorriso amarelo, olhando diretamente para os dentes tortos do capitão.

– Jamais pensaria isso. A única vida que você valoriza é a sua.

– Exatamente – completou Fantasma. – Agora que já deixamos isso bem claro vá tratar de Finn e Demetrius, mas tome cuidado, jovem Jack. Um animal ferido é sempre perigoso.

Fantasma se virou e desceu para a cabine onde Sabine estava à sua espera, deixando Jack com muito em que pensar. Apesar da demonstração de brutalidade do capitão e de sua tripulação, todos ali pareciam empolgados, quase eufóricos. Maurilio e Louis trabalhavam no conserto da balaustrada que Demetrius havia quebrado, cantando juntos em uma mescla de sotaques castelhano e francês, rindo às gargalhadas, como se estivessem embriagados.

Ao vê-los todos tão alegres, em vez de ficar curioso em relação ao que estava para acontecer, Jack sentiu medo.

Vão pegá-lo hoje à noite, Sabine dissera. *Não reaja, Jack. Nem hoje, nem nunca*. Como ela poderia esperar que ele se rendesse, que se deixasse trancafiar? Por outro lado, caso resistisse, não era apenas sua vida que estaria em jogo, mas a dos demais prisioneiros também. E quanto a Sabine? Ela parecia ser uma espécie de primeira-dama do barco, mas sua tristeza e solidão eram inegáveis. Estaria apaixonada por Fantasma ou também desejava com ardor uma chance de escapar? Quando conseguisse escapar, se isso algum dia viesse a acontecer, Jack tentaria convencer Sabine a fazer o mesmo. No entanto, considerando o que seu dom significava para o capitão, seria necessário um milagre para que ele abrisse mão dela.

Jack voltou a refletir sobre aquelas palavras perturbadoras. Viriam atrás dele naquela noite. Tudo bem. Ele confiaria em Sabine. Além disso, havia mais uma informação. *Vamos ser trancafiados juntos*. Aquilo, pelo menos, parecia promissor.

Naquele barco, quase nada era desperdiçado. As frutas e as carnes que estavam prestes a apodrecer – mas não exatamente podres – ainda eram consideradas aptas a fazer parte da dieta da tripulação. Jack havia conseguido permissão para levar restos de comida aos prisioneiros trancafiados do *Umatilla*, mas não tinha certeza do que o capitão definia como sobras. No fim, o melhor que pôde fazer foi um ensopado ralo com pontas de cenoura, um punhado de batatas emboloradas, duas latas de feijão que encontrou e imaginou pertencerem ao antigo cozinheiro, além dos ossos do pelicano, dos quais ainda era possível obter um pouco de carne, que se soltou durante o cozimento mas não foi suficiente para acrescentar um pouco de sustância à refeição. Temperou o caldo da melhor maneira possível com os ingredientes de que dispunha, o que colaborou para acrescentar um pouco de sabor. Não era muita coisa, no fim das contas, mas teria que servir.

Quando o ensopado ficou pronto Jack foi atrás de Louis, que já havia recebido as ordens de Fantasma e estava com as chaves da cela dos prisioneiros. Ogro apareceu também, exibindo uma faca na cintura.

Equilibrando a panela fumegante no balanço das ondas, Jack seguiu Louis pela pequena porta e desceu até o corredor do convés inferior, onde estavam os prisioneiros. Louis tinha muito mais tempo de vivência

no mar e não parecia se deixar afetar pela oscilação do barco. Já Jack de vez em quando se desequilibrava, cambaleando para um lado e para o outro, embora tivesse derramado apenas uma pequena quantidade de ensopado. A colher se chocava contra a borda da panela a cada sacudidela da embarcação.

Ogro vinha atrás de Jack, talvez para se certificar de que não fizesse nenhuma besteira. O verdadeiro objetivo de sua presença, porém, era intimidar os prisioneiros quando a porta se abrisse, caso eles tentassem fugir. Jack considerou uma tolice aquela preocupação. Aquele pessoal não era capaz de superar a tripulação em uma luta corporal, e, mesmo que isso acontecesse, para onde poderiam ir? As pessoas que estavam presas ali na certa não sabiam navegar.

– Não fale com eles – avisou Louis enquanto balançava as chaves. Passaram pela porta trancada com os cadeados, pela despensa onde ficava a comida a bordo e por fim chegaram à cela dos prisioneiros.

– Só queria que soubessem que não estão sozinhos – disse Jack.

Quando enfiou a chave na primeira fechadura, Louis olhou para Ogro e depois para Jack.

– São ordens do capitão. Estou surpreso por ele deixar você fazer isso. Não abuse, Jack.

Jack ouviu as vozes do outro lado da porta e, ao intuir o medo e a esperança que habitavam aquela cela, concluiu que Louis estava certo. Eles saberiam que podiam contar com um aliado fora da prisão; não era preciso dizer nada. Jack quis se desculpar por não ter levado tigelas, por terem todos que usar a mesma colher, mas decidiu transmitir tudo isso através do olhar.

Louis destrancou a porta, abriu-a e deu um passo para trás, levando a mão ao cabo da faca. Ogro fez a mesma coisa, mas chegou a sacar a arma, um brilho reluzindo em seus olhos. Parecia até que ele desejava uma tentativa de fuga, só para poder derramar mais sangue. Jack sentiu um frio na espinha ao contemplar a expressão em seu rosto.

As súplicas começaram de imediato. Um homem magro e calvo usando óculos quebrados implorou para que sua vida fosse poupada, enquanto uma senhora de cabelos grisalhos perguntou o que os piratas pretendiam fazer com eles. Havia outras seis pessoas na cela além deles: um caçador robusto e barbudo, dois jovens, uma mulher pálida e bonita

em um vestido elegante, apesar de rasgado, um negro de meia-idade que se manteve de pé no fundo do recinto, observando os piratas com um olhar de cautela e inteligência, obviamente elaborando algum plano de ação, e uma menina de no máximo catorze anos com um laço de fita na cabeça.

Jack perscrutou o rosto de todos. Apesar de estarem no mesmo navio, viajando do Alasca para São Francisco a bordo do *Umatilla*, não os reconheceu. Eram estranhos, embora prisioneiros como ele, e sua cabeça fervilhava em busca de uma maneira de ajudá-los. No entanto, em um navio cheio de piratas sanguinários, em pleno oceano, o ensopado era o melhor que podia oferecer – pelo menos por ora.

Parecia muito pouco, mas, quando ele entrou no recinto com a panela, todos avançaram avidamente em sua direção. Alguns pareceram perceber que ele não era um pirata, pois começaram a interrogá-lo. Jack se sentiu envergonhado por não poder responder.

– Ande logo, mestre-cuca – disse Louis, em um tom menos rude do que se poderia esperar.

Contra sua vontade, Jack deixou a panela por lá e se dirigiu para a porta. Quando Louis começou a fechá-la, o caçador rugiu e avançou contra ele, mas o marujo foi mais rápido e acertou um murro na têmpora do grandalhão. Apesar de o caçador ter o dobro de seu tamanho, Louis conseguira nocauteá-lo com um único golpe. Desorientado, o barbudo tentou ficar de pé para uma nova investida, mas Ogro entrou e lhe deu um chute no peito, arremessando-o para cima da mulher de vestido rasgado.

Jack trocou um olhar com o homem de óculos quebrados.

– Sinto muito – ele falou, e a porta se fechou.

Alguns ainda gritaram, mas instantes depois ficaram em silêncio, e Jack sabia que devoravam sem cerimônia o conteúdo da panela.

Tinha certeza de que veria aqueles rostos em seus sonhos naquela noite.

Enquanto Louis trancava as fechaduras, Jack se virou para voltar à cozinha, mas Ogro entrou em seu caminho.

– Que foi? – perguntou Jack, vendo temporariamente o medo que sentia do marujo silencioso superado pela frustração.

Quem respondeu foi Louis: – Você ainda não está liberado – ele

informou, apontando para a porta do meio. – Entre aí na despensa. O suprimento pessoal do capitão fica aí. Você logo vai ver. Faça um prato de frutas e queijos, os melhores que encontrar, e pegue uma garrafa de vinho fino.

Louis e Ogro esperaram no corredor enquanto Jack cumpria o que fora ordenado. Sabine dissera que os dois ficariam trancafiados juntos naquela noite, o que o fez presumir que aquele pequeno banquete retirado do suprimento privativo de Fantasma fosse uma espécie de celebração. Só não sabia qual era a ocasião para tanto. Além das provisões exclusivas do capitão, encontrou uma pilha de pratos de porcelana, num dos quais dispôs os alimentos solicitados.

Com a garrafa de vinho debaixo do braço saiu da despensa, mas outra vez Ogro impediu que ele deixasse o corredor.

– Espere um pouco – disse Louis, e se dirigiu ao compartimento trancado com três cadeados que havia despertado a curiosidade de Jack. Ele destrancou e abriu a porta.

A primeira coisa que Jack notou foi que havia trancas do lado de dentro também.

– Deixe as coisas em cima da mesa – ordenou Louis.

Jack obedeceu, confuso. Ficou surpreso com o que encontrou ali dentro, sem conseguir entender do que se tratava. Era a cabine mais bem decorada do barco, com um leito coberto com uma manta de lã, uma namoradeira, lampiões a óleo e uma prateleira de livros encadernados em couro. A madeira do piso brilhava como se tivesse acabado de ser limpa.

– O que é isto aqui? – ele perguntou, virando-se para Louis. – É uma cabine? Mas de quem?

– Nada de perguntas – respondeu Louis. – São ordens do capitão.

Morrendo de curiosidade, mas ciente de que não obteria nenhuma resposta daqueles dois, Jack pôs a garrafa e o prato sobre a mesa. Durante um bom tempo ficou observando o recinto, até que Ogro perdeu a paciência e fez menção de entrar para buscá-lo. Jack saiu da cabine se perguntando que tipo de segredos o *Larsen* escondia.

A tempestade começou como simples rajadas de vento, como se quisesse testá-los, brincar com eles. As nuvens escuras vinham do sul,

envolvendo-os na escuridão fora de hora, fazendo o sol desaparecer em uma espécie de passe de mágica. Aquela seria uma noite de lua cheia, mas Jack sabia que não a veria. A lua e as estrelas ficariam escondidas.

Enquanto limpava a cozinha depois do jantar, Jack se sentiu incomodado com a quantidade de comida que a tripulação havia deixado nas tigelas. Tinha experimentado o que havia preparado, e estava com o mesmo gosto de tudo o que fazia. Apesar de não gostar muito de repolho, considerou que a carne ensopada estava bem saborosa. *Você não vai querer ver essa tripulação com fome*, Fantasma havia alertado. O refeitório ficou estranhamente silencioso – a calmaria que precede a tempestade.

O fato de eles deixarem tanta comida intocada era frustrante, considerando todo o malabarismo executado mais cedo para dar de comer aos prisioneiros. Por outro lado, Fantasma talvez permitisse que ele servisse outra refeição aos reféns – afinal, o que os tripulantes tinham deixado no prato eram sobras.

Jack juntou o ensopado que restou em uma panela grande, já pensando na melhor maneira de fazer seu pedido. A chuva começou a castigar o convés logo acima enquanto ele lavava tigelas, panelas e bancadas. Finn não se esforçara muito na limpeza em sua época como cozinheiro, e Jack achava que, ainda que esfregasse tudo três vezes por dia durante um mês, não conseguiria remover toda a sujeira. Pelo menos era uma boa maneira de se manter ocupado. Uma *distração*. Durante todo o dia as palavras de Sabine ecoaram em sua mente. Com a tempestade se formando no céu, tornou-se impossível determinar quando a noite de fato chegaria, por isso tentou não pensar a respeito. Como consequência, obviamente não conseguiu pensar em outra coisa. Jack não gostava da ideia de ser trancafiado, mas, se Sabine estivesse junto, ele teria a oportunidade de saber mais sobre Fantasma e sua tripulação.

Cada estalo nas tábuas acima de sua cabeça, ou um ruído fora da cozinha que pudesse indicar passos se aproximando, deixava-o todo tenso e ansioso. O barco subiu e desceu, carregado por uma onda grande, mas dessa vez isso não o perturbou. Tinha outras preocupações em mente.

Quando eles apareceram, não demonstraram nenhuma preocupação em ser discretos. As botas pisotearam os degraus que levavam à cozinha,

e Ogro abaixou sua cabeçorra para entrar, com Louis logo atrás.

– Boa noite, Jack – disse Louis, abrindo seu sorriso com dente de ouro.

– Louis – respondeu Jack, balançando a cabeça. Nenhum dos dois pareceu se importar com a presença intimidadora de Ogro na cozinha.

– Você não vai dormir aqui hoje – informou Louis com seu sotaque francês ainda mais acentuado. Contorceu-se um pouco, como se morresse de vontade de se coçar mas não quisesse fazer isso em público.

– Ah, não? – perguntou Jack, aparentando estar calmo, procurando manter a respiração sob controle. – Vou voltar para o castelo de proa?

Louis deu risada.

– Nada disso. *Non, non, mon ami*. Finn é um péssimo cozinheiro, *c'est vrai*. Mas esta noite você vai passar em outro lugar.

Ogro olhou feio para ele, mas foi a tranquilidade de Louis que fez Jack se mover, não o medo do gigante, que, seguindo à frente dos demais, atravessou a cozinha e o refeitório. Louis foi atrás, tomando a direção da porta anteriormente proibida. Foi quando uma certeza se formou na mente de Jack: sabia para onde estava sendo levado. E não era para a cela dos outros prisioneiros, nem para a despensa onde estava a comida.

Eles o conduziram até a primeira sala, aquela com cadeados de ferro e a porta reforçada com uma chapa metálica. Jack ficou surpreso com a ideia de que a comida que havia deixado na cabine mais cedo era para ele. Enquanto seguia Louis até as entranhas do barco, com Ogro já posicionado às suas costas, seu coração disparou. Respirou fundo para se acalmar, olhando ao redor em busca de algo para usar como arma, com medo de que, caso fosse trancado naquela cabine, jamais saísse de lá com vida. E Sabine, onde estaria?

– Por que tudo isso, Louis? – ele perguntou. O baixinho se virou para ele, e seu dente de ouro reluziu em meio às sombras. Ogro carregava um lampião cuja luz bruxuleava no ar, transformando a silhueta deles em figuras indistintas.

– Sobrevivência, Jack.

– Não entendi.

Louis respirou fundo e com dificuldade. Parecia haver algo errado com ele.

– Chega de perguntas, Jack. Se insistir muito com isso, vai acabar morto. Já está anoitecendo.

Louis se virou com um resmungo baixinho. Soltou um suspiro e se endireitou. Atrás de Jack, Ogro também começou a respirar de maneira estranha, mas logo em seguida soltou outro ruído – uma risada gutural.

– O mais importante são as trancas do lado de dentro – disse Louis. Com certa pressa ele abriu a porta, e a luz lá de dentro vazou para fora. Jack estreitou os olhos, incapaz de enxergar a princípio. Quando a visão se adaptou à luminosidade do ambiente, no entanto, piscou os olhos várias vezes, surpreso.

Sabine estava à sua espera lá dentro, sentada na namoradeira, com os dedos entrelaçados e aparentando preocupação. Ela virou a cabeça para a porta com os olhos brilhando e, quando viu Jack, ficou de pé em um salto, correndo na direção dele.

– Parada aí, mulher! – rugiu Louis, e o terror tomou conta da expressão de Sabine.

A garrafa de vinho e o prato com frutas e queijos que Jack havia retirado horas antes da reserva pessoal do capitão ainda estavam em cima da mesa. Por mais elegante que fosse, aquele lugar era uma cela, preparada pelo próprio prisioneiro.

– Louis? – disse Jack, virando-se para o marujo. – Não estou enten...

Ogro o atingiu no rosto com o punho fechado, arremessando-o para o outro lado da cabine. Chocado e confuso, Jack fez menção de se levantar, mas a porta pesada foi fechada logo em seguida. Ouviu o som dos cadeados sendo acionados do outro lado.

– Sabine – disse Jack, olhando para o rosto pálido dela –, o que é isto? O que eles estão fazendo?

Sabine passou por ele e tomou o cuidado de travar a porta por dentro com trincos, ferrolhos e cadeados, trancafiando-os ali. Depois disso, voltou a sentar na namoradeira, sem olhar para ele. Vários minutos se passaram sem que ela dissesse uma palavra sequer, apesar das tentativas de Jack de iniciar uma conversa. Era como se ela ignorasse sua presença por completo, imersa nos reinos recônditos de sua mente.

Alguma coisa arranhou o lado de fora da porta. Jack prendeu a respiração e ficou tenso, observando. Em seguida chegou mais perto da porta e ouviu o ruído de criaturas atravessando o corredor, bufando e

rosnando como animais. O cheiro de pelagem molhada de repente tornou-se mais forte, e ele soube que o bicho responsável por espalhar aquele odor estava de volta.

– Que diabos é isso? – murmurou Jack.

Do fundo do corredor veio o som de uma porta pesada sendo aberta, as dobradiças rangendo. Por um breve momento, os sons da embarcação – os estalos das tábuas e o impacto do mar contra o casco – pareceram absurdamente altos, e então Jack ouviu um grunhido.

– Ainda não – falou uma voz grave e inumana.

Ele ouviu murmúrios aterrorizados e um homem gritando de susto. Em sua mente ele era capaz de ver o rosto dos prisioneiros do *Umatilla*, e precisou se esforçar para não relacionar aquelas feições aos berros de pavor e aos pedidos de misericórdia.

Mais um grunhido reverberou do lado de fora.

– Ainda... não... – repetiu a mesma voz, que, apesar da similaridade, não era a que havia emitido o grunhido. – Agora! Corram!

Um súbito tropel passou diante da porta, e outro seguiu na direção oposta. “Os prisioneiros estão fugindo!” No fundo, porém, Jack sabia que não era bem isso. Tinha escutado passos pesados sobre a superfície quando o cheiro de animais se tornara ainda mais nítido e, em seguida, um ruído que poderia ser o rosnado de um bicho ou uma risada silenciosa e sinistra.

Aquilo não era uma fuga.

A embarcação inteira parecia estar em compasso de espera. A distância, gritos abafados interromperam o silêncio, e mais passos ressoaram do outro lado da porta, dessa vez sendo possível notar que tinham garras. Um uivo reverberou no ar; tão poderoso, selvagem e familiar que Jack sentiu um frio na espinha.

– Não! – Jack gritou, quase de modo inconsciente. – Parem com isso, seus malditos! Eles não fizeram nada a vocês!

Ele bateu com o punho fechado contra a madeira várias vezes e então se deteve, a respiração ofegante... olhando fixamente para as trancas.

Pegou o ferrolho de uma delas e começou a desarmá-la.

– Jack, pare com isso! – disse Sabine, segurando-o pelos ombros, tentando afastá-lo da porta.

Depois de abrir o trinco, ele se virou para ela e perscrutou seu olhar à procura da verdade que até então havia deixado escapar. Quem era aquela criatura trágica e que tipo de poder Fantasma exercia sobre ela? Poderia ser mesmo amor o que existia entre os dois?

– Me dê as chaves do cadeado – ele pediu.

Um brilho estranho iluminou os olhos dela, e Jack imaginou ter visto um esboço de sorriso antes que o terror voltasse a dominar suas feições.

– Você não pode abrir a porta. Estamos seguros aqui com todas essas fechaduras, mas, se sair ou abrir a porta, viraremos presas fáceis. – Ela soltou uma risada rápida e nervosa. – Presas fáceis.

– Eles estão matando os outros prisioneiros!

Sabine baixou os olhos, como se estivesse envergonhada.

– Você não tem como impedir isso, Jack. O máximo que pode fazer é morrer junto com eles, se quiser. Mas, se abrir essa porta, será responsável pela minha morte também.

Paralisado por essas palavras, Jack tentou pensar em alguma alternativa, algum artifício que lhe permitisse resgatar os prisioneiros sobreviventes – cujos gritos distantes ainda podia ouvir –, mas não havia jeito. Só conseguia pensar nos rostos – do caçador, da mulher com o vestido rasgado, do homem de óculos quebrados e, o que mais lhe causava tormento, da menina com a fita no cabelo.

O terror estava sendo perpetrado ao seu redor a cada segundo que se passava. O uivo dos animais era encoberto pelos gritos humanos de pavor, mas não havia tempo para elaborar um plano inteligente capaz de salvar aquelas vidas. Jack poderia incendiar o barco e tentar escapar com Sabine e os demais sobreviventes nos botes enquanto a tripulação apagava o fogo, porém no fundo ele sabia que era tarde demais para isso. Tudo o que podia fazer era ficar ali trancado, escutando o extermínio brutal de pessoas inocentes.

Jack gritou de raiva e golpeou a porta com os punhos fechados. Depois de longos instantes, trêmulo de raiva e tristeza, fechou o trinco que tinha aberto.

– Sabine... – murmurou. De algum lugar no barco veio um grito de terror, que transmitia uma agonia imensurável... e, depois, silêncio. – O que eles são?

– Você *sabe* o que eles são – ela respondeu baixinho. – É inteligente

demais para não ter percebido, e as pistas estão todas aí. Não venha me dizer que nunca pensou neles como *lobos*.

CAPÍTULO CINCO

LONGE DO CAMPO DE VISÃO

Jack havia lido em algum lugar que, quando a pessoa é privada de um dos sentidos, outro pode ficar mais aguçado, para compensar a perda. Trancado com Sabine naquela estranha cabine – um refúgio inviolável nas entranhas do barco, construído especificamente para proteger seus ocupantes dos perigos existentes do lado de fora –, fechou os olhos e tentou não escutar o massacre.

Pareceu durar uma eternidade, mas tudo devia ter acontecido em alguns poucos minutos. Os passos que ressoavam pela embarcação eram claramente discerníveis: os dos prisioneiros eram desesperados e sem rumo, correndo de um lado para o outro por uma embarcação que não conheciam; os dos lobos eram precisos, metódicos. E velozes. Baques secos e pesados que reverberavam nos ossos de Jack. Ele seguia esses passos com os olhos da mente, e todos terminavam da mesma maneira: com mais um prisioneiro encurralado ou vitimado.

Logo em seguida vinham um grito de terror, de dor, e o estalar de ossos sendo quebrados.

Mesmo de dentro do recinto fechado, Jack conseguia sentir o cheiro de sangue.

Ele e Sabine estavam sentados bem perto um do outro, mas durante aqueles minutos o pensamento de ambos estava distante. Jack se sentia absolutamente só, apesar de ouvir a respiração ofegante e sentir o perfume sutil dela. Pensou em segurar sua mão, mas aquilo não parecia certo. Ela sabia o que estava para acontecer e não tinha feito nada para alertá-lo nem para ajudar as pessoas trancadas naquela cela como coelhos engaiolados esperando para fazer a diversão daqueles cães de caça.



Jack fechou os olhos e tentou não escutar o massacre.

E, o pior de tudo, caso ela fosse mesmo uma vidente e tivesse se valido de seu dom para guiar o *Larsen* até o *Umatilla*, isso significava que tinha participação direta nos assassinatos que Jack testemunhava sem ver, mas que de certa forma eram ainda piores em sua imaginação.

Era algo surreal se ver sentado sem poder fazer nada, oscilando ao ritmo do Pacífico, enquanto ao redor ouvia sons de perseguição e assassinato. Jack sentia-se no centro dos acontecimentos, mas sem estar no foco. Era como se fosse um observador imparcial do fluxo da vida, uma pedra parada no meio de um rio de caos. Em algum momento precisaria se mexer.

Quando a correria e a gritaria cessaram, os uivos recomeçaram. Havia mais de um – alguns mais próximos, outros mais distantes –, e o tom era de triunfo. Os pelos dos braços e da nuca de Jack se arrepiaram. Ele abriu os olhos, pois a luz reveladora do ambiente parecia preferível à escuridão atrás das pálpebras. O barco subia e descia, e ele se perguntou quem poderia estar no leme e vigiando as velas para garantir que o *Larsen* se mantivesse em sua rota.

Obviamente a resposta era *ninguém*. As únicas pessoas normais – os seres humanos – a bordo estavam naquela cabine, ou então tombadas pelo convés, estraçalhadas, com as entranhas sendo devoradas por monstros transformados pela lua.

– Nem mesmo *nós* somos normais – ele murmurou.

Sentiu a mão de Sabine em seu braço, e foi como receber uma descarga elétrica. Jack teve um sobressalto.

– Calma – ela falou, segurando-o com mais força.

– Não! – disse Jack, e se afastou. – Você não é normal.

– Eu não sou como eles! – ela garantiu, apontando para a porta.

– Não foi isso que eu falei. O que eu quis dizer foi... – Jack sacudiu a cabeça, sentindo-se incapaz de verbalizar o que pensava.

– Eles são monstros – completou Sabine. – Você já conversou sobre animais com Fantasma, não foi? Ele não para de falar sobre a nobreza dos bichos, a simplicidade magnífica das criaturas selvagens. Mas essas coisas, esses lobos, não são animais. São criaturas inferiores.

– Não é essa a opinião de Fantasma.

– Fantasma tem mania de grandeza – ironizou Sabine.

– Por que você colabora com eles? – Jack quis saber. Ficou apreensivo

ao fazer a pergunta, porque precisava de uma resposta que fizesse sentido. Sabine era linda e o havia encantado com sua beleza e sua tristeza. Mas seria ela apenas uma espécie diferente de monstro? – É por causa de Fantasma? Você é apaixonada por ele?

– Jack – ela falou, e seus olhos pareceram mais angustiados que nunca –, como pode me comparar com eles?

– Não foi isso...

– Pelo seu tom de voz, foi, sim. Foi uma acusação.

– Não – ele insistiu, segurando o braço dela. – Mas preciso entender.

– Os outros passageiros do seu navio estão mortos – ela sussurrou. – A noite está só começando, e não acho que todos eles já estão alimentados. Geralmente isso não basta para satisfazê-los. O bando é numeroso, e as presas são escassas. Ou seja, temos uma noite bem longa pela frente.

– Estamos a salvo? – perguntou Jack.

Sabine soltou uma risada nervosa.

– Desde que a porta fique fechada...

Ela ficou em silêncio, olhando para as próprias mãos.

– Que foi?

– Geralmente eles me deixam aqui sozinha – disse ela.

Jack não demorou a entender o que ela queria dizer com aquilo.

– Mas agora estou aqui com você – ele completou, olhando para a porta. Podia ouvir o estalo das tábuas e o barulho do mar se chocando contra o casco da embarcação.

– Não tenho escolha – afirmou Sabine. – Você entende, não é? Se eu não tivesse nenhuma utilidade para Fantasma não estaria aqui, e o sangue derramado no convés seria o meu.

Jack refletiu por um instante. Queria ser justo. Consciencioso. Racional. Mas, se não fosse o dom de Sabine, ele ainda estaria a bordo do *Umatilla*, quase chegando em casa, e aqueles que tinham sido mortos ao alcance de seus ouvidos – dilacerados por criaturas grotescas, devorados por *lobisomens* – ainda estariam vivos.

– As pessoas fazem suas próprias escolhas – ele respondeu.

– Não! – gritou Sabine. – Às vezes as escolhas fogem do nosso controle, e não podemos fazer nada para mudar isso.

– Mas você não pode reagir?

– Reagir? – ela rebateu. – Não tenho forças para isso. Consigo localizar coisas e ver os mapas como se enxergasse o próprio lugar que ele representa... Como se observasse tudo lá do alto. Mas não sou uma guerreira. – Ela apontou para a porta, referindo-se ao que acontecia do lado de fora. – Não sou uma assassina.

– Você pode desafiá-los – insistiu Jack. Tentava incitar sua raiva, mas a vulnerabilidade de Sabine não permitia. A força dela era inegável, mas parecia estar escondida, ou talvez aprisionada, sob uma barreira de segredos. Jack só queria que ela se abrisse com ele.

– Não posso. Preciso fazer o que Fantasma manda.

Jack passou os olhos pela cabine, que tinha sido projetada para oferecer conforto além de segurança, com superfícies estofadas, lampiões a óleo, um leito com cobertores e um banheiro com cortina. “É uma cabine individual”, pensou, sentindo o perfume sutil de Sabine, sentindo o calor de sua pele.

– Quanto tempo ainda temos que ficar aqui? – ele perguntou.

– Até o dia clarear.

– Eles vão voltar ao normal quando amanhecer?

– Provavelmente.

Jack voltou a olhar para ela e sentiu o coração disparar, como de costume. Não era capaz de culpá-la, nem de desprezá-la, porque seu sofrimento era óbvio e evidente. Sua condição de prisioneira era ainda mais flagrante que a dele. E com que moral Jack ousava julgá-la, aliás? Já havia testemunhado aquele tipo de violência antes, quando fora exposto à natureza daqueles piratas, e também não tinha feito nada além de engolir a raiva e controlar seu comportamento para não desagradar a Fantasma... e se manter vivo. Qual era a diferença entre ele e Sabine?

– Provavelmente? – questionou ele.

– A lua cheia tem um efeito poderoso sobre eles – ela contou. – Por uma noite eles não têm escolha, a não ser revelar sua fera interior. Mas no restante do tempo são capazes de controlar a transformação.

Jack ficou olhando para ela.

– Eles podem se transformar quando quiserem?

Sabine confirmou com um aceno de cabeça.

– De dia ou de noite, quando desejarem. Mas quase nunca se

transformam sem um motivo. Louis me contou que é um processo doloroso.

Jack se levantou e foi até o prato deixado sobre a mesa. Lembrou-se de quando os piratas tinham invadido o *Umatilla*. Eram homens normais, mas com força e agilidade sobrenaturais. Não eram exatamente lobos. Não eram animais. Jack tentou imaginá-los lá fora naquele momento, rondando o barco ou destroçando os ossos das pessoas com quem ele havia conversado e esperava poder resgatar.

Virou-se para Sabine. Seus olhos estavam voltados para baixo, e as mãos, fechadas em cima do colo, os dedos pálidos de tanta força que fazia.

– E quanto a você? – ele perguntou.

Sabine ergueu a cabeça, e ele viu a raiva estampada no rosto dela.

– Já disse, Jack. Não dá para me comparar com *eles*.

– Desculpe – ele falou, experimentando alguns pedaços de queijo e frutas e achando tudo muito saboroso. Jack levou o prato para Sabine e sentou-se novamente. Por algum motivo sentia-se mais seguro a seu lado.

– Quando eles se transformam por vontade própria, conseguem manter certo nível de controle. Ainda assim... é terrível, mas pelo menos conseguem manter a consciência. Os sentidos ficam mais apurados, e a brutalidade se torna dez vezes maior.

– Não consigo nem imaginar isso.

– É melhor nem tentar – garantiu ela. – Mas na lua cheia a transformação é total, e eles não conseguem se controlar. É nesse momento que se tornam animais de verdade, movidos apenas pelos instintos primitivos de caçar e comer.

– E é por isso que pegam prisioneiros dos navios que atacam.

– Sim. Para se alimentarem e, também, por diversão.

– Não chega a ser exatamente uma caçada perseguir pessoas em um barco pequeno como este.

– Às vezes eles estão aportados em alguma ilha na lua cheia. Se o lugar for habitado, a população local sofre.

– E é você quem diz onde ficam essas ilhas?

Sabine olhou fixamente para Jack, que de repente se sentiu como uma

criança ao lado de uma mulher adulta. O sorriso que ela exibiu foi inesperado, porém bem-vindo, apesar da tristeza estampada em seu rosto.

– Não, Jack – ela respondeu. – Para isso, Fantasma tem seus próprios mapas.

Alguma coisa se moveu do lado de fora – ele ouviu algo sendo puxado e arrastado. “Não é barulho de onda contra o casco”, Jack pensou e, logo em seguida, escutou um rosnado grave, quase inaudível.

– Árvore – Sabine murmurou em seu ouvido, e Jack teve um sobressalto. Jamais tinha experimentado uma proximidade assim tão grande com ela.

O rosnado persistiu, e algo encostou na porta. Não era possível perceber se estava em movimento, mas Jack sabia que a porta estava sendo empurrada – os trincos estavam claramente sob pressão.

– Será que ele consegue? – perguntou Jack, virando-se para Sabine, e os dois ficaram cara a cara. Só o que ele via eram os olhos dela, tão próximos que eram capazes de narrar toda uma nova história. Notou neles um sentimento de culpa, além de diversas outras emoções que não conseguiu interpretar.

– Não – murmurou ela. Ele sentiu o calor do seu hálito. – Sozinho, não.

Afastaram-se um pouco e permaneceram em silêncio até que a criatura fosse embora. Jack não podia nem imaginar em que tipo de lobisomem Árvore se transformaria.

Os passos ressoavam ao longe, e ouviu-se um rugido no convés. Em alguma outra parte do barco – no castelo de proa, ele pensou, apesar de estar um tanto confuso quanto à direção exata – alguém gritou no que pareceu ser uma demonstração de raiva.

– Alguém sobreviveu! – ele falou, levantando-se da cadeira. Inclinou a cabeça para um lado e depois para o outro, tentando determinar de onde tinha vindo o grito.

Um tropel de passos ressoou logo acima. Um uivo se elevou no ar, alto e assustador, fazendo tremer as paredes de madeira. E então ouviram outro grito, dessa vez de dor.

– Ninguém sobrevive, a não ser que os lobos permitam – esclareceu Sabine. – Vamos comer, Jack. E beber um pouco de vinho. Vai ser uma

noite bem longa.

Jack foi até a porta e ficou parado ali perto, mas sem tocá-la. Temia que esse contato denunciasse sua presença a quem estivesse do outro lado. Alguma coisa poderia estar à sua espera por ali. “Talvez tenham montado guarda”, pensou, sentindo a presença de Sabine atrás de si.

Depois de alguns momentos de silêncio, interrompido apenas pelo ranger da embarcação e pelo choque das ondas contra o casco, um uivo rasgou a noite. Franzindo a testa, Jack se virou para Sabine em busca de uma explicação.

– Ainda estão com fome – ela murmurou, a voz embargada pelo horror das palavras que proferia. – Queriam levar mais gente do navio, mas Fantasma os apressou, para poderem levar você.

– Essa é uma coisa que ainda não entendo – disse Jack.

– Acho que ele o vê como uma espécie de teste – contou Sabine. – Eles são lobos, mas também são homens, e Fantasma considera os humanos fracos. Quer eliminar todo e qualquer vestígio de humanidade que ainda resta nele.

– Então ele está me mantendo vivo como uma espécie de lembrete?

– Acho que esse é um dos motivos.

– Pensei que ele quisesse me converter à sua filosofia – rebateu Jack.

– Que me encarasse como uma espécie de desafio.

– Pode ser isso também. Mas, se a ideia fosse apenas que você se transformasse em alguém como ele, existem maneiras muito mais fáceis e garantidas de fazer isso – argumentou Sabine.

Jack sentiu um frio na espinha ao ouvir aquilo. Preferia morrer a ter que viver como um bicho. Por outro lado, se quisesse escapar daquela situação, precisaria aprender tudo o que pudesse a respeito dos lobos e de Fantasma.

– Você disse que eles ainda estavam com fome. Estamos navegando na direção de outro alvo, não é? Mais um navio para atacar e roubar.

– Sim.

Jack deu as costas para a porta, tentando surpreendê-la enquanto ela o observava, desejando descobrir como ela o encarava, o que pensava dele, e pegá-la de surpresa poderia revelar tudo isso e muito mais. O mistério de Sabine, porém, permaneceu inviolável. Ela olhava para Jack de maneira cautelosa. Apesar disso, sua tristeza era indisfarçável. A

situação em que se encontrava era um peso terrível sobre suas costas.

– Precisamos sair deste barco.

– E você acha que eu nunca tentei?

– Não sei – ele falou.

– Jack... meu caro Jack. – Ela sacudiu a cabeça em discordância. – Vamos beber um pouco de vinho.

– Qual é o alvo desta vez?

– Um navio que saiu de São Francisco rumo ao Japão, com vários americanos ricos a bordo e um empresário japonês que fez fortuna no ramo de gráficas e jornais. Ele está voltando para casa trazendo todo o seu dinheiro e bens de valor. Ele tem... – Ela franziu a testa. – Vi ouro, e também diamantes.

– E eles se importam com essas coisas? Não estão só procurando por... vítimas? – Jack perguntou, lembrando-se de histórias de embarcações como o bergantim *Mary Celeste*, encontrado à deriva sem ninguém a bordo, e colônias como a ilha Roanoke, cuja população simplesmente havia desaparecido.

– Não se engane – respondeu Sabine. – São um grupo de predadores, a caçada é uma coisa de grande importância, mas nem por isso deixam de ser piratas. Não é só uma fachada para esconder o lado animal. Eles são as duas coisas. Fantasma reuniu sua tripulação, seu bando, com um objetivo bem claro. Pelo que pude descobrir, eram todos ladrões e bandidos, mesmo antes de serem mordidos e transformados. Eles *precisam* caçar, todos têm esse instinto, mas a verdadeira motivação é o ouro. Esse é o verdadeiro amor de todos eles.

– Por quê? – questionou Jack. – Para que essas criaturas precisam de dinheiro?

A expressão de Sabine se tornou ainda mais séria.

– Para usar quando estão em terra. Eles pegam o que lucram com a pirataria e, quando aportam em algum lugar, gastam tudo da maneira mais extravagante e absurda, se as histórias que ouvi forem verdadeiras. Mas a divisão das riquezas não é feita por igual.

Jack se virou para ela, surpreso.

– Ah, não? E isso não cria animosidade entre eles?

– Claro que sim. Mas, como todo bando, eles têm sua hierarquia.

Jack se lembrou dos cães puxadores de trenó que vira brigar em Yukon e entendeu do que ela falava. Toda matilha tinha seu líder, a quem os demais ofereciam a própria garganta em sinal de subserviência, e havia também certa ordem de primazia entre eles. Quando se alimentavam, o indivíduo que gozava de menor prestígio ficava apenas com os restos. Concluiu que, depois daquele dia, Finn havia ido para o final da fila na hierarquia do *Larsen*. Aparentemente significava também que ficaria com a menor parte do lucro, o que decerto o deixaria furioso.

– E nesse outro navio? – ele continuou. – Quantas pessoas eles vão matar?

Incomodada e talvez até envergonhada, Sabine desviou o olhar.

– Jack, por favor.

– Homens, mulheres, crianças? Imagine o pavor de uma criança... sendo assassinada por um *deles*.

– Jack! – ela falou, e seu tom era de súplica e desespero. – Você não faz ideia de como eu me sinto por ter que fazer isso. Mas não posso dizer não a ele.

– Está apaixonada por ele?

– Não! – gritou Sabine. – Eu vejo o jeito como ele olha para mim, mas não.

– Então por quê? Tem algo que você não quer me contar. Até a morte deve ser melhor que esta vida, indicando o caminho entre um massacre e outro.

– Você não entende – ela falou, e sua voz estava trêmula de emoção.

– Então me *explique*!

Sabine foi até a mesa onde estavam as comidas e o vinho. Encheu uma taça para Jack. Quando sentiu aquele aroma frutado, ele não resistiu. Era um dos melhores vinhos que já tinha provado. Perguntou-se de onde Fantasma o teria roubado.

Sentaram-se lado a lado de novo para comer e beber. “Preciso descobrir o que ela está escondendo”, ele pensou. Jack não sairia daquele barco sem Sabine – a ideia de deixá-la à mercê da brutalidade de Fantasma era inconcebível. Ela estava arrependida e sufocada pela culpa; era uma vítima trágica dos lobos como qualquer outra, se não mais. Além disso, havia algo nela que o atraía de maneira irresistível...

Era uma coisa que havia sentido desde a primeira vez que a tinha

visto, mas para cujo significado ainda não havia encontrado uma palavra adequada.

– Um dia você ainda vai me contar – ele falou.

– Se eu fizer isso, você está morto.

– Já morri antes – respondeu Jack.

Ele sentiu o olhar de Sabine sobre si, porém manteve a atenção voltada para a porta fechada, sua única proteção contra os horrores a bordo.

A movimentação do barco era tranquilizadora, mas o som de passos no convés e nos corredores bem como os uivos dos lobisomens para a lua eram de tirar o sono.

Quando a maçaneta da porta rangeu ao ser acionada, Jack abriu os olhos.

Sentiu-se confuso por um momento, o coração disparado dentro do peito. Foi preciso fazer um esforço para se localizar enquanto acordava – “Estou no mar; Fantasma está me testando; eles são assassinos, monstros, lobisomens; eu sou Jack London” –, porém isso tudo acabou perdendo importância diante de um fato surpreendente.

Seu rosto estava afundado nos cabelos de outra pessoa. Seu braço envolvia algo que se mexia e emanava o calor de um ser vivo. A luz do lampião a óleo bruxuleou quando a porta se abriu atrás dele, agitada pela brisa do mar.

– Sabine – Jack murmurou, rolando para longe dela na cama e caindo no chão. Bateu a cabeça e viu estrelas de dor. Sua visão se restabeleceu em um segundo ou dois, e nesse meio-tempo Sabine sentou no catre e se voltou para o outro lado da cabine.

“O que será que vou ver quando me virar para lá?”, Jack pensou. Já havia encarado monstros antes, mas mesmo assim estava com medo. Ainda havia esperança, e ele estava disposto a lutar até que...

– Seu desastrado! – A voz de Fantasma reverberou no recinto. Ele soltou uma gargalhada um tanto rouca, como se tivesse algo entalado em sua garganta.

Jack sentou e se apoiou contra o leito, olhando para fora pela porta aberta. A luz do dia já se fazia visível, filtrada pelas grades do corredor. Ainda assim era uma luminosidade distinta, que não podia ser

confundida com uma luz artificial.

Havia dormido a noite toda. Uma garrafa rolou pelo chão, empurrada pelo leve balanço do navio. Havia uma mancha de vinho no piso, e Jack se lembrou de que ele e Sabine tinham bebido quase a garrafa toda e comido as frutas e os queijos antes de caírem, exaustos, na cama. Ele não se lembrava de tê-la abraçado, mas isso poderia ter acontecido durante o sono. Jack se perguntou se ela teria notado a proximidade dele.

Fantasma estava parado diante da porta. O olhar se alternava entre Jack e Sabine. Era a primeira vez que Jack via o desgraçado sorrir daquela maneira. Normalmente sua diversão se dava à custa do sofrimento dos outros, mas pelo menos era algo sincero. Aquele sorriso era falso, tenso e amarelo, destinado a esconder seu descontentamento ao surpreendê-los em um momento de intimidade. Apesar de sua filosofia de vida e da monstruosidade inerente à sua espécie, Fantasma tinha sentimentos e, bem ou mal, demonstrava isso.

O capitão usava apenas uma calça rasgada. O peito e os ombros eram largos, musculosos e peludos, e havia manchas de sangue em seu tronco, queixo e pescoço. Jack fechou os olhos e virou a cabeça para o outro lado.

– A tripulação precisa tomar o café da manhã, jovem Jack.

– Vocês já não comeram o suficiente?

O sorriso do capitão se tornou menos tenso, mais verdadeiro. Falar sobre selvagerias era mais confortável que conversar sobre o sentimento de mágoa que ele se esforçava para esconder – talvez até de si mesmo.

– Comida nunca é suficiente – ele respondeu. – Você e a senhorita Sabine passaram bem a noite, imagino.

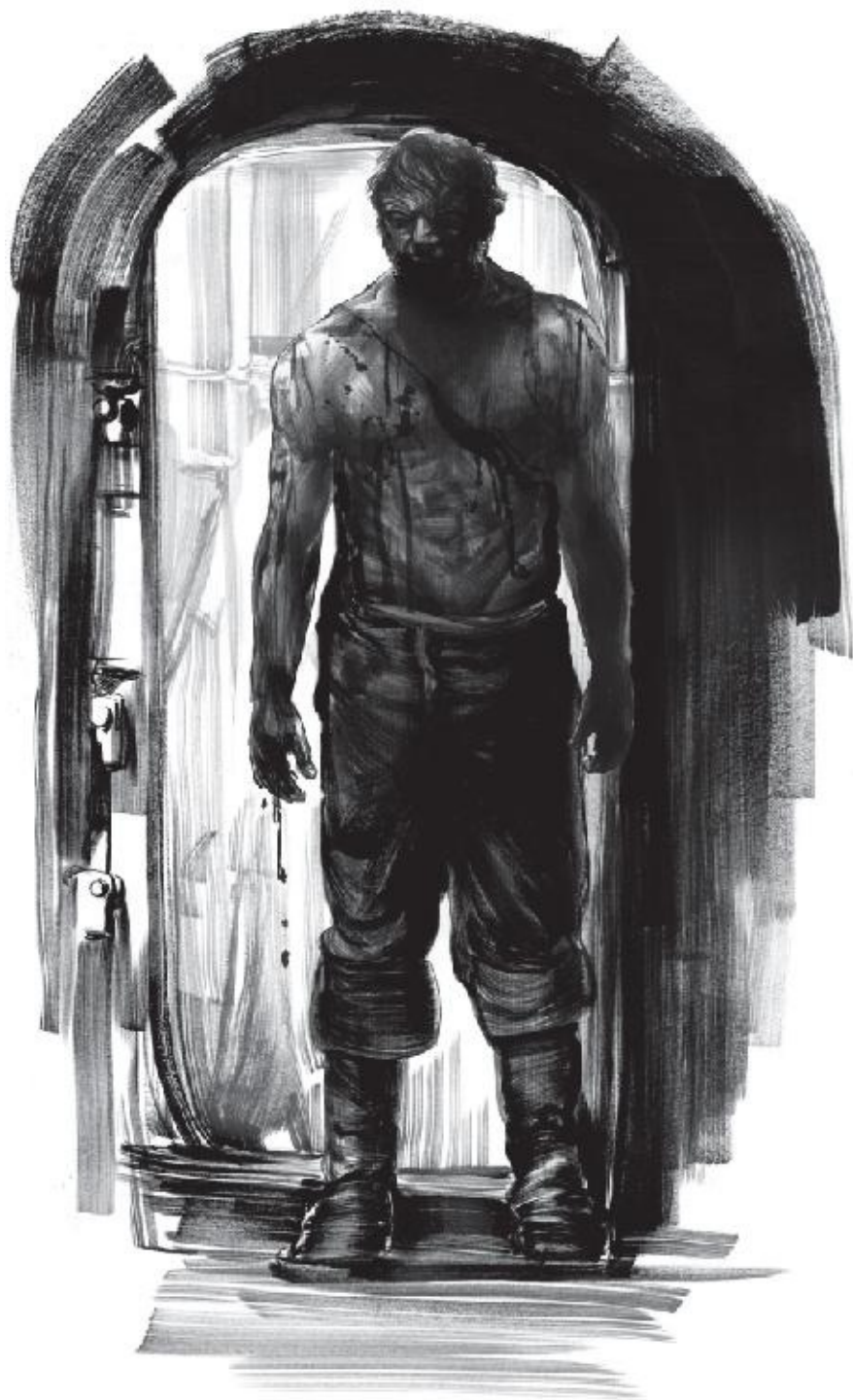
– Muito bem – garantiu Jack.

Ouviu Sabine suspirar, talvez se lembrando subitamente de que os dois tinham dividido a mesma cama.

Assim que fechou a boca, Jack se deu conta de que havia cometido um erro ao reforçar a impressão de intimidade transmitida pela posição em que Fantasma os tinha encontrado. Precisava ser mais cauteloso. Não importavam os sentimentos de Sabine em relação ao capitão do *Larsen* – sobre os quais Jack ainda não tinha certeza –; era visível que Fantasma exercia algum poder sobre ela.

O capitão olhou ao redor e viu a garrafa vazia e o prato contendo

apenas migalhas. Algo em sua postura desagradava profundamente a Jack – o ar despreocupado, o fato de não se importar em disfarçar sua verdadeira natureza. A arrogância de Fantasma era incongruente com a inteligência que tentava exhibir, um egocentrismo que o fazia sempre ter certeza de que estava certo.



– Ah, e Jack... tem alguns pedaços de carne na cozinha que precisam ser salgados e conservados.

Sabine se levantou e caminhou na direção dele.

– Preciso voltar a rastrear o *Weyden* – anunciou. – Tive uns sonhos à noite... Estou com a sensação de que ele pode ter mudado de rota.

– Então é melhor verificar também a nossa rota – disse Fantasma.

– Vou precisar examinar suas cartas náuticas.

Ela estava diante de Fantasma, olhando-o. O capitão deu uma espiada em Jack por cima do ombro.

Jack sentou-se no leito, tentando disfarçar a tensão que sentia por todo o corpo. “Não aconteceu nada entre nós”, pensou, e por muito pouco não disse isso em voz alta. No entanto, considerou que o incômodo que conseguira detectar no olhar do capitão algum dia ainda poderia ser usado a seu favor.

Fantasma estava enciumado.

– Muito bem – disse o capitão. – Vamos passar esta manhã na minha cabine. Quanto a você, jovem Jack... prepare o café para os homens e limpe toda e qualquer sujeira que encontrar a bordo. – Sorriu e se virou para ir embora, mas antes se lembrou de um último recado. – Ah, e Jack... tem alguns pedaços de carne na cozinha que precisam ser salgados e conservados. Um suprimento especial que separei.

Fantasma se virou para sair da cabine e fez um gesto com a mão para que Sabine o acompanhasse. Jack sentiu um cheiro mais condizente com o corpo humano do capitão: um odor de suor, mas com um toque animalesco. O sangue em seu queixo começava a coagular, e havia algo preso em seus dentes.

Depois que Sabine passou por ele, o sorriso de Fantasma se manteve, porém parecia mais tenso, mais rígido. Mais forçado.

– Todo cuidado é pouco hoje, Jack – avisou Fantasma. – No mar não existe perdão.

Kelly e Vukovich estavam sentados sem roupa no refeitório, cobertos de sangue, limpando o rosto e o corpo com panos úmidos e imundos. Vukovich olhou para Jack sem esboçar nenhuma reação, desconsiderando por completo sua presença. Kelly nem se deu ao trabalho de virar a cabeça; limitou-se a continuar limpando o sangue do pescoço, esfregando o pano da esquerda para a direita. Parecia estar em uma espécie de transe.

O cheiro de pelagem molhada estava mais forte do que nunca, provocando ânsia de vômito em Jack. Atrás dele havia a escada que levava ao convés, mas a cozinha ficava do outro lado do refeitório, e era para lá que Fantasma o havia mandado. Talvez já tivesse abusado o suficiente da sorte naquela manhã.

A noite seguinte de lua cheia seria dali a um mês, e de repente aquelas semanas lhe pareceram as mais importantes de sua vida. Tinha certeza de que estaria do outro lado da porta quando a tripulação se transformasse de novo. Seria uma contagem regressiva para a fuga ou o fracasso, e nas mãos daquelas criaturas o fracasso só poderia significar uma coisa.

– Você precisa limpar – falou Vukovich, e foi a primeira vez que Jack o ouviu dizer alguma coisa com seu sotaque do Leste Europeu. Ele apontava para algo debaixo da mesa do refeitório.

Jack fez um gesto afirmativo e se agachou, e pelo cheiro logo soube o que iria encontrar ali. “É só carne, mais nada”, pensou. “Só restos de carne.” Ajoelhado sob a mesa, torceu para não encontrar nenhuma parte reconhecível de um corpo humano.

– Vou precisar de um balde e de um esfregão – falou, virando-se para Vukovich. O homem assentiu com a cabeça e sorriu, mostrando dentes grandes demais para sua boca. Kelly continuou se limpando, da esquerda para a direita. A princípio, Jack imaginou que ele ainda estivesse impactado pela dor da transformação ou traumatizado pelo horror de suas ações, mas daquele ângulo era possível ver os olhos do homem. Ele parecia quase em êxtase.

Jack saiu na direção da passagem que levava à cozinha e, mais adiante, às cabines. “Será que ela está lá agora?”, perguntou-se, olhando para a porta fechada da cabine de Fantasma. No entanto, aquele não era o momento para descobrir isso. O ar dentro da embarcação estava pesado, e a bonança em meio à tempestade poderia muito bem acabar a qualquer momento. O melhor lugar para ele àquela altura era o mais longe possível dos demais.

Entrou na cozinha já prevendo o estado em que encontraria a bancada de madeira. Depois de salgar e armazenar a carne, ele precisaria esfregar tudo de novo.

“É só carne”, ele pensava enquanto trabalhava, e durante toda a

manhã repetiu esse refrão, limpando os conveses com o esfregão, recolhendo os pedaços de roupas, descartando balde após balde de água no mar e deixando um rastro de sangue no oceano atrás de si, atraindo tubarões que procuravam pelos parcos restos deixados pelos lobisomens. “É só carne... é só carne...”

Jack exigiu um bocado de si mesmo a fim de encontrar a frieza necessária para lidar com aquele horror e redimir sua consciência. Sem isso, com certeza entraria em colapso. Naquele momento, porém, não podia nem pensar em perder o controle; não se quisesse sobreviver e salvar também a vida de Sabine.

Os piratas só se vestiram de novo perto do fim da manhã. Árvore ficou encostado na balaustrada até quase o meio-dia, totalmente nu, a barriga inchada depois de tudo o que havia ingerido na noite anterior. O convés ao redor dele estava todo marcado por arranhões profundos, e suas mãos sangravam. Talvez tivesse tentado capturar algo, ou então se tratava de algum tipo de movimento instintivo. “Como afiar as garras”, pensou Jack. Quando passou por lá de novo, Árvore já tinha saído.

A maioria das roupas que Jack recolheu pelo navio – rasgadas, ensanguentadas e destruídas – pertencia aos piratas, mas não todas. Havia um paletó elegante também, que jamais imaginaria pertencer a um dos homens de Fantasma, com um rasgo enorme nas costas e manchado de sangue. Encontrou ainda sapatos de couro e, enganchados na balaustrada da popa, dois terços de um vestido de mulher. Por um instante alimentou a esperança de que ela pudesse ter se atirado no oceano e se afogado, uma morte bem menos violenta que a de seus companheiros de viagem. No entanto, quando viu que na manga do vestido ainda havia um braço, teve de controlar a náusea ao jogá-lo no mar.

Jack ficou parado na popa por um tempo, observando o vestido boiar na água até sumir de seu campo de visão e afundar nas profundezas, de onde nunca mais sairia. Assim como sua dona, aquela peça de roupa havia desaparecido no mundo.

Quem estava no leme era Louis. Jack passou por ele a caminho dos conveses inferiores. Ele se virou para o pirata instintivamente, sem saber o que iria dizer.

– Não queira falar sobre esse assunto, *mon ami* – avisou Louis.

– Vocês são monstros!

Louis olhou além da proa, para o que quer que o futuro lhes reservasse.

– Todos vocês – continuou Jack, deixando bem clara sua repulsa, talvez por considerar Louis o mais próximo de um amigo que poderia ter tido naquela tripulação, ou talvez porque já estivesse farto de tudo o que tinha visto. Mesmo com os olhos fechados, só conseguia pensar em sangue. – Monstros, animais. E mesmo assim vocês continuam navegando e...

– Não queira falar sobre esse assunto, *mon ami* – repetiu Louis, dessa vez de forma mais áspera. Ele deu uma encarada em Jack, e seus olhos pareciam tão implacáveis quanto os de qualquer outro pirata.

Quando desceu novamente, Jack se recordou das informações que Sabine fornecera durante a longa noite anterior. *De dia ou de noite, quando desejarem. Mas quase nunca se transformam sem um motivo.* Ele preparou a quantidade habitual de comida naquele dia. A última coisa que desejava era que algum marujo ficasse com fome.

CAPÍTULO SEIS

O HOMEM DE DUAS FACES

Enquanto trabalhava sozinho na limpeza da cozinha, Jack começou a pensar que àquela altura poderia estar mais bem preparado. Deveria ter aproveitado melhor a noite anterior a sós com Sabine, ter feito mais perguntas sobre Fantasma e sua tripulação, elaborado mapas mentais de seus padrões de movimentação, procurado por pontos fracos, tentado bolar um plano para escapar daquela barca do inferno. Em vez disso, tinha ficado tão atônito com as revelações feitas por ela que enchera a barriga com a comida e o vinho que o capitão providenciara – como se eles fossem animais de estimação – e caíra no sono, aturdido pelo choque.

– Apenas dormi – falou, como se verbalizando a verdade fosse possível torná-la mais aceitável. Mas não era. Havia se dedicado ao descanso enquanto o sangue de pessoas inocentes se infiltrava entre as tábuas dos conveses e coagulava à luz da lua e monstros inumanos rondavam a embarcação às escuras.

Largou a escova de aço e se encostou na parede.

– Já está tudo limpo? – perguntou Fantasma.

Jack se sobressaltou. Era a primeira vez que via o capitão desde aquela manhã. Ele estava parado à porta, silencioso como seu apelido sugeria, embora a presença dele, como sempre, monopolizasse as atenções. Fantasma transmitia uma sensação de autoridade que obrigava todos a orbitar a seu redor. Às vezes até mesmo Jack era atraído por essa força gravitacional, mas naquele dia não conseguia sentir nada além de repulsa.

– Passei o dia inteiro limpando sangue – Jack falou com amargura.

– A carne está salgada e armazenada?

– Carne... – Jack estava trêmulo, sentindo a raiva e o pavor se misturarem dentro de si.

Fantasma piscou discretamente enquanto esperava que Jack prosseguisse. “Ele está percebendo minha raiva”, pensou Jack. “E farejando meu medo.” Jack desviou os olhos e respondeu com um aceno de cabeça.

– Muito bem – disse o capitão.

– Onde está Sabine?

– Estamos na rota de uma tempestade – informou Fantasma, ignorando a pergunta. – A coisa pode ficar feia. Mas mesmo assim meus homens precisam se alimentar.

O ciúme do capitão estava escondido sob uma máscara de tranquilidade, assim como sua natureza lupina se ocultava atrás do rosto de um homem.

– Ela não fez nada de errado – disse Jack. – Nós... não fizemos nada...

Uma sensação de frieza se abateu sobre seu coração. Afinal, como esperar algum tipo de compreensão daquele monstro?

– Então sobre o que vocês conversaram a noite toda? – questionou o capitão.

– Fui avisado para não falar nada a respeito de ontem à noite.

– Por quem?

– Louis.

Mais tarde Jack voltaria a pensar sobre esse momento antes do ataque, da explosão de raiva, e se tinha havido algum sinal do que estava prestes a acontecer. Mas não houvera nenhuma pista. Era como se as verdadeiras intenções de Fantasma ficassem escondidas no fundo de seu ser, orientando e guiando suas ações a partir das sombras, talvez com medo de se revelarem por inteiro.

O capitão atravessou a cozinha em um salto, passando da imobilidade para o bote em um piscar de olhos. Parecia um movimento natural – ele avançou quase sem tocar o chão, e quando Jack se deu conta a mão dele já envolvia sua garganta. Fantasma o levantou do chão e o prensou contra a parede, derrubando as panelas e as colheres dos ganchos. Apesar de esguio, o corpo de Jack era firme e musculoso, mas, para Fantasma, suspendê-lo não parecia requerer nenhum esforço. A única coisa que se via em seu rosto era uma fúria inflamada.

– Este barco é *meu*! – ele rosnou com uma voz gutural, como o grunhido de um bicho. – Entendeu bem? Não me interessa o que Louis

falou. Ele não manda aqui. Ele pertence a mim. E você... você deve obediência a *mim* e a mais ninguém.

Jack estava impossibilitado de falar. A mão de Fantasma apertava com força sua garganta, produzindo uma dor excruciante. Pequenos pontos pretos começaram a aparecer em seu campo de visão quando o ar parou de chegar a seus pulmões. “Vou morrer”, ele pensou, mas por algum motivo aquela ideia pareceu descabida, uma possibilidade remota. Pensou em enfiar os dedos nos olhos de Fantasma, em chutá-lo no meio das pernas, golpeá-lo no pescoço... mas no fundo sabia que nada disso deteria aquele monstro. Sua força era descomunal, e sua brutalidade, desumana. Talvez não fosse sequer capaz de sentir dor.

Sem ter como reagir, Jack espalmou as duas mãos contra a parede da cozinha.

– Você... *entendeu?* – insistiu Fantasma, chegando mais perto. Jack conseguiu respirar por um breve instante, mas logo se arrependeu. O hálito de Fantasma recendia a carne podre e tabaco, e Jack precisou se segurar para não vomitar. Aquele ar pestilento se instalou diretamente em seus pulmões.

Jack assentiu com a cabeça, pressionando o queixo contra a mão gigantesca do capitão, e piscou os olhos para mostrar que havia compreendido.

Fantasma o soltou, e Jack desabou sobre o chão, levando a mão à garganta e tentando não sufocar ao puxar o ar com força. Não adiantou nada, e teve que inspirar e expirar várias vezes até sua garganta se abrir outra vez, enquanto Fantasma se afastava até a porta. Pela expressão no rosto do capitão, percebeu que sua atitude não havia sido encarada como um ato de fraqueza. Sua demonstração de dor era exatamente o que Fantasma queria: um reconhecimento de quem estava ali em condição de superioridade. Apesar da dor que sentia, Jack aos poucos foi recomeçando a respirar normalmente, sem se arriscar a olhar para Fantasma.

– Sobre o que você conversou a noite toda com a minha bruxa do mar?

– Sobre o *Weyden* – respondeu Jack. – Sobre o seu plano de ataque.

– Interessante – Fantasma comentou com calma, como se falassem sobre filosofia. – Pensei que ela não fosse querer revelar isso a você.

Afinal, ela tem sua parcela de culpa por esses derramamentos de sangue.

– Tem mesmo? – questionou Jack. – Ela pertence a você, assim como este barco e a tripulação. Assim como o seu bando.

– Assim como você?

Jack se levantou, encostando-se na bancada que ficava na parede oposta à da porta. O capitão estava a três passos de distância, dominando seu campo de visão. E sorria para Jack como se nada tivesse acontecido.

– Você quer me matar – constatou Fantasma. – Você me odeia. Quer acabar comigo por causa dessas coisas que eu faço. Por causa do que sou. Por causa da matança. Dos roubos. – Ele olhou fixamente para Jack. – Por mantê-la prisioneira.

– Não! – rebateu Jack. – Você é uma figura fascinante para mim.

Fantasma arqueou uma das sobrancelhas e, em seguida, deu de ombros.

– Não importa. Esse sentimentalismo está enraizado demais no seu jeito de ser, mas posso resolver isso.

– Eu não sou um animal. Não sou como você.

Somente depois de ter falado é que Jack se deu conta do risco daquela afirmação.

– É, sim, Jack. O animal está aí, dentro de você, só esperando para ser libertado.

Jack franziu a testa.

– Acha que eu sou metade homem, metade lobo? Ontem foi noite de lua cheia, e continuei sendo quem sou. Apenas Jack London.

Os olhos de Fantasma brilharam de divertimento e malícia.

– Quando é mordido por um de nós, qualquer homem se transforma em lobo. Mas a maioria não passaria de um cãozinho assustado, que seria morto pelo bando logo na primeira noite. Só que alguns são diferentes. Alguns já são animais *antes mesmo* de se transformarem, e estão loucos para se libertar.

Fantasma se virou e saiu, e por um momento Jack pensou em ir atrás dele, para reafirmar sua humanidade. Nesse instante, porém, a embarcação se inclinou para o lado, e Jack caiu por cima do balcão, quase tocando o carvão em brasa do fogão.

Os marujos riam e gritavam, e em um ponto mais distante ele ouviu alguém assobiar. “Então vem uma tempestade por aí”, pensou. A tripulação do *Larsen* parecia empolgada, e Jack não tinha ideia do que esperar.

Jack London se considerava um homem do mar em certo sentido. Tinha assaltado os criadouros de ostras nos arredores da baía de São Francisco, navegado pela costa oeste dos Estados Unidos no *Umatilla*, além de ter construído sua primeira embarcação nos confins de Yukon. No entanto, aquela primeira experiência em alto-mar não se assemelhava a nada que já tivesse vivenciado.

Durante o dia e a noite seguinte, o *Larsen* foi arremessado de um lado para o outro no mar como uma folha carregada pelo vento, tombando em todas as direções, rangendo, estalando e sendo exposto a uma pressão imensa. A água do mar parecia prestes a romper o casco e surgir por entre as tábuas, e o ar dentro das cabines estava úmido e saturado de sal. Nas primeiras horas de tempestade, Jack ouviu os piratas circulando pelo convés, recolhendo as velas e preparando o barco para o castigo que viria. À medida que a tempestade se intensificou, porém, de seu pequeno leito na cozinha, Jack sentiu que o *Larsen* parecia estar cada vez mais entregue à própria sorte. A tempestade colocara por terra a noção de que aquela era uma embarcação sob controle – muito embora esse controle fosse exercido por monstros, e não por homens. A fúria da natureza era a negação de qualquer afirmação nesse sentido, e Jack chegou à conclusão de que a tripulação também estava entocada nos conveses inferiores. Sentiu-se bem por descobrir que existia algo no mundo que eles temiam.

Seu estômago revirava no ritmo da embarcação. Sentiu as entranhas ser testadas pela fúria da tempestade, como se estivessem sendo manipuladas por mãos invisíveis. No entanto soube manter a compostura e não vomitou, conseguindo até mesmo tirar um cochilo.

Não demorou muito para Jack perder a noção do tempo. A tempestade já durava horas – talvez até a metade de um dia – quando Louis apareceu na porta da cozinha. Estava ensopado e sangrando por um corte profundo na testa.

– Dormindo em serviço, mestre-cuca? – ele perguntou.

– Você está sangrando – comentou Jack.

– É porque, ao contrário de você, eu estava trabalhando.

Uma onda fez o barco se inclinar para o lado, deixando a superfície dos conveses quase na vertical. Louis se agarrou ao batente da porta para não sair rolando pela cozinha. Jack ouviu os estalos na madeira, e depois viu os buracos abertos pelas unhas do homem.

Quando o barco se aprumou novamente sob o estrondo de um trovão, Louis apontou com o queixo para o fogão apagado.

– Acenda isso aí.

– Quê? Está maluco? Não dá para cozinhar no meio de uma... as brasas iam se espalhar e...

– Ora, eu e os rapazes demos duro o dia todo e estamos com fome – argumentou Louis. Ele entrou na cozinha e se agachou para olhar diretamente nos olhos de Jack. – Precisamos de alguma coisa quente.

Em meio à pior tempestade que já tinha enfrentado na vida, no mar ou em terra firme, Jack acendeu o fogão e preparou carne de porco com batatas fritas, carregando no tempero, que depois atenuou com um molho antes de servir. Diversas vezes foi obrigado a pegar os carvões em brasa que saíam quicando pelo chão até o corredor que levava à cozinha, com os dedos protegidos por um pano molhado. Quando terminou de fazer a refeição, até ele estava com fome. Embora soubesse que era só carne de porco, preferiu não comê-la. Depois de tudo por que passara após o massacre, perguntou-se seriamente se algum dia conseguiria ingerir carne de novo.

A natureza rugiu noite adentro, e perto do amanhecer a tempestade abrandou. O silêncio que se abateu, no entanto, foi assustador.

O barco parecia gemer de dor. Os marujos se espalharam pelo convés e pelo cordame, estranhamente quietos ao retomar suas atividades. Um grito de Fantasma foi o que fez Jack subir ao convés pela primeira vez em vinte e quatro horas.

– Jovem Jack! – ele chamou lá de cima, e sua voz reverberou pelo refeitório e corredores da mesma maneira que a tempestade. – Para o convés, agora. Você precisa ver uma coisa.

Ao sair da cozinha, Jack deu uma olhada para a porta fechada da sala de navegação de Fantasma. “Será que Sabine ainda está lá?”, perguntou-se, mas não havia como descobrir. Pelo menos por ora. O refeitório

estava vazio, mas todo desarrumado, com pratos espalhados pelo chão e restos de comida em todas as superfícies – paredes, piso, teto, mesas, bancos. Ele teria muito trabalho para limpar tudo aquilo.

No convés, respirou fundo, só então se dando conta de quanto precisava de um pouco de ar fresco. Uma leve brisa soprava no ar, porém o mar estava muito mais calmo, com ondas mais suaves e um balanço mais ameno. A norte e a leste, o céu ainda estava escuro e fechado.

Os lobos estavam ocupados, içando as velas e consertando os estragos causados pela chuva. Uma parte da balaustrada havia sido destruída, e vários cabos soltos oscilavam ao vento, as pontas das cordas arrebitadas. Um dos botes – que Jack ficou sabendo ser usados para invadir outros navios ou para desembarcar em terra e caçar focas na região polar – tinha desaparecido, arrancado de seu suporte. Jack prendeu a respiração. Uma chance a menos de escapar.

Fantasma estava de pé na proa, olhando para trás à espera de Jack. Ele se mantinha imóvel em meio ao caos. Uma ilha no meio da tempestade. Jack se aproximou dele, perguntando-se mentalmente o que veria ao chegar lá.

– Gostou da tempestade? – perguntou Fantasma.

– Não – respondeu Jack.

– Eu gostei.

– Por essa eu não esperava. Pensei que seu ego fosse se sentir incomodado ao se confrontar com uma força maior que a sua.

– Ego? – repetiu Fantasma, claramente surpreso. – Você acha mesmo que eu sofro desse mal?

– Com a sua perspicácia, não sei como ainda não percebeu isso – retrucou Jack. – O único problema é que não é você quem sofre com isso. São as pessoas ao seu redor.

– O tamanho do ego é uma questão de comparação – rebateu Fantasma. – E eu não me comparo com ninguém. Minha existência é voltada apenas para mim mesmo, e lido bem com meus pensamentos e reflexões. Mas isso não me torna egocêntrico; aliás, me proporciona bom senso e lógica. É você, Jack, quem está aplicando seus conceitos de comunidade e civilidade a mim.

– Pode ser – admitiu Jack. – Mas, se você é mesmo imune às

considerações do mundo exterior, por que se importa com o que eu penso?

Fantasma se inclinou sobre a balaustrada da proa e observou o movimento do barco singrando as ondas. Parecia pensativo, e por um instante Jack imaginou ter atingido o capitão de alguma maneira. Talvez o que mais incomodasse o sujeito não fosse ser ignorado, e sim ser rejeitado.

– Quem disse que eu me importo? – Fantasma perguntou por fim, e Jack sentiu um calafrio se espalhar pelo corpo todo, algo que não tinha nada a ver com a brisa, tampouco com o fato de ter sobrevivido a uma tempestade violenta. Era o homem diante dele que lhe causava aquela reação, por ser frio como o gelo. Em seu interior deveria haver um vazio, uma escuridão profunda, e aquelas conversas eram como facho de luz de vaga-lumes rondando esse vazio, meras perturbações temporárias que em pouco tempo seriam tragadas por seu coração duro e impenetrável.

Seria possível que um homem fosse tão indiferente assim? Mesmo se tratando de uma criatura como Fantasma, que alternava sua forma entre homem e animal?

– Você passou a noite transformado em um monstro, e mesmo assim está interessado em um tipo de conversa – Jack fez um gesto com a mão apontando para o restante do barco – que ninguém aqui é capaz de proporcionar. Você é um homem repleto de contradições.

– Sei muito bem o que eu sou.

– Talvez nem tanto quanto imagina.

– Sei tudo o que preciso saber. Tenho minhas necessidades, que são numerosas e variadas. O que dá sentido à vida é viver, não existir. Com certeza um jovem como você há de concordar com isso.

– Sim, mas não à custa dos outros.

– Os outros! – ironizou Fantasma. – Eu levo a vida que a maioria dos homens deseja. Sou verdadeiro comigo mesmo porque sei o que é mais importante. Vou fazer uma breve citação de Hawthorne, e depois me diga se concorda ou não: “Homem nenhum, por um período de tempo considerável, pode mostrar uma face a si mesmo e outra à multidão sem no fim se confundir a respeito de qual é a verdadeira”.

Jack concordou com a cabeça e se perguntou como um homem, fosse ele metade animal ou não, poderia passar tanto tempo refletindo sobre a

humanidade e ainda assim permanecer tão inumano. A resposta, porém, ele já sabia: Fantasma se esforçava muito para isso. A verdadeira pergunta era: por quê? Por que ele queria se livrar de todo e qualquer sentimento de compaixão e empatia? Seria porque não conseguia conviver com as atrocidades que cometia, ou havia um sentido mais profundo para tudo aquilo?

– Você entende! – disse Fantasma. – Estou em paz comigo mesmo, sem usar nenhuma falsa máscara, por mais que a sua querida *civilização* diga que é preciso.

– Mas nem por isso você deixa de ser um homem com duas faces.

– Ah, jovem Jack – respondeu Fantasma –, você fala como se as minhas duas faces fossem diferentes uma da outra.

Ele acendeu o cachimbo e voltou a se inclinar sobre a proa, olhando para a frente, e não para trás. Seus olhos brilhavam. Parecia refletir sobre o que ainda viria.

Fantasma tentava converter Jack à sua filosofia sobre humanidade, libertar o lado selvagem que enxergava em seu prisioneiro. E, se Sabine estivesse certa, pretendia usar Jack como uma espécie de espelho, para garantir que os dois continuassem sendo opostos. Mas, se por um lado Fantasma desejava liberar a fera interior de Jack, por outro o contrário também era possível – Fantasma ainda poderia ter algum resquício de humanidade dentro de si.

– Ainda vou conseguir convencê-lo – comentou Jack, e Fantasma olhou para trás, talvez imaginando por um instante que seu refém pretendesse arremessá-lo ao mar. A expressão um tanto alarmada de Fantasma, um piscar de olhos, uma pausa em seu sorriso, era a maior vitória que Jack havia obtido até então.

– Pode continuar tentando – disse Fantasma –, mas vai ter que fazer isso outro dia. – Ele sacou um pequeno telescópio retrátil do bolso e o entregou a Jack. – Sul-sudoeste.

Jack olhou através das lentes, movendo lentamente o telescópio do sul para o oeste. A princípio não viu nada e precisou vasculhar o horizonte uma segunda vez para detectar uma pequena nuvem de fumaça.

– O *Weyden* – ele falou.

– Isso mesmo – confirmou Fantasma. Afastou-se da balaustrada,

respirou fundo e esfregou as mãos. – Carne nova. É um bom dia para caçar! – Virou-se e gritou para o *Larsen* inteiro ouvir: – Faltam só algumas poucas horas, rapazes! Vamos lá.

Jack sentiu o coração disparar. “Algumas poucas horas.”

– Que sorte a tempestade passar antes de você encontrar sua presa – comentou Jack.

– A tempestade poderia ter feito o barco sair da rota, mas *ela* estava lá para nos guiar – disse Fantasma, saboreando o fato de poder falar sobre Sabine. – Ela ficou na minha cabine o tempo todo lendo os mapas, monitorando o vento e as ondas, e sem comida, porque assim enxerga melhor. Ela está morrendo de fome, aliás.

Ele esperou alguma reação por parte de Jack, que por sua vez foi capaz de segurar a própria raiva. Ainda não era o momento certo de liberá-la.

– É melhor eu descer – falou Jack.

– Sim, meu jovem – concordou Fantasma.

Enquanto se afastava, Jack ouviu a risada baixinha do capitão atrás de si, que lhe soou como garras arranhando a madeira.

Poderia pôr fogo no *Larsen*. Não seria muito difícil. Bastaria espalhar os carvões e alimentar as chamas com pedaços de gordura guardados na cozinha. Isso poderia servir como um sinal de alerta para o *Weyden*. Significaria também sua morte, e provavelmente a de Sabine – carbonizado, afogado ou pelas mãos de Fantasma –, mas, se salvasse a vida de centenas de pessoas, o sacrifício valeria a pena. No entanto, logo depois de ter essa ideia, ele a refutou. As chamas atrairiam o navio para o barco dos piratas, e não o contrário. O código do mar e a simples noção de decência fariam com que o capitão do *Weyden* se sentisse na obrigação de oferecer socorro ao *Larsen*. Os lobos de Fantasma abandonariam a embarcação em chamas e tomariam a outra. Seu sacrifício seria em vão.

Poderia roubar um dos botes remanescentes, antecipar-se ao *Larsen* e avisar as vítimas. Mas aquilo era tolice, ele sabia. Não havia como fazer isso sem ser descoberto, e, mesmo que conseguisse, não sabia navegar naquelas águas. Os outros iriam alcançá-lo e massacrá-lo em dois tempos.

Era preciso, portanto, pensar em algum outro sinal, alguma outra forma de alertar o *Weyden* de que seriam atacados. Lembrou-se de ter visto o *Larsen* surgir na neblina e se emparelhar com o *Umatilla*, mas aquele ataque seria diferente, porque seria realizado à luz do dia. E Sabine dissera que os piratas poderiam se transformar quando quisessem. Sem poder contar com o fator surpresa, precisariam da agilidade e da brutalidade adicionais proporcionadas por sua forma monstruosa? Jack presumiu que sim.

Enquanto trabalhava na cozinha, torturando-se em busca de uma maneira de avisar as pessoas inocentes a bordo do *Weyden* sobre o que viria, Jack respirou fundo, e foi então que sentiu o cheiro dela.

– Você os guiou para mais uma matança – sussurrou ele.

– Eu não tenho escolha.

A voz dela saiu fraca, embargada, e Jack se virou, surpreso. Sabine estava na porta da cozinha, pálida, com olheiras profundas e uma aparência de exaustão. Parecia estar fraca e com náuseas. Ela se apoiou no batente da porta, um ar de enorme tristeza estampado no rosto que o deixou comovido. Seu mal-estar era muito mais que físico.

– Sempre existe uma escolha – afirmou Jack.

– Aquele navio tem mais de cem pessoas a bordo – informou Sabine. – A maioria, se não todos, vai morrer hoje. Mas, se eu me recusar a obedecer às ordens do capitão, ele me mata.

– Seria um sacrifício muito nobre – disse Jack, apesar de seu coração se contorcer de ódio de Fantasma por fazer mal a uma criatura tão linda e tão traumatizada.

Sabine o encarou durante um tempo, e seu tormento se tornou ainda mais visível. Quando ela abriu a boca para falar, ele sentiu que se lembraria de suas palavras para sempre.

– Jack, você se tornou tão importante para mim em tão pouco tempo... – ela confessou, o olhar carregado de angústia e sinceridade. – Fico muito triste pela maneira como você parece me ver. Duas noites atrás você me perguntou se eu era apaixonada por *ele*...

Jack não precisava nem perguntar o que aquilo queria dizer. Seu cenho se franziu de vergonha.

– Só de pensar que uma pessoa decente pode me enxergar dessa maneira... Especialmente alguém em quem eu confiei desde o início e

com quem sinto tanta... intimidade... Não suporto isso. Alma nenhuma no mundo conhece meus segredos, mas alguma coisa dentro de mim está me forçando a me abrir com você, Jack. Sinto-me culpada pela sua presença aqui. Na outra noite, vi que você é um homem honrado e merece saber a verdade.

Jack acenou com a cabeça para que ela continuasse, esperançoso. Caso confiasse mesmo nele, a chance de sobrevivência de ambos cresceria.

Ela respirou fundo antes de prosseguir: – Aquele que me matar pode ficar com os meus poderes mágicos – ela contou. – Imagine Fantasma com o meu poder, podendo encontrar qualquer coisa ou pessoa que queira, quando desejar. Mas ele não faz nem *ideia* das coisas de que sou capaz. Tenho muito mais poderes do que ele pensa, e com a minha morte tudo isso seria transmitido para ele. Pense bem, Jack.

– Dos males, o menor – comentou Jack. – As vidas que ele está ceifando hoje são apenas uma fração do que tiraria caso tivesse seus poderes.

– Isso mesmo. Pensei em me suicidar, mas... – Ela deu de ombros. – Não sei para quem meus poderes iriam nesse caso.

– Isso está acabando com você. Consumindo você por dentro.

O peso terrível da situação de Sabine se abateu sobre ele. Como ela conseguia conviver com aquilo?

– Meu segredo agora também é seu – murmurou Sabine.

Jack a puxou para junto de si, ignorando seu grito de surpresa. Ela era frágil e delicada, e sob o vestido seu corpo parecia ainda mais desgastado, como se tivesse sido erodido pela brisa marinha. Ele conseguia sentir suas vértebras e costelas. A beleza, porém, ainda era visível em seus olhos, e Jack a beijou nos lábios, tentando transmitir naquele gesto tudo o que sentia – determinação e força de vontade, o entendimento de sua natureza selvagem e da capacidade de domá-la, de controlá-la. Ela retribuiu o beijo, e, quando se afastou, as palavras que passaram pela cabeça dele foram: “Eu te amo”. Quando abriu a boca, no entanto, sentiu que tinha algo ainda mais importante para falar: – Vamos sair dessa juntos.

– Que gracinha – disse uma voz. Finn atravessava o refeitório com Árvore logo atrás. Pareciam bloquear a entrada da luz com sua

corpulência, fazendo o ambiente inteiro mergulhar em trevas. – O capitão vai *adorar* saber disso.

– Você não deveria estar se preparando para a matança? – questionou Jack com amargura.

– Para isso estou sempre pronto, mestre-cuca. *Sempre*. Agora venha conosco. Fantasma quer que você fique trancado durante as festividades.

Apesar de tudo, por um momento Jack considerou uma boa ideia ficar trancado outra vez com Sabine.

Finn abriu um sorriso, e as cicatrizes em seu rosto ficaram ainda mais visíveis.

– Mas só você, garoto – ele avisou. – Fantasma quer a mocinha lá no convés.

Sabine o puxou para perto e levou a boca até seu ouvido, mas o que lhe ofereceu não foi um beijo, e sim outro segredo: – Eu já sei o que fazer – ela murmurou.

Antes de se afastar, apertou a mão de Jack – um gesto simples, mas que dizia muita coisa. *Vamos sair dessa juntos*, foi o que dissera a Sabine, e havia tido a confirmação de que ela também acreditava nisso. Não importavam os sentimentos de Fantasma em relação a ela; a única coisa que Sabine sentia por ele era medo.

Finn se aproximou de Jack, arrastou-o pelo refeitório e o fez se chocar contra a escada. Jack aguentou a dor calado, mas não sem pensar em um revide. Talvez naquele estado ele pudesse encarar Finn em uma briga, mas não com Árvore atrás dele, impassível e implacável. Era melhor ambos acreditarem que ele era um prisioneiro submisso. Naquele momento, porém, enquanto era arrastado até a cela fétida em que haviam sido mantidos os reféns do *Umatilla*, fez um juramento silencioso: a hora deles ainda chegaria.

Ouviu os trincos ser acionados e os cadeados sendo fechados, e se lembrou da cabine em que passara aquela noite com Sabine. Naquela porta, as trancas mais importantes eram as do lado de dentro, destinadas a impedir que os lobos entrassem, e não que quem estivesse dentro escapasse. O lugar onde ele estava, sim, era uma verdadeira prisão.

Caminhou de um lado para o outro na cela, pensando nas pessoas que a haviam ocupado até pouco tempo antes. O cheiro delas ainda pairava no ar, um odor de desespero. Jack refletiu sobre a ordem de Fantasma

para que Sabine ficasse por perto naquele momento, sobre o ataque prestes a ser realizado, sobre suas consequências. Havia mais de cem pessoas naquele navio, segundo Sabine. Em pouco tempo a cela estaria cheia de novo.

Por fim Jack sentou-se, o coração angustiado por não poder fazer nada. O destino havia feito o caminho das duas embarcações se cruzar – o destino e as habilidades sobrenaturais de Sabine –, e o encontro delas era só questão de tempo.

Várias horas se passaram antes que eles se aproximassem do navio, e então ouviram-se a gritaria e o impacto dos cascos se chocando. Depois disso fez-se uma estranha calmaria por alguns instantes – passos percorrendo o convés logo acima, o barulho do mar sendo singrado pelos cascos, e por duas vezes Jack teve certeza de ter ouvido risadas. Trancado na cela escura, manteve-se em silêncio, tentando imaginar o que acontecia. Sabia que aquele silêncio era uma ilusão.

Ao ouvir o primeiro estampido, não soube ao certo se era um tiro de arma de fogo. Jack prendeu a respiração e colou o ouvido à porta, sentindo a brisa fria passar por uma fresta. Logo em seguida o mesmo barulho outra vez, e mais outra. *Pá... pá, pá!* Jack já tinha ouvido tiros suficientes na vida para reconhecer aquele som e, assim, soube que o ataque estava em andamento.

“Onde está Sabine? Onde está Fantasma? O que será que ele a obrigou a fazer? Será que ela está em segurança?” As ideias se acumulavam em sua mente, motivadas pela confusão e pela preocupação. Andou de um lado para o outro da cela e depois passou a esmurrar a porta, que estremeceu nos batentes, mas aguentou firme. Deu um chute no lugar onde sabia ficarem as trancas, mas elas também se mantiveram imóveis. Jack estava ciente de que a cela tinha sido construída para manter as pessoas lá dentro, às vezes por vários dias, e fora isso não havia muito mais que ele pudesse fazer.

– Seu desgraçado! – gritou, dando voz à sua frustração. Berrar certamente não resolveria nada. – Fantasma, seu desgraçado!

Ele ouviu mais tiros, mais gritos, e depois um estrondo penetrante que reverberou por todo o barco, fazendo-o perder o fôlego. Apoiou-se na parede e sentiu o eco da explosão fazer o madeiramento vibrar.

Em seguida uma das portas que davam acesso ao corredor em que ficava a cela foi aberta com violência. “Lá vêm eles”, pensou Jack, e se encolheu junto à parede ao lado da porta.

Uma ideia horripilante passou por sua cabeça, e ele ficou surpreso por não ter pensado nisso antes: os prisioneiros do *Weyden* seriam jogados dentro da cela, e Jack ficaria lá com eles, podendo lhes contar o que estava por vir, embora soubesse ser incapaz de impor qualquer resistência... Afinal, o que poderia garantir que Fantasma já não estivesse cansado de sua presença?

O pânico tomou conta de seus pensamentos, sobretudo pela ideia de nunca mais voltar a ver Sabine. Preparado para lutar e fugir, ouviu vozes do lado de fora, mas acompanhadas dos passos de apenas duas pessoas.

A porta se abriu, e um braço enorme apareceu na cela, agarrando Jack pelo pescoço e puxando-o para fora. Era Ogro. Ele arrastou Jack pelo corredor sem nem ao menos olhar para ele, transportando-o como se fosse um saco de farinha. Quem estava lá para recebê-lo era Kelly.

– A diversão está quase terminando, mestre-cuca – informou Kelly. – O capitão falou que você já pode sair.

Jack piscou os olhos, confuso, e então a verdade veio à tona. A lua cheia tinha sido poucos dias antes. Havia feito prisioneiros naquela ocasião para ter algo com que se alimentar quando se transformassem por influência da lua e estivessem em um estado tão animalesco que poderiam acabar se voltando uns contra os outros caso não houvesse humanos para atacar. Mas, como a lua cheia só voltaria dali a um mês, se fizessem reféns naquele dia, teriam que suportar a gritaria e a choradeira por quatro semanas, e os infelizes também precisariam de água e comida.

Ou seja, o ataque ao *Weyden* não deixaria sobreviventes.

Jack sentiu o estômago revirar. Queria matar Fantasma imediatamente. Kelly sorriu para ele. Ogro notou o olhar de fúria e ódio no rosto de Jack e o golpeou com as costas da mão. O sangue escorreu pelo nariz de Jack, e ele se espatifou contra a parede de novo, a poucos centímetros de Kelly. O pirata tinha uma faca presa na cinta – caso Jack fosse rápido e discreto e não hesitasse nem por um instante, talvez...

– Não seja idiota – disse Kelly. – Acha mesmo que consegue ser mais rápido que eu?

O pirata olhou de soslaio para Jack, que notou as manchas de sangue no peito e no ombro do homem. Sua camisa estava furada, e o braço se encontrava em uma posição um tanto estranha. Jack tinha quase certeza de que Kelly havia levado um tiro.

– Tomara que esteja doendo – disse Jack ao sair para o corredor.

– Tomara que esteja doendo o quê? – questionou Kelly, fechando a porta e reposicionando os cadeados. Ele e Ogro viraram as costas e foram embora sem sequer olhar para Jack.

Este seguiu na outra direção, passando pelo refeitório e pela cozinha. Prendeu uma faca na cintura e se deteve por um instante, respirando fundo e tentando ordenar os pensamentos. Havia prioridades a levar em conta, e ele precisava garantir que o foco estivesse nelas. Caso contrário...

Outro estrondo reverberou pelo barco, abalando a estrutura do *Larsen* e deixando os ouvidos de Jack doendo. Ele refez o caminho de volta pelo refeitório e subiu ao convés, cobrindo a faca com a camisa folgada.

Jack foi atingido pela luz do sol, inesperadamente forte e quente, e precisou de alguns segundos para compreender o que acontecia.

O navio não era tão grande quanto o *Umatilla*, mas sua balaustrada ficava vários metros acima do *Larsen*. A fumaça subia da popa, e Jack viu que a embarcação estava baixa em relação à linha-d'água. Um dos gêmeos – ele não sabia dizer se era Huginn ou Muninn – apareceu por um instante, inclinou a cabeça para farejar o ar, entrou por uma porta e desapareceu lá dentro. Um imenso vulto lupino atravessou o convés, e mais tiros foram disparados de algum lugar longe de seu campo de visão. Ao se agachar, Jack ouviu alguém rir atrás de si.

– Está com medo de levar chumbo, mestre-cuca?

Era Louis, de pé ao lado do leme travado do *Larsen* com um rifle na mão.

Jack não respondeu. Em vez disso, caminhou pelo convés rumo à proa, mantendo-se a estibordo, do lado oposto àquele em que o barco estava atado ao *Weyden*. Passou pelo lugar de onde o pequeno bote tinha sido arrancado pela tempestade. No convés havia uma série de baús, malas e bolsas de couro, uma delas rasgada, deixando à mostra joias e moedas. Árvore apanhou um dos baús e saiu na direção do castelo de proa, a caminho do compartimento de carga, e Jack se deu conta de que

a despensa também deveria ser usada para armazenar os objetos de valor roubados do *Umatilla* e de outras embarcações, um tesouro manchado pelo sangue de seus antigos donos.

Ogro e Kelly surgiram do castelo de popa, e Jack imaginou que eles iriam ajudar a transportar os bens saqueados lá para baixo. Em vez disso, escalaram as cordas para subir a bordo do *Weyden*, sem nem ao menos se darem ao trabalho de olhar para Jack. Para alguém de seu tamanho, Ogro se movia com uma agilidade surpreendente. Kelly permanecia a seu lado, esfregando seu ferimento como se fosse uma picada de inseto. Deu um tapinha no ombro de Ogro, e ambos desapareceram por uma das portas do navio.

Não havia nem sinal de Sabine ou Fantasma, e o *Larsen* parecia abandonado. A ação de verdade ocorria no navio ao lado. Depois de arriscar uma olhadela para Louis, Jack foi até a balaustrada, esperando que o lobo o chamasse de volta. Louis, porém, observou tudo em silêncio, o rifle apenas apoiado nos braços. “Eles não me consideram mesmo uma ameaça”, pensou Jack.

Ele se encarregaria de provar o contrário. No momento certo mostraria o tamanho do erro que estavam cometendo.

– Você não pode fazer nada a respeito – disse Louis. – O navio já está indo a pique. Fantasma abriu um rombo no casco.

Jack se dirigiu até as cordas que Ogro e Kelly tinham acabado de escalar, sentindo o impacto dos cascos se chocando e o calor que emanava da popa do vapor, onde tinham acontecido as explosões. Lamentando e odiando sua impotência naquela situação, Jack torceu por um milagre que permitisse ao menos a uma vida ser salva.

Os tiros ressoaram em algum lugar ali perto, e ele se virou para a esquerda, bem a tempo de ver dois vultos pulando do *Weyden* para o *Larsen*. Foi um salto bem calculado, em um momento em que os conveses estavam alinhados, e ambos começaram a atirar de novo assim que aterrissaram. Louis tombou junto ao leme, com manchas escuras no peito e no pescoço. Enquanto ele caía, Jack ouviu os dois homens sussurrando um para o outro, e um deles se virou para olhar o outro lado do convés.

Quando viu Jack, imediatamente sacou o revólver, mas nesse exato instante sua cabeça foi arremessada para trás, mandando-o para o chão.

A arma caiu no mar, e logo atrás Jack avistou Louis segurando-se na balaustrada com uma das mãos e fazendo mira no rifle com a outra. Seu peito e abdome estavam encharcados de sangue.

O outro homem se virou e correu, quase tropeçando no companheiro morto, pulando apenas no último instante. O pavor estava estampado em seus olhos.

“Ele viu do que seus oponentes são capazes”, pensou Jack. “Ficou cara a cara com o monstro.” O homem ergueu de novo a arma, apontando para o peito de Jack.

– Louis! – gritou Jack, perguntando a si mesmo como tinha ido parar naquela situação, com um revólver apontado contra si e pedindo socorro a um lobisomem. Aquele homem morreria de uma forma ou de outra, mas Jack não queria ser levado com ele. Não com Sabine ainda presa naquela barca do inferno. A doce e torturada Sabine.

Louis, porém, estava impossibilitado de ajudar. Imóvel, talvez até morto, tingia as tábuas ao redor com seu sangue.

Jack se atirou para o lado, rolando pelo convés e deslizando para trás de um bote. O homem a bordo do vapor atirou, mas errou a pontaria.

Um outro vulto saltou do *Weyden* e derrubou o homem, que voou longe e bateu a cabeça no mastro principal com um baque surdo. Johansen o levantou e o arremessou novamente, lançando-o de mastro em mastro. Jack jamais se esqueceria do som do corpo do homem ao atingir a madeira maciça. Torceu para que sua morte fosse rápida.

Mais um vulto desceu do *Weyden*. Era Finn. Ele aterrissou em silêncio, agachando-se e observando Johansen agredir o homem até a morte. Seu olhar então se desviou para Louis, caído no convés lavado de sangue. Em seguida olhou para a esquerda, e, de seu esconderijo, Jack pôde ver os olhos do marujo. Havia uma intenção assassina estampada em seu rosto, mas de um tipo diferente do habitual. Aquilo não era mera sede de sangue: era vingança.

“Ele não me viu”, pensou Jack. O mar rugiu, e os cascos se chocaram e estalaram. Johansen arremessou o homem contra o mastro uma última vez, e mais uma voz gritou em algum lugar do vapor. Nesse momento, porém, Jack sabia que o barulho mais alto em seus ouvidos era o provocado por seu coração.

De sua posição sob o bote, viu Finn dar cinco passos rápidos e

silenciosos pelo convés, aproximando-se de Johansen. Quando o imediato largou o monte de ossos quebrados e carne dilacerada que até pouco tempo antes era um homem, Finn puxou a cabeça do imediato para trás e, com uma lâmina que reluziu sob a luz do sol, cortou sua garganta.

Johansen esperneou e se debateu, e Finn passou a faca de novo e de novo, e em seguida cravou a lâmina no coração do imediato.

Jack fechou os olhos, mas não pôde impedir que aquele som terrível penetrasse seus ouvidos. Ouviram-se um sibilado e um gorgolejar, e depois um grunhido, quando Finn arrastou sua vítima ensanguentada pelo convés. Ele arremessou Johansen por sobre a balaustrada, mas por um momento o imediato ficou pendurado ali. Jack o viu olhando fixamente para seu assassino, e então Finn passou a faca pela balaustrada e pelos dedos de Johansen, que caiu no mar entre as duas embarcações.

O *Weyden* se ergueu sobre as ondas, e o *Larsen* desceu, fazendo os cascos das embarcações se roçarem em uma espécie de dança.

Finn olhou ao redor outra vez, com um sorriso de culpa, deleite e algo mais... algo terrível. Seu rosto começou a se contorcer, a mandíbula se expandiu, e o nariz foi ficando comprido. Suas mãos se transformaram em garras, os dentes cresceram e se alongaram, e uma fina camada de pelos castanhos brotou em seu rosto, seguindo o contorno de suas feições horrendas. Ele ainda se equilibrava sobre os dois pés, mas as pernas mudaram de forma, forçando-o a se curvar. Finn deu uma risada que soou mais como um rugido animal do que como um som emitido por um ser humano.

“Um animal sanguinário”, pensou Jack, e a visão de uma daquelas coisas era uma confirmação de tudo o que temia.

Finn se deteve onde estava e farejou o ar salgado em busca de algo. Jack notou que, de alguma maneira, aquele monstro tinha sentido sua presença. Seria seu cheiro ou ele teria feito algum barulho? Jack não sabia – talvez Finn tivesse apenas detectado o odor de seu medo, que crescia a cada instante à medida que via a cabeça da criatura bestial se contorcer. Um rosnado grave escapou da garganta de Finn.

“Não”, pensou Jack. Caso fosse visto por ele não teria como escapar, mas havia outras maneiras de permanecer incógnito. No norte

congelado, tinha aprendido uma forma bastante sutil de magia com Lesya, o espírito da floresta. Aquele era o momento de pôr esse conhecimento em prática. Jack fechou os olhos, silenciou os pensamentos e soltou o ar com força, como alguém que busca contato com a própria força vital. Quando sentiu a presença do monstro voraz no âmago do lobisomem, precisou fazer força para não se deixar intimidar. Em vez disso, buscou a essência de Finn, arreganhando os dentes e deixou que a sede de sangue e violência que fervilhava dentro dele o invadissem. O coração de Finn batia descontroladamente, e Jack procurou sincronizar o próprio pulso àquele ritmo, sentindo o rosnado reverberar em seu peito.

Caso Finn sentisse alguma outra presença naquele momento, seria a de outro lobo, outro monstro, mas Jack esperava que notasse apenas as próprias emanções. Havia fundido sua existência à de Finn; transformara-se em um espelho da fera.

Finn respirou fundo e grunhiu, como se suas preocupações se mostrassem infundadas. Tinha certeza de que seu crime não havia sido testemunhado por ninguém.

Alguém gritou, e era uma voz carregada de autoridade. Fantasma. Finn saiu dali às pressas, fungando pesadamente ao passar pelo bote e desaparecendo mais à frente. Jack soltou o ar com força, trêmulo e enojado, e imediatamente se livrou dos pensamentos e dos instintos do lobo. Sentia-se grato por ter recebido aquele presente de Lesya, pelo pequeno truque que ela havia lhe ensinado, mas da mesma maneira sentia repulsa pelo que tinha acabado de fazer. Aquilo podia até ter salvado sua vida, porém a ideia de assumir o mesmo estado de espírito de um monstro com tanta facilidade o deixou perturbado.

Com o coração ainda disparado, Jack saiu do esconderijo bem a tempo de ver Finn saltar três metros no ar até o convés do *Weyden*, entregue às chamas e à fumaça e inclinado em um ângulo nem um pouco natural em relação ao *Larsen*.

– Voltem para o *Larsen*! – ordenou Fantasma. – Façam buracos nos botes salva-vidas e deixem o destino cuidar do resto!

Finn tinha voltado para o navio quase naufragado bem a tempo de cumprir a ordem e estabelecer seu álibi.

Jack ficou de pé e correu em direção à popa, onde Louis aos poucos ia

se levantando, apoiando-se no leme. Havia levado pelo menos quatro tiros, mas mesmo assim seu canino dourado brilhava em um sorriso aberto.

Atrás de si, Jack ouviu o som dos piratas saltando de volta para a embarcação. Fechou os olhos e passou a refletir sobre o que tinha visto, calculando se seria possível usar a seu favor o fato de ter testemunhado um assassinato tão brutal.

CAPÍTULO SETE

O IMEDIATO

Quando estava prestes a descer a escada para os conveses inferiores, Jack viu Sabine na balaustrada de popa, observando o *Weyden* ser lentamente engolido pelo mar, enquanto soltava uma nuvem de fumaça de suas entranhas. Quem estava ao leme era Demetrius, mas o pirata barrigudo mal olhou para os dois quando Jack foi até lá. Com o vento soprando fortemente e as velas infladas, o mar emanava uma sensação de tranquilidade após o ataque violento dos lobos, e por um momento Jack foi capaz até de imaginar que estava a sós com Sabine.

Ao observá-la, ele imediatamente notou a expressão de culpa, que era ainda mais acentuada que a dele próprio. A embarcação a vapor sucumbia à ação das ondas de um mar borbulhante de espuma, e ainda havia pessoas a bordo. A cada passo que ele dava e a cada suspiro exalado por ela, pessoas inocentes morriam afogadas, queimadas, esmagadas ou sufocadas. Jack queria gritar, sair correndo pelo convés e destruir tudo o que encontrasse em seu caminho a bordo do *Larsen*, matando todos os tripulantes. Eles não mereciam nada menos que isso.

Mas só o que fez foi caminhar até Sabine e tocar levemente seu braço com a ponta dos dedos. Pelo menos poderiam oferecer conforto um ao outro.

Ela se virou para ele, e a dor que sentia era visível em seus olhos. Logo em seguida, porém, ela desviou o olhar, e Jack testemunhou o pavor tomar forma dentro dela. E ele sabia muito bem qual era a única coisa capaz de deixá-la daquela maneira.

– Onde diabos está o senhor Johansen? – rugiu Fantasma.

Jack se virou e viu o capitão segurando Demetrius pelo pescoço. Os pés do gordo marujo se sacudiam no ar. Fantasma tinha força suficiente para manipulá-lo como desejasse, apesar da corpulência do grego. Os outros marujos se reuniram ao redor dos dois. Maurilio observava a cena

do cesto da gávea. Vukovich e Árvore abandonaram temporariamente os respectivos trabalhos nos cabos. Finn estava pendurado no cordame e interrompera a escalada até o local onde uma vela havia se enroscado.

“Como eu pude imaginar que estávamos sozinhos?”, pensou Jack. “Estamos em um covil de assassinos.”

– Malditos sejam os olhos de todos vocês! – rosou Fantasma, arremessando Demetrius para longe. – Como foi que isso aconteceu? Ele ficou por lá, para morrer com o gado?

Ninguém ousou dizer nada.

– Revirei cada canto deste maldito barco, e o senhor Johansen não está a bordo! – continuou Fantasma, virando-se de um lado para o outro e encarando a tripulação. Depois olhou para o cesto da gávea e gritou: – E você, Maurilio? Se não consegue enxergar nada, talvez não precise dos seus olhos. Quem sabe eu não possa comê-los com bacon no meu café da manhã.

Maurilio, porém, não respondeu. Jack imaginou que ele deveria ter participado do ataque ao *Weyden* e que não estava, portanto, no cesto da gávea no momento do assassinato de Johansen. Algum deles saberia o que Finn tinha feito? Ele achava que não. E o próprio Finn se manteve tão silencioso quanto os demais.

Fantasma estava furioso, o peito ofegante e manchado com o sangue derramado durante o ataque. Ele olhou ao redor, frustrado, farejando o ar em busca de algum odor específico. Seria o de Johansen? O do assassino? Ou o de um mentiroso? Jack, no entanto, sabia que aquilo era inútil, pois o corpo de Johansen havia sido atirado ao mar, e todos ali eram assassinos e mentirosos.

– Maldição! – o capitão gritou. Com um grunhido, ordenou que a tripulação voltasse ao trabalho. – Vamos logo, seus cães.

Demetrius ainda arriscou uma olhadela cautelosa para Fantasma antes de reassumir o leme. O capitão o encarou fixamente, depois aos demais, e por fim dirigiu o olhar para Jack e Sabine.

– Senhor London! – gritou Fantasma.

Jack franziu a testa. “Ué, nada de *jovem Jack*?”

Assim que foi chamado, Jack fez um aceno de cabeça para Sabine e atravessou o convés na direção do capitão.

– Louis e Kelly estão deitados lá embaixo; os dois levaram chumbo.

Não vão morrer por isso, mas vão precisar de ajuda. Nomeio você o médico do barco, pelo menos por enquanto. Vá até lá e cuide de tudo.

O tom de voz do capitão não admitia contestações, e Jack tampouco viu motivos para isso. Com a ferocidade de sua raiva e a ameaça de violência que parecia se concretizar a qualquer momento no convés, estaria melhor lá embaixo. Ainda assim...

– Fico feliz por poder ser útil – respondeu Jack para que todos escutassem. Em seguida estreitou os olhos e falou em um tom mais baixo: – Precisamos conversar sobre o senhor Johansen.

Fantasma pareceu ainda maior quando respirou fundo e soltou o ar com força, a ponto de Jack pensar que estivesse prestes a explodir. No entanto, o que ele viu nos olhos do capitão foi o brilho de uma inteligência maligna. Fantasma balançou a cabeça, segurou-o pelo braço e lhe deu um empurrão que o mandou cambaleando para a frente.

– Vá até lá de uma vez!

Enquanto Jack tentava extrair o projétil do peito de Kelly, o pirata zombou dele, chamando-o de cachorrinho de Fantasma e puxa-saco do capitão. Kelly grunhiu de dor várias vezes, e seus dedos se transformaram em garras, uma fina pelagem brotando nas mãos e nos braços. Jack sabia que não deveria se ofender com os insultos e que aquele início de transformação era algo temerário, mas não se deixou abalar por nada daquilo. Estava entorpecido por dentro. Era a única maneira de combater a culpa que sentia por estar vivo depois de ver tanta gente morrer.



A bala tilintou ao cair na panela que Jack tinha deixado ali ao lado.

Ele achava que já tinha estado no inferno antes, mas suas experiências anteriores não chegavam nem perto do que estava vivendo

naquele momento. Jack havia sido obrigado a salgar e conservar carne humana, a virar servo de monstros e a testemunhar massacres coletivos. A fera dentro dele clamava por justiça.

E mesmo assim...

Se a questão fosse apenas a própria vida, ele se sacrificaria sem problemas. Mas era preciso pensar em Sabine. Ele jamais a colocaria em uma situação de risco, muito menos depois de conhecer seu segredo. Estremeceu ao pensar nas centenas de pessoas que poderiam morrer caso os poderes da bruxa passassem para Fantasma. E ela ainda comentara que havia poderes cujo alcance o pirata desconhecia.

Apesar de fustigado pelo ódio e pela fúria dos justos, conseguiu manter as emoções sob controle, algo que seria necessário pelo menos até descobrir uma maneira de possibilitar que ambos escapassem do *Larsen*. Era preciso tomar cuidado para não ser enredado pelas tensões existentes a bordo.

A bala tilintou ao cair na panela que Jack tinha deixado ali ao lado. Passou um pano limpo sobre o ferimento e fez menção de pegar as bandagens, mas Kelly afastou sua mão com um tapa.

– Já fez a sua parte, mestre-cuca. A minha espécie não precisa de bandagens.

Jack olhou para o ferimento e notou que, uma vez removida a bala, a carne já havia começado a cicatrizar. Kelly ficou de pé com dificuldade, fazendo uma careta, mas abriu um sorriso forçado ao sair pelo corredor estreito e subir para o convés.

– Ainda está vivo aí? – Jack perguntou, virando-se para a cozinha, onde Louis estava deitado no chão.

– Não que eu não preferisse estar morto agora – respondeu Louis com uma voz rouca que parecia vir de lugar nenhum. – Mas sim, estou vivo.

Ele havia tentado extrair sozinho as balas do próprio peito, porém não tinha conseguido. Além de dolorido também estava frustrado, mas mesmo assim insistiu para que Jack cuidasse primeiro de Kelly, para não ter que ouvir o outro pirata reclamar que o tiro que levava valia pelos quatro de Louis. Jack ficou mais que feliz por se livrar de Kelly o quanto antes.

Recolheu os instrumentos que havia usado em Kelly – um par de pinças e uma faca afiada e estreita –, além da panela com a bala

ensanguentada, e atravessou o refeitório para cuidar de Louis na cozinha. Os degraus da escada que levava ao convés rangeram. Jack olhou para lá e viu que quem descia era o capitão, sua silhueta recortada contra a luz do dia. Por um momento Jack imaginou que veria seu rosto na forma animalesca, mas pouco depois constatou que Fantasma não estava transformado. O lobo ainda se escondia sob a face humana.

– Jovem Jack – falou o capitão –, se sabe de alguma coisa, diga agora.

– Já disse que sei, não disse? – respondeu Jack em tom de desafio. – Quer saber onde está seu imediato? Foi jogado ao mar. Morreu esfaqueado por uma lâmina de prata durante o ataque ao *Weyden* e foi arremessado para fora do barco.

Fantasma franziu a testa.

– Você viu isso com seus próprios olhos?

– Sim.

– Impossível. Por que algum passageiro ou tripulante do *Weyden* teria uma lâmina de prata? Teriam que ter conhecimento do nosso ataque antes mesmo de zarparem.

Jack piscou os olhos, surpreso.

– Você não faz ideia mesmo, não é? Não foi ninguém de lá, Fantasma. Foi um dos *seus*.

Louis, deitado logo ao lado, ouvia tudo, mas Jack preferiu não olhar para a cozinha, a fim de não denunciar a presença do marujo ferido. Perguntou-se se Fantasma não poderia farejá-lo, mas, em meio aos odores da cozinha, Louis e seu sangue deviam estar em segurança.

Fantasma franziu ainda mais a testa enquanto pensava. Em seguida um brilho malicioso se acendeu em seus olhos.

– Finn – ele rosnou.

– Você já sabia? – questionou Jack.

Fantasma balançou a cabeça.

– Não. Mas ele caiu na hierarquia do bando e está desesperado. – Encarou Jack com um olhar desconfiado. – Mas por que me contou isso? Finn poderia ter a intenção de me matar também. Isso não seria bom para você?

– Não se o novo capitão for Finn – respondeu Jack. – Não sei por que você está me mantendo vivo, mas sei que ele não tem essa intenção. Se

Finn se tornar o líder do bando, minha carne vai ser salgada e consumida no próximo jantar.

O sorriso que se desenhcou no rosto de Fantasma foi o mais cruel que Jack já vira.

– Para o convés, senhor London! – ordenou Fantasma. – Venha comigo.

Ele começou a subir a escada, e Jack relanceou o olhar para a cozinha, ciente de que Louis devia ter ouvido tudo, embora não quisesse denunciá-lo. Se os ferimentos do pirata fossem sérios a ponto de não poder esperar alguns minutos, ele já o teria chamado, mas Louis permanecera em silêncio. Ou estava com medo do capitão, ou então... morto.

Maurilio permaneceu onde estava, no cesto da gávea, mas o resto da tripulação se reuniu no convés, sob as ordens do capitão. Fantasma estava desarmado e mantinha a forma humana, mas Huginn e Muninn estavam por perto para protegê-lo, afastados dos demais, observando tudo com olhos zelosos. Eram mais magros que Fantasma, não tinham sua força bruta, contudo Jack sentia que eram igualmente letais.

Não que Fantasma precisasse deles. Aquele era seu bando. Seu barco. Sua tripulação.

– Finn – disse o capitão de modo ameaçador.

Todos se viraram para Finn e se afastaram dele. O pirata tentou esconder o susto abrindo um sorriso nervoso. Já havia passado por baixo da quilha e sido rebaixado na hierarquia do bando, o que significava oferecer a garganta em sacrifício não só a Fantasma como também a todos os demais. Jack sabia que todos esperavam que Finn fosse estripado ali mesmo no convés. A empolgação que pairava no ar era palpável.

Jack recuou um passo, escondendo-se parcialmente atrás do mastro principal, e observou quando Fantasma foi até Finn e os dois ficaram cara a cara. O ódio e o terror eram visíveis nos olhos de Finn, mas o capitão encarava o tripulante com um rosto inexpressivo, tão impassível quanto uma serpente prestes a dar o bote.

– Vamos lá – disse Fantasma quase em um sussurro, mas todos conseguiram ouvir. – Quero ver.

Finn levantou o queixo e tentou se manter firme sob o olhar inquisitório de seu líder.

– Ver o quê, capitão?

– Sua faca, Finn. A lâmina de prata que você trouxe para o *meu* barco.

Os outros começaram a grunhir, emitindo um rugido grave que reverberava dentro do peito de cada um. Vukovich sorriu, e seus olhos brilharam de ansiedade pelo derramamento de sangue que estava por vir. Os piratas começaram a respirar mais profundamente e a lançar olhares furiosos para Finn.

O medo estampado nos olhos do marujo fazia qualquer tentativa de negação impossível de se acreditar, mas mesmo assim ele tentou.

– Não sei do que você está falando, capitão.

Fantasma bateu com o dedo no peito de Finn, com força suficiente para fazê-lo dar um passo para trás.

– A faca que você usou para matar o senhor Johansen. A faca que você usou para matar o imediato porque é covarde demais para desafiá-lo em uma luta justa.

– Desgraçado – rosnou Demetrius.

– Capitão, eu juro que... – começou Finn.

– Você foi visto, seu idiota – revelou Fantasma com um tom de certeza. Jack temeu que Fantasma lançasse um olhar incriminador em sua direção, mas os olhos do capitão permaneciam cravados em Finn.

A expressão de perplexidade desapareceu do rosto de Finn. Ele se limitou a encará-lo em silêncio.

Fantasma se virou para Huginn e Muninn: – Vasculhem o castelo de proa!

O restante da tripulação ficou à espera. A embarcação rangeu, e os cabos oscilaram quando o vento inflou as velas e impulsionou ainda mais seu caminho pelas águas. Mais ao sul, uma neblina se acumulava como se convidasse o barco a se perder em sua alvura. Poucos minutos depois, os gêmeos voltaram. Aquele que Jack julgava ser Huginn – que tinha olhos mais claros que o irmão – entregou a lâmina de prata a Fantasma.

O capitão abriu um sorriso, revelando caninos afiados e reluzentes. As atenções de toda a tripulação se voltaram para a lâmina, evidenciando

que a prata era mesmo venenosa para a espécie deles, tal como diziam as lendas. Jack desejou poder colocar as mãos naquela faca e guardá-la para o momento em que precisasse dela. No entanto Fantasma a atirou pela balaustrada, e ela desapareceu no mar.

A tripulação pareceu suspirar de alívio, mas apenas por um instante. Em seguida, passou a avançar na direção de Finn.

– Podem vir! – desafiou Finn.

Fantasma negou com um gesto de cabeça.

– Ah, não. Não vou facilitar as coisas para você, rapaz. – Inclinou-se para Finn e mostrou a garganta para ele. – Venha me pegar.

Finn piscou os olhos, confuso.

– O quê?

Fantasma abriu um sorriso de desprezo.

– Se quiser subir na hierarquia do bando, então faça isso direito. Venha me desafiar. Por que se esgueirar pelas sombras e matar em segredo? Se quer me matar, então tente. Se tiver coragem, Finn, venha lutar comigo.

– Capitão... – disse Árvore, a voz tão grave que reverberou nas tábuas do convés. Pelo menos ele sabia falar. – Não é assim que as coisas funcionam.

Fantasma o ignorou, sem desgrudar os olhos de Finn, que baixou a cabeça de vergonha. Não tinha coragem de enfrentar o capitão em uma luta corpo a corpo. Fantasma o chamara de covarde, e essa verdade o deixou paralisado.

– Acabe com ele – murmurou Vukovich.

– Rasgue a garganta dele, capitão! – rugiu Kelly, mais sanguinário que nunca.

Até mesmo Ogro começou a dirigir um olhar estranho ao capitão. Jack percebeu uma onda de descontentamento se instalar entre eles. Não era daquele jeito que o bando funcionava. Eles esperavam uma punição imediata. Já estavam com um homem a menos por causa do assassinato de Johansen, mas mesmo assim queriam a morte de Finn.

– Capitão... – começou Finn.

Fantasma o esbofeteou com tanta força que Finn caiu de joelhos no convés. Ele se posicionou ao lado do marujo, esperando que se

levantasse, mas em vez disso Finn se encolheu em posição fetal e começou a choramingar como um cachorro que levava um pontapé, totalmente humilhado.

– Uma hora você vai ter que me enfrentar – afirmou Fantasma. – Caso contrário, vai ter que viver com a covardia devorando você por dentro até enlouquecer. Mal posso esperar por esse dia.

Fantasma começou a se afastar, deixando Finn caído no convés, mas então se deteve e se virou para o bando. A insatisfação dos homens era clara, contudo ninguém ousou desafiá-lo.

– Vou precisar de um novo imediato – anunciou Fantasma, virando-se para Huginn e Muninn, seus homens de confiança. E depois se voltou para Jack. – E vai ser você, senhor London.

– O quê? – reagiu Jack, sentindo os olhares furiosos da tripulação sobre si. – Você não pode...

– Você vai pôr um homem... que nem sequer é um homem-feito... acima de todos nós? – questionou Kelly.

Fantasma arqueou uma das sobrancelhas.

– Estão querendo dizer ao capitão o que fazer? – ele perguntou, virando-se para Kelly e Jack. – Vocês dois?

Jack hesitou. Ele não era um deles, não fazia parte do bando. Sua presença como membro da tripulação se devia a um capricho de Fantasma. Assim que o pirata perdesse o interesse em debater filosofia com ele, sua vida chegaria ao fim. O bando jamais o aceitaria. Quando olhou para os demais, Jack notou a maneira amarga e ressentida como encaravam o capitão, como se estivessem dispostos a começar um motim.

Isso fez Jack pensar. “Posso me aproveitar disso, isto é, se não acabar morrendo primeiro.”

– Não, senhor. Claro que não – ele respondeu.

– Não, capitão – disse Kelly.

Fantasma voltou para a cabine, deixando ao novo imediato a tarefa de definir a rota da embarcação com o gordo Demetrius. O restante da tripulação se espalhou pelo convés, olhando-o com cautela e já planejando o dia de sua morte.

Jack se ajoelhou sob a luz difusa da cozinha e arrancou uma a uma as

balas do corpo de Louis, fazendo-as tilintar ao se chocar com o metal da panela ensanguentada. O rosto do marujo negro se contorcia a cada movimento da pinça, e seu dente de ouro reluzia, enquanto os demais se tornavam mais compridos e afiados. Os olhos também mudaram de forma devido à dor, e os pelos começaram a se adensar em algumas partes da pele.

– Fale comigo, Jack – pediu Louis, quase em um rosnado. – É melhor me distrair antes que eu me esqueça de que somos amigos e a dor me obrigue a fazer alguma coisa de que eu me arrependa mais tarde.

Jack lhe contou o que acontecera no convés com Finn e sua faca, e também sobre a decisão de Fantasma.

– Isso só pode ser brincadeira sua, Jack – comentou Louis. – Sorte sua que eu tenho senso de humor.

Jack teve que escavar mais fundo para remover a última bala, produzindo um corte maior para conseguir chegar até onde ela estava alojada. Pensou que Louis fosse lhe cravar uma das garras, mas, apesar de os olhos do lobisomem terem mudado de cor e se arregalado, ele se limitou a grunhir e fechar os punhos.

– Não é brincadeira, não – respondeu Jack.

Respirando fundo para se acalmar enquanto seu corpo voltava ao normal e as feridas começavam a cicatrizar, Louis o encarou com uma expressão preocupada.

– Duvido que a tripulação esteja achando alguma graça – comentou Louis. Ele sacudiu a cabeça, perplexo, percorrendo com os olhos as sombras escuras da cozinha em busca de uma explicação para o que tinha acabado de ouvir. – Isso não é nada bom, para nenhum de nós.

Jack se virou para a entrada da cozinha, atraído pelo rangido que evidenciava a aproximação de alguém. Em seguida, voltou-se novamente para Louis, perguntando-se se aquele homem, aquela fera, poderia mesmo não ser seu inimigo.

– A fé que todos depositam nele está abalada – disse Jack. – Percebi isso. Eu *senti*.

– Fantasma está só provocando Finn – garantiu Louis. – Ele jamais vai deixá-lo sair deste barco com vida. Finn sabe disso, e em algum momento vai tentar matar Fantasma. O fator surpresa é sua única chance, que não é lá muito grande. Fantasma vai fazer picadinho dele.

Por outro lado, Finn matou o senhor Johansen, e a punição nesses casos é bem clara. Sou um lobisomen, um lobo, só há três anos, porém as leis do bando são ensinadas logo nos primeiros dias. Podemos matar uns aos outros, mas em um confronto corpo a corpo. Quando alguém é desafiado acontece uma luta, e o vencedor toma o lugar do perdedor na hierarquia do bando. E, se o derrotado acabar morrendo, não existe punição. É a regra.

– Mas o assassinato... – disse Jack, deixando as palavras no ar junto com o tilintar de panelas e utensílios pendurados nos ganchos.

Louis confirmou com a cabeça.

– Assassinato é diferente. E é punido com a pena capital. Fantasma só está torturando Finn, mas o bando vai encarar isso como uma fraqueza. Eles podem até pensar que o capitão está ficando mole.

– E ele está?

Essa pergunta incomodou Louis – Jack pôde ver isso em seus olhos –, e era justamente essa a reação que ele esperava. O bando começava a duvidar de Fantasma. Apesar de sua selvageria, o capitão seria obedecido apenas enquanto fosse respeitado, e sua relação com a tripulação começava a se deteriorar. Jack podia perceber esse fato com clareza. Era hora de pôr mais lenha na fogueira.

– Ele está diferente desde que você chegou – admitiu Louis, pensativo.
– No começo todo mundo ficou se perguntando por que você foi separado dos outros... e mantido vivo. Os outros já viram isso acontecer outras vezes. A última vez foi comigo.

– Viram o que acontecer? – questionou Jack.

Louis franziu a testa, e um brilho de divertimento se acendeu em seus olhos.

– Você ainda não entendeu? Sério? Com sua inteligência, isso me deixa espantado.

Irritado e esquecendo-se de que falava com um monstro, Jack se inclinou para trás e jogou as mãos para o alto.

– Você vai falar de uma vez ou vamos ficar brincando de adivinhar?

Louis ergueu o queixo e se empertigou todo como um cão. Jack ficou paralisado, com medo de ter abusado da boa vontade do pirata. Louis, porém, limitou-se a sacudir a cabeça.

– Ele está preparando você. Assim como fez comigo e com todos os

outros. Nomeá-lo como imediato é um insulto para todos nós. Fantasma está cuspidando na nossa cara. Eu gosto de você, Jack, mas o capitão acabou de assinar sua sentença de morte. O restante da tripulação vai querer acabar com você, e não só por causa do insulto, mas também pelo significado da sua nomeação como imediato.

Jack percebeu que o frio que sentia na barriga se espalhava pelo restante do corpo.

– Ele está me preparando. Isso que dizer que...

– Quer dizer que ele pretende transformar você em um lobo. E, quando isso acontecer, você vai deixar de ser um insulto ou uma brincadeira de mau gosto. Vai ser um membro do bando e vai estar abaixo apenas de Fantasma, por causa da sua posição de imediato.

– De jeito nenhum! – rebateu Jack, sentindo a bile brotar no fundo da garganta. – Prefiro morrer primeiro.

– Tudo bem – disse Louis, levantando-se e comprimindo os ferimentos no peito. – Seria a melhor coisa, mesmo no seu caso. Mas, se quiser se manter vivo, fique sabendo de uma coisa: você tem muito mais chances de sobreviver a um ataque de um deles se for um de nós.

Jack passou as mãos pelos cabelos, balançou a cabeça e encarou Louis.

– Mas você acabou de dizer que eles estão com raiva de Fantasma. Que não confiam mais nele. Por que não fazem alguma coisa a respeito?

– Eles até fariam, caso não tivessem tanto medo. Ele é o pior entre nós, o mais poderoso. Finn cometeu sua traição em segredo porque não teve coragem de tentar atrair os demais para o seu lado. Foi Fantasma quem nos transformou, e é ele que nos mantém com dinheiro e bem alimentados, mas sempre existe motivo para insatisfação. É da natureza do lobo querer subir na hierarquia do bando. Se Finn tivesse tentado recrutar o restante do pessoal, muito provavelmente alguém o denunciaria para cair nas graças do capitão. Precisamos confiar a própria vida uns aos outros, mas não o tempo todo. A qualquer momento um de nós pode querer o pescoço de alguém para subir de posição e ganhar uma parte maior do butim. Preste bem atenção, Jack: vou falar a seu favor se tiver oportunidade. Mas saiba que, se alguma coisa acontecer, não lutarei por você. Não vou morrer por sua causa. – Ele sorriu. – Não gosto *tanto assim* de você.

Mancando um pouco, Louis saiu da cozinha, deixando Jack sozinho na semipenumbra com as panelas e um piso manchado de sangue. Jack se encostou contra a parede, a cabeça girando a mil. Àquela altura, o único motivo para ainda estar vivo era Fantasma. O destino de ambos estava interligado. Se Jack conseguisse inflamar ainda mais o ressentimento do bando contra o capitão até o ponto de provocar um motim, o que aconteceria com ele e Sabine?

Seriam os primeiros a morrer, ele achava.

Caso quisesse ter alguma chance de sobrevivência, precisaria manipular Fantasma e sua tripulação e colocá-los uns contra os outros. E, quando fosse agir, teria que ser na hora certa, e Sabine deveria estar preparada.

Estava na hora de ter uma conversa séria com a bruxa que havia roubado seu coração.

CAPÍTULO OITO

DIAMANTES E MORTE

Jack passou o resto do dia cuidando de seus afazeres, tentando ser discreto, mas ao mesmo tempo buscando se adaptar à função de imediato. Aquela era sua provação. Havia lido livros ambientados no mar e tentou se lembrar de quais eram as atribuições de sua nova função. No entanto, eram histórias sobre homens comuns vivendo aventuras excepcionais, que ignoravam em grande parte os procedimentos dos tripulantes e as tradições marítimas. Mesmo assim, ele fez o melhor que pôde e, quando Fantasma apareceu no convés e o instruiu a emitir uma ordem, Jack fez isso com o máximo de confiança que era capaz de demonstrar. Apesar de sentir o desprezo da tripulação como uma brisa gelada em um dia quente, todos obedeceram sem hesitação e sem demonstrar nenhum sinal de contrariedade.

Jack sabia que sua nomeação era um teste que Fantasma queria impor a seus homens e que, assim como ele, os tripulantes esperavam o momento mais propício para liberar suas frustrações.

Quando o sol se pôs, ele desceu para a nova cabine e tentou se instalar por lá. O aposento do imediato ficava logo depois da cozinha, perto da cabine de Fantasma e do outro lado do corredor em relação à sala de navegação, que Jack só tinha se aventurado a espiar uma única vez. Muito maior que seu espaço para dormir na cozinha, a nova cabine era igualmente malcheirosa. As paredes estavam todas riscadas e arranhadas, e o leito, coberto com uma roupa de cama que algum dia havia sido branca, mas no momento era da cor do mar. Os únicos pertences que Johansen deixara se resumiam a coisas quebradas, lascadas ou tortas. Ocupar aquele local só fez com que Jack se sentisse ainda mais em perigo que antes. Tentou arrastar a pequena cômoda para a frente da porta, mas o móvel estava aparafusado no chão para evitar que tombasse durante as tempestades. Jack sentou-se na cama e riu da

própria estupidez. Mesmo que conseguisse arrastar os móveis até a porta, aquilo não seria suficiente para protegê-lo de um ataque.

Por um momento, o desespero se abateu sobre ele, e seu destino lhe pareceu inevitável como o do prisioneiro enterrado até o pescoço em uma praia deserta observando a maré subir. Sentou-se no catre fedorento do morto e sentiu o ódio e o ressentimento se adensarem no ar ao redor, comprimindo as paredes e seus sentidos com uma pressão brutal. Jack confiava na própria capacidade, mas as circunstâncias estavam todas contra ele, e de forma esmagadora. Um monstro, talvez, ele teria como enfrentar. Mas uma tripulação inteira deles? Um grupo variado de criaturas terríveis, cada uma à própria maneira? Como Árvore deveria ser em seu estado animalesco? E Ogro?

E o que dizer de Fantasma, o pior de todos eles?

Jack cerrou os punhos apoiados nos joelhos, olhando para o canto da cabine. Na escuridão viu o rosto de Sabine, triste e singela, mas fazendo de tudo para esconder isso. Seu coração se acalmou, a respiração voltou ao normal, assim como a determinação em superar os obstáculos. Ninguém que passasse pelo que ele havia passado poderia se deixar intimidar pelas circunstâncias. E ninguém que precisasse salvar a pessoa amada poderia se deixar abater pelo desespero.

– Amor – Jack disse em voz alta, e aquela palavra lhe pareceu genuína e sincera demais para ser usada em um ambiente como aquele. Não conhecia Sabine havia tanto tempo para amá-la, mas...

Ele se levantou e ficou parado no centro da cabine sem tocar em nada, tentando ignorar o fedor de Johansen, que parecia impregnado na madeira do compartimento inteiro. Limitou-se a esperar.



Por um momento, o desespero se abateu sobre ele, e seu destino lhe pareceu inevitável como o do prisioneiro enterrado até o pescoço em uma praia deserta observando a maré subir.

A embarcação balançava em seu ritmo habitual, a madeira rangia, e

quando ouviu passos do lado de fora ficou tentando imaginar de quem seriam e para onde se dirigiam. De olhos fechados, focou os sentidos para o ambiente ao redor, como havia aprendido em sua experiência na natureza selvagem de Yukon. Na mente, criou um mapa daquele barco terrível usando os sentidos desenvolvidos sob a tutela de Lesya para localizar cada um dos piratas. Finn dormia no fundo da cozinha, envergonhado e remoendo seu rancor, deitado no lugar que antes pertencera a Jack. Louis estava no cesto da gávea. Jack achava que Demetrius devia estar no leme, e havia dois outros no convés, vigiando e cuidando de ajustar os cabos conforme fosse necessário ao longo da noite.

Huginn e Muninn, ele não foi capaz de localizar. Onde quer que estivessem, eram um enigma, silenciosos e amedrontadores. Era como se Fantasma tivesse criado aquelas duas presenças sinistras apenas para protegê-lo contra agressores e tripulantes mal-intencionados.

Ouviu passos do lado de fora e uma porta ser aberta e depois fechada. Os passos se detiveram por um instante na frente do quarto de Jack, que, em vez de prender a respiração, inspirou e expirou de forma lenta e profunda, como se dormisse. Os passos seguiram seu caminho, e Jack ouviu Fantasma subir para o convés.

“Agora é a hora”, pensou. Tudo o que Louis havia falado servira para aguçar seu senso de urgência. Jack sempre tinha considerado a passagem do tempo como um modo de expandir sua vida e experiência, mas naquele momento cada segundo que passava parecia direcioná-lo a algo terrível. Ele se lamentou por ter perdido o otimismo.

Abriu a porta rapidamente para evitar o rangido das dobradiças corroídas pela maresia. O corredor estava às escuras. Parado à porta, Jack olhou para a esquerda, para a cabine fechada e proibida de Fantasma. Do outro lado do corredor ficava a sala de navegação. Devia ser ali que Fantasma mantinha Sabine, esperando avidamente que ela usasse suas habilidades para encontrar navios que pudesse atacar, tesouros que pudesse roubar, passageiros que pudesse matar e gente que pudesse caçar e devorar na noite de lua cheia. Jack estava inflamado pelo ódio quando fechou a cabine atrás de si.

Ao tocar na maçaneta da porta da sala de navegação, ele notou uma movimentação do lado de dentro. Não havia nada de ameaçador a

respeito – na verdade era uma espécie de excitação pelo que estava por vir. “Sabine está esperando por mim”, Jack pensou, e abriu a porta para entrar, mantendo a mão esquerda nas costas, onde a faca presa estava na cinta.

– Jack – murmurou uma voz suave e agradável.

– Sabine.

Ele fechou a porta com uma sensação deliciosa de estar fazendo algo proibido.

Ela estava sentada em um leito preso à parede do fundo da cabine, atrás da mesa onde os mapas estavam estendidos sob o peso de pedras lisas e arredondadas. Usava uma roupa folgada, e o cabelo parecia mais armado, como se estivesse livre de grampos que ele nunca havia notado. O ambiente era iluminado por um único lampião a óleo, que lançava sombras suaves sobre as feições tristes e belas de Sabine.

– O que está fazendo aqui? – ela perguntou.

– Eu vim ver você, claro. Quero conversar.

– Ele mata você se descobrir isso.

– Você acha mesmo?

Jack não achava. Para ele, Fantasma iria surrá-lo sem dó nem piedade, arremessá-lo de um lado para o outro pelo barco como uma criança brincando com sua bola. Mas ele duvidava que o capitão fosse matá-lo.

Pelo menos por ora.

– Eu... – começou Sabine. Ela se levantou da cama, e a camisa aberta revelou a base de sua garganta. Sombras pousaram ali, e Jack sentiu vontade de chegar mais perto e beijá-la.

– Precisamos conversar – falou ele. – Minha chegada mudou as coisas por aqui, perturbou o equilíbrio interno da tripulação. Fantasma vai me transformar quando achar que chegou a hora. E eu não posso me transformar em uma coisa dessas.

– Não mesmo – concordou ela. – Você é uma pessoa forte, mas jamais suportaria se transformar em um monstro.

– Se eu for mordido, não existe outra escolha – ele respondeu. – É isso que precisamos evitar. O tempo está passando, Sabine. Quero sair logo daqui. E que você venha comigo.

– Jack, eu...

Ele encostou o indicador nos lábios pedindo silêncio, e Sabine obedeceu. Jack foi até a mesa e passou a mão pela papelada depositada ali, sem tirar os olhos dela nem por um momento. Aproximou-se do leito dobrável, e a invasão daquele espaço pessoal provocou um incômodo evidente em ambos. Sabine não ficou corada – pois não era assim tão preocupada com as convenções sociais –, mas ele a ouviu respirar fundo ao notar sua aproximação.

– Quero salvar a nós dois – ele falou. – Você é uma prisioneira neste barco até mais que eu, pois Fantasma valoriza suas habilidades e vai fazer o que for preciso para mantê-la aqui. E quanto a mim? Ele até considera bem-vindos meu intelecto e a oposição entre nossa natureza. Minha presença o fortalece. Ele vai continuar discutindo comigo à vontade, porque ambos sabemos que nenhum dos dois vai voltar atrás até ele ter certeza de que não vê mais nada de si mesmo em mim, de que os últimos vestígios de sua humanidade se foram. E então...

Jack estremeceu, visualizando na mente como seria pôr em prática aquilo que Louis expusera em teoria.

– E então ele vai se voltar contra você – completou Sabine. – Você conversou com Louis.

– Sim – murmurou Jack.

– Ele era um homem como você quando levou Fantasma até mim em São Francisco. Louis tinha ouvido falar dele, mas não sabia que se tratava de um monstro. E não demorou muito para Fantasma começar a brincar com ele quando percebeu o medo de Louis ao notar a situação em que havia se metido. Ele se deleitou quando Louis implorou pela própria vida após se entregar às garras da morte. Depois de tudo isso, Fantasma o amarrou no mastro principal e o mordeu, e a tripulação inteira se reuniu para testemunhar sua primeira transformação. A primeira é sempre a pior.

Ela desviou os olhos, limpando uma lágrima do rosto.

– Pior como? – Jack quis saber.

– Pior que a própria morte.

Jack foi até Sabine, segurou-a pelos braços e a virou para que o encarasse. A princípio ela resistiu, mas depois se voltou para ele, colocou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para perto. Beijaram-se.

Era difícil para Jack ignorar que estava em uma embarcação com piratas e lobisomens, esquecer os navios naufragados, mas por um momento sentiu-se sozinho no mundo com Sabine, e sua existência se resumia unicamente àquele beijo. O passado se tornou vago como o futuro, e nenhuma das duas coisas importava enquanto estivesse com ela.

Quando seus lábios se separaram, ele notou em seus olhos que ela se sentia da mesma maneira.

– Me desculpe, Jack – ela falou.

– Por quê?

– Eu...

Ela escondeu o rosto no ombro de Jack, que a abraçou com força para tentar extrair a verdade de dentro dela.

– Sabine, você não tem por que pedir desculpas.

– Rá! – Ela soltou uma risada seca e breve e apontou para o leito. – Tem *tanta coisa* que você não sabe... Venha sentar aqui comigo.

– Acho que deveríamos começar a planejar como...

– *Já* estamos planejando – disse Sabine. – Venha sentar aqui comigo, Jack. Não temos tempo a perder.

Jack fez o que ela pediu. Quando sentou, apesar do braço dela tocando o dele e da proximidade das pernas dos dois, as coisas terríveis que ela começou a contar impuseram um distanciamento entre eles.

– Fantasma não é o nome verdadeiro dele, que ninguém sabe, nem mesmo eu. Mas ele me contou sobre suas origens, sobre como foi transformado. E também falou do seu arqui-inimigo, pois quer que eu esteja sempre de olho nele.

– Fantasma tem um arqui-inimigo?

Sabine estremeceu. Jack sentiu isso e teve vontade de abraçá-la. Aquela conversa, porém, era desagradável demais para um contato mais próximo.

– O irmão dele – revelou Sabine. – Morte Nilsson. O lobo do mar original, o primeiro a formar um bando, a reunir uma porção de sujeitos violentos e fazê-los funcionar como um grupo. Antes disso, segundo Fantasma, os lobisomens se encontravam apenas por acaso, e nesses encontros só um deles saía vivo. Morte mudou tudo isso. Ele os encheu de ambição e determinação e comandou seu bando com mão de ferro e

garras implacáveis. Ele e seus tripulantes atuam como piratas há muito, muito tempo. Nem mesmo Fantasma sabe há quanto, mas desconfia que seja há mais de um século.

– Cem anos! – surpreendeu-se Jack. – É um absurdo essas criaturas viverem tanto. Que horror!

– Um horror mesmo.

Por um instante, Jack sentiu que o rumo da conversa estava prestes a mudar. Sabine continuou: – Fantasma descreveu o irmão com palavras bem parecidas. E, considerando o histórico entre os dois, ele deve ser ainda mais monstruoso que o homem que conhecemos. Ainda mais brutal e impiedoso, e ainda mais convicto de sua crueldade. Entende? Por mais cruel que Fantasma possa ser, existe alguém ainda pior. Morte Nilsson é a encarnação da maldade.

Jack franziu a testa.

– É difícil acreditar que exista uma criatura mais desalmada que Fantasma.

– Fantasma contou que fazia parte da tripulação de Morte – prosseguiu Sabine. – Com uma posição de honra, como irmão do capitão, mas nem por isso alguém de destaque dentro da hierarquia do bando. Depois que Morte foi transformado, algo que ninguém sabe como aconteceu, ele voltou para casa a fim de buscar Fantasma e obrigá-lo a acompanhá-lo ao mar. Estabeleceram suas atividades na costa do Pacífico, realizando assaltos a vilas de pescadores, atacando e afundando pequenas embarcações e usando ilhas desertas como refúgio quando era preciso desaparecer por uns tempos e contabilizar os tesouros. Fantasma ficou decepcionado com o caminho escolhido por Morte. Ele se refere ao irmão como um cão tolo, mas acho que o verdadeiro problema era sua posição na hierarquia do bando. Ele não queria ficar sob as asas do irmão, pois se considerava um igual, ou até mais que isso. Fantasma desafiou Morte e saiu derrotado; foi humilhado diante da tripulação inteira. Segundo o código dos lobos do mar, uma tentativa de estabelecer o que é certo ou errado nas relações do bando, ele deveria ter sido assassinado no ato, mas Morte quis que ele sofresse.

Sabine parecia enojada, como se falar a respeito da moralidade primitiva daqueles monstros deixasse um gosto ruim em sua boca.

– O mesmo erro que Fantasma cometeu em relação a Finn – Jack

comentou em voz baixa.

– Morte amarrou o irmão em um mastro e o torturou por vinte e quatro horas. Durante esse tempo, ele não dormiu; concentrou-se apenas em criar novos métodos de infligir dor e humilhação. Quando Fantasma me contou isso... Nunca o vi tão perturbado. E até hoje não sei se a questão principal era a dor ou o fato de ter sido o irmão o responsável por tanto sofrimento.

– Duvido de que os laços familiares signifiquem alguma coisa nesse caso – disse Jack.

– Acho que significam, sim – rebateu Sabine. – Acho que isso tem maior importância do que imaginamos. E precisamos ter esse fato sempre em mente.

– E o que aconteceu depois?

– Essa situação criou uma inquietação em meio aos tripulantes, o que levou Morte a decretar o fim do sofrimento do irmão. Ele cortou a garganta de Fantasma com uma espada, cravou uma lâmina de prata em seu peito e o atirou ao mar. Fantasma viu o barco de Morte se afastar lentamente e os tripulantes, ainda reunidos na balaustrada, testemunhando seu trágico fim. Fantasma perdeu os sentidos e, quando acordou, estava em uma praia.

– Quanto tempo ele ficou à deriva no mar?

– Eu fiz essa mesma pergunta – contou Sabine. – Ele deu de ombros e disse que cinco ou sete dias, talvez. O sol queimou boa parte da pele de seu rosto e dos braços, e a água salgada amoleceu sua carne, que estava quase se soltando dos ossos. A faca ainda estava encravada no peito, e a primeira coisa que ele fez quando acordou foi retirá-la. Esse é o aspecto mais milagroso da sobrevivência dele: ter passado dias e noites boiando no oceano, tendo roupas e partes do corpo rasgadas pelos tubarões, sendo queimado pelo sol, com o sangue escorrendo pela garganta, correndo o risco de se afogar a qualquer momento. Tudo isso seria até suportável para ele, menos a faca encravada no peito.

– É só... uma lenda – disse Jack. – Ficção. Essa história de que a prata é capaz de matar os lobisomens.

– E os próprios lobisomens também não são considerados seres fictícios?

Ela se virou para Jack e o encarou, a apenas poucos centímetros de

seu rosto. Ele poderia ter se inclinado para a frente para beijá-la de novo. No entanto, o clima no ar estava pesado, nada propício a demonstrações de afeto. “Nosso amor é puro e imaculado”, pensou, e virou o rosto para que seus olhos não denunciassem aquele pensamento.

– Então qual foi o milagre da história?

– A faca ficou presa em uma parte mais reforçada da túnica de couro de Fantasma. A lâmina não penetrou sua carne nem teve contato com o sangue, porque o couro entrou no corpo junto com a lâmina. Morte enfiara a faca no peito dele se valendo da força bruta, e não da capacidade cortante da lâmina. Fantasma passou um dia nessa praia acreditando estar morto. Mas depois se levantou, perambulou pelo local e encontrou... comida.

Sabine estremeceu, e Jack foi capaz de sentir seu terror.

– Quem eram essas pessoas?

Ele a envolveu com um dos braços e a atraiu para si, confortando-se e oferecendo conforto ao mesmo tempo.

– Ele não disse. Talvez nem soubesse, ou não se importasse. Mas eram pelo menos uma dúzia, que chegou à ilha em um barco. Ele falou que...

– Calma... – Jack deu um beijo na testa de Sabine, e ela se afastou, levantou-se da cama e se inclinou sobre a mesa.

– Ele falou que se alimentou dessas pessoas por oito semanas. E, depois de capturar o último deles e trancafiar na cela do compartimento de carga do barco, ele içou as velas e saiu navegando sozinho. Desde então vem dedicando seu tempo a formar a própria tripulação e planejar sua vingança contra Morte Nilsson.

– Foi o *Larsen* que aportou naquela ilha – disse Jack.

– Foi. E, em algum momento de sua estadia na ilha, ele mudou seu nome para Fantasma.

– Um homem como ele deve adorar esse nome.

Sabine abriu um sorriso.

– Quando eu perguntei o motivo, ele contou que, depois da primeira lua cheia, quando estava cercando o acampamento dos homens, ouviu um deles dizer: *Como chamar um homem que sozinho levou quatro dos nossos e ainda fez aquela atrocidade com eles?* Ao ouvir isso, Fantasma sussurrou seu novo nome em meio à escuridão e, a partir daquele momento, começou a se dedicar a torná-lo temido.

– Ele achava que deveria ter morrido – Jack comentou, imaginando como isso afetaria alguém como Fantasma. Rejeitado pelo bando, torturado pelo irmão, vivendo experiências que seriam fatais para a maioria dos homens...

– Foi o único momento em que o vi demonstrar algum nível de vulnerabilidade – afirmou Sabine. – Ele ficou em silêncio e pensativo depois de me contar isso. Conheço Fantasma melhor que ninguém e tenho certeza de que essas memórias o torturam até hoje. Ele mesmo me falou: *Sou só um espectro do que costumava ser.*

– Ele acha que o irmão roubou algo de sua essência.

– E agora quer roubar um pouco mais. Porque, obviamente, Morte ficou sabendo que o irmão sobreviveu, e, quando os dois se encontrarem, em terra ou no mar, só um deles vai sair vivo. Algum dia, Fantasma vai querer me usar para localizar a embarcação do irmão, mas só quando se sentir pronto para esse reencontro.

– E a tripulação sabe disso? – perguntou Jack.

Sabine balançou a cabeça lentamente.

– Se já ouviram falar em Morte Nilsson, o lobo dos mares? Não seriam piratas nestas águas se não conhecessem essa lenda. E Fantasma nunca fez questão de esconder seu passado. O bando sabe muito bem como aconteceu a ruptura entre os dois irmãos. Mas, se está me perguntando se eles sabem que estão sendo usados por Fantasma para objetivos que não têm nada a ver com ouro nem com as caçadas... a resposta é não. Acredito que não.

Jack refletiu por alguns instantes, perguntando-se como a tripulação reagiria se soubesse que o bando havia sido reunido apenas para servir de bucha de canhão no momento do enfrentamento entre Fantasma e o irmão.

– E quando Fantasma vai estar pronto para o reencontro com Morte?

– Só quando sentir que tem um bando capaz de destruir os lobos comandados pelo irmão. E, sobretudo, quando sentir que é um pirata e um lobisomem mais poderoso que Morte, o que só vai acontecer quando ele tiver certeza de que se livrou de seus últimos resquícios de humanidade, que dentro de si só restou a fera. É por isso que ele tem tanto interesse em você, que o observa com tanta atenção, e também por esse motivo que ainda não o transformou em lobo. Acho que o considera

um trunfo, alguém que ele admira e acredita que pode ser um membro valioso do bando. Mas, por enquanto, prefere usar sua humanidade como medida de comparação consigo mesmo. Ele valoriza, sim, seu intelecto e discurso racional, entretanto o verdadeiro foco do interesse dele são sua empatia e compaixão.

Jack balançou a cabeça em discordância.

– Isso nunca vai dar certo. Ele jamais vai conseguir se livrar dos últimos vestígios do homem que foi um dia. Não sei se o que sente por você é amor, mas alguma coisa é. Ele sofre por causa do ciúme e da desilusão. Vi isso com meus próprios olhos.

– Mesmo assim, ele se aproxima mais de seu objetivo a cada dia – disse Sabine. – Seja como for, um dia ele vai acreditar que está pronto para se vingar do irmão e de seu bando e reconquistar o que perdeu.

– O orgulho? – questionou Jack, mas Sabine negou com a cabeça e foi sentar ao lado de Jack novamente. Pôs a mão sobre a perna dele, e ele sentiu o calor da pele dela atravessar o tecido da roupa.

– Acho que é algo muito mais profundo que isso – ela falou. – Algo que não sei se somos capazes de entender. Fantasma é uma criatura bem peculiar.

– Pelo jeito, ele causou uma tremenda impressão em você – comentou Jack, odiando o tom de petulância que notou na própria voz.

– Ah, Jack – Sabine respondeu baixinho –, ele é uma figura intrigante.

Ela se inclinou para beijá-lo, e ele se sentiu arrebatado outra vez. Com muita relutância os dois se afastaram, e Jack soube imediatamente que havia mais coisas a dizer.

– Que foi?

– Nada.

– Sabine, existem coisas sobre mim que você não sabe. Já vi e fiz coisas que você nem imagina. – Ela pareceu alarmada, e ele se arrependeu de ter dito algo que pudesse chateá-la. No entanto, Jack também achava que ela merecia saber que ele já tinha sido confrontado com o sobrenatural antes e que era capaz de expandir seus sentidos até chegar perto desse ponto. – Sei que tem algo incomodando você agora, porque posso sentir isso.

– Morte – ela falou.

Por um momento, ele não soube ao certo do que ela falava.

– Morte Nilsson está vindo atrás de Fantasma. O barco dele está a dois dias de viagem daqui.

Jack a encarou, o coração disparado.

– Então o confronto enfim vai acontecer. E em breve.

Jack passou a mão pela barba por fazer. Se um barco cheio de monstros já era perigoso, uma luta entre os dois irmãos e os respectivos bandos era morte certa para ele e Sabine.

– Fantasma está planejando sua vingança?

Sabine se levantou, tocou as cartas náuticas sobre a mesa, escolheu uma e pôs a mão em cima dela.

– Ele estaria, se eu o tivesse avisado de que Morte está a caminho. Decidi não esperar que Fantasma estivesse pronto para o reencontro. Vou dar o que ele deseja, mas antes do combinado.

Ela moveu a mão devagar para a esquerda e para a direita, murmurando tão baixinho que era quase impossível ouvi-la. Depois contornou a mesa e fez a mesma coisa de vários outros ângulos. Sabine tocou o mapa com o dedo mindinho da mão esquerda.

– Aqui. O barco de Morte está aqui.

Jack olhou para o mapa e perguntou onde eles estavam. Ela indicou um outro ponto com a mão.

– Quando Fantasma vai descobrir?

– Se eu não contar nada, só quando o barco surgir no horizonte.

Foi então que Jack entendeu. Sabine havia detectado a presença do barco de Morte, porém escondera essa informação de Fantasma, para que o *Larsen* fosse pego de surpresa. Isso poderia significar sua morte, mas ela estava disposta a se arriscar, desde que também significasse a ruína de Fantasma.

– E então?

– O barco de Morte é maior e mais rápido, e sua tripulação é duas vezes maior que a do *Larsen*.

Jack parou para pensar um pouco, assentindo depois.

– Muito bem. Acho que pode dar certo. Vamos ter que agir rápido, mas é melhor assim. Nossa chance de escapar virá um pouco antes do ataque, aproveitando o momento de distração que surgir quando Fantasma e seus lobos se derem conta do que está acontecendo. Mas...

Jack franziu a testa, tentando pensar em uma maneira de fugir mar adentro sem morrer afogado, além de encontrar um jeito de distrair Fantasma e a tripulação por tempo suficiente para poder saltar do barco.

– A tripulação já está bem insatisfeita – comentou Sabine. – Sua chegada perturbou mais do que nunca o equilíbrio entre eles. O equilíbrio de *todos*.

Ela o encarou fixamente com um olhar sincero e confiante.

– Uma distração – confirmou Jack.

– Continue alimentando a insatisfação da tripulação, e, quando a hora chegar, eles estarão totalmente despreparados. Com a guarda baixa.

– Já estão aborrecidos porque Fantasma me nomeou como imediato – disse Jack.

– Esse é mais um dos joguinhos dele. Mas nosso maior trunfo está na despesa.

– O lucro.

A sala de navegação era tranquila e silenciosa, e estava livre para eles. A tentação de ficar por lá era grande. Jack ergueu a cabeça com os olhos semicerrados e sentiu que Sabine o encarava com a mesma expressão de quando fazia suas adivinhações com os mapas – uma mistura de fascínio e respeito.

– Fantasma ainda está no convés – ele falou.

– Não importa.

Sabine chegou mais perto, e sua presença o dominou por completo – podia sentir seu perfume suave, o calor, ouvir a respiração e o farfalhar de suas roupas quando se movia. Ela olhou Jack bem dentro dos olhos, as pupilas dilatadas na semipenumbra.

– Não podemos nos arriscar e pôr tudo a perder agora.

– Seus poderes – disse Jack. – O que mais você sabe fazer?

Ela era bastante evasiva, mas havia algo em seus olhos que denunciava a existência de um conhecimento que o intimidava e ameaçava. Muitas vezes, sua expressão parecia ser a de alguém muito mais velho do que ela aparentava ser. A julgar pela pele lisa e macia, Sabine não devia ter mais que vinte e cinco anos. Jack estava apaixonado por um enigma.

– Outras coisas – Sabine respondeu, hesitante. “Coisas ruins?”, Jack se

perguntou. Ela, por sua vez, segurou a mão dele e o atraiu para si. – Não podemos nos arriscar a ser pegos aqui.

– É verdade – concordou Jack, encantado com seu mistério. – A despensa. Me diga do que vamos precisar e por quê.

Sabine chegou mais perto e murmurou em seu ouvido, e Jack abriu um sorriso quando entendeu qual era o plano.

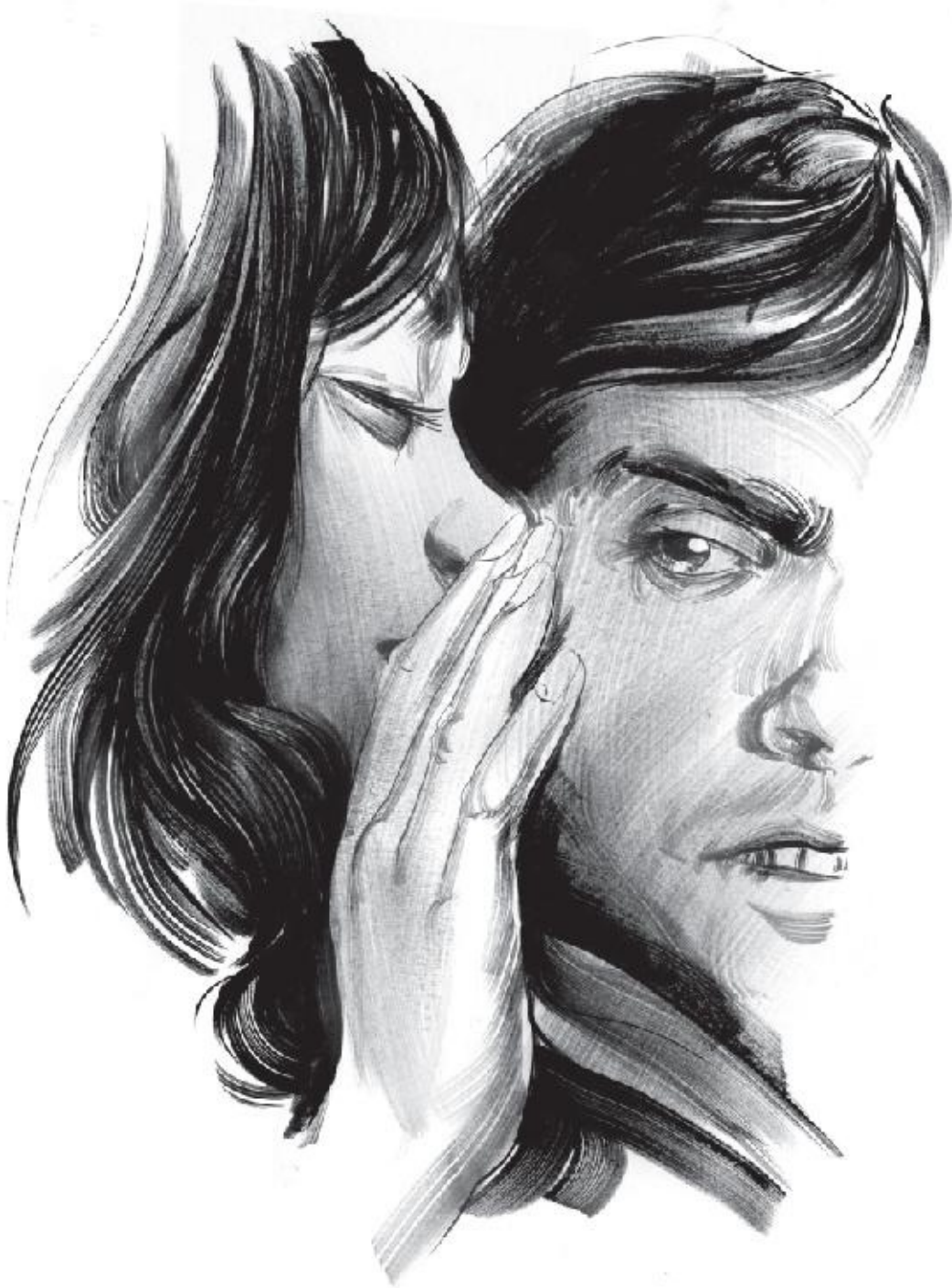
Jack passou em sua nova cabine antes de se dirigir à despensa, fazendo uma pausa a alguns passos da entrada da cozinha para se certificar de que Finn dormia, e ouviu os roncoss dissonantes e os resmungos incoerentes que confirmaram isso. “Deve estar sonhando com sua morte iminente”, pensou Jack, e sentiu uma pontada de pena de Finn, que não deixou de ser surpreendente. Aquele sujeito algum dia tinha sido um homem normal. Um homem como Jack, com uma família para cuidar, preocupado com as coisas que o futuro lhe traria e que poderiam ser boas ou ruins. Devia ter tido um emprego e lutado para sobreviver, esforçando-se para superar os obstáculos da vida da melhor maneira possível, vivendo de acordo com suas próprias possibilidades. Mas então subira a bordo do *Larsen* e fora transformado em um monstro. Todas as suas esperanças e aspirações tinham caído por terra, e só o que restara dentro dele fora um apetite incontrolável.

Ou talvez sempre tivesse sido um assassino.

Aqueles pensamentos sobre laços familiares deixaram Jack abalado – àquela altura, o *Umatilla* já devia ter chegado a Oakland, e seu amigo Merritt já teria procurado a mãe e a irmã de Jack e informado a elas sobre seu destino. Fora daquele barco, todos o tomavam como morto. Seu mundo àquela altura se resumia ao *Larsen*. Por outro lado, lamentar a própria situação só o tornaria mais fraco. Sua motivação maior deveria ser a sobrevivência.

Dentro da cabine, Jack revirou os pertences de Johansen e guardou no bolso uma pequena faca com bainha, um molho de chaves e um garfo torto – algo raro entre os piratas –, que enferrujavam debaixo da cama. Ficou parado por alguns instantes diante da porta fechada, à espreita, com a respiração bem leve enquanto tentava ajustar seus sentidos da maneira como havia aprendido na natureza selvagem. No entanto, sua atenção era atraída o tempo todo para a sala de navegação, onde uma

presença suave e calorosa o esperava com a respiração acelerada. “Ela ainda está acordada”, Jack refletiu, e soube imediatamente que Sabine pensava nele, torcendo para que ele fosse capaz de oferecer a chance que ela tanto esperava.



– A despensa. Me diga do que vamos precisar e por quê.

Por quanto tempo, ele não sabia. Essas questões misteriosas a respeito de Sabine o intrigavam, mas não a ponto de atrapalhar sua relação com ela. Havia uma sinceridade em seus atos e em suas palavras que ele nunca sentira em relação a Lesya, o espírito perturbado da floresta, nas terras remotas de Yukon. Lesya era um monstro em pele de mulher. Sabine era uma mulher que testemunhara monstrosidades. Jack era sua chance de escapar e não iria decepcioná-la.

Fechou a porta de sua cabine, atravessou a cozinha e entrou no refeitório. Ouviu os passos de duas pessoas logo acima no convés, em uma movimentação tranquila e casual. Huginn e Muninn, talvez, o que significava que Fantasma ainda estava por lá. Quando chegou ao corredor, parou ao pé da escada, sentindo-se estranhamente tentado a subir. “Não é esse o caminho”, pensou, mas havia algo na presença monstruosa de Fantasma que o atraía. Talvez o motivo para isso fosse orgulho, porque ele sabia que Fantasma valorizava sua inteligência e sua capacidade de dialogar de igual para igual. Ou talvez fosse admiração, porque Jack não podia negar que, apesar de sentir repulsa pelo capitão, assim como Sabine, ele o considerava uma figura fascinante. Quando criança, Jack arrancava as casquinhas dos machucados dos joelhos, cutucava gatos ariscos com pedaços de pau e gostava de se equilibrar na beira do cais para contemplar as águas furiosas logo abaixo. O perigo para ele era uma atração irresistível.

Deixou esse sentimento de lado e abriu a porta proibida que levava ao corredor onde ficava a despensa. Passou pela cabine fechada a sete chaves e se lembrou da noite que passara lá dentro com Sabine, e da fúria de Fantasma ao abrir a porta e encontrar os dois na mesma cama. Parou diante da porta do meio e espiou pela fresta do batente. Estava às escuras, mas ele era capaz de sentir o cheiro das frutas e dos legumes que começavam a apodrecer, e o cacarejar de uma ou outra galinha.

Jack demorou um bom tempo para abrir a porta. Pensou que seria fácil, pois havia aprendido a arrombar fechaduras com Bob Florido, um ladrão do porto de Oakland que vivia de expedientes ilícitos, mas aquilo

exigia um nível de paciência e sutileza que Jack ia ficando mais longe de atingir a cada minuto que passava. A cada tentativa fracassada ficava mais nervoso. Foi preciso se encostar um pouco na parede e respirar fundo, temendo que a qualquer minuto a porta que levava ao corredor fosse aberta. Não importava quem aparecesse – ser descoberto por qualquer um significava perigo. Da maioria dos piratas, esperava no mínimo uma boa surra. Mas alguns deles provavelmente o matariam.

“Só mais uma vez”, pensou, controlando a respiração e procurando fazer tudo bem devagar. Ele enfiou o garfo no cadeado e depois uma das menores chaves do molho que levava, tentando sacudi-la e girá-la. O cadeado fez um clique, e Jack ficou tão surpreso por ter conseguido abri-lo que o deixou cair no chão com um baque pesado. Abaixou-se imediatamente, tentando diminuir o tamanho da sombra que projetaria quando uma das portas do corredor fosse aberta. Estava a mais ou menos dez metros do castelo de proa, onde a maioria dos piratas dormia. Caso um deles tivesse ouvido o barulho e resolvido investigar, levantaria do leito naquele instante, subiria os degraus que levavam aos alojamentos, passaria pela escada que conduzia ao convés, pararia diante da porta, esperaria um pouco para escutar a movimentação lá dentro e...

A porta do corredor, porém, permaneceu fechada. Jack suspirou aliviado, empurrou a porta e entrou sem olhar o que havia lá dentro. Fechou a passagem atrás de si e pôs o cadeado no chão antes de sair Tateando à procura de um lampião. Encontrou um pendurado em um gancho e, ao acendê-lo, tentou não imaginar o que poderia haver à sua espera na escuridão.

A luz venceu a noite e revelou que ele estava sozinho.

Havia cestas com biscoitos empilhadas junto à parede e caixotes com carnes salgadas aqui e ali, e Jack procurou não pensar a respeito daquelas que ele mesmo preparou. Viu também potes de frutas secas sobre uma prateleira improvisada, rolos de fumo pendurados no teto e uma porção de caranguejos grandes apodrecendo lentamente em um canto, além de recipientes com coisas que ele não foi capaz de identificar. Havia três gaiolas com as galinhas – criaturas magras e depenadas que de vez em quando botavam um ou outro ovo. Quando fossem mortas e consumidas, sua carne certamente seria dura e ressecada.

Não foi surpresa nenhuma constatar que cestos, caixotes e sacos continham nomes de pelo menos cinco embarcações diferentes.

Aquilo que ele procurava, no entanto, não se revelou à primeira vista. Jack não estava muito disposto a revirar as pilhas de comida, temendo que pudesse acabar derrubando alguma coisa. Apesar de o cadeado caído não ter acordado ninguém, quilos e quilos de alimentos indo ao chão por certo o fariam.

“Não posso envenenar tudo isso”, ponderou. Mas, mesmo que estivesse de fato portando algum veneno, não saberia como pôr em prática um plano como esse. Aqueles homens eram também lobisomens, assassinos e, como Louis, talvez vítimas das circunstâncias. Rebaixar-se ao nível deles poderia salvar vidas inocentes no futuro, mas matá-los daquela maneira, em vez de num confronto aberto, só desonraria o próprio Jack.

Ele olhou ao redor, imaginando onde poderia estar a carga realmente importante. E se Sabine estivesse errada e todo o lucro ficasse guardado na cabine de Fantasma? Se fosse esse o caso, seu plano jamais funcionaria, e eles precisariam pensar em outra solução.

– Droga, tem que estar aqui! – ele murmurou, e então viu a falha no chão. As tábuas do piso eram em geral colocadas bem próximas umas das outras, para proporcionar maior firmeza, mas abaixo de uma pilha de sacos e outra de caixotes havia uma brecha entre elas, que só poderia significar uma coisa. Removeu os sacos, ignorou o cacarejar das galinhas e removeu as tábuas da maneira mais silenciosa que pôde, revelando um alçapão da largura do corpo de um homem.

Estava trancado com um cadeado, que exigiu mais alguns minutos desesperadores para ser aberto. Quando conseguiu fazer isso, suspendeu a tampa do alçapão e a encostou na parede. Lá de baixo vinha um rugido grave e constante, além do ranger de tábuas. Estava nas profundezas do barco, talvez a pouco mais de um metro do casco, bem perto das ondas roçando os corais. Finn tivera uma experiência bem próxima com aqueles corais e, caso fosse pego, o mesmo aconteceria com Jack.

No entanto, Jack era apenas um homem, e só de imaginar as feridas terríveis que sofreria sentiu o estômago se revirar.

Pegou o lampião e desceu para o porão da despensa, que tinha no máximo um metro e vinte de altura e menos de um metro quadrado de

área. Estava apinhado de caixas, sacos e outros tipos de recipientes de armazenagem. Jack abriu alguns deles e percebeu indícios de coisas preciosas.

Era atrás daquilo que tinha ido. Sabine sabia de algumas coisas que estavam guardadas ali, por causa de seu dom. As correntes marítimas se comunicavam com ela, o som do casco de um navio era ouvido a milhares de quilômetros de distância, assim como o burburinho dos cardumes de peixes, o peso causado pelo deslocamento das embarcações, as águas mais frias e mais quentes em diferentes profundidades. Ela não conseguira explicar a Jack como sentia essas coisas – não era algo ligado à visão nem ao tato, tampouco um conhecimento instintivo ou algum tipo de comunicação misteriosa. O máximo que podia dizer a respeito era que se tratava de memórias perdidas que de alguma forma eram recuperadas.

Ela havia falado sobre diamantes e explicado quão preciosos eram.

Jack ficou surpreso ao ver todos aqueles tesouros guardados juntos. No entanto, por mais brutal e animalesca que fosse, aquela tripulação parecia concordar quanto à divisão dos ganhos e era unida por um forte senso de lealdade. Era isso que mantinha as brigas a bordo a um nível mínimo, e a intenção implícita nesse sentimento era manter a inveja sob controle e fazer com que toda a raiva fosse direcionada apenas contra as vítimas.

Era exatamente essa lealdade que Jack pretendia minar.

Ciente do tempo que já tinha gastado na invasão e na descoberta daquele porão, revirou aqueles objetos valiosos, que sustentariam sua família por gerações. No entanto, tudo ali era roubado, e o dourado reluzente e o brilho das pedras preciosas pareciam manchados de vermelho a seus olhos. O sangue de dezenas de vítimas maculava cada canto daquele espaço.

Quando encontrou os diamantes, quase perdeu o fôlego.

Jack pegou um punhado deles, tentando nem pensar em tudo o que poderiam comprar, e deixou o restante onde estava. Fechou o saquinho de diamantes, pôs de volta na bolsa de couro onde o havia encontrado e guardou no baú junto com os outros tesouros. Depois disso, voltou à despensa, pôs de volta a tampa do alçapão e a cobriu com uma caixa de legumes enlatados, tomando o cuidado de não deixar tudo arrumado

demais, o que atrapalharia seus planos.

Jack ficou na despensa por um tempo, atento à movimentação no corredor, tentando usar seus sentidos para detectar a aproximação de alguém. Prendendo a respiração, abriu a porta e saiu, mas não havia ninguém por perto. Inclinou-se para dentro do compartimento e espalhou alguns diamantes pelo chão, depois fez o mesmo no corredor. A ganância e a desconfiança eram armas poderosas.

Trancou então o alçapão e saiu para o corredor, fechando a porta com o cadeado. Logo depois, porém, deteve-se, um tanto perturbado. Era preciso que o roubo fosse algo bem óbvio. A pessoa que ele pretendia acusar não era das mais espertas. Sacou o canivete que havia encontrado entre as coisas de Johansen e raspou a madeira em torno do cadeado e da fechadura, para que qualquer um pudesse ver os sinais de arrombamento.

Agachado ali, enquanto se ocupava dessa tarefa, ouviu ranger os degraus no fim do corredor. Alguém vinha do castelo de proa.

Jack se virou. Quem estava na base da escada era Finn, que o encarava com uma tremenda desconfiança.

– O que você está aprontando aí, seu pedaço de carne? – grunhiu Finn.

Jack sentiu o pânico comprimir seu peito. Aquilo era justamente o que temia. Mais trinta segundos, e ele teria escapado sem problemas. Deu dois passos para trás, na direção da escada que levava ao convés, e então teve uma ideia.

Era perfeita.

Jack sorriu, virou-se e saiu em disparada, as botas batendo fortemente no chão. Finn rosnou e foi atrás dele. O pirata era muito mais rápido e forte, e seu peso fez o chão tremer. Jack só torceu para que ele não visse os diamantes nem parasse para recolhê-los.

De fato, as circunstâncias não poderiam ser melhores.

Desde que ele conseguisse sobreviver aos minutos seguintes.

CAPÍTULO NOVE

MORTE PAIRANDO NO AR

Por um instante Jack ficou inseguro, mas era tarde demais para se arrepender. Caso não fizesse nada, ele e Sabine seriam mortos em dois tempos. “Melhor morrer tentando nos salvar do que ficar parado esperando a morte chegar”, refletiu quando chegou à escada do convés. Finn estava em seu encalço e arrancou a porta que levava ao corredor da despensa.

– Desgraçado, traidor! – Finn gritou. – Ladrãozinho! O que foi que você roubou?

Jack não diminuiu o ritmo. Caso hesitasse, na certa seria pego, e Finn rasgaria sua garganta antes mesmo que ele desse início a sua farsa. Com o coração batendo a mil, como um animal engaiolado lutando para escapar, Jack foi se desviando dos obstáculos que atrapalhavam sua fuga.

Já haviam estado naquela situação antes, mas do outro lado do barco, e Jack tinha sobrevivido. Dessa vez ele precisaria ir além da simples sobrevivência.

Quando saiu para o convés, foi recebido pelo vento forte. O barco rangeu sob seus pés e tombou para um dos lados com as velas infladas, mas ele conseguiu manter o equilíbrio. Havia vários lampiões acesos, proporcionando uma luz fraca. As nuvens estavam cerradas naquela noite, bloqueando o luar e as estrelas. Demetrius estava no leme, a barriga comprimida junto ao timão, e franziu a testa ao notar a expressão de terror no rosto de Jack. Apesar disso, não esboçou nenhuma reação.

Finn apareceu no convés um instante depois.

– Mestre-cuca! – grunhiu, sem deixar de persegui-lo.

Demetrius fez uma cara de descaso e voltou a se concentrar na condução do barco, perdendo o interesse em Jack e Finn, por mais que

eles parecessem querer se matar. Os lobos do mar não gostavam de Jack e haviam perdido a confiança em Finn. Porém, caso não interferissem, o plano de Jack iria por água abaixo.

– Você é um lunático! – Jack gritou para Finn. – Que diabos você quer comigo?

Finn saiu em disparada atrás dele. Em poucos segundos Jack seria alcançado. Ele se lançou por entre as velas e contornou o mastro de ré. Quando viu os cabos oscilando na escuridão, imaginou que poderia ganhar algum tempo. O canivete que carregava na mão não serviria para nada, por isso o guardou na bainha e começou a correr na direção da balaustrada de estibordo. Jack perdeu o equilíbrio e quase caiu no convés. Ouviu um grito e reconheceu a voz de Louis, mas nesse momento acabou batendo com tudo na balaustrada, fazendo um dos balaústres rachar. Uma dor aguda se instalou em seu joelho em razão do impacto.

Apanhou um arpão pendurado ali perto e se virou para Finn com a arma em punho. A água salgada atingiu seu rosto, e ele teve que estreitar os olhos contra a luz fraca para ver o pirata, que avançava em sua direção com os dedos em forma de garra e uma expressão vazia no rosto.

Jack se agarrou à balaustrada e cravou o arpão no peito de Finn.

O pirata arregalou os olhos de dor e choque, pois o metal entrou fundo. A inclinação do barco deixou a gravidade a favor de Jack, e ele torceu e largou o arpão no peito de Finn. A ponta da arma funcionou como uma garra, prendendo-se na caixa torácica do marujo, que rugiu de dor e fúria enquanto tentava arrancá-la do corpo.

– Corra, Jack! – berrou alguém.

Ele olhou para cima e viu um vulto no cesto da gávea, que concluiu ser Louis. Era um incentivo desnecessário – Jack sabia que um arpão no peito não mataria um lobisomem, por mais que ele quisesse.

Ouviu um rosnado atrás de si e, depois, o som de madeira sendo quebrada. Nesse instante Jack soube que o máximo que conseguiria com aquilo era ganhar alguns segundos a mais para fugir. Saiu em disparada pelo convés inclinado, rumo ao mastro de proa. Quando chegou ao cordame, Árvore e Ogro surgiram do castelo de proa, esfregando o rosto devido ao sono depois de se levantarem para ver o que estava

acontecendo. Vukovich e Kelly surgiram logo atrás, parecendo mais despertos e até empolgados. Eles observavam tudo com interesse.

– Venham logo, seus desgraçados! – Jack gritou. – Ele vai me matar!

– E devorar você também! – respondeu Vukovich, divertindo-se com a cena.

– E guardar o coração para mim, se tiver algum juízo! – acrescentou Kelly.

Estava escuro, e o mar, agitado, mas Jack fez a única coisa que poderia naquela situação – agarrou-se ao cordame e começou a subir. O vento do oceano castigava seu rosto e fazia cair os cabelos por cima dos olhos, mas ele continuou subindo como se o diabo estivesse em seu encalço.

Um peso considerável sacudiu a base do cordame, e ele olhou para baixo para confirmar que o pirata também começava a subir... Mas a criatura que o perseguia não era mais um homem, e estava cada vez mais perto. Havia pelos cobrindo sua pele, e o rosto era algo inumano, embora também não fosse o de um lobo – era uma mistura monstruosa das duas coisas. O peso da criatura sacudia os cabos, dificultando a escalada de Jack, mas ele não desistiu. Louis deu um grito de incentivo. Jack sentiu a respiração ofegante e as batidas desesperadas do coração mais do que em qualquer outro momento de sua vida. Um amargor metálico invadiu sua boca, e ele imaginou que tivesse mordido a língua, mas logo se deu conta de que o gosto que sentia não era de sangue, e sim o sabor da morte trazido pelo vento, preenchendo o ar ao redor e sobrecarregando seus sentidos.

Jack alcançou a vela de joanete do mastro de proa, o que o obrigaria a se deslocar lateralmente. Seria um movimento arriscado durante o dia, mas, à noite... era suicídio na certa. Poderia cair no convés e se espatifar inteiro, e, mesmo que conseguisse manter o equilíbrio, não teria opção a não ser saltar e se agarrar a uma escota, o que na certa não terminaria bem. No entanto, conseguiu se agarrar a um dos cabos e se estabilizar, e nesse momento teve a certeza de que havia tomado a decisão certa. O monstro não poderia segui-lo, pois não conseguiria se equilibrar, e a verga não suportaria seu peso.

Apesar de inumano, o lobisomem tinha uma esperteza bestial, e o brilho fraco das estrelas revelou a Jack toda a crueldade existente em

seus olhos. A fera poderia sacudi-lo até ele cair, mas não parecia ser assim que Finn desejava que ele morresse. Jack resolveu assumir o risco e se valer do fato de que Finn queria matá-lo com as próprias mãos.

O monstro grunhiu de dor ao sentir os ossos mudar de forma e diminuir de tamanho. Em poucos instantes, ele voltou a ser Finn e continuou a escalar o cordame. Jack ouviu uma gritaria lá embaixo e viu que Fantasma enfim tinha aparecido. Ele estava ali parado, observando tudo de modo impassível, a curiosidade estampada no rosto. Huginn e Muninn estavam a seu lado, mas o olhar deles não estava voltado para Jack nem para Finn. Os gêmeos observavam o restante da tripulação, sempre atentos a qualquer atitude que pudesse representar uma ameaça ao capitão.

– Você me fez um tremendo favor, mestre-cuca – rugiu Finn. – Peguei você roubando. Isso pode ser a minha salvação.

Agachado na ponta da verga, pronto para saltar, Jack sabia que um passo em falso significaria a morte certa. Mesmo assim sorriu, mas só por um instante, para que Fantasma não notasse sua intenção maliciosa.

– Você ficou louco, Finn! Não sou ladrão. Quem estava aprontando alguma coisa lá embaixo era *você*. É por isso que quer me matar?

Homens comuns não seriam capazes de ouvir essa conversa lá de baixo, mas Fantasma e os demais tripulantes não eram simples humanos. Eles ouviam tudo, e Finn sabia disso. Ele estreitou os olhos de raiva ao compreender que Jack se aproveitava de sua posição inferiorizada dentro do bando para reverter suas acusações.



O gosto que sentia não era de sangue, e sim o sabor da morte trazido pelo vento.

– Seu desgraçado – grunhiu Finn.

Jack olhou para baixo e viu Fantasma fazer um sinal para Huginn, que abriu uma das grades no convés e desceu para o compartimento de carga onde ficava a despensa. Finn rosnou e começou a caminhar sobre a verga. Jack se segurou na vela para se equilibrar, o coração disparado e sentindo o vento ameaçar derrubá-lo de onde estava. Quando tivera essa ideia, subir pelo cordame lhe parecera um toque de gênio, o cenário perfeito para a farsa que encenaria. Mas, caso Finn conseguisse matá-lo lá em cima, tudo isso seria em vão. E a ferida no peito do lobo já começava a cicatrizar.

“Onde eu estava com a cabeça?”, Jack se perguntou.

– Pode me matar se quiser! – ele gritou de repente, dando um susto em Finn. – Nenhum de nós dois vai sair vivo deste barco mesmo. Mas eu não vou morrer com fama de ladrão por sua causa.

Virou-se para o cesto da gávea no mastro principal, mas viu Louis apenas de relance, entre a vela de joanete e a principal. Desesperado, olhou para o restante da tripulação lá embaixo. Fantasma e Muninn estavam de pé lado a lado.

– Eu desci mesmo até lá – gritou Jack, confessando parcialmente a verdade. – Queria sabotar as trancas do lado de fora da cabine em que você me trancou com Sabine, para podermos abri-la por dentro da próxima vez e fugir. Mas não consegui fazer isso! Finn estava saindo da despensa, e eu o surpreendi, e agora ele quer me matar antes de contar o que vi.

– Mentira! – gritou Finn, e avançou na direção dele.

Jack apoiou todo o seu peso na corda e se soltou, afastando-se da verga e pairando no ar sobre o convés. Quando o movimento pendular o levou no sentido oposto, ele ficou a um braço de distância de Finn, que tentou agarrá-lo, mas perdeu o equilíbrio e caiu da verga, ao mesmo tempo que Jack se aproximou outra vez do mastro e conseguiu se segurar no cordame.

Finn se virou no ar, estendeu os braços e, com as mãos transformadas em garras, cravou as unhas na madeira da verga. Tentou subir de novo, arrancando lascas da madeira. Lá embaixo os tripulantes começaram a gritar, alguns em tom de zombaria contra Finn, outros incitando Jack a derrubá-lo lá de cima. Finn, porém, conseguiu se equilibrar mais uma

vez.

Agarrando-se ao cordame com um dos braços, Jack enrolou um cabo em torno das mãos.

– Queridinho do capitão ou não – bufou Finn –, você vai virar comida de tubarão do mesmo jeito... E eu vou guardar as partes mais saborosas para...

Jack deu um salto, quase perdendo o equilíbrio, por cima da cabeça de Finn. Deu um puxão na corda para esticá-la e improvisou um laço de força antes de desferir um chute no rosto do pirata. O lobo do mar tentou golpeá-lo em cima da verga, mas errou o alvo e desabou na direção do convés... até ser pego pela corda que Jack segurava, que se enrolou em seu pescoço.

Finn se contorceu e sacudiu as pernas, tentando se livrar do cabo. A pelagem voltou a recobrir sua pele, e ele se transformou em uma criatura metade homem metade lobo outra vez, rosnando, babando e se balançando de um lado para o outro. Jack observava tudo do cordame, impressionado com o que tinha feito. Seu coração ainda estava disparado dentro do peito, como se estivesse prestes a sair pela boca, mas ele permaneceu calmo, pelo menos até certo ponto. O perigo imediato havia passado, o que não significava que sua sobrevivência estivesse garantida.

Ele olhou para o convés em busca de Sabine, mas ela não estava por lá. Talvez fosse melhor assim. Sua presença seria uma distração para Fantasma, e o ciúme podia torná-lo imprevisível. Era melhor que sua linda escrava – de que outra maneira poderia se referir a ela? – estivesse longe do campo de visão de Fantasma enquanto os fatos daquela noite se desenrolassem.

Huginn saiu do castelo de proa, foi correndo até Fantasma e murmurou algo no ouvido do capitão. Jack viu o pirata nórdico mostrar um punhado de diamantes e em seguida depositá-lo no bolso de Fantasma.

“Agora é que nós vamos ver”, pensou Jack.

Ele tirou o canivete da bainha. Forjado para ser um punhal, não servia para cortar nada, mas, com o peso de Finn retesando o cabo, achou que talvez funcionasse. Quando ele fez menção de começar a cortar, Finn levantou os braços, segurou a corda e começou a escalar. Jack ficou só olhando, atônito, com a lâmina na mão.

– Senhor London! – Fantasma falou lá de baixo. – Não corte o cabo, por favor. Só vai significar mais trabalho depois, para consertar.

Jack hesitou, mas pôs a faca de Johansen de volta na bainha. Precisava ser rápido. Finn já havia subido o bastante para afrouxar a corda e, suspendendo o corpo com uma das mãos, usava a outra para desatar o laço do pescoço. Jack não podia perder tempo. Virou-se no cordame e começou a descer o mais depressa que podia, até chegar ao convés.

Finn se soltou e deixou-se cair de uma altura de dez metros, aterrissando de quatro logo à frente. Jack poderia correr na direção de Fantasma, mas não confiava que o capitão fosse protegê-lo. Naquele momento, tudo era incerteza. Sua vida seria decidida dali a poucos instantes.

Jack se virou, empunhou sua lâmina de novo e, assim que Finn a viu, deteve-se. Aquilo não fazia sentido. Os lobisomens eram criaturas difíceis de matar. Um simples canivete não seria capaz de impedir que Finn o atacasse, a não ser que...

A lâmina reluziu sob a luz fraca dos lampiões.

– Segurem-no – ordenou Fantasma.

Jack ficou tenso, com medo de que o capitão estivesse se referindo a ele. Huginn e Muninn imobilizaram Finn. O marujo furioso resistiu e se debateu, mas Ogro e Árvore foram até lá também, e ele desistiu. Mesmo que conseguisse se livrar dos irmãos, o restante da tripulação não permitiria que ele escapasse do julgamento do capitão. Podiam até odiar Fantasma e não concordar com as decisões que vinha tomando ultimamente, mas Finn havia matado um dos seus e precisava pagar por isso. Os olhos de todos a bordo brilhavam de raiva e sede de sangue, na esperança de que enfim tivesse chegado a hora de fazer valer as leis do bando.

– Qual é o seu problema, Fantasma? – esbravejou Finn. – É isso mesmo que você ouviu. O seu puxa-saco patético, o seu “imediatos”, foi até lá embaixo, arrombou a despensa e estava roubando nosso lucro.

Fantasma começou a caminhar em círculos em torno de Jack e dos tripulantes que seguravam Finn.

– Por que ele faria isso, Finn? Para onde ele iria com esse tesouro?

– Ele mesmo confessou que planejava uma fuga.

– Mas não para esta noite. O senhor London tem todas as fraquezas inerentes à humanidade; acredita na honra, no amor, na dignidade e em outras tolices, mas isso não significa que ele seja idiota.

Fantasma parou e olhou ao redor, para o restante da tripulação.

– Kelly! – gritou o capitão. – Você adoraria ver o senhor London morto, acredito eu.

– Eu não me importaria, capitão – confirmou Kelly, balançando a cabeça.

Fantasma enfiou a mão no bolso e tirou de lá um punhado de diamantes reluzentes.

– Alguém invadiu a despensa, desceu até o porão onde estava o tesouro e tirou esses diamantes de lá. Eles estavam espalhados pelo chão, como se o ladrão tivesse sido pego no ato. Vocês ouviram o que disseram Finn e o senhor London agora mesmo. Entre os dois, qual seria tolo a ponto de tentar uma coisa dessas?

Árvore soltou um palavrão. Vukovich começou a resmungar furiosamente. Maurilio tinha sido o último a sair para o convés – talvez estivesse dormindo lá embaixo – e chegou bem perto do capitão para olhar os preciosos diamantes com olhos de cobiça.

– Finn matou o senhor Johansen – disse Kelly. – E odeia você, capitão. Além disso, está lá embaixo na hierarquia do bando e não sabe por quanto tempo ainda vai ficar vivo. Mas eu não diria que ele é tão tolo a ponto de tentar roubar de você.

– De mim, não – rebateu Fantasma, mostrando os diamantes para a tripulação. – De todos nós. E talvez você tenha razão. Talvez Finn tenha surpreendido o senhor London com a mão na massa, cometendo um crime.

– Talvez – falou Maurilio.

– Sem chance – retrucou Kelly.

Jack tentou manter a respiração sob controle, mas sentia um nó na garganta e a boca seca. Olhou para Fantasma, para Finn e depois para Kelly, ciente de que só deveria abrir a boca quando fosse solicitado. Tudo precisava ser feito de maneira perfeita, e as palavras deveriam ser escolhidas com muita cautela.

– Por que não? – questionou Fantasma.

– Você mesmo disse – falou Kelly, apontando com o queixo para Jack.

– Ele pode ser mole, mas não é burro. De que adiantaria para ele roubar? Ele só queria arrumar um jeito de fugir. Se eu achasse que tivesse sido ele, eu diria. Mas onde ele esconderia isso?

– Vá para o inferno, Kelly! – rugiu Finn, tentando sem sucesso se livrar dos captores. Huginn e Muninn o seguravam com força. – Eu mato você. Mato todos vocês!

– Para mim parece a voz de um homem culpado – murmurou Vukovich.

Maurilio, Ogro e Árvore balançaram a cabeça em sinal de concordância.

– Ele não pode sair vivo dessa, capitão – instigou Kelly, encarando Fantasma com expectativa. – Primeiro matou Johansen, e agora isso. Não sei o que você tem em mente, mas é melhor parar por aqui.

Fantasma não deu ouvidos ao marujo. Em vez disso, foi até Jack e o encarou fixamente, olho no olho, em busca da verdade. Jack sentia apenas ódio e repulsa dentro de si e queria transmitir tudo isso, para mascarar o medo de ser descoberto. Já havia baixado a lâmina, mas ainda a empunhava com os braços pousados junto ao corpo. Fantasma a tomou dele com cuidado e a ergueu contra a luz.

– Onde foi que ele conseguiu isso? – rosnou Vukovich.

– Na cabine dele – respondeu Fantasma, olhando para a lâmina, depois para Jack. – Encontrou no meio das coisas de Johansen e a pegou para si. É um direito que ele tem, por ser o novo imediato. Ou melhor, teria, porque esta lâmina é minha.

Jack o encarou com firmeza, e por um momento o restante da tripulação – e o restante do mundo – deixou de existir.

– É sua?

– Não tinha como você saber – disse Fantasma, abrindo um sorriso tenso. – Nem percebi que ela não estava mais comigo. Johansen, aquela cobra...

– Por que ele faria isso? – questionou Árvore, claramente desconfiado.
– Ele sabia que você o mataria se descobrisse.

Fantasma abriu um sorriso mais ameaçador e perturbador do que nunca.

– Acho que ele queria virar capitão.

– Então eu fiz um favor a você acabando com ele! – grunhiu Finn. Fantasma o atacou, cravando-lhe fundo as garras, arrancando sangue do rosto e da mandíbula de Finn. Em seguida agachou diante do marinheiro imobilizado pelos gêmeos.

– Você estava tentando fazer um favor *a si mesmo*, Finn. Mas o tiro saiu pela culatra, não foi? Assim como todos os seus planos, porque você é um idiota.

Fantasma entregou a lâmina de prata a Jack, tomando cuidado para não tocá-la. Os lobos do mar ficaram tensos, ansiosos e em alerta. Olharam para Fantasma como se o capitão tivesse enlouquecido.

– Vá em frente, Jack – disse Fantasma. – Não é a primeira vez que Finn tenta te matar. Se você o deixar viver, da próxima ele pode conseguir. Você não tem opção, a não ser matá-lo primeiro.

A tripulação ficou em silêncio absoluto. Jack olhou para Kelly e Vukovich, ambos com uma expressão de descrença, que aos poucos foi se transformando em fúria. Fantasma poderia estar até planejando a transformação de Jack, mas ele não era um lobisomem. Podia até ter sido nomeado imediato, mas não era um membro do bando, e os lobos não gostaram de ver seu líder entregando a vida de um deles nas mãos de um humano. Já estavam irritadíssimos por Finn não ter sido punido pelo assassinato de Johansen, e Jack desconfiava que isso se devia ao fato de não terem podido devorar os restos mortais do imediato. Eles o queriam morto, mas não pelas mãos de um homem qualquer.

Jack olhou para o canivete. “Não era isso que eu queria.” Sentiu que seus planos iriam por água abaixo caso não conseguisse controlar a vontade de pegar a lâmina. Sem dúvida nenhuma, Fantasma estava certo – na verdade, o capitão não sabia *quanto* estava certo. Jack tinha conseguido acusar Finn de roubo, e o membro mais baixo na hierarquia do bando não descansaria enquanto não rasgasse a garganta de Jack com suas presas. Mesmo naquele momento, com a vida por um fio, a raiva era visível nos olhos dele. Mas, caso Jack pegasse a lâmina, teria que optar por cravá-la em Finn ou tentar matar Fantasma.

A tentação foi tão grande que ele estendeu a mão para apanhar a arma.

Fantasma estreitou os olhos, e um sorriso de satisfação se insinuou em seus lábios. Jack ficou paralisado. Se aquilo agradava a Fantasma, então

não podia ser uma boa ideia. E ainda tinha mais. A tripulação passaria a odiar Fantasma por isso, o que fomentaria a possibilidade de um motim. No entanto, esse ódio seria direcionado a Jack também.

Além disso, seria um assassinato a sangue-frio. Finn podia até ser um monstro, e, para Jack, matá-lo podia significar salvar a própria vida, mas, se Finn não pudesse reagir, seria uma execução sumária. Jack London não era um assassino dessa estirpe.

Fantasma leu tudo isso em seus olhos.

– Não vou oferecer de novo – disse o capitão.

Jack respirou fundo e, em seguida, negou com um gesto de cabeça. – Eu mataria para salvar minha vida ou a de alguém que amo. Mas não faria isso com um homem indefeso. E muito menos só para a sua diversão.

Fantasma fechou a cara e deu um tapa com as costas da mão no rosto de Jack, fazendo-o cair aos pés de Ogro. Ele ficou de joelhos, a boca sangrando e o coração disparado. Fantasma o levantou como se fosse um boneco de pano, suspendendo-o pelo cinto e arrancando de lá a bainha do canivete. Depois disso, o capitão o atirou de novo no convés, guardou a lâmina na bainha e se virou para ir embora, mas parou para olhar Jack e depois Huginn e Muninn, que ainda seguravam Finn.



Sentiu que seus planos iriam por água abaixo caso não conseguisse controlar a vontade de pegar a lâmina.

Com um movimento fluido e inacreditavelmente preciso, Fantasma sacou o canivete e o cravou no coração de Finn. Huginn e Muninn o soltaram, e o pirata desabou no convés. Seu crânio se chocou contra a madeira, e os olhos esbugalhados se voltaram para as velas infladas, mas já sem enxergar mais nada.

– Seu filho da mãe! – grunhiu Kelly, correndo na direção de Fantasma.

Vukovich e Maurilio precisaram segurá-lo e, com isso, salvaram sua vida. Jack notou isso nos olhos de Fantasma. Ele mataria a tripulação inteira naquele momento caso ela ousasse desafiá-lo ainda mais.

Fantasma se aproximou de Jack.

– Continue de joelhos, senhor London. É assim que os covardes devem ficar.

O capitão tomou o caminho da popa e desapareceu nas entranhas do navio, e logo depois Huginn e Muninn seguiram seus passos, um de cada lado, certificando-se de que ninguém ousaria segui-lo.

Jack ficou em pé com dificuldades. Maurilio abriu um sorriso de deboche ao olhá-lo. Vukovich puxou algo da garganta e cuspiu na camisa de Jack, mas os demais o ignoraram. Murmuraram qualquer coisa sobre o capitão, e o ódio que sentiam por ele atingiu o nível máximo, superando o sentimento de lealdade que o pertencimento ao bando exigia. Jogaram o corpo ao mar sem nenhuma cerimônia, como se descartassem as sobras do jantar, e foi nesse momento que Jack percebeu a dimensão do que o capitão havia feito.

Aos olhos do bando Finn merecia morrer, assassinado por Fantasma e então dilacerado pelos demais. Ele deveria ter sido esfaqueado e devorado, mas em vez disso Fantasma contaminara a carne com prata. Envenenara seu corpo. Ninguém ousaria comer aquele cadáver.

Fantasma havia feito o que eles queriam, mas de maneira ofensiva, fazendo tudo ser em vão. Ele devia saber que seus homens o odiavam e conseguira tornar as coisas ainda piores. Mas Fantasma não estava preocupado com isso. Não se importava de cuspir na cara de sua tripulação. Seria só mais um exemplo de seu desprezo pela lealdade deles. As regras do bando pareciam cada vez menos aplicáveis a seu líder, e os lobos estavam ficando irritados com isso.

Jack observou enquanto a tripulação se dispersava, e seu frio na

barriga se transformou em uma espécie de ansiedade. Fantasma tinha um grande respeito por ele, e, desde que ainda fizesse parte de seus planos, todo o resto não importava. Em no máximo dois dias, Morte Nilsson apareceria para acertar as contas com o irmão, e nesse momento tudo mudaria.

Jack, porém, tinha dúvida se a tripulação aguentaria aqueles dois dias. Caso Fantasma continuasse demonstrando tamanho nível de desrespeito, um motim seria apenas questão de tempo.

Depois da morte de Finn, uma estranha dinâmica se estabeleceu a bordo do *Larsen*. Fantasma passava a maior parte do tempo sozinho, fechado na cabine, de onde saía apenas a cada poucas horas para inspecionar a embarcação e seus tripulantes. Na primeira noite e várias vezes no dia seguinte, ele se dirigiu à sala de navegação, que também servia de aposento para Sabine, para se consultar com ela. Cada vez que recebia a visita do capitão, Sabine esperava que ele fosse embora para dar uma caminhada no convés em um silêncio sepulcral. Ninguém a perturbava, e ela não falava com a tripulação. O único contato que Jack tinha com ela era quando cozinhava – uma tarefa que voltou a ser sua com o assassinato de Finn.

Como imediato, ele poderia ter designado um membro da tripulação como cozinheiro, mas a verdade era que não gostava da ideia de ter algum lobo ali na cozinha. A não ser quando a tripulação desfalcada se reunia para comer no refeitório, Fantasma, seus guardas silenciosos, Sabine e Jack eram os únicos que tinham acesso aos compartimentos de popa, por razões de segurança.

O *Larsen* tinha se tornado um caldeirão de ódio e tramas homicidas. Entre os membros da tripulação, apenas Louis e Árvore não encaravam Jack com vontade de matá-lo. No entanto, apesar de toda a animosidade, ele podia sentir que era apenas uma preocupação secundária para os lobos do mar. Eles conseguiam entender a importância das habilidades de Sabine, mas não por que Fantasma havia colocado um homem comum em uma posição de autoridade em relação aos membros do bando. Ainda que Fantasma pretendesse transformá-lo, os piratas não o queriam como um deles. Na visão deles, aquilo era um sintoma de que o capitão havia enlouquecido. Fantasma tinha formado aquela tripulação,

transformando seus membros em monstros e, usando medo, intimidação e brutalidade, ensinara-lhes como funcionaria o bando. Naquele momento, porém, o capitão jogava tudo para o alto. Seu orgulho o havia transformado em um tirano que tomava suas decisões apenas para mostrar a própria superioridade. O *Larsen* se tornara um barril de pólvora de raiva e ressentimento, pronto para explodir diante da menor perturbação.

Cada vez mais, Jack ouvia os murmúrios raivosos da tripulação, reparando na maneira como os homens olhavam para seu capitão, e se lembrou do Senado romano quando as facas desceram sobre Júlio César. No caso de Fantasma, pelo menos uma delas precisaria ser de prata, e Jack imaginou quantas mais dessas não haveria escondidas a bordo. Fantasma jogara a lâmina de Finn ao mar e guardara a dele, mas os outros membros do bando teriam coragem de se arriscar a sofrer a ira do capitão guardando uma arma como aquela entre seus pertences? Ele achava que não. Somente Finn seria estúpido a esse ponto. Mas não havia como ter certeza.

Naquelas duas noites Jack não conseguiu dormir direito, pensando nos lábios macios de Sabine e na profundidade de seu olhar. Mas o amor não era a única coisa que o mantinha acordado. A hostilidade silenciosa e a promessa de assassinato que permeava cada momento a bordo do *Larsen* o mantinham sempre alerta, não apenas quanto à possibilidade de um motim, mas também do que aconteceria caso fosse bem-sucedido. Ele não tinha a intenção de estar a bordo quando o motim acontecesse, porém gostaria de saber se Louis e Árvore gostavam dele a ponto de convencer os outros a preservar sua vida depois da morte de Fantasma.

Tentou espantar aquele pensamento. Jack e Sabine estariam bem longe do *Larsen* a essa altura, ou então estariam mortos. Para ele não fazia diferença quem sairia vitorioso quando os homens se amotinassem – o que mais cedo ou mais tarde certamente aconteceria –, a não ser que Fantasma sobrevivesse. Nesse caso o capitão iria atrás dele e de Sabine, pois não aceitaria o fato de não poder mais contar com os poderes dela. Já aqueles que se voltassem contra Fantasma dificilmente se interessariam em perseguir os dois.

O ódio se acumulava dentro dele, como um vulcão prestes a entrar em erupção. Mas o aspecto surreal da situação o fazia alternar entre o

amor e a raiva a cada hora que passava. Subia ao convés e dava ordens para ajustar as velas e para que os homens se alternassem ao leme e no cesto da gávea. Depois descia para pegar os ingredientes a fim de preparar as refeições dos tripulantes, e, enquanto fazia isso, Sabine passava na cozinha para visitá-lo. Como sabia que Fantasma ficaria trancado na cabine durante horas, ela até ajudava a escolher os temperos e a preparar alguns pratos. Enquanto faziam isso ela costumava tocar sua mão ou seu ombro, ou então beijá-lo no pescoço. Jack sentia uma alegria incontrolável invadir seu corpo, e isso ajudava a manter o foco na sobrevivência dos dois, e não na crueldade aflorada da tripulação.

Fantasma ordenou que suas refeições fossem servidas em seus aposentos, e quem fazia isso era Sabine. Nesses momentos, quando Sabine estava distraíndo Fantasma e a tripulação estava toda no refeitório, Jack cuidava de outros tipos de preparativos. Escondia comida em vários lugares da cozinha, para que tudo pudesse ser reunido rapidamente para a fuga. Havia garrafas de vinho e uísque em um armário no qual escondeu água fresca atrás de vasilhames vazios.

Quando Jack entrava na despensa, sabia que o tesouro dos piratas estava no porão logo abaixo, mas mesmo assim Fantasma não mandava ninguém para vigiá-lo. Ou ele acreditava que Jack não seria tolo o bastante para roubar suas coisas, ou queria alimentar ainda mais a desconfiança da tripulação. Os tripulantes, porém, não pareciam preocupados com Jack, como se soubessem que no devido tempo Fantasma decidiria seu destino, ou então encontravam-se distraídos demais com os planos conspiratórios contra o capitão.

Jack decidiu se concentrar apenas nos preparativos, pois queria estar pronto para sumir dali com Sabine quando as tensões a bordo do *Larsen* enfim viessem à tona. O motim parecia algo inevitável, assim como o ataque de Morte Nilsson. O que acontecesse primeiro, fosse o que fosse, proporcionaria a ocasião ideal para sua fuga.

– Vamos querer aquela carne especial para o almoço de hoje, senhor London – anunciou Fantasma ríspidamente, parado na escuridão na entrada da cozinha.

Jack sentiu o estômago revirar e fez uma careta.

– Carne especial?

– Você sabe do que estou falando, não sabe? – perguntou Fantasma.

– Sei, sim. Hoje é dia de canibalismo.

Fantasma não sorriu. Claramente, não sentia mais prazer em suas interações com Jack. Em vez disso, deu um risinho de deboche.

– Não somos canibais, senhor London. Os canibais comem membros da própria espécie. E, como você bem sabe, nós não somos humanos.

Jack estava enojado. Se já tinha sido difícil salgar e conservar os restos mortais dos prisioneiros tomados no *Umatilla*, o que dizer de cozinhá-los e servi-los a Fantasma e à tripulação... Sua alma se retorcia só de pensar naquela possibilidade.

– Mas você não vai querer que a carne seja cozida, imagino eu – disse Jack, encarando-o nas sombras em meio aos rangidos da embarcação. – Eu me lembro bem da gritaria e do sangue espalhado pelo chão, capitão. Esse tipo de carne você prefere cru.

Dessa vez Fantasma sorriu, mas era um sinal de alerta.

– Quando está fresca, Jack. Apenas quando está fresca. Caso contrário, sou um apreciador de uma carne bem preparada, assim como os homens gordos e ricos de São Francisco. Capriche no tempero. Faça um belo molho para acompanhar. E sirva você mesmo dessa vez.

Jack segurou a língua, pois sabia que já havia provocado Fantasma mais do que deveria.

– O que você e Sabine vão comer, fica por sua conta – acrescentou Fantasma.

Um vulto apareceu, vindo do refeitório. Era Maurilio, com Huginn posicionado logo atrás, sempre pronto para proteger o capitão.

– Kelly está no cesto da gávea, capitão – relatou Maurilio –, e disse que tem uma neblina forte se formando a oeste. Estamos rumando para lá; em questão de horas vamos alcançá-la.

– Mantenha a rota. Caso essa neblina esconda alguma ameaça, nossa bruxa do mar vai nos dizer.

Maurilio saiu para transmitir as ordens a Vukovich, que era quem estava ao leme. Fantasma se virou e olhou para Jack.

– Pode ir. A cozinha está à sua espera.

Jack assentiu.

– Sim, senhor.

O capitão voltou para sua cabine e fechou a porta. Nem se preocupou em subir ao convés e supervisionar o trabalho da tripulação, tampouco em ver com os próprios olhos o que viria pela frente. Jack sabia que não era o medo de um motim que mantinha Fantasma trancado nos aposentos, pois ele não tinha medo de nada. O capitão vinha conversando com Sabine a respeito da localização de diversos navios mercantes, e Jack imaginou que Fantasma pudesse estar refletindo sobre o que fazer a respeito da atmosfera venenosa que havia tomado conta do barco. Seria trabalhoso demais matar a maioria do bando e começar tudo de novo?

Jack teria que ir à despensa buscar a carne humana – não havia nenhum outro nome para aquilo, por mais que ele desejasse esquecer a expressão – para o almoço dos lobos, mas primeiro era preciso decidir o que mais seria usado na refeição. Parado de pé na cozinha, embalado pelo balanço do barco, ele pensou na tarefa que teria pela frente e sentiu a náusea invadi-lo. Jack London não se assustava facilmente. Já havia entrado em contato com o lado selvagem da natureza e do coração humano – e saíra ileso. Mas aquilo...

– Jack.

A voz dela acalmou seu espírito sem grande esforço. Jack se virou para Sabine, que estava atrás dele na cozinha. Com sua silhueta contra o sol que se insinuava para dentro da cabine, parecia um anjo mandado para salvá-lo do inferno do *Larsen*.

No entanto, viu o medo estampado nos olhos dela.

– Ele está a caminho, Jack – disse Sabine. – Morte está por perto. A fumaça do barco dele vai ser avistada a qualquer momento.

Jack a abraçou e a beijou, a princípio com delicadeza, depois com maior ímpeto.

– Ainda bem – ele falou.

Ouviram gritos e passos apressados e, depois, a voz de Maurílio chamando o capitão.

Jack se afastou, apertou a mão dela e balançou a cabeça.

– Precisamos estar preparados.

CAPÍTULO DEZ

A NÉVOA DA GUERRA

Fantasma bateu a porta da cabine com tanta força que os batentes não resistiram e cederam, provocando uma protuberância na parede de madeira do corredor. Jack se encolheu em um canto escuro da cozinha junto com Sabine e prendeu a respiração. “É agora que tudo vai começar a mudar”, pensou, mas sua reflexão pareceu algo descabido. Mudanças eram só o que ele enfrentava no dia a dia, quase de hora em hora, desde que Fantasma o arremessara do convés do *Umatilla*. Aquele instante, porém, parecia estabelecer a linha que definiria a vida ou a morte, por mais estreita e ambígua que pudesse ser.

Logo acima, no convés, os passos ressoaram, e vozes começaram a gritar pelo capitão – a tripulação recorria ao homem que havia aprendido a odiar.

Fantasma passou pela cozinha, depois de abrir a já combalida porta aos pontapés, soltando um rugido prolongado, e parecia ainda maior que de costume. Era uma força da natureza que a madeira das paredes, do piso e do teto do barco jamais seria capaz de conter. Sua sombra passou pela cozinha, lançando nas trevas cada superfície sobre a qual se impunha. Ele parou, virou-se e olhou para Jack e Sabine.

Jack imaginou que ele fosse fazer algum comentário sobre o fato de os dois estarem ali, encolhidos como ratinhos assustados. Pensou que o capitão fosse zombar deles por serem tão covardes e dizer que eram seres humanos desprezíveis, pouco mais que simples animais. Mas Fantasma se limitou a encará-los, reservando um olhar mais longo e intenso para Sabine. Jack sabia o que viria pela frente. “Ela não contou a ele sobre Morte”, pensou, e a expressão no rosto de Fantasma era uma promessa de que aquilo não passaria impune. Ela havia subestimado sua inteligência e traído a confiança dele.

Fantasma saiu para o refeitório e sumiu do campo de visão. Jack o

ouviu subir para o convés, e o nível de pânico lá em cima pareceu diminuir um pouco. A voz de Fantasma reverberava pela madeira como se fosse efeito de um grunhido inumano.

Sem a presença do capitão, o ar na cozinha parecia mais leve. Sabine se aninhou junto a Jack e suspirou.

– Eles vão continuar indo de encontro à neblina – comentou Jack, pois era isso que ele faria.

Sabine pareceu surpresa e, em seguida, irritada.

– Que foi? – perguntou ele.

– Nada. – Ela fez um gesto com a mão, tentando minimizar sua preocupação. – É que... – Ela se interrompeu, depois passou por Jack e foi até a porta da cozinha, onde ficou parada, de costas para ele, com uma postura tensa que denunciava os segredos que não pretendia revelar.

– Senhor London! – rugiu a voz de Fantasma, sacudindo as tábuas do navio e dissipando a tensão entre eles. Por um instante Jack chegou a pensar que Fantasma estivesse com medo. No entanto, não era o medo que elevava o tom de voz do capitão, e sim a raiva.

– Preciso ir – Jack disse para Sabine. – Não se esqueça da comida. Quando chegar a hora, não vamos ter muito tempo. Apenas alguns instantes. Mas, se assumirmos esse risco, poderemos escapar daqui. – Ele apontou para a caçarola em que pretendia cozinhar a carne dos que haviam sido mortos pelos monstros a bordo. – Escapar *deles*.

– É tudo o que eu mais quero – ela sussurrou.

Jack a segurou pelo ombro e a forçou a encará-lo. Não havia um pingom de esperança em seus olhos.

– Que foi?

– Isso que você falou. Ele vai navegar para a neblina. E, se conseguir despistar Morte por lá...

– Vai ter tempo para acertar as contas com você.

Verbalizar aquele pensamento só fez seu medo crescer.

– Eu traí Fantasma – disse Sabine.

– Morrer aqui não é o nosso destino – garantiu Jack, puxando-a para perto. Sabine, por sua vez, soltou uma risada curta e amarga que o deixou assustado.

– Destino? – O sorriso desapareceu do rosto, dando lugar a uma lágrima. – Você está aqui por culpa minha.

– Não, Sabine – contestou Jack. – O meu lugar é onde você estiver.

– Senhor *London*! – Fantasma gritou novamente. Jack beijou Sabine no rosto e correu para o refeitório, deixando muitas coisas por dizer, ciente de que não havia tempo para isso. Mas haveria, ele tinha certeza. E se certificaria disso pessoalmente.

Quando Jack apareceu no convés, a tensão no ar era palpável. A oeste, mais adiante, a neblina ainda estava distante, apesar de as velas estarem esticadas até a capacidade máxima para aproveitar cada sopro de vento. Fantasma rugia ordens e a tripulação obedecia, ocupando-se de cada centímetro de pano que pudesse representar algum ganho de velocidade. Depois de fazer tudo o que podiam, os piratas se voltaram para o norte, onde se via a presença de uma embarcação navegando no horizonte e deixando um rastro de fumaça no ar. Aquela distância Jack não conseguia ver muita coisa, mas dava para ter certeza de que era um vapor, mais rápido e mais fácil de manobrar que o *Larsen* em condições normais.

– Lá está meu irmão – Fantasma disse baixinho, olhando para o vapor como se encarasse um arqui-inimigo, que o encarava de volta a quilômetros de distância no mar agitado. O assassino e sua vítima; um em busca de vingança, o outro querendo terminar o que havia começado.

– Morte está a caminho – comentou Maurilio, debruçado na balaustrada.

– Está a uns oito quilômetros daqui – Vukovich falou, posicionado ao leme.

– Seis – corrigiu Fantasma. Olhou para o outro lado, para a coluna de neblina que cobria o mar como uma mortalha. – E a três da neblina. Vai ser uma disputa acirrada.

Jack olhou para os botes afixados no convés do *Larsen*. Já havia inspecionado os parafusos de fixação e soltado um deles para que fosse possível arrancá-lo com um pontapé. Não seria necessário mais de um minuto para soltar o outro, e mais trinta segundos para erguer a embarcação alguns centímetros e tirá-la do suporte. Nesse momento teria que jogar o bote no mar. Não haveria tempo para baixá-lo do jeito

certo. Caso o bote emborcasse e o casco ficasse virado para cima, ele e Sabine teriam que pular na água e tentar desvirá-lo. Mas, se caísse conforme o desejado, teriam de saltar do mesmo jeito.

Como plano de fuga, aquele deixava muito a desejar. Mas era tudo o que tinham no momento. Era uma fuga que contava com a instauração do caos. Olhando para norte e sentindo o pânico emanado pela tripulação do *Larsen*, o caos parecia ser questão de tempo.

– Senhor London! – rugiu Fantasma. Jack piscou, caindo em si no mesmo momento em que a mão enorme do capitão o agarrou pelo casaco e o levantou do chão. Fantasma o imprensou contra a parede e o encarou de perto, nariz contra nariz. Seu cheiro animalesco estava mais forte do que nunca. – Você não acha que um imediato precisa ser um pouco mais útil em uma situação como esta?

– Que... que situação?

Fantasma sorriu.

– Uma visita de família – ele respondeu. – Aquele vapor é o *Charon*, o barco de Morte. E, infelizmente, meu irmão não tem a mesma gentileza e boa vontade que eu.

Fantasma largou Jack e foi se postar na proa, como se assim fosse possível guiá-los mais depressa para a neblina. No entanto, continuava olhando o tempo todo para o norte, de onde o vapor rapidamente se aproximava. O *Larsen* ia diretamente para a névoa, e o barco de Morte fazia uma manobra de interceptação para cruzar sua rota. A cada momento que passava, Jack ia se dando conta do tamanho do risco que Sabine havia assumido. Quando as duas embarcações se encontrassem, a selvageria se daria em um nível jamais presenciado por nenhum dos dois.

– Hã... – disse Jack, virando-se para Vukovich. – Para a neblina, a toda a velocidade.

– Claro – concordou Vukovich.

– Vamos aproveitar cada sopro de vento! – gritou Jack, sem muita convicção na voz. Ninguém se moveu, pois a tripulação já estava fazendo tudo o que precisava ser feito. Ele ouviu uma risadinha, mas não soube identificar exatamente de onde viera. Quando olhou ao redor, notou que Louis estava virado para ele. O marujo ergueu uma das sobrelhas para Jack e deu de ombros.

O problema ali não era falta de ordens, e sim de tempo. Caso o vento se mantivesse firme e a névoa não se deslocasse, chegariam à neblina antes de ser interceptados pelo *Charon*.

Mas por pouco.

Parado na proa, Fantasma parecia tremer de raiva, uma promessa de violência que emanava vibrações por todo o barco. Ou era isso, ou então era a velocidade da embarcação que fazia as tábuas do casco se agitarem.

Jack foi dar uma volta pelo convés, sabendo que não tinha nada a dizer àquelas criaturas, pois todos estavam cientes de suas obrigações. No entanto, aprendeu uma coisa naquela longa hora: lobisomens também sentiam medo. Não foi uma demonstração aberta, nem se revelou em algo que eles dissessem, mas Jack era capaz de sentir isso no ar – na maneira como encaravam a aproximação da embarcação de Morte, no silêncio desconfortável que se instalava quando dois homens trabalhavam juntos, na determinação de entrar no nevoeiro, aproveitando-se de cada pedaço de pano possível, esticando o cordame em sua capacidade máxima.

Caso Morte os alcançasse, sabiam que sofreriam as consequências.

“Agora é a hora”, pensou Jack. Foi até o bote, tomando cuidado para não ser visto por nenhum membro da tripulação. Jack precisava preparar a embarcação para a fuga e descer para buscar Sabine e os suprimentos que havia separado. Por outro lado...

Se o *Larsen* chegasse ao nevoeiro antes e Fantasma conseguisse escapar do irmão, o capitão certamente iria descontar sua raiva em alguém.

– Senhor London!

“Droga”, pensou Jack. “Droga!” Aquele seu plano mal chegava a ser um plano.

– Senhor London, assim que entrarmos no nevoeiro, vamos pôr à capa.

– O quê? – perguntou alguém que Jack não reconheceu. Seus olhos estavam vidrados em Fantasma, a figura monstruosa parada à sua frente como uma espécie de carranca assustadora. O capitão também não desgrudou os olhos de Jack ao responder à pergunta.

– Pôr à capa.

– Sim, senhor – respondeu Jack, e correu para o outro lado do barco, retransmitindo as ordens por onde passava. Dois homens subiram no cordame, prontos para baixar as velas quando chegasse o momento, e Vukovich já assentia antes mesmo de Jack se aproximar. Havia escutado tudo; não precisava receber recado nenhum de um humano.

– Ele pode acabar pagando pela própria esperteza – comentou Louis.

– Eu não entendo – comentou Jack, satisfeito por ouvir uma voz que, se não chegava a ser amistosa, pelo menos era a de alguém disposto a conversar.

– Ele está tentando confundir o irmão dele. As perseguições em geral não são interrompidas por causa de uma neblina, e Fantasma está contando com isso. Se chegarmos ao nevoeiro antes, o que poderemos fazer? Dar uma guinada para o norte e fugir do *Charon* pelo sentido contrário? Pode dar certo, mas existe a chance de Morte nos ver ou de batermos de frente. Podemos fugir para o sul, desviando para fora do nevoeiro e despistando os perseguidores. Mas Morte pode prever uma manobra como essa e, se conseguir agir rápido, pode nos alcançar em dois tempos.

– Mas parar assim, no meio do mar? – questionou Jack.

– Por que não? – rebateu Louis.

– Pelo menos vamos parar de fugir. – Mas e se Morte adivinhar que vamos fazer isso?

– Talvez isso aconteça, talvez não.

Louis abriu um sorriso vazio, distante, ao olhar para a embarcação sobre o mar levemente agitado.

Jack já conseguia ver bem melhor o *Charon* e, enfim, compreendeu por que a tripulação do *Larsen* estava tão preocupada, ainda que não o demonstrasse abertamente. O *Charon* tinha pelo menos o dobro do tamanho do *Larsen*, um mamute negro com cinco embarcações menores de cada lado, uma chaminé enorme no meio e o que parecia ser um pequeno canhão armado na proa. Havia muita atividade em torno da arma, e Jack imaginou que eles entrariam em sua alça de mira em poucos instantes.

Fantasma olhou para o *Charon*, para o nevoeiro e depois para Jack. O capitão balançou a cabeça. Chegariam primeiro...

O canhão no convés do *Charon* cuspiu fumaça, e o estrondo do

disparo foi ouvido no mesmo momento em que um buraco foi aberto em uma das velas do *Larsen*. O *Charon* tinha uma arma capaz de lançar projéteis de até cinquenta quilos. Devia ser carregada pelo cano, o que significava que haveria um intervalo maior entre um disparo e outro, mas, se um ou dois tiros atingissem o alvo, o *Larsen* estaria condenado.

– Ora, isso não é justo – comentou Louis.

Árvore e Demetrius se agacharam na balaustrada e começaram a disparar seus rifles, mas os inimigos estavam distantes demais. Jack ordenou que suspendessem o revide. Os lobos do mar o olharam com evidente hostilidade. Fantasma assentiu de novo para Jack e depois saiu de sua posição na proa, dirigindo-se ao outro lado do barco.

No *Charon*, Jack viu um vulto fazendo a mesma coisa. Pela silhueta era possível ver que se tratava de um homem corpulento, que caminhava da mesma maneira que Fantasma, ostentando o mesmo ar de poder e domínio, apesar de a distância ser impossível identificar suas feições. Havia algo naquele andar que ecoava o mesmo desprezo de Fantasma por qualquer coisa além de si mesmo – autoconfiança, arrogância e um enorme senso de grandeza. Ambos acreditavam ser donos do oceano inteiro.

Quando Fantasma passou por ele, Jack viu nos olhos do capitão a dimensão do efeito causado pela presença do irmão ali por perto.

– Assim que estivermos escondidos pela neblina – disse Fantasma. – Mas seja discreto para emitir a ordem, caso contrário eles podem ouvir.

“E então vai ser a nossa vez”, pensou Jack.

Fantasma chegou à escada que levava à cabine, contudo fez uma pausa antes de descer. Os homens o encararam, incrédulos. Ele olhou para a tripulação e depois para o *Charon*, cada vez mais próximo. A arma disparou outra vez, e Jack ouviu o tiro antes de sentir o impacto do projétil perto da proa, arrancando um pedaço da balaustrada e destroçando a parte do convés onde Fantasma estava posicionado momentos antes.

– Você já tem suas ordens, senhor London – disse Fantasma. – Não quero ser interrompido, a não ser que o plano dê errado. Tenho uma bruxa do mar para interrogar.

Ele abriu um sorriso de revirar o estômago e desceu para a penumbra das entranhas do navio.

“Sabine!”, pensou Jack, sentindo seu já precário plano ser ainda mais ameaçado.

Do alto do cordame, Kelly gritou: – Já estamos entrando na neblina!

Momentos depois estavam no nevoeiro, e, sem que Jack precisasse dizer uma só palavra, o *Larsen* estancou. O canhão do convés do navio de Morte ribombou de novo, e o tiro passou zunindo pelo cordame, balançando a calça larga de Kelly, que trabalhava de pé sobre os vaus. Ele parou um pouco, assustado, antes de retomar suas atividades.

Aparentemente o barco estava disposto a seguir navegando – inclinando-se a favor do vento, estalando com força ao sabor da maré, e as velas pareciam protestar por terem sido baixadas. “Pare com essa barulheira!”, Jack sentiu vontade de gritar, mas isso só denunciaria sua localização para o inimigo e...

O *Charon* passou por eles, pouco mais que uma sombra flutuando sobre o mar agitado em meio à neblina. Caso não soubesse que o navio estava por lá, Jack teria tomado sua aparição como um fato sobrenatural. A tripulação de Fantasma ficou imóvel e silenciosa enquanto observava o vulto passar, impulsionado pelo rugido dos motores, agitando a água com seu casco de metal. Jack sentiu que ninguém ousava soltar o ar dos pulmões nesse instante, e apenas quando a neblina enfim engoliu o *Charon* todos voltaram a respirar normalmente.

– Quais são as ordens, senhor? – questionou alguém, e Jack olhou ao redor à procura de Fantasma. Vukovich, porém, reportava-se a ele, a voz animalesca e carregada de sarcasmo.

– Vamos ficar por aqui até segunda ordem – disse Jack, a cabeça trabalhando sem cessar. Qual seria o melhor rumo a tomar a partir dali? Como fazer seu plano funcionar, se Fantasma parecia estar sempre por perto para arruinar qualquer tentativa de fuga?

– E depois? – perguntou Vukovich.

– Depois... eu digo a você o que fazer.

Jack e o pirata ficaram se encarando, mas ele sabia que jamais conseguiria intimidar aquela criatura. Em vez disso, começou a caminhar pelo convés, tendo que se segurar por causa do balanço da maré, que sacudia a embarcação como se estivessem no meio de uma tempestade. Parou ao lado do bote que havia escolhido para a fuga,

notando seu leve oscilar a cada subida ou descida do *Larsen* – deveria estar bem preso, mas Jack havia soltado as amarras. Com o barco parado seria mais fácil fugir, e a tentação de fazer isso era grande. A neblina era tão espessa que, da popa do *Larsen*, já não era possível ver a proa.

Mas e Sabine?

Não havia nada que Jack quisesse mais do que descer para ver o que estava acontecendo. Não se ouvia mais nada lá embaixo desde que Fantasma tinha descido – nenhum grito ou choro, o que era um bom sinal. No entanto, o capitão considerara mais importante ir até lá do que supervisionar a fuga de *Larsen* do terrível irmão. A única razão para isso era Sabine. *Tenho uma bruxa do mar para interrogar*, ele dissera. Jack duvidava que Fantasma tivesse algum senso de justiça, e a culpa de Sabine estava mais que comprovada. Morte quase tinha afundado seu barco, e ela não abria a boca para falar nada sobre a aproximação do rival.



O Charon passou por eles, pouco mais que uma sombra flutuando sobre o mar agitado em meio à neblina.

– Acho que nunca vi o capitão assim tão furioso – comentou Louis,

que havia se posicionado ao lado de Jack quase sem fazer barulho. Os dois se seguravam no bote para não se desequilibrarem com o balanço do *Larsen*.

– Ele não me pareceu furioso – respondeu Jack.

– Pois é. Está guardando tudo dentro dele. Como um furacão ganhando força. E Fantasma não é do tipo que se segura quando está com raiva.

– Isso não é problema meu.

– Não mesmo? – perguntou Louis. – Sabine é problema seu, *non*? É ela quem vai pagar o pato, pois provavelmente sabia que o *Charon* estava por perto. Podemos até ter nos livrado de Morte Nilsson por enquanto, mas isso não vai ficar barato; vai haver consequências.

– Que consequências? – perguntou Jack, sentindo o sangue gelar. Louis, no entanto, se afastou, desaparecendo na neblina como um espectro.

Precisava descer até lá. Apesar de saber que *já* levaria vantagem em uma luta corpo a corpo com Fantasma, não podia ficar parado no convés enquanto Fantasma estava sozinho com Sabine nas entranhas do barco. O problema não era apenas a informação que ela havia sonogado – era preciso levar em conta também a expressão do capitão quando a surpreendera dormindo na mesma cama que Jack. Não fazia diferença se ele estava apaixonado ou apenas atraído fisicamente por ela, o resultado no fim seria o mesmo: Fantasma queria ser o dono do corpo e da alma de Sabine e iria puni-la tanto pela traição quanto pela rejeição.

Jack foi até a escada que levava lá para baixo, mas assim que chegou ouviu os passos pesados de alguém subindo. Fantasma surgiu – um homem enfurecido que parecia emergir das profundezas mais sombrias apenas para espalhar seu ódio pelo mundo. Seus dentes estavam cerrados, os olhos marejados, os punhos fechados, e ele levava consigo um rastro de fúria que parecia macular o ar ao redor.

Jack se esquivou quando Fantasma o atacou, mas não foi capaz de evitar o golpe. O punho do capitão o atingiu no ombro, fazendo-o girar e cair. Ele saiu rastejando pelo convés em uma tentativa vã de evitar o golpe seguinte. Jack se deu conta do que estava acontecendo, e nesse momento uma terrível desesperança se abateu sobre seus pensamentos: “Ele vai me matar, porque não pode matar Sabine”.

Contudo, enquanto tentava fugir, Jack notou que Fantasma não vinha atrás dele. Em vez disso, o capitão atravessou o convés, fazendo o piso tremer a cada passada, bufando como o sopro de um furacão. Árvore entrou na frente dele, um vulto escuro e imponente contra o pano de fundo da neblina que encobria a embarcação. Fantasma o arremessou para o lado. Árvore voou pelos ares e se estatelou contra o mastro, soltando um grunhido alto, mas que não foi suficiente para encobrir o estalo da madeira se rachando.

O capitão foi até a proa e deu um chute em Maurilio, que cuidava do conserto da balaustrada no local atingido pelo canhão do *Charon*. O homem de olhos escuros saltou para trás, mas não conseguiu evitar outro chute de Fantasma, que o atingiu no meio da coxa. Ele caiu sobre o convés, imóvel, subserviente, limitando-se a encarar seu agressor. Fantasma, porém, não tinha nenhum alvo específico para sua raiva. Estava furioso com o mundo, e seu mundo se resumia àquele barco e aos homens que o tripulavam.

“Agora. Temos de ir agora!”, pensou Jack. Mas ele precisava buscar Sabine primeiro. Olhou para a porta que levava lá para baixo, pensando rapidamente no que precisava fazer e calculando quanto tempo levaria. Era uma tremenda imprudência, ele sabia, mas quando se preparava, Louis falou com ele do outro lado do convés: – Parado aí, Jack.

Foi apenas um sussurro, mas claramente audível em meio ao silêncio que se fazia a bordo. A raiva de Fantasma havia abafado todo e qualquer ruído, e até mesmo o mar parecia mais calmo que antes, como se temesse atizar a ira da fera.

O capitão voltou pisando duro na direção da popa do navio, abrindo um buraco na parede do castelo de proa com um soco, olhando de um lado para o outro conforme avançava. Havia nocauteado Árvore ao se deslocar para a proa, mas, na volta, ninguém tinha cruzado seu caminho.

Ele se deteve diante da porta e agarrou o batente com tanta força que a madeira se desmanchou em sua mão. Depois se virou e olhou para Jack.

“Ele consegue ver o que está se passando na minha cabeça”, pensou Jack, sentindo-se mais exposto do que nunca.

– Mande içar as velas – grunhiu Fantasma. – Para o sul, a toda a velocidade. Vamos atrás dele. Chegou a hora.

Em seguida desapareceu lá embaixo, e uma leve brisa agitou a neblina quando, ao mesmo tempo, a tripulação inteira suspirava de alívio.

Jack ficou circulando pelo convés logo acima das cabines de popa. Passou por Vukovich, que estava ao leme, supervisionou o trabalho dos outros homens e cruzou a sombra imponente de Árvore enquanto este ajudava Maurilio a fazer reparos na proa. A frustração e o desespero que sentia o consumiam por dentro. Sabine estava lá embaixo com Fantasma, e não havia nada que pudesse fazer para ajudar. Jack tinha coragem e inteligência, mas sabia que apenas a segunda característica poderia salvar Sabine e a si mesmo de um destino terrível. Frustrado como estava, porém, não teria como conceber um plano que pudesse resultar em alguma coisa além da morte dos dois.

Kelly estava por perto, e Jack já havia detectado um olhar malicioso em seu rosto mais de uma vez. Com Fantasma fechado lá embaixo – e pensar no que ele poderia estar fazendo por lá era terrível para Jack, e até mesmo repugnante, porque, apesar de saber que o monstro não mataria Sabine enquanto precisasse dela, ele tinha consciência de que o pirata não seria avesso à tortura –, Jack sentiu todo o antagonismo da tripulação se voltar para si quando se dirigiu à proa. Nunca havia se sentido totalmente seguro sob a proteção de Fantasma, mas na ausência do capitão a insegurança era ainda maior. Vukovich soltou uma risada de deboche quando Jack tentou lhe dar uma ordem, e os olhares de Kelly em sua direção vinham se tornando cada vez mais ameaçadores. Jack notou que os dentes do irlandês pareciam mais compridos e seu nariz, mais proeminente.

Quando ouviu Sabine gritar, quase agradeceu por ter um motivo para correr lá para baixo. O que quer que fosse acontecer, o momento de definição era aquele – não havia mais motivo para fingimento.

Ele tomou o rumo da escada, mas Kelly o agarrou por trás e o derrubou no convés. Jack protegeu o rosto com as mãos, porém, quando atingiu a balaustrada, sentiu uma dor fortíssima no ombro e torceu para que o estalo que ouvira tivesse vindo da madeira, e não de seus ossos. Aquele ataque já era esperado, mas viera na pior hora possível.

Jack ficou de costas no chão e, em uma tentativa inútil de se

defender, sacou uma faca que havia pegado na cozinha. Kelly estava em pleno ar, no meio de um salto, a pelagem brotando no rosto e no pescoço, e os dedos se transformando em garras. Jack odiava aquele monstro com todo o seu ser. Era a injustiça da situação o que mais o incomodava – nesse instante jurou a si mesmo que lutaria até não aguentar mais e que sua dor serviria apenas para alimentar a própria raiva.

Kelly, porém, não concluiu o ataque. Louis o atingiu na lateral do corpo, e os dois saíram rolando na direção da casa do leme. A esperança inundou o coração de Jack – não estava sozinho em sua luta, no fim das contas. No entanto, Vukovich já se aproximava de Jack, atraído pela briga violenta entre Louis e Kelly.

“Eles não se transformaram”, pensou Jack, mas então viu que Vukovich não estava mais em seu estado normal, apesar de a mudança ser sutil. Naquele momento os olhos dele eram os de um lobo.

Jack ficou de pé, sem tirar os olhos de Vukovich, procurando uma maneira de matar aquele monstro. Foi quando um vulto enorme apareceu diante dele. Era Árvore. Mas estava de costas para Jack.

– Agora, não – disse Árvore, a voz rouca.

A intervenção do brutamontes pôs um fim à luta entre Louis e Kelly. Os dois piratas se levantaram, ainda exalando ódio e sede de sangue. No entanto, o momento que tinham para matar um ao outro havia passado, pelo menos por ora. O mar balançava a embarcação sob os pés de todos eles, esperando pelos ossos de quem não conseguisse sobreviver a mais um dia.

– Você é um imbecil, Kelly – murmurou Louis. – Agora não é hora para isso.

– E existe hora certa para conseguir comida? – resmungou Kelly.

– Você acha que vai ganhar alguma coisa devorando o queridinho do capitão? – questionou Árvore. Sua voz retumbou como um trovão. Ninguém respondeu.

– De que lado você está, afinal? – questionou Vukovich, e uma luz se acendeu no fundo da mente de Jack, uma fagulha de esperança e o embrião de uma ideia.

Havia diferentes *lados* ali. Até então tinha sido Fantasma contra o resto, mas, com a tripulação se dividindo – por causa dele, de Sabine ou

do que quer que fosse –, sua força também diminuía. A cada minuto que passava os lobos ficavam mais irritados e frustrados com Fantasma, mas nenhum deles, com exceção de Finn, ousava confrontá-lo. As leis do bando determinavam que o líder deveria ser desafiado em um embate mano a mano, e o vencedor teria primazia sobre os demais. Ninguém, no entanto, tinha coragem de fazer isso, pois todos sabiam que Fantasma não poderia ser derrotado daquela maneira. Mas então haviam começado os sussurros e os cochichos, uma raiva orquestrada, e Jack poderia tirar vantagem disso.

Era sua chance de salvar Sabine. Apesar de Fantasma amá-la, ou desejá-la, ou precisar dela, dessa vez ela havia ido longe demais. Se o capitão perdesse a confiança em Sabine, poderia muito bem ir além da tortura e decidir matá-la. Fosse como fosse, tinha chegado a hora de agir.

– Vocês não entenderam por que ele nos mandou navegar para o sul?
– perguntou Jack.

– Cale a boca, seu pedaço de carne! – disse Kelly. Ele estava sozinho junto à balaustrada, mais distante de Jack. Seus olhos já não eram os de um lobo, mas a sede de sangue permanecia a mesma.

– Quero ouvir o que ele tem a dizer! – rebateu Louis.

– Por quê? – questionou Vukovich em tom de desprezo.

– Porque Fantasma quer que ele se torne parte da tripulação, assim como qualquer um de nós.

Depois disso houve um instante de silêncio, quebrado apenas por um som vindo das profundezas da neblina. “As baleias estão cantando”, pensou Jack, mas podia ser também o lamento de almas penadas.

– Estamos indo para o sul porque ele não está mais fugindo – continuou Jack. – Vocês viram o *Charon*. Quantos homens acham que tem a tripulação de um navio como aquele?

– Nenhum – respondeu Kelly. – A tripulação de Morte é mais antiga que a nossa. Ele não é como Fantasma; não aceita *homens* a bordo.

Maurilio apareceu, vindo da proa, e ouviu tudo em silêncio. Demetrius e Ogro não estavam por ali, assim como Huginn e Muninn, que deviam estar de guarda na porta da cabine de Fantasma enquanto ele...

Jack não conseguia pensar no que o capitão poderia estar fazendo

com a mulher que ele amava e no que aquele grito poderia significar. Isso só provocaria medo e raiva dentro dele, levando-o a cometer uma loucura. Era preciso se manter sob controle naquele momento se ele quisesse salvar a vida de ambos.

– Ele quer voltar e atacar o *Charon* – revelou Jack. – Fugimos para a neblina só para ele ter tempo de elaborar um plano e dar a impressão de que estava com medo. Mas a qualquer momento Fantasma vai aparecer aqui e ordenar uma guinada para oeste. Morte está à nossa procura. Não vai ser difícil encontrá-lo. E quando cruzarmos o caminho do *Charon* vai haver uma batalha, e todos vocês vão morrer.

– Eu não teria tanta certeza disso – rebateu Kelly com um rosnado.

– Ele não faria uma coisa dessas – contestou Vukovich. – Seria um suicídio atacar aquele navio, com aquela tripulação. E, se Fantasma fosse capaz de matar o irmão, já teria feito isso anos atrás.

Jack negou com um gesto de cabeça, percorrendo a tripulação com o olhar.

– Vocês não entendem... não *mesmo*. Ele está usando vocês. Fantasma não é um pirata de verdade. Não está interessado em ouro e joias, e só promove essas caçadas para ensiná-los a matar de modo mais aprimorado. Durante todo esse tempo o único objetivo dele é superar o irmão, tornar-se um pirata mais perigoso e cruel que Morte Nilsson. Ele só reuniu sua tripulação para isso. Vocês são o exército particular dele; só não tinham consciência desse fato. Ele considera a vida de todos vocês descartável.

– Isso é ridículo – zombou Vukovich. – Nunca existiu um pirata como Fantasma.

– Vocês não estão entendendo – insistiu Jack, falando baixo e os encarando com toda a intensidade de que era capaz. – Fantasma mandou Sabine rastrear o *Charon*...

– Para ficarmos longe do caminho de Morte, Jack – argumentou Louis.

– Sim – concordou Jack. – Mas só até que ele se sentisse pronto. Foi por isso que ele ficou tão furioso. Não porque Sabine não o avisou sobre a aproximação de Morte, mas por ter que encarar essa luta antes de decidir se estava pronto. Porém agora ele decidiu... Sabine colocou os dois frente a frente, e Fantasma vai tentar acabar com o irmão de uma

vez por todas.

– Ele não faria isso – garantiu Kelly. – Seria o nosso fim. Fantasma não sacrificaria a tripulação inteira só para...

Quando enfim compreendeu o que acontecia, Kelly parou de falar.

– Claro que faria – afirmou Árvore. – Você sabe disso, Kelly. Todos nós sabemos. Ele sempre exigiu nossa lealdade, que seguíssemos as leis do bando, mas nunca foi leal a ninguém além de si mesmo.

– Exatamente – concordou Jack. – Portanto, vocês podem lutar por minha causa, para ver quem fica com a minha carcaça miserável, ou então encarar Fantasma, tomar o controle do barco e decidir o próprio destino.

– Ele é o nosso capitão – disse Louis, mas o medo e a dúvida eram perceptíveis em sua voz.

– Ele é louco – argumentou Jack – e está levando vocês para uma batalha impossível de ser vencida. Você sabia que esse dia chegaria, Louis. Todos vocês sabiam. Pois a hora chegou.

Os lobos ficaram em silêncio. A violência pairava no ar, visível como a neblina que envolvia o convés.

– O rapaz está incitando um motim – Kelly disse por fim. – Só isso já seria motivo para acabarmos com ele sem pensar duas vezes.

– Foi ele que puxou esse assunto, é verdade, mas quem nunca pensou nisso antes? – questionou Louis.

– A vida de Fantasma acabou no dia em que o irmão tentou matá-lo – continuou Jack. – Ele se considera um cadáver ambulante. Que diferença faz para ele arrastar todos vocês para a morte? Se quiserem viver, não existe outra saída.

Árvore grunhiu, provavelmente em sinal de concordância. Até mesmo Vukovich parecia indeciso, a fúria lupina transformada em dúvida.

“Estão quase cedendo”, observou Jack. O fato de estar ansioso por um ato violento era um choque, mas sua situação era desesperadora. E, daquele momento em diante, as coisas só piorariam. Seu objetivo era garantir que as coisas piorassem para Fantasma e a tripulação, e não para ele e a mulher que havia roubado seu coração.

– Tem de ser uma decisão unânime – disse Louis.

– Nós não podemos nos voltar contra o homem que nos transformou –

argumentou Vukovich.

– Mas é exatamente isso que *precisamos* fazer – rebateu Louis.

– Teria que ser um duelo – afirmou Kelly. – Como manda a lei do bando.

Árvore grunhiu: – Ultimamente o capitão não anda muito preocupado com as leis do bando.

– O líder do bando só pode ser trocado quando há um duelo – falou Louis, assentindo. – Mas no mar, com um tirano enlouquecido no comando, só existe um jeito de os marujos assumirem o controle do barco.

Jack se afastou da sombra de Árvore e começou a participar da discussão abertamente. Kelly poderia atacá-lo naquele momento, ou Vukovich, e parti-lo em dois antes que Árvore ou Louis sequer tivessem tempo de pensar em impedi-los. Aquele, no entanto, era um risco necessário. Escondido atrás de Árvore, ele era só uma vítima assustada buscando proteção contra um monstro. Já se mostrando de peito aberto, era quase um deles.

– Sei que vocês odeiam o que sou – disse Jack –, mas também já foram homens um dia, antes de ser transformados por Fantasma. Nossos objetivos podem ser diferentes hoje, mas eu já vi o homem que existe em cada um de vocês. O desejo de sobrevivência, a empolgação do despertar do lado selvagem, o desejo de ser algo mais. Ninguém quer estar por baixo na hierarquia. Finn foi rebaixado e, agora, está morto. E quem está por baixo agora?

Ninguém respondeu, e Jack percebeu que a morte de Finn havia causado uma perturbação na hierarquia que ainda não fora resolvida. Compreendeu aquela indecisão e se aproveitou disso para provocar a tripulação.

– Todos vocês – ele falou. – Vocês todos estão na base da hierarquia. Fantasma não é mais o líder. É um rei.

Uma corrente de descontentamento se estabeleceu em meio à neblina, e Louis pareceu crescer em estatura. Ele sorriu, e a luz fraca fez seu dente de ouro reluzir.

– Os primeiros precisam ser Huginn e Muninn – ele falou. – E então, estão de acordo?

– Sim – confirmou Árvore.

– Sim – murmurou Maurílio.

– De acordo – disse uma voz atrás de Jack, e ele se virou para observar a chegada de Demetrius. – Passei anos sonhando em me vingar daquele desgraçado. Nunca acreditei que alguém além de mim estivesse interessado em fazer isso. Nunca ousei dizer uma palavra a respeito.

Ogro apareceu do castelo de proa e se aproximou dos lobos do mar, fazendo o barco balançar sob seu corpanzil. Olhou para cada um antes de encarar Jack fixamente.

– Já não era sem tempo – foram suas palavras.

Kelly fungou e assentiu, depois apontou com o polegar para Jack.

– Mas e quanto a ele?

Louis franziu a testa.

– Ele não tem por que se envolver nessa luta. Quando tudo terminar, nós decidiremos o que fazer.

Kelly e Vukovich ficaram hesitantes, mas o restante pareceu esquecer imediatamente que Jack existia. Aceitavam a liderança de Louis, em particular Árvore, e a expectativa de derramamento de sangue parecia deixar a todos ansiosos. Vários deles começaram a grunhir, provocando um olhar de reprimenda por parte de Árvore.

– Silêncio – rosnou ele. – Só existe um jeito de fazer isso. Um de nós vai ter que atraí-lo para o convés sob o pretexto de um duelo.

– Não – contestou Maurílio. – Lá embaixo ele não terá para onde escapar.

Louis balançou a cabeça em discordância.

– E para onde ele poderia ir? Para a água? Árvore tem razão. Precisamos atraí-lo para cá e, quando ele aparecer no convés, avançamos todos de uma vez. Ele não vai conseguir dar conta de todos nós.

– Ele não está sozinho – resmungou Vukovich. – Tem também os malditos gêmeos.

– Eu não disse que ia ser fácil – falou Louis.

Demetrius se aproximou de Jack e o cutucou com o cotovelo.

– É melhor você sair daqui agora.

Jack assentiu, os pensamentos a mil. Fora dispensado, o que lhe proporcionava a oportunidade perfeita.

– E então? Quem vai desafiá-lo? – perguntou Demetrius.

Ogro soltou uma risada, produzindo um rugido desagradável.

– Só pode ser Kelly. Fantasma não estranharia se o desafio viesse dele. Kelly deu uma risadinha.

– Para mim será um prazer.

Depois de tomada a decisão, toda a humilhação e frustração que a tripulação havia sofrido nas mãos de Fantasma só pareciam servir para alimentar uma raiva que aumentava a cada segundo. Eram dominados pelo medo, acreditando que ninguém se juntaria a uma rebelião contra Fantasma. Porém, ao notarem que a intenção de todos era a mesma, puderam expressar sua raiva livremente.

Jack se afastou, desaparecendo na neblina.

O vento estava mais forte, e uma chuva leve começou a cair. Ele olhou para as nuvens que se acumulavam sobre sua cabeça. Enquanto todos se concentravam apenas em Fantasma, a neblina começava a se transformar em tempestade. O *Larsen* oscilava fortemente sob seus pés, mas os piratas ignoravam o fato por completo. A preocupação com o mau tempo precisaria esperar até que o capitão estivesse morto.

Jack avançou alguns passos em meio à neblina e à chuva que castigava o convés. Dirigiu-se para o castelo de proa, pensando apenas em Sabine e no que Fantasma poderia ter feito com ela, que tipo de tortura e indignidade ela poderia ter sofrido nas mãos do pirata. Desejava ser capaz de matar o desgraçado com as próprias mãos, mas, caso tentasse fazer isso e fracassasse, Sabine nunca seria libertada. A única chance de isso acontecer seria um ataque coordenado.

O coração de Jack estava disparado. Seu sangue pulsava. Foi quando ouviu um grunhido. “Mas é claro”, refletiu, porém o que viu em meio à neblina foi suficiente para fazer o sangue gelar nas veias e o coração paralisar de susto.

Um monstro o encarava, avançando em sua direção em meio à neblina, as orelhas pontudas e a pelagem de um tom marrom-escuro salpicada de manchas de sangue. O lobisomem se apoiou sobre as quatro patas diante de Jack, soltando um rosnado contínuo que reverberava em sua garganta. Quando escancarou os dentes, o brilho dourado de uma das presas se tornou visível.

“Louis.”

Atrás da criatura monstruosa que Louis havia se tornado, os demais

também se transformavam sob a neblina. Ossos estalavam, peles se esticavam, e o som que se ouvia era uma mistura de gemidos de dor e de apetite selvagem. Viu Árvore se contorcer, os ossos mudar de forma, os braços ficar mais curtos. O marujo gritou de agonia enquanto os membros se contorciam e as carnes eram estiradas. As roupas de Árvore se rasgaram quando a pelagem começou a brotar na pele escura, um manto grosso que cobriu todo o seu corpo forte e musculoso. Ele abriu a boca e soltou um uivo, os maxilares se projetando para a frente e os dentes se transformando em presas. Jack observou horrorizado enquanto Árvore se pôs sobre quatro patas, as orelhas se alongando, o crânio mudando de formato e o rosto inteiro se esticando para a frente, para se transformar em um focinho. Em apenas alguns segundos lá estava um lobo gigantesco e letal, pisoteando com suas patas o convés do *Larsen*, afiando as presas e observando o restante do bando com olhos cor de âmbar.

Em poucos instantes a tripulação havia desaparecido, dando lugar a criaturas horripilantes. Todos, menos Kelly, que era o único a manter sua forma humana... pelo menos por ora.

Kelly se dirigiu para a popa, onde ficavam os aposentos do capitão, seguido pelos lobos do mar.

– Fantasma! – gritou Kelly. – Venha aqui me enfrentar! Eu o desafio! Pelo bando. Pelo *Larsen*. Até a morte.

O motim provocado por Jack havia começado.



Um monstro o encarava, avançando em sua direção em meio à neblina.

CAPÍTULO ONZE

O TURBILHÃO

Jack estava na escada que levava ao castelo de proa quando a chuva apertou. O vento inflou as velas bem no momento em que a embarcação inteira parecia prender a respiração, esperando a eclosão da violência. O leme estava travado, o barco seguia às cegas pela rota determinada, e Jack estremeceu ao visualizar em sua mente a imagem do *Larsen* navegando à deriva depois de todos os seus ocupantes morrerem na luta que viria. Uma embarcação fantasma vagando pelo Pacífico.

Em meio ao furor da tempestade, Jack quase não conseguia distinguir as figuras que estavam na popa. Os mastros bloqueavam boa parte de seu campo de visão, mas mesmo com o vento forte ele conseguiu ouvir Kelly gritar para que Fantasma aparecesse.

– Está na hora, Fantasma! Apareça ou perca sua liderança! Ou por acaso você é um covarde?

Essa deve ter sido a gota d'água, porque nesse momento as tábuas tremeram com o rugido que se seguiu, que só poderia ter sido emitido por Fantasma. A prudência ordenava que ele mandasse Huginn e Muninn na frente, mas Jack sabia que sua raiva, combinada à arrogância, não permitiria isso. Fantasma tratava seu bando com um desdém que só fizera crescer desde que Jack subira a bordo, e seus pensamentos naquele momento deviam estar imersos em um turbilhão de ódio e vingança contra o irmão, e de atordoamento por causa da traição de Sabine. O desafio de Kelly em um momento como aquele seria encarado apenas como uma perturbação a ser resolvida com a maior rapidez possível, mas aquela insinuação de covardia certamente o deixaria furioso. Não tinha como ignorá-la. E adoraria a oportunidade de descontar sua raiva em Kelly.

Jack o conhecia bem demais.

– Seu idiota, filho da mãe! – esbravejou Fantasma. – Agora não é hora de...

Suas palavras, porém, foram interrompidas. Nas profundezas do nevoeiro, com o *Larsen* já parecendo uma embarcação fantasma, Jack não conseguiu ver o monstro que havia se tornado seu tormento, mas ouviu as passadas das criaturas de quatro patas correndo pelo convés. Alguém rugiu, e talvez fosse a primeira vez que ouvia Muninn ou Huginn emitir algum som.

Jack empunhou a faca, mas isso não fez com que se sentisse mais seguro. Seus sentidos pareciam exacerbados pela adrenalina e pelo medo.

Mais um grito... e então o ruído primitivo de um duelo entre animais.

“Daqui a pouco”, ponderou, “daqui a pouquinho, quando eu ouvir...”

A voz furiosa de Fantasma se transformou em um uivo animalesco quando ele assumiu sua verdadeira forma. Os lobos do mar tinham transformado o barco em um cenário de guerra, produzindo uma batalha sangrenta que Jack podia apenas imaginar, pois a selvageria estava oculta pela tempestade cada vez mais forte.

Jack saltou para o castelo de proa deslizando pelo corrimão, sem tocar os degraus. Na escuridão, com o vento e a chuva rugindo alto, bateu para encontrar a maçaneta da porta. Havia apenas uma ligação entre a popa e a proa, e aquele corredor fétido e sem iluminação nas entranhas da embarcação era a chave para que seu plano funcionasse.

Ele abriu a porta e entrou na passagem onde Finn o havia surpreendido roubando diamantes do esconderijo do tesouro dos piratas. Logo em seguida começou a correr, tentando não fazer muito barulho e torcendo para que o desfecho do motim não fosse rápido demais. Apertou o passo quando se viu diante da cela em que os prisioneiros do *Umatilla* foram mantidos antes do massacre da noite de lua cheia, passando depois pela despensa, onde ficava o tesouro, e por fim pela cabine trancada a sete chaves, onde ele e Sabine tinham ficado presos para não serem mortos e compartilhado segredos pela primeira vez.

“Ainda existem mais segredos a descobrir”, pensou, mas aquele não era o momento para esse tipo de reflexão.

Quando passou por sob os alçapões posicionados no teto, ouviu os ruídos e rosnados do enfrentamento ficar cada vez mais altos. As garras

raspavam a madeira. Os corpos se chocavam contra o convés. Por uma das grades, por onde a chuva se infiltrava no corredor, um líquido quente caiu sobre seu rosto e ombro. O cheiro de sangue era mais que perceptível. Àquela altura, o convés já devia estar lavado de vermelho.

O peso do temor pelo que Fantasma poderia ter feito a Sabine quase o derrubou. Mas Jack London já havia sobrevivido à morte certa no inverno de Yukon, já tinha domado a natureza do norte congelado e o lado selvagem do próprio coração, além de ter enfrentado um espírito maligno ancestral e saído vencedor. Não permitiria que o amor o enfraquecesse.

Do outro lado do corredor, já na popa, subiu os degraus em um pulo e abriu a porta com um empurrão, sem saber o que encontraria do outro lado. Atravessou o refeitório às pressas, olhou para a direita, onde ficava a cozinha, e abriu a porta da sala de navegação. Estava vazia. Passou direto por seu aposento, arrombou rapidamente o cadeado da cabine do capitão e escancarou a porta.

Jack ficou parado diante da porta aberta, o coração batendo forte e o sangue bombando nos ouvidos.

– Graças a Deus – ele murmurou.

Sabine se levantou da cadeira em um salto, quase como se já estivesse à sua espera. Ela esbarrou na mesa, e uma garrafa de rum caiu no chão, encharcando a madeira com seu conteúdo. Jack olhou para o lampião pendurado em um canto, ciente de que deveria haver fósforos por perto. Mas ele sabia que não deveria se arriscar tanto assim. Caso não conseguissem escapar da embarcação, um incêndio seria certamente seu último ato, e de uma tolice sem tamanho.

– Jack – gritou Sabine, e o apertou com força nos braços.

Ele beijou o topo de sua cabeça, sentindo o cheiro agradável dos cabelos e o contorno de suas curvas, confirmando que tudo aquilo – a voz, o toque e a maneira como o coração dele disparava na presença dela – fazia qualquer sofrimento valer a pena.

Jack a afastou para observá-la melhor. Havia uma mancha vermelha do lado esquerdo de seu rosto, e a boca estava inchada, com uma ferida aberta no canto. Fora isso, parecia intacta. Ele não conseguia acreditar que a punição de Fantasma tinha sido tão branda.

– Eu não entendo – ele disse baixinho. – Nunca me senti tão aliviado,

mas tinha certeza de que ele torturaria você. Ele deve saber que você se recusou deliberadamente a avisá-lo da aproximação de Morte.

Sabine balançou a cabeça, apertando e entrelaçando os dedos.

– Fiquei com medo de morrer, mas ele só me bateu uma vez. – Ela tocou o machucado no rosto. – E já foi bem ruim. Mas depois ele sentou e ficou me olhando, bebendo rum e esbravejando.

– Contra o irmão dele, com certeza – comentou Jack, imaginando que talvez Fantasma fosse realmente apaixonado por Sabine, no fim das contas. Quando forçado a lidar com esse sentimento, o capitão devia ter ficado perturbado, pois isso representava um enorme risco para seus esforços em expurgar todo e qualquer sentimento humano. – Mas no momento ele tem um problema mais urgente que Morte Nilsson para resolver.

– Que problema? – Sabine quis saber.

– Um motim.

Ele abriu um sorriso triste e a conduziu para fora da cabine.

Correram para a cozinha, cada um sabendo exatamente onde procurar quando começaram a recolher os suprimentos que Jack havia escondido, guardando tudo em caixotes. Foi algo muito sutil, mas Jack ouviu um ruído vindo da escada que levava ao convés, por isso decidiu deixar o restante para trás.

– Vamos dar o fora daqui – ele falou, e os dois saíram às pressas da cozinha, passando pelo refeitório, cada um carregando um caixote. O barco balançava com força ainda maior sobre o mar agitado pela tempestade.

– De onde veio esse mau tempo? – murmurou Jack. – Agora há pouco era só uma neblina.

Sabine não disse nada; limitou-se a segurar o caixote de madeira com mais força entre os braços. Quando passaram pela escada que levava ao convés, uma série de passadas fortes obrigou os dois a se virarem e se agacharem ao lado da porta do corredor interno. Horrorizados, viram um corpo ferido e encharcado de chuva e sangue desabar pelos degraus e cair no chão. A pelagem do lobisomem era de um tom amarelo tão claro que parecia branco, o que levou Jack a pensar que talvez se tratasse de um dos gêmeos. O monstro se contorceu uma única vez e depois ficou lá caído, o peito rasgado revelando um buraco no lugar onde deveria estar

seu coração.

A prata, ao que tudo indicava, não era a única maneira de matar um lobisomem.

– Depressa – disse Sabine.

Entraram com os caixotes no corredor onde ficava a despensa e o atravessaram correndo. Jack alertou Sabine para não escorregar no sangue que caía sobre o assoalho. Com um motim acontecendo logo acima no convés, a única esperança era passarem despercebidos ali por baixo e emergirem do outro lado da embarcação, onde o plano de Jack poderia ser posto em prática. No final do corredor Jack se deteve na escada que levava ao castelo de proa, tentando detectar a presença de algum outro lobo.

– Não pare, Jack. De jeito nenhum.

A recomendação de Sabine soou quase como uma súplica.

– Você deve saber de alguma coisa que eu não sei – ele comentou enquanto erguia seu caixote até o alto da escada.

Sabine passou por ele, olhando para os degraus que levavam do castelo de proa para o convés. Ele a chamou pelo nome, bem baixinho, para que os lobisomens não o ouvissem em meio à tempestade. Ela se voltou para Jack.

– Morte está por perto.

– Droga! – exclamou Jack. – Quanto tempo ainda temos?

– Menos que o suficiente.

Dito isso, ela subiu para o convés. Jack foi atrás, sentindo o caixote de repente ficar mais leve em seus braços, e ouviu que os lobisomens ainda estavam em combate. Alguns minutos haviam se passado, mas a atividade frenética continuava. Os rugidos se transformaram em gritos selvagens de dor. A madeira estalava. Parte da vela principal estava rasgada, pendurada no mastro e balançando ao vento. Mais adiante, perto da popa, Jack podia ver vultos entrando em choque uns com os outros, as garras subindo e descendo, rasgando a carne e fazendo o sangue espirrar nos locais que tocavam.

“É liberdade ou morte”, pensou. Desde o momento em que subira a bordo, aquela era a única saída possível para ele. E tudo dependeria daquele momento.

Sabine foi até o bote menor posicionado a bombordo, cujos pinos de

fixação Jack havia afrouxado anteriormente. Os dois colocaram nele os caixotes. A maioria dos suprimentos não sofreria grandes avarias caso o bote não emborcasse ao atingir a água, mas os jarros com água eram uma preocupação. Ele tomou a precaução de embrulhá-los com panos, mas, caso quebrassem, ele e Sabine ficariam sem água potável. Àquela altura, porém, não havia nada que pudesse ser feito quanto a isso. Precisavam sair dali o quanto antes.

Jack soltou com um chute o pino que estava afrouxado, depois tratou de soltar a peça que ainda mantinha a embarcação presa. Fez um aceno de cabeça para Sabine, que girou a manivela, içando o barco do suporte. Alguém emitiu um grito de dor na luta selvagem que se desenrolava ali perto. Um vulto voou pelos ares na direção deles, caiu no convés e saiu rolando até se chocar contra a balaustrada a apenas alguns metros de distância. Ofegante e babando de raiva, o lobisomem se ergueu nas patas traseiras, virou-se na direção deles e uivou. Boa parte da pelagem do peito tinha sido arrancada, e ele havia perdido parte da orelha esquerda e do couro cabeludo.

– Não se mexa – murmurou Jack.

O lobo escancarou as presas, e Jack viu o brilho do ouro em seus dentes.

– Louis.

Louis chegou até eles em um salto, mas não os atacou. Suspendeu o bote e o passou por cima da balaustrada, deixando-o pendurado sobre a água pelas cordas. O lobisomem se posicionou sobre as quatro patas outra vez, recuou um pouco e ficou olhando para Jack.

– Obrigado – Jack falou.

Louis se afastou, arrastando as garras pelo convés, arranhando a madeira enquanto voltava ao local onde se dava a luta contra Fantasma.

Sabine ficou esperando na balaustrada, mas Jack notou que seu temor havia passado. Quando ela o encarou, só o que havia em seu rosto era ousadia e determinação, os cabelos jogados sobre o rosto pelo vento enquanto o *Larsen* navegava pelo oceano. A chuva havia encharcado suas roupas, fazendo o tecido grudar em sua pele e lhe dando a aparência de uma sereia da mitologia grega, saída das profundezas do mar para seduzi-lo.

Jack soltou a trava do mecanismo de içamento. As cordas rangeram

nas polias logo acima, e o barco caiu no mar. Tinham apenas alguns segundos para agir antes que o bote fosse levado pelas águas revoltas.

– Você sabe que, se a tempestade não parar logo, estaremos encrencados, não sabe? – perguntou Jack, como quem oferece uma última chance de mudar de ideia. Ambos, porém, sabiam que não havia escolha. Caso ficassem, seriam mortos. No bote teriam alguma chance, apesar de pequena.

– Vai dar tudo certo – disse Sabine, elevando o tom de voz para ser ouvida apesar do vento.

Ela se aproximou, deu um beijo nele e pegou sua mão. Juntos, os dois se viraram para a balaustrada. Jack respirou fundo...

...e um estrondo ressoou pelo céu quando o canhão do *Charon* disparou. O vapor de Morte Nilsson surgiu como um espectro a bombordo do *Larsen*, rugindo sobre as águas.

– Ele vai... – começou Jack, e a proa do *Charon* se chocou contra a popa do *Larsen*. Foi um tremendo impacto, seguido pelo som da madeira se quebrando. As tábuas quebradas do convés saíram voando, empurradas pelo metal, e o canhão do navio foi disparado outra vez. O mastro de ré do *Larsen* estalou, envergou e arrastou as velas consigo quando desabou na direção da popa.

Jack e Sabine caíram, mas ela rapidamente o puxou pela mão até a balaustrada.

– Vamos lá! – ela falou.

O bote – a salvação para os dois – subia e descia no mar. O *Larsen* foi arremessado pelo impacto do navio, estalando e rangendo, e a embarcação menor se chocava contra o casco da escuna, sacudida pela água.

– Pode deixar que eu cuido de você – garantiu Jack. – Eu prometo.

Sabine sorriu e balançou a cabeça, mas ele tinha certeza de que havia algo mais por trás daquele sorriso, e que os segredos que ela se recusava a compartilhar eram mais profundos do que imaginava, talvez até mais obscuros.

Jack olhou para trás uma última vez, e foi quando teve certeza de que o fim estava próximo. A proa do *Charon* havia invadido a popa do *Larsen*, e um grupo de homens calejados e marcados, parcialmente transformados em lobos sob a pele humana, começou a saltar do convés

do navio de Morte.

O rapaz soltou uma risada ao ser invadido por um sentimento de satisfação e se lembrou de uma verdade que havia aprendido em Yukon: quando a morte estava por perto, ele se sentia mais vivo do que nunca.

Sabine e Jack saltaram juntos, de mãos dadas. Por um momento enquanto caía, Jack se sentiu leve e solto, e naquele instante lhe pareceu que qualquer coisa era possível. Depois foram envolvidos pela água gelada, e o mar revolto os separou. Ele bateu as pernas para chegar à superfície. Levado pelas ondas, quando chegou ao bote acabou preso sob o casco do *Larsen*. Ele gemeu de dor ao sofrer um impacto em sua costela quebrada, engolindo um pouco de água. Jack fez força para cima de novo, agarrando-se ao barco. Com um movimento de propulsão com as pernas conseguiu se segurar na amurada, e a primeira coisa que fez depois disso foi olhar para cima.

A balaustrada do *Larsen* estava logo acima, mas sua fuga não havia chamado a atenção de ninguém.

Os gritos de raiva e de ódio ecoavam no vento. A madeira estalou, e Jack se virou a tempo de ver um dos lobos de Morte se chocar contra a balaustrada e despencar no mar a uns dez metros de distância. Jack torceu para que ele e Sabine não fossem vistos, para que o lobisomem não soubesse nadar, para que o mar arrastasse o monstro para suas profundezas.

Jack subiu no bote e viu que Sabine já estava lá. Ela abriu um sorriso de alívio, e os dois se apressaram em desamarrar as cordas que ainda os uniam ao condenado *Larsen*. Jack içou a pequena vela, pegou um dos remos e o usou para se afastar do casco do outro barco. Teve que fazer força, porque a correnteza os empurrava de encontro ao *Larsen*, mas pouco a pouco ele foi manobrando o bote até passar pela proa do barco dos piratas e conseguir fazer o vento inflar a vela da pequena embarcação.

Ele se curvou para trás e tomou o leme, sempre de olho na vela para que o vento favorável determinasse o rumo que tomariam. Naquele momento, era tudo o que poderiam fazer. Quanto mais rápido se afastassem das duas embarcações em guerra, melhor.

No *Larsen*, o conflito já havia se espalhado por todo o convés. Na proa, instalara-se o caos – uma profusão de corpos se rasgando com

arranhões e mordidas –, e Jack reconheceu um dos vultos ali. Era Fantasma, esbravejando e rugindo. Ele arremessou um lobo do barco, agarrou outro pelas pernas e o usou como um taco para atingir os demais. Fantasma estava no centro da batalha, um monumento à violência. Por um instante Jack temeu que o capitão fosse mais que um homem, mais que um animal, mais que qualquer coisa que pudesse imaginar. Mas então ele caiu, e os outros vultos monstruosos saltaram sobre ele com a intenção clara de matá-lo.

Jack se virou e olhou para Sabine. Virou o leme, e o vento inflou a vela.

– Estamos partindo – falou, e ela assentiu.

O bote os conduziu rumo ao centro da tempestade, e a batalha desapareceu ao longe. Gritos selvagens e bestiais ressoavam pelo ar, o som do atrito dos cascos pairando como espectros em torno da pequena embarcação, dançando ao vento e desaparecendo com o ruído das ondas. À medida que se afastavam, o medo que Jack sentia dos lobos foi diminuindo, substituído pela concentração absoluta no desafio que tinha diante de si – não morrer no mar. Ele agarrou a cana do leme com tanta força que seus dedos até doeram. No meio de uma tempestade daquela intensidade, não havia muito mais que ele pudesse fazer para manter a embarcação estável. O barco saltava sobre as ondas, obrigando Jack e Sabine a segurar firme.

Em poucos minutos estavam sozinhos no oceano. Ainda assim, Jack era capaz de sentir a raiva de Fantasma sobre os ombros, um ressentimento amargo que reverberava dentro dele mesmo após ouvir o último uivo do lobo trazido pelo vento.

Sabine gritou algo para ele de seu lugar na proa.

– O quê? – perguntou Jack, esforçando-se para ser ouvido por causa do vento.

Ela se ajoelhou, o vestido colado ao corpo e os cabelos molhados caídos sobre o rosto, mais parecida do que nunca com uma bruxa do mar, como Fantasma costumava chamá-la. Sabine apontou para bombordo e se virou para ele, precisando gritar para ser ouvida.

– Para noroeste! – ela gritou. – É onde fica a terra firme mais próxima, a menos de um dia de viagem!

Jack fez um aceno afirmativo com a cabeça, esforçando-se para manter o controle do barco enquanto fazia a mudança de rota. Uma onda gigante quebrou sobre eles, e por um instante ele pensou que o bote fosse virar, mas ao se retrair a onda os recolocou na posição e na direção certa. A chuva caía com força, o vento castigava as velas, e o pequeno mastro estalava assustadoramente.

Jack sentia seus músculos queimar com o esforço brutal. Ele cerrou os dentes e piscou os olhos para se livrar da água da chuva. Não importava o que acontecesse, não iria soltar aquele leme. Ele se lembrou das corredeiras White Horse, no rio Yukon. Jack precisara se valer de toda a sua habilidade para atravessá-las, e faria o mesmo ali para superar o mar furioso, para triunfar sobre o oceano vasto e selvagem. Mesmo que isso significasse navegar dia e noite por águas turbulentas, ele não desistiria. Jack se recusava a cogitar outra possibilidade.

Sua gargalhada começou de maneira discreta, mas depois foi ganhando força, e Jack virou o rosto de encontro à chuva e deixou que a água castigasse seu rosto.

– Você está maluco! – gritou Sabine, apesar de também estar sorrindo.

– Nós escapamos dele! – disse Jack. – Que se danem Fantasma e sua tripulação. Que se danem todos eles! Jogamos uns contra os outros, fomos mais espertos que eles.

– Você é mesmo muito convencido!

Jack achou graça naquele comentário.

– É verdade. E tenho você em alta conta também! Mas nós sobrevivemos porque somos humanos de corpo e alma. Somos *humanos*, e não simples animais, como Fantasma costumava dizer.

Jack teve que se conter para esconder a emoção que o invadiu, desviando os olhos da beleza de Sabine. Estivera a ponto de se declarar e ficara feliz por não ter feito isso. Em toda a sua vida ele nunca tinha conhecido uma garota ou mulher que o deixasse assim sem fôlego, que o encantasse e o cativasse de verdade. Apesar de a tempestade ameaçar fazê-los sucumbir a qualquer momento, só o que ele sentia era alegria por estar livre e emoção pela aventura que viviam juntos, longe do perigo onipresente do assassinato.

Ele se questionou, no entanto, se o motim não teria terminado em massacre. Aquela lhe parecia uma história que ainda não havia chegado

ao fim, e as dúvidas pairavam no ar. Quem teria sobrevivido à batalha terrível e sangrenta? Fantasma ainda estaria vivo? Caso contrário, teria sido morto pela própria tripulação ou pelo irmão psicótico?

A água salgada espirrou nos olhos de Jack, mas ele piscou com força e olhou de novo para Sabine. Ele se perguntou se ela não estaria sendo acometida pelas mesmas dúvidas. Sua beldade, sua bruxa do mar, poderia ter a resposta para seus questionamentos. Ela saberia esclarecer tudo caso ele quisesse mesmo saber.

Nesse momento Jack concluiu que na verdade preferia não saber.

– Eu te amo – sussurrou, torcendo para que suas palavras fossem abafadas pela tempestade e carregadas para longe.

No entanto, naquele exato instante, algo mudou. O mar serenou, a chuva se tornou uma garoa, e o vento ficou mais brando, apesar de continuar impulsionando o bote. Tudo aconteceu tão depressa que ele só se deu conta depois de dizer aquelas palavras, que a brisa suave levou até Sabine.

Mas os olhos dela estavam fechados. Com as gotas de chuva escorrendo pelo rosto, ela mantinha uma respiração profunda e ritmada. Jack a observou com inquietação – ela devia ter ouvido o que ele dissera.

Um sorriso se formou nos lábios dela.

– Pronto – ela murmurou. – Agora vai ficar um pouco mais fácil para nós. Continue navegando na direção do vento. Ele vai nos levar até a ilha.

Jack ficou olhando para ela. Que ilha? E como assim, *ia ficar um pouco mais fácil* para eles?

– Espere aí – ele falou, olhando ao redor e notando que, a certa distância, a tempestade ainda caía com toda a força. Dos dois lados do barco, o mar permanecia bem agitado. Mais adiante, porém, as águas estavam mais calmas, e as nuvens se abriam para revelar um céu azul.

Sabine arqueou uma das sobrancelhas, e seu sorriso ganhou um toque de flerte.

– É você? – ele perguntou. – Você está fazendo isso?

Ela afastou os cabelos molhados do rosto e confirmou com um aceno de cabeça.

Jack abriu um sorriso de espanto.

– Mas como?

– Na verdade, não sei muito bem – Sabine respondeu, dando de ombros. – Mas eu falei que tinha outros poderes... coisas que tinha medo de que Fantasma herdasse de mim caso me matasse. Poder controlar o tempo é uma delas.

– A neblina? – perguntou Jack.

– Não, eu não criei aquele nevoeiro. Mas invoquei a tempestade para distrair Fantasma e Morte e dificultar a tarefa de quem viesse atrás de nós. Assim nossa fuga poderia passar despercebida.

Jack continuou guiando o bote, estabelecendo um ritmo tranquilo nas águas receptivas do Pacífico, que parecia decidido a conduzi-los da melhor forma até onde gostariam de ir.

– Então você é uma bruxa mesmo?

– Eu preciso descansar, Jack.

Sabine se deitou e se encolheu na proa, e o cansaço era notório em sua voz. Por mais que quisesse interrogá-la, ele sabia que ela havia passado por maus bocados.

Em pouco tempo Sabine dormiu, e Jack voltou os olhos para a imensidão do oceano.

Sabine acordou várias horas depois, e se espreguiçou para aliviar a rigidez nos membros. Sorriu para Jack. Nas horas em que ela passara dormindo, a necessidade dele de saber certas coisas tinha crescido ainda mais.

– Já estamos chegando – ela falou depois de observar os arredores por um tempo.

– O que você é, Sabine? – ele perguntou.

Ela o encarou, e Jack notou em seu olhar a concordância com o fato de que ele precisava saber. Talvez ela tivesse sonhado com os dois juntos, ou talvez tivesse sonhado com coisas que ele jamais entenderia. Fosse como fosse, a pergunta já havia sido feita, e ela estava pronta para responder.

– Sinceramente, não sei. Não tenho muita certeza do que significa ser uma bruxa. Só sei que tenho poderes, e às vezes me assusto com eles. Se pudesse ter um único desejo realizado, seria entender tudo isso, compreender o que eu sou.

Havia uma tristeza profunda em suas palavras, e Jack desejou poder ir até lá para abraçá-la, mas não ousou sair de onde estava, por medo de que a correnteza os desviasse da rota. Apesar de poder controlar o tempo, ela não seria capaz de prever o movimento de cada uma das ondas.

– Andei pensando sobre isso enquanto você dormia, e sei o que você é.

A esperança fez brilhar os olhos dela.

– Você é uma mulher, por mais poderes mágicos que possa ter. E é linda.

Ela sorriu, mas a tristeza em seu rosto permaneceu.

– Fiquei com medo de que, quando descobrisse do que sou capaz, você pensasse que eu sou um monstro como Fantasma.

Jack fez uma careta.

– De monstro você não tem nada.

Ela o encarou com um olhar determinado, como se o desafiasse.

– Tenho mais poderes do que já revelei a você, Jack. Não é só a questão do clima ou de localizar embarcações. Eu atraí Morte Nilsson, sabia? Minha atuação nesse caso não foi só pressentir sua chegada. Fui atrás dele, senti sua presença e o guiei até nós, para que ele matasse o Fantasma. Ou, melhor ainda, para que os dois matassem um ao outro.

– E eu agradeço a você por isso – garantiu Jack, ouvindo as ondas quebrar na lateral do bote enquanto navegavam em direção a um céu cada vez mais limpo. A tempestade desabava com força logo atrás, fechando-se atrás deles conforme passavam, como se eliminasse os rastros para que os dois não pudessem ser seguidos.

– Posso deixar um homem desorientado ou amaldiçoá-lo com uma maré de má sorte – continuou Sabine. – Eu só me senti tentada a usar esse dom no *Larsen*, mas decidi não fazer isso. Se eu revelasse meus verdadeiros poderes... Fantasma é um homem muito ambicioso. Eu consigo ter acesso aos sonhos daqueles que localizo com a ajuda dos meus poderes. Toda vez que guiava Fantasma até uma embarcação eu tentava avisar os capitães, falando com eles em seus sonhos, mas, por mais que os navios estivessem preparados para um ataque, não fazia diferença. Os lobos são ferozes demais. E estão sempre um passo à frente.

– Você tentou – argumentou Jack, querendo mais do que nunca tomá-la nos braços outra vez.

Sabine fez uma pausa, parecendo se recompor, antes de voltar a encará-lo.

– Tem mais uma coisa. Uma última coisa.

– Pode falar.

– Fantasma poderia ter me matado, tenho certeza disso. Mas não acho que vou morrer como qualquer outra mulher, por causa da idade.

Jack cravou os olhos nela.

– Você é... imortal?

– A imortalidade não existe. Mas eu já estou viva há muito, muito tempo, Jack. Tenho medo de contar o que sei sobre minha história; não quero que você se assuste ao descobrir como sou velha. Nem *eu* sei quantos anos tenho. Não me lembro de nada da minha infância. Essas lembranças estão perdidas. Mas acredito que sou... antiga.

Jack prendeu a respiração por um instante, procurando entender como se sentia a respeito de tudo aquilo, tentando reagir de alguma maneira. Mas logo compreendeu que não estava atordoado com aquela revelação. Para ele, simplesmente, não fazia diferença.

– Você não é a primeira mulher que eu encontro com poderes que poderiam ser definidos como bruxaria.

Sabine se inclinou para a frente, sem desgrudar os olhos dele.

– Nem a primeira pessoa a me revelar o poder da magia – ele continuou. – Mas a outra, o nome dela era Lesya, filha de um espírito da floresta, era cruel, descontrolada. Você é generosa, gentil e amorosa, e não um monstro, Sabine. Eu disse que amo você. E sei que você ouviu.

Ela desviou o olhar.

– Amo você mesmo assim – ele reafirmou.

O sorriso voltou ao rosto de Sabine, a princípio um pouco tímido, depois mais aberto.

– Como você consegue?

– Como poderia evitar?

Sabine balançou a cabeça e parou um pouco para pensar no que iria dizer. Seus olhos se estreitaram.

– Ah, Jack... Se você soubesse...

– Soubesse o quê?

– Se você soubesse... Nada, não. E essa tal de Lesya, Jack? Você precisa me contar mais sobre ela.

Jack lembrou o período que passou em Yukon, as dificuldades e a brutalidade daquela jornada e a beleza e a loucura de Lesya e sua floresta. Tentou encontrar a melhor forma de iniciar seu relato. Nesse instante, porém, deu-se conta de que Sabine não havia respondido à sua declaração, e se perguntou se uma mulher que poderia ser imortal e já estava viva fazia tanto tempo poderia se apaixonar por um homem comum.

Ele se virou para o outro lado, observando o oceano, perdido em pensamentos. Quando enfim decidiu falar, não sabia ao certo se contaria a história ou se faria perguntas a respeito da natureza e do coração de Sabine. Quando se voltou para ela, no entanto, não soube o que dizer.

A distância, sob um céu azul e límpido, uma ilha apareceu.

CAPÍTULO DOZE

CORRENTES PROFUNDAS

Sabine poderia até ser capaz de influenciar o clima, mas o oceano era um organismo à parte. Quando o vento os aproximou da ilha, Jack baixou as velas e deixou que as ondas os levassem até lá, conduzindo a embarcação com a maior cautela possível, procurando por um lugar onde a força da água não fizesse o bote se chocar contra as rochas ocultas pelo mar. Sabine ajudou, usando um remo para empurrar o barco quando havia o risco de serem atingidos por uma onda mais violenta. Por fim, conseguiram uma posição favorável e deixaram que a maré os carregasse. Nesse momento Jack pôde relaxar, mas não demorou muito para que o som de algo raspando e se quebrando sob o casco chegasse a seus ouvidos.

A embarcação chegou à beira d'água e parou sobre a areia.

– Será que o estrago foi feio? – perguntou Sabine.

Ela estava sentada na proa, exausta e encharcada. Jack ainda a enxergava como uma mulher deslumbrante, e não como a criatura ancestral que ela alegava ser. Ele não sabia quanto aquilo era influenciado por seu estado de espírito, mas tinha certeza de que seus sentimentos eram verdadeiros. Talvez o fato de ela ser um mistério o fizesse amá-la ainda mais.

– Vamos arrastar o barco até a praia para poder ver melhor.

Quando saltaram do bote e aterrissaram sobre a areia molhada, Jack imediatamente pensou: “Nossa ilha”. Sua principal preocupação até então tinha sido a fuga e, depois, chegar à praia em segurança, mas a partir dali ele já poderia contemplar o futuro não apenas como uma questão de horas. Aquela poderia ser muito bem a ilha dos dois, porque eles estavam praticamente presos ali. Em uma embarcação pequena como a que tinham, uma viagem pelo mar aberto seria arriscadíssima, por mais comida e água que conseguissem levar a bordo. E se o dano

produzido no casco ao passar por cima das rochas fosse tão grave como ele temia...

Jack e Sabine puxaram o bote até a praia, ajudados pelas ondas, até se certificarem de que a embarcação não estava mais ao alcance do mar. Jack se agachou para examinar o casco e constatou que o dano era pior do que imaginava. Havia três buracos enormes e várias outras tábuas quebradas. Ele até poderia consertar tudo, mas demoraria um bocado. E, sem as ferramentas adequadas, o desafio seria ainda maior.

– Isso não é nada bom – ele comentou, mas, quando se virou, viu que Sabine olhava para o outro lado, para o interior da ilha. Imóvel como estava, Jack imaginou que ela tivesse visto algo perigoso e assustador. A paisagem, no entanto, transmitia uma enorme tranquilidade, e o rapaz aproveitou a ocasião para observar o lugar onde haviam atracado.

Quando se aproximavam da ilha, tinha calculado que sua extensão fosse de mais ou menos oitocentos metros. Uma de suas extremidades era tomada pela praia e pela planície, enquanto a outra era formada por falésias de até sessenta metros de altura. Era cortada por uma cadeia de rochas maciças e pontudas, mas boa parte da superfície era coberta de vegetação, interrompida apenas por algumas pedras mais protuberantes. Os pássaros cantavam, os insetos zuniam, e, de algum lugar, vinha o som de uma correnteza desembocando no oceano.

Não havia nenhum sinal de que se tratava de um lugar habitado, nenhuma pegada na areia, e a floresta localizada logo além da praia parecia intocada por mãos humanas. A ilha inteira tinha um aspecto selvagem bem familiar para Jack, e por isso não muito assustador. Ao mesmo tempo, certa expectativa pairava no ar, como se a ilha estivesse consciente de sua presença e aguardasse para ver o que aconteceria a seguir. Jack já tinha sofrido aquele tipo de escrutínio implacável antes, então se perguntou como a natureza deveria considerá-lo.

– Não tem ninguém aqui – disse Sabine. – Mas a ilha já foi habitada. Dois homens viveram aqui durante muito tempo. Homens cruéis, perdidos e solitários. Eles construíram um abrigo em um lugar mais ao norte, perto da praia.

– Um abrigo viria a calhar – respondeu Jack. – Então você sabe até isso?

– Eu sei de tudo. Cada mínimo detalhe faz parte da história.

– E você consegue ler a história.

– Bom... – Sabine se virou para ele, tentando disfarçar o que restava da expressão tristonha com um sorriso. – Eu vivi tudo isso, ainda que tenha sido só por alguns momentos, em breves visões.

Ela parecia incomodada, como se conversar sobre esses dons significasse revelar seus segredos mais obscuros.

– Venha cá – chamou Jack, estendendo a mão. – Me ajude com a comida e a água. Vamos encontrar esse abrigo. E, se você quiser conversar enquanto andamos, eu adoraria saber mais sobre a sua vida. Quero saber *tudo* sobre você.

– Fantasma – disse ela.

Sabine olhou para o mar atrás de Jack, para a tempestade que manchava o horizonte como hematomas no céu azul. Um relâmpago iluminou o céu por lá, tão distante que o trovão nem foi ouvido.

– Nós nos livramos dele – afirmou Jack. – Nós o vencemos.

Ele voltou a sentir a alegria da fuga, e abraçou Sabine com força. Era bom sentir a terra firme sob os pés novamente, uma prova concreta de sua sobrevivência, um reconhecimento de seu sucesso. Quando soltou Sabine e a olhou nos olhos, porém, Jack conseguiu ver que a alegria dela era bem menos intensa.

– Mas Fantasma ainda não está morto – ela sussurrou.

– Não importa. Ele pode não estar morto, mas está a quilômetros de distância.

– E nós estamos presos em uma ilha com um barco furado.

Jack olhou ao redor outra vez. Havia árvores frutíferas perto do riacho que corria para a praia. Os pássaros voavam de galho em galho. Deveria haver peixes, e no interior da floresta talvez até pequenos mamíferos. Mesmo com a violência pairando no horizonte, aquele parecia um local paradisíaco.

– Vamos procurar o abrigo – ele falou.

Enquanto caminhavam, Sabine contou por que era um mistério até para si mesma.

– Eu me lembro do grande incêndio de Boston em 1872. Vi o centro da cidade queimar e, mesmo quando provoquei a chuva, foi apenas uma garoa de outono, sem muito efeito contra chamas daquele tamanho. Vi

um homem de quem eu gostava morrer naquele dia... não foi o primeiro, tampouco será o último.

Eles andavam pela praia, que fazia uma leve curva na direção de uma elevação rochosa perto do mar. Jack esperava que eles pudessem contorná-la sem precisar se aprofundar muito na ilha, mas não estava muito preocupado. Gostava de escutar a voz de Sabine sem precisar temer que a conversa deles fosse ouvida por alguém ou que Fantasma desaprovasse o que ela dizia. A voz dela soava diferente, talvez por enfim estar sendo proferida em liberdade.

– Eu estava no Quebec durante a Rebelião do Baixo Canadá. Estava à procura de um homem que talvez conhecesse a minha história, mas não o encontrei, nem lá nem em lugar algum. Isso foi em 1838. Lembro-me de ver os representantes do governo colonial incendiando três prédios onde achavam que os rebeldes estavam escondidos, porém depois descobriram os homens que haviam fugido na noite anterior. Mas eles deixaram suas famílias por lá, por acreditarem que estariam em segurança. Os gritos que ouvi naquele dia... uma coisa terrível!

“Isso foi décadas atrás”, pensou Jack, mas não comentou nada. Ela já havia dito que era velha – usando até a palavra *antiga* –, e ele se perguntou até que ponto no tempo aquela história chegaria. De alguma maneira, ela permanecia jovem, e ele tinha a sensação de que, apesar de sua idade e sabedoria, seu coração também não havia envelhecido.

Eles saíram da praia e entraram na floresta, procurando por uma trilha segura para ultrapassar a elevação rochosa. Folhas gigantescas pendiam das palmeiras, plantas rasteiras cresciam sobre o chão, e orquídeas brotavam de troncos e pedras.



Enquanto caminhavam, Sabine contou por que era um mistério até para si mesma.

– Em meados dos anos 1700, passei um tempão na Europa. Trabalhei com Jean-Étienne Guettard por um período, enquanto ele criava o primeiro mapa geológico da França. As diferentes eras geológicas me causavam fascínio naquela época, e achei que talvez pudessem responder

a algumas perguntas sobre mim. Mas nada a meu respeito poderia ser encontrado nas camadas de rochas nem no processo de formação das pedras preciosas. Minha história era algo muito mais vago. Eu tinha voltado para a América em 1608, para a colônia de Jamestown.

– Voltado? – questionou Jack.

Ele piscou os olhos, confuso, o coração disparado dentro do peito por causa do choque que aquelas afirmações representavam. Ela não tinha motivos para mentir, e ele era capaz de sentir o sofrimento que a exposição daquelas memórias significava.

Sabine se deteve, e o sol que se infiltrava por entre as árvores pousou sobre sua pele.

– Tenho tantas coisas para contar... – ela continuou. – As memórias mais antigas não são tão claras, por isso é difícil para mim me lembrar desses anos.

Ela se encostou em uma árvore e fechou os olhos. Jack se aproximou, temendo que ela estivesse se sentindo mal.

– Sabine?

Ele a segurou pelos braços e sentiu que estava gelada. Quando ela abriu os olhos de novo parecia mais controlada, tranquila, sem demonstrar nenhum interesse no ambiente ao redor. Seus olhos estavam voltados apenas para Jack.

– Como você pode dizer que ama uma criatura como eu? – ela perguntou, e Jack sentiu o estômago se contorcer de desespero e compaixão. Ela estaria mesmo tão preocupada com sua estranha natureza? Lesya tinha ciência das próprias habilidades, mas por outro lado era maluca. Sabine não era louca... mas até que ponto o peso dos anos não teria agido sobre ela?

– Eu não estou só dizendo – disse Jack. – Meu amor por você é um fato. E, se você se enxerga como uma *criatura*, então devo ser... – Ele arrancou um pedaço de casca de uma árvore ali perto, e uma formiga subiu em seu dedo. – Uma formiga. Sou uma formiga. – Ele escavou mais fundo, revelando uma larva dentro do tronco. – Ou uma larva, que nasce, vive e morre na escuridão. Porque você é uma criatura esplendorosa e digna de orgulho em comparação a mim.

– Não, Jack – ela falou sorrindo. – Digna de orgulho talvez, algum dia. Mas estou velha demais para isso agora.

– Você não é nem um pouco velha. – Pensou no que havia sentido ao pôr os olhos nela pela primeira vez e em tudo o que tinha visto depois. – No meu coração, Sabine, você tem vinte e poucos anos. Tem o peso da experiência nos olhos, talvez, mas não deixa de ser uma jovem para mim.

– Ah, Jack. É você que é jovem demais...

Depois de dizer isso, Sabine se virou e começou a subir rumo à elevação rochosa que tinham visto do local onde atracaram, de onde poderiam ver a praia seguinte. A cada passo que davam, a história recuava mais um pouco para o passado.

– Conheci Leonardo da Vinci em 1502. Um homem incrível. Ele viu o enigma que existia em mim. Eu o assustava e fascinava ao mesmo tempo. Ele tinha uma inteligência incrível, e durante um tempo eu pensei que havia encontrado alguém igual a mim.

Sabine afastou uma folha grande e pesada do caminho, e a água acumulada nela escorreu por suas costas. Ela estremeceu.

– Vi os mongóis destruírem a China. Passei por mais de dez epidemias do que hoje conhecemos como peste negra. Testemunhei as consequências mortais das Cruzadas.

– Qual Cruzada? – Jack perguntou baixinho, porque, apesar de aquilo parecer impossível, ele acreditava na história de Sabine. Além de convicta, ela sabia ser convincente.

– Todas elas.

Sabine olhou para trás, e ele notou as gotas de suor em seu nariz e sua testa. Ela era linda. Jack virou a cabeça, estreitou os olhos e cerrou os punhos, fazendo de tudo para ter certeza de que estava de posse de todas as suas faculdades mentais. Ele havia permitido que Lesya o encantasse por um tempo, e sua obsessão pelo estranho esplendor do espírito da floresta o cegara para a verdade de sua quase evidente loucura. Mas aquele não era o caso, de jeito nenhum. Sabine era uma criatura delicada, e os dois tinham se ajudado em um momento de dificuldade terrível.

Ela esperou que ele se virasse de novo para voltar a falar: – Eu lembro de coisas muito, muito antigas. Pragas e guerras. De uma família que me acolheu para ajudar a cuidar de sua fazenda, e eu os ajudei de maneiras que eles não entenderam. – Ela soltou uma risadinha. – Eles quiseram

me queimar, sob a alegação de que eu era uma bruxa.

– Você não tem cicatrizes – comentou Jack – Em lugar *nenhum*.

– A memória da dor se perde com o tempo – ela explicou. – No meu corpo, a memória das cicatrizes também desaparece. E às vezes as próprias memórias... – Ela franziu a testa, olhando para a elevação mais à frente. – Acho que não falta muito para chegarmos lá no alto.

Quando começou a caminhada, Jack a segurou pela mão.

– Foi você quem quis contar tudo isso – ele disse. – Então termine.

Não foi preciso insistir mais.

– Certa vez, um homem na França falou que poderia me ajudar a descobrir quem sou, mas acabou morto em um ataque dos vikings. Numa outra ocasião, em Jerusalém, vi um demônio com olhos como os meus andando pelas ruas. Senti as areias do Egito entre os meus dedos dos pés, quase me afoguei na Rússia, e na Espanha fui torturada por tanto tempo que... – Ela fez uma careta. – Acho que essa era a diversão deles. Vilarejo após vilarejo, ano após ano. As eternas oferendas sangrentas para os deuses.

– Isso é terrível – Jack murmurou.

– É por isso que eu digo que é bom não poder me lembrar de tudo.

Continuaram andando, e Jack observava as costas de Sabine, que ia na frente. A subida se tornou mais íngreme, mas ela não parecia preocupada com o precipício logo ao lado.

– Você falou que, se Fantasma a matasse, ficaria com seus poderes – ele continuou. – Mas, por outro lado, está me dizendo que já está viva há muitos séculos.

– Não existe nada que seja verdadeiramente imortal – explicou ela. – Fantasma sabe disso, e entende de tirar vidas melhor do que qualquer um que conheci. – Ela se deteve, e a tensão em seu corpo pareceu se dissipar. – Chegamos.

Eles estavam em uma elevação rochosa a uns quinze metros acima do nível do mar, contemplando a praia mais à frente. Era menor que aquela em que haviam atracado e mais protegida da arrebentação, com águas mais tranquilas e mais claras.

– Poderíamos ficar aqui por um bom tempo – comentou Jack. Sabine não respondeu. Ela parecia incomodada com alguma coisa.

– Vamos – ela falou. – O abrigo fica na praia, eu acho. Não está mais em perfeito estado e vai exigir certo trabalho, mas pelo menos é um lugar habitável onde podemos ficar por um tempo.

– Vou trazer o barco para cá com os remos – disse Jack. – Só que mais tarde, depois de descansarmos um pouco, porque antes preciso tirar a água que entrou no casco. E depois vou caçar. Já cacei antes. Podemos acender uma fogueira na praia para cozinhar a carne, e há frutas de sobra aqui por perto.

Enquanto caminhavam, Jack pensou no tempo que teria pela frente e em sua família, que aguardava seu retorno a São Francisco. E no amigo Merritt Sloper, que devia achar que Jack estava morto, vítima do ataque dos piratas ao *Umatilla*. Tinha responsabilidades que iam além da situação que vivenciava, e não poderia se esquecer disso. Quando estava com Lesya, ela o *convencera* a esquecer de tudo. Aquilo não se repetiria.

A elevação daquele lado era menos íngreme, e Sabine continuou abrindo caminho com toda a confiança até a metade da descida. Então se deteve, inclinou a cabeça, estendeu a mão direita na altura da coxa e abriu os dedos, que acariciaram o ar como se tocassem piano. Em seguida ela baixou os ombros em um gesto de lamento.

– Foi aqui que eles morreram – ela revelou, apontando para os arbustos à direita. Mais perto do mar havia ocorrido um desmoronamento em algum momento tempos antes, formando um desfiladeiro, atenuado pela presença da vegetação, mas ainda assim profundo e perigoso.

– Os dois? – perguntou Jack.

– E ao mesmo tempo.

– Por quê?

– Eu consigo enfeitiçar qualquer um, mas isso não significa que possa ler os pensamentos dos mortos.

Sabine retomou a descida. Ela era um lindo mistério.

“O que mais você sabe fazer?”, pensou, e talvez mais tarde – depois de acender a fogueira e transportar o restante dos suprimentos trazidos no barco – viesse a fazer essa pergunta. Mas não havia pressa.

Chegaram à praia e encontraram as ruínas do abrigo construído pelos dois antigos habitantes da ilha. Não havia sobrado muita coisa – alguns galhos espalhados, troncos enterrados na areia e os restos de um teto de

palha. Mas já era um começo, e Jack não se opunha à ideia de um pouco de trabalho braçal.

– É a sua vez de me contar histórias, Jack – disse Sabine. Ela sentou em um tronco que algum dia devia ter feito parte de uma parede, olhando desconfiada para o mar.

– Que foi? – questionou Jack.

– Nada. – Ela fez um gesto com a mão para tranquilizá-lo. – Me conte sobre Lesya.

– Você quer mesmo que eu... – Só de pensar no espírito enlouquecido da floresta, ele sentiu seu sangue gelar sob o sol de fim de tarde.

– Jack! Eu me sinto uma... *aberração*. Tenho o privilégio de ter essa... – ela tocou o rosto e o corpo – ...eterna juventude, mas carrego também o fardo do *conhecimento* e da passagem do tempo. Você não faz ideia do que é viver por eras sem saber por quê; ter uma existência diferente da de qualquer outra pessoa sem entender o que realmente sou. Já pensei em tantas explicações durante todos esses anos... Sou uma aberração da natureza, um demônio. Uma criatura de Deus ou do diabo. Mas sempre tive *certeza* de que não existe mais ninguém como eu. Por um tempo imaginei que Fantasma pudesse entender o que significava isso, por causa do interesse que ele demonstrava por mim. Existem muitos outros lobos, mas nenhum como ele. Fantasma enxerga as coisas do mundo de uma maneira que nenhum homem comum é capaz. Só que ele passou a vida inteira se esforçando para exterminar a compaixão que existia dentro de si, e logo me dei conta de que ele nunca conseguiria me conhecer de verdade. Eu achava que ninguém jamais me entenderia, até conhecer você.

– Mesmo eu sendo apenas um homem comum? – perguntou Jack.

Sabine sorriu.

– De comum você não tem nada, senhor London. E pode parar de ficar me obrigando a fazer elogios.

Jack riu baixinho e concluiu: – Bom, uma coisa é certa: não existe mesmo ninguém como você.

– Eu nunca conheci ninguém nem *remotamente* parecido comigo, apesar de encontrar alguns farsantes pelo caminho.

O olhar dela se perdeu no mar outra vez.

– O que aconteceu com esses farsantes? – perguntou Jack, sem muita

certeza de que gostaria mesmo de saber.

– O tempo se encarregou deles. Agora me conte sobre Lesya, e por que você acha que ela pode ser parecida comigo. – Ela se virou para encará-lo. – E me diga também onde ela vive.

Na praia escaldante, onde as palmeiras frondosas cresciam e as águas azuladas invadiam a areia e se retiravam preguiçosamente da ilha, Jack London narrou sua passagem pelo norte congelado e mal-assombrado. Contou a Sabine os detalhes que não tinha reunido coragem para revelar a ninguém, nem mesmo a seu bom amigo Merritt Sloper – a respeito de sua estadia com Lesya em sua floresta amaldiçoada; do encontro com o misterioso pai dela, Leshii, o espírito da árvore que no fim acabara salvando sua vida; das vítimas anteriores de Lesya, preservadas na madeira viva de árvores sobrenaturais; e do confronto final com o lendário Wendigo, a criatura que ele precisara superar para descobrir e dominar o próprio lado selvagem. Narrar tudo aquilo foi uma experiência catártica, e, quando terminou, o sol já havia se posto.

Sabine o encarava com uma expressão que ele nunca tinha visto em seu rosto. Havia admiração e respeito em seu olhar, mas também uma espécie de identificação, não exatamente com Jack, e sim com suas experiências.

– Você é um pouco parecido comigo – comentou ela, revelando a Jack o motivo daquele olhar.

– Não – ele rebateu. – Sou apenas um homem.

– Você não pode ser simplificado dessa maneira, Jack – insistiu ela. – Sua história é inacreditável, e mesmo assim eu acreditei em cada palavra.

– Essa é apenas a segunda vez que conto essa história – confessou ele. – E provavelmente a última. Qualquer outra pessoa pensaria que sou maluco.

– Talvez – confirmou Sabine.

– Ela não é como você, sabe?

A simples menção à existência de Lesya já despertava em Jack uma sensação de temor recorrente.

Sabine se limitou a encará-lo com um estranho sorriso no rosto.

– Estou falando sério – garantiu Jack. – Ela até podia ter... – ele fez

uma pausa, buscando pela palavra certa – ...*talentos* que a maioria das pessoas nunca vai entender. Mas era louca! Disse que seu pai havia copulado com uma mulher e que por isso era parte humana, parte espírito. Uma coisa sobrenatural. Dizer que você é como ela é o mesmo que dizer que sou parecido com...

– Pelo menos ela conhecia os próprios pais – comentou Sabine. – Eu não sei nem se nasci de alguém.

Suas palavras pairaram no ar por um tempo, como faíscas acesas. Um silêncio se impôs sobre os dois, e Jack aproveitou para acender uma fogueira. Quando o fogo pegou e a luz iluminou o rosto de Sabine, ele notou que ela o observava.

– Obrigada – disse Sabine.

– Pelo quê?

– Por não ter medo de mim.

Suas palavras vieram carregadas de tamanha tristeza que o obrigaram a observá-la com maior atenção, e nesse momento Jack notou que algo dentro dela cedeu. Sabine estremeceu de leve, enxugando algumas lágrimas.

– Sabine? – disse Jack, o coração apertado.

– Desculpe – ela murmurou de modo quase inaudível.

Jack sentiu um arrepio se espalhar por todo o corpo.

– Do que você está falando?

Um soluço silencioso sacudiu o corpo de Sabine. Ela respirou fundo, tentando se controlar, e se virou para encará-lo, mas não conseguiu sustentar o olhar. A boca se curvou em um sorriso dolorido, que o deixou angustiado.

– É tudo culpa minha... – ela falou, a voz embargada. – Você está aqui por culpa minha.

– Claro que não – contestou Jack. – Eu queria tirá-la do *Larsen*, é verdade. Mas, mesmo que não temesse por sua segurança, eu precisaria fugir, caso contrário seria morto por Fantasma.

– Você não entendeu – respondeu Sabine, enxugando mais algumas lágrimas e olhando-o de soslaio antes de baixar os olhos. – Foi por culpa minha que você foi parar no *Larsen*, para começo de conversa. Foi culpa minha Fantasma ter atacado seu navio.

Jack soltou o ar com força, compreendendo enfim do que se tratava a conversa.

– Tudo bem. Foi uma questão de sobrevivência. Você direcionou Fantasma para o *Umatilla* da mesma maneira que o guiou para tantos outros...

Sabine jogou as mãos para o alto, disposta a revelar toda a verdade que a angustiava.

– Eu não direcionei Fantasma até o seu navio, Jack! Eu o guiei até você!

– O quê? – Ele a encarou, atônito. – Está me dizendo que Fantasma me escolheu? Por quê?

– Não foi Fantasma – murmurou Sabine. Ela balançou a cabeça, demonstrando todo o peso da culpa, antes de enfim revelar: – *Eu* escolhi você, Jack. Enquanto procurava um alvo para a ganância e o apetite dos piratas, encontrei o seu navio, mas havia pelo menos meia dúzia de outros como ele. Só que eu senti a presença de algo mais... algo familiar. O tempo que você passou com Lesya, o talento natural que ela o ajudou a desenvolver... Reconheci isso como a coisa mais próxima de magia que já havia sentido. Eu precisava conhecer você. Observá-lo. E a única maneira de fazer isso era dizendo a Fantasma que o *Umatilla* era um bom alvo para sua caçada.

A cabeça de Jack entrou em parafuso. O inferno que tinha vivido como membro da tripulação de Fantasma, o terrível massacre dos prisioneiros que os lobos do mar haviam capturado no *Umatilla*... nada daquilo teria acontecido, não fosse a atuação de Sabine.

“Sim, teria”, ele refletiu. “Mas com outra pessoa.”

– Você precisa entender – ela falou. – Depois de tanto tempo sozinha, qualquer oportunidade de aprender alguma coisa, mesmo a menor esperança de encontrar alguém como eu... Eu tinha que tentar.

Jack negou com um gesto de cabeça.

– Não. Não havia como você saber que eu resistiria. Que eu iria sobreviver ao ataque e terminar a bordo do *Larsen*.

– Eu podia torcer. E colaborar de maneira sutil, através da magia. O pelicano no convés do navio, a ave que chamou sua atenção e o alertou sobre a presença dos piratas... Fui eu que a guiei até lá. E com um pequeno feitiço sobre a tripulação, apenas uma sugestão para que se

contivesse ao atacar você, que o transformasse em prisioneiro, e não em vítima. Também podia torcer para que Fantasma visse algo em você que justificasse a preservação de sua vida. Ele pode nem saber o que viu, não exatamente, mas...

– E se ele cortasse minha garganta ou me matasse com os outros prisioneiros na noite de lua cheia? – questionou Jack, sentindo a raiva se acender dentro de si, apesar de se sensibilizar com o remorso dela.

Sabine o encarou com um ar de protesto.

– Eu teria intercedido a seu favor. Sem me importar em revelar meus verdadeiros talentos nem em correr o risco de ele me matar e ficar com meus poderes. Eu teria tentado protegê-lo.

Foi a vez de Jack desviar o olhar.

– Porque seus sentidos detectam os ecos de Lesya dentro de mim, e você faria de tudo para preservar a única ligação com alguém que poderia ser um semelhante.

– A princípio, sim – admitiu Sabine, envergonhada. – Antes de me apaixonar por você. Na noite em que ficamos trancados juntos, na noite da caçada, vi sua coragem quando você quis sair da cabine para salvá-los. E vi sua angústia por saber que não podia. Você partiu meu coração naquela noite, e ao mesmo tempo o conquistou de um modo que nunca senti antes, apesar de já ter vivido tanto tempo.

Jack não tinha mais nada a dizer, e Sabine parecia já ter concluído sua confissão. Ficaram ali sentados por um tempo, e o silêncio era interrompido apenas pelo quebrar das ondas e pelo farfalhar das árvores agitadas pelo vento. Sabine abraçou a si mesma para se proteger da brisa que secou suas lágrimas, uma expressão de desolação estampada no rosto.

Por fim, sem dizer uma palavra, Jack foi até ela e a abraçou. O sol mergulhava no mar atrás deles, e as estrelas começavam a aparecer. Eles viram uma estrela cadente logo acima, iluminando brevemente o céu noturno. Nenhum dos dois fez comentário algum. Todas as palavras que precisavam ser ditas já tinham sido proferidas.

Sabine dissera que estava apaixonada por ele, e Jack tinha acreditado. Como poderia culpá-la pelo que havia feito, por maior sofrimento que isso pudesse ter representado? Pelo amor que sentia, ele passaria por tudo aquilo de novo para que ela pudesse ter as respostas pelas quais

esperava fazia tanto tempo.

Quando a fogueira começou a se apagar, Jack notou que Sabine havia adormecido em seu ombro. Ele continuava acordado, pensando em tudo que ela havia lhe contado – as histórias incríveis sobre o que vira e fizera, bem como a incerteza gerada por uma vida tão longa –, e, quando os sons noturnos da ilha começaram a ser ouvidos, ele jurou em silêncio que a ajudaria de todas as maneiras que pudesse.

Jack deitou Sabine com todo o cuidado, colocando seu casaco sobre os ombros dela para protegê-la do frio da noite, e tratou de realimentar o fogo. Depois de sua passagem pelo norte, o calor para ele era algo sempre bem-vindo.

Em seguida encostou-se no tronco em que Sabine tinha se sentado, e a luz das chamas tornou a noite ao redor ainda mais escura.

Jack acordou sobressaltado. Nos breves momentos entre o sono e a vigília, quando a riqueza de memórias da alma transborda, ele se surpreendera com o ambiente em que estava, sentindo-se mais mareado do que no próprio mar, com a profunda sensação de que faltava algo ali. Mesmo depois de piscar os olhos várias vezes e despertar definitivamente, o sentimento de ausência persistia.

– Sabine – ele murmurou. Ela não estava mais lá. O casaco dele estava sobre o tronco, posicionado como se ela tivesse desaparecido sem se mover. Ela seria capaz de fazer isso? Ele não tinha como saber. Ela havia contado muita coisa, contudo uma vida tão longa não poderia ser resumida em um único dia.

Levantou-se e se espreguiçou, olhando para os dois lados da praia curva. Não havia nem sinal de Sabine, mas as pegadas na areia apontavam para um local mais distante do lugar onde os dois tinham acampado na noite anterior, antes de a praia se juntar com a mata. Enquanto observava a trilha, uma onda desfez algumas pegadas, apagando mais alguns detalhes da existência dela no mundo. Mais algumas ondas, e todas seriam apagadas. Sabine não devia demorar.

Jack sentiu o entusiasmo invadir seu corpo em um daqueles momentos de contentamento pleno que nunca duram muito tempo. Tudo o que havia de errado em sua vida deixou de ser importante – os temores de Sabine, a preocupação com a família e os amigos, as confissões dela e

sua determinação em conhecer Lesya –; naquele momento tudo parecia bem. Passou pelo abrigo construído pelos falecidos habitantes da ilha, onde encontrou evidências de que talvez tivessem sido piratas. Havia armas enferrujadas e parcialmente gastas encobertas pelo mato, além de alguns pequenos barris encostados na única parede ainda em pé.

Jack usou uma espada velha e quebrada para abrir um deles, e imediatamente reconheceu o conteúdo.

– Oh – falou, olhando para tudo aquilo por alguns instantes. Em seguida recolocou a tampa da melhor maneira possível e pôs o barril sobre os demais. Enquanto continuava a busca por comida, Jack começou a pensar no uso que aquela pólvora poderia ter.

Caminhou um pouco por entre as árvores para colher frutas para o café da manhã, ainda inebriado pela onda de felicidade que o havia invadido.

– Manga – disse a si mesmo, ao pegar três delas. Foi em frente, subindo a elevação que conduzia ao espinhaço central da ilha. – Mamão. Goiaba. Uma salada de frutas!

Armazenou o conteúdo na própria camisa dobrada para cima e voltou à praia para descascá-las e prepará-las para serem comidas.

Sabine ainda não tinha voltado. Pensou em gritar o nome dela, mas acabou desistindo.

Enquanto se instalava perto dos restos da fogueira da noite anterior, ela apareceu correndo no meio da mata, e pela expressão em seu rosto dava para notar que era uma corrida motivada pelo medo. Ele largou as frutas e pegou a faca, sempre de olho em Sabine, pronto para enfrentar o que quer que a perseguisse. A praia era pequena e curva, e o perseguidor apareceria a qualquer momento.

No entanto, ela não estava sendo seguida. O pânico estava estampado no rosto de Sabine, mas em seus olhos o que Jack via era o desejo de chegar até ele, e não de escapar de alguma coisa.

– Que foi? – ele perguntou, enquanto ela se jogava em seus braços.

– Morte – ela falou, ofegante. – Eu estava na mata, explorando a ilha, e senti Morte se aproximando de mim. De nós. Ele está vindo para cá, Jack.

– Morte Nilsson? – perguntou Jack, pois por um momento pensou que ela se referisse à própria *morte*. O que talvez não fosse tão ruim. – Mas

como ele ficou sabendo sobre nós? Torturou Fantasma para arrancar dele a verdade? E, mesmo que tenha feito isso, não teria como saber que estamos aqui.

– Não – respondeu Sabine, e a resposta valia para todas as perguntas. Ela respirou fundo, tentando se acalmar. – Ele não sabe nada sobre nós, pelo menos por enquanto. Mas, enquanto sondava o mar, encontrei uma presença inesperada... a de Fantasma. Ele ainda está vivo, e alguns membros da tripulação também.

– Morte não conseguiu acabar com o irmão – comentou Jack.

– Ainda não. Mas, depois de capturar e afundar o *Larsen*, ele tomou Fantasma e sua tripulação como prisioneiros. Seu navio também ficou muito danificado na batalha. Eles estão vindo para cá a fim de fazer os reparos necessários, mas Morte tem outras intenções. Quando desembarcarem, ele vai torturar e matar Fantasma.

– Quanto tempo ainda temos?

– Eles estão a uns doze quilômetros daqui, mais ou menos.

A mente de Jack girava a mil. A súbita alegria que sentira logo foi devorada por antigos temores. Ele e Sabine, no entanto, tinham sido capazes de enganar Fantasma e sua tripulação. E dessa vez estavam em vantagem – Morte não sabia da presença de ambos ali, e havia tempo para elaborar um plano. Mas uma fuga não seria suficiente, disso ele sabia. Jamais teriam paz se não se livrassem dos lobos do mar de uma vez por todas.

– Eles vão sentir nossa presença assim que chegarem – disse Sabine. – Vão nos ouvir, farejar. E a tripulação de Morte é mais numerosa. Vão nos caçar e nos capturar, e depois nos matar.

– Você tem medo de morrer? – perguntou Jack, e se arrependeu imediatamente.

– Não – respondeu Sabine. – Mas não sei como lidar com a *sua* morte.

Jack abriu um sorriso. A preocupação era visível no rosto de Sabine, e o lindo sorriso dela fez com que ele sentisse esperança.

– Nenhum de nós dois vai morrer – ele falou. – Eu já tenho um plano. Ele se sentou e começou a descascar as frutas.

– Jack?

– Nosso café da manhã – ele explicou. – Temos tempo. E precisamos

que eles *saibam* que estamos aqui e pensem que estão nos pegando de surpresa. Portanto, deixaremos todos os rastros que pudermos.

Sabine sentou ao lado de Jack e começou a comer. Por um instante o silêncio se estabeleceu entre eles. Jack podia sentir o cheiro do corpo de Sabine, o calor no local onde seus braços quase se tocavam, e a confiança que ela demonstrava era reconfortante. Enquanto comiam, ele aproveitou para analisar a situação. Quando terminaram o último pedaço de fruta, ele já sabia o que fazer.

– Precisamos resgatar Fantasma. Ele é nossa única chance de sobreviver a um encontro com o irmão dele.

– Pois é – concordou Sabine, e as palavras dela surpreenderam Jack.

– Precisamos impedir que Morte acabe com ele e libertar o que sobrou da tripulação do *Larsen*.

– Fantasma vai querer lutar por mim, tenho certeza – Sabine disse baixinho. – Mesmo depois de tudo o que aconteceu.

– Exatamente – reiterou Jack. – E vamos ter que ajudar Fantasma e seus lobos a derrotar Morte e sua tripulação.

Sabine franziu a testa. “Tão linda, tão antiga, tão inocente”, pensou Jack, o coração dominado outra vez pelo amor que sentia por aquela mulher. A ideia de perdê-la era insuportável, e os desafios diante deles, quase intransponíveis. Seu conceito de futuro, porém, não admitia a existência do fracasso. Ele não estava com medo.

– Mas como faremos tudo isso? – ela questionou.

– É aí que os dois antigos habitantes da ilha entram na história – ele respondeu. – Venha comigo. Quero lhe mostrar uma coisa.

Precisaram de duas horas para se prepararem. Duas horas de trabalho duro, durante as quais nem sequer contemplaram a possibilidade de fracasso. Não *poderia* haver fracasso. Tudo aquilo que importava para Jack, e tudo o que ele tinha aprendido na vida, dependia do sucesso daquele plano.

Quando terminaram os preparativos, subiram a elevação rochosa que separava as duas praias e ficaram vigiando o mar. O *Charon* já se fazia visível, a uns cinco quilômetros de distância, navegando na direção da ilha. Sabine perscrutou o ar e disse a Jack que os motores estavam cheios de água e que o barco era impulsionado apenas pelo vento e pela

força das ondas. Fantasma e sua tripulação encontravam-se trancafiados nos conveses inferiores – ela não sabia a localização exata –, e Morte estava de pé na proa, supervisionando a aproximação da terra firme.

– Ele pode nos ver aqui em cima – disse Jack.

– Se ele nos avistar, melhor ainda – respondeu Sabine.

Juntos, os dois continuaram a vigiar o navio. Estava visível, mas não próximo o suficiente para ser observado em detalhes. Jack ficou olhando para a proa da embarcação. Morte devia estar lá, mas daquela distância não passava de um pontinho, um borrão. Caso o plano funcionasse, era assim que ele deveria continuar.

– Vai funcionar – garantiu Jack.

– Eu sei – disse Sabine. Eles tentavam reconfortar um ao outro e ao mesmo tempo se convencer de que o que faziam era o correto.

Poderia haver eventualidades impossíveis de prever em um plano elaborado em tão pouco tempo, mas o esquema era flexível o bastante para lidar com elas. Em parte por causa da sutileza e pelo fato de contar com o fator surpresa, mas principalmente em razão de algo que os monstros que se aproximavam conseguiam entender bem até demais.

A força bruta.

CAPÍTULO TREZE

INIMIGOS ÍNTIMOS

“Eles bem que poderiam chegar só depois de escurecer”, pensou Jack, reclamando consigo mesmo enquanto se dirigia para o meio dos arbustos espinhentos. Parou para verificar a direção da brisa, tomando o cuidado de ficar sempre a favor do vento enquanto a tripulação do vapor desembarcava nos botes a remo. Fazendo o mínimo de ruído possível, tirou os últimos dois barris dos ombros e os colocou ao lado dos outros quatro que ainda estavam em condições de resistir ao transporte. Sentia as veias pulsar nas têmporas e na ponta dos dedos. Ele e Sabine só teriam uma oportunidade de fazer o plano funcionar, e o fracasso significaria a morte certa.

“Para mim”, pensou. Ela provavelmente sobreviveria. Ele de fato não sabia até onde iam os poderes de Sabine. Se ela era capaz de influenciar o clima, quem poderia dizer que não conseguiria fazer o vento carregá-la pelos céus? Parecia algo impossível, mas ultimamente na vida dele os limites dessa palavra vinham sendo testados o tempo todo.

Por outro lado, Jack sabia que ela lhe contaria caso tivesse alguma outra habilidade que pudesse ser útil contra os lobos do mar.

Jack respirou fundo e fechou os olhos, visualizando o local onde haviam acampado na noite anterior, onde Sabine estava. Naquele momento ela devia estar alimentando a fogueira ao lado das ruínas do velho abrigo. A fumaça precisava continuar subindo pelo ar, para atrair a tripulação de Morte para fora do navio. Sabine se colocava na posição de isca.

Você quer fazer isso mesmo, Sabine?, Jack tinha perguntado a ela. Mesmo com a sua habilidade de enfeitiçar a mente e o sentido deles, você vai conseguir enganá-los por tempo suficiente para salvar sua vida?

Ela garantira que conseguiria. Certa vez, a bordo do *Larsen*, ela havia posto Fantasma e sua tripulação sob um encantamento, mas Fantasma a

tinha vigiado tão de perto quando o barco baixara âncora que a fuga se tornara impossível. A Jack só restava torcer para que os poderes de Sabine fossem tão eficientes quanto ela dizia que eram.

Escondido no meio dos espinheiros, Jack viu os lobisomens desembarcar na praia. Não reconheceu nenhum deles, mas no primeiro bote estava um homem imenso, musculoso, com uma barba longa e feições envelhecidas. Seu orgulho era visível, e com seu ar de comando e determinação implacável não havia como confundi-lo com ninguém – aquele era Morte Nilsson.

Jack respirou fundo e soltou o ar com força, sentindo a brisa e ouvindo o farfalhar das folhas ao redor. Caso Sabine se desconcentrasse e o vento mudasse de direção, carregando o cheiro de Jack até os lobos, o plano terminaria em morte e derramamento de sangue.

Arrastando os botes até a praia pedregosa, Morte Nilsson e onze membros da tripulação tocaram a terra firme. O capitão devia ter deixado alguns membros do bando a bordo para vigiar Fantasma e o que restara de sua tripulação, mas, apesar de se tratar de um navio a vapor, a tripulação não deveria ultrapassar a casa dos vinte homens. Havia no máximo oito lobos de Morte a bordo.

“Oito já é gente demais”, ponderou Jack. “Não vou conseguir...”

Ele interrompeu aquele pensamento. Não havia espaço para hesitações em seu plano. A hesitação naquele caso era tão mortal quanto garras ou presas.

Com gestos, acenos e comandos emitidos com grunhidos, Morte posicionou seu bando na praia. Dois deles ficaram de joelhos e farejaram as pedras e a areia até chegarem à borda da mata. Os outros permaneceram à espera. Morte jogou a cabeça para trás e farejou o ar à procura de algum cheiro. A fumaça que subia da fogueira além das rochas era visível, e, na praia seguinte, eles detectariam os odores que ele e Sabine tinham deixado desde a chegada... e talvez até o cheiro da própria Sabine, que estava lá naquele exato momento, um alvo fácil.

“Vamos lá”, pensou. “O que estão esperando? Vocês precisam pelo menos ir até lá dar uma olhada. Pode ter alguma coisa boa para ser caçada.”

Esse pensamento, carregado de cinismo e leviandade, deixou-o horrorizado, porém a frustração causava nele uma irritação difícil de

controlar. Meio minuto se passou, e Morte continuava a perscrutar a ilha. Vários de seus lobos se dirigiram à elevação rochosa entre as praias e a escalaram com uma elegância e uma agilidade que deixaram Jack abismado, usando árvores, pedras e reentrâncias para erguer o corpo com grande facilidade. Uma vez no topo, espreitaram a praia mais adiante, mas não se animaram a descer imediatamente até onde estava a fogueira.

Por fim, Morte olhou para o barco a vapor – com seu casco todo pintado de preto, a não ser no local onde havia se chocado com o *Larsen*. Quando se virou de novo para a praia, o capitão tinha um sorriso no rosto que fez o sangue de Jack gelar. Ele emitiu um comando que parecia mais um latido do que palavras inteligíveis, e os lobisomens restantes saíram correndo pela praia até a elevação, que escalaram com a mesma facilidade dos companheiros, desaparecendo do campo de visão e acompanhados por Morte.

Jack engoliu em seco. Já deviam estar na praia àquela altura, no local de acampamento onde Sabine deixara a fogueira acesa. A farsa elaborada por Jack tivera início, e o tempo começava a correr.

Ele respirou fundo, olhou para os botes na praia e o vapor a distância – um verdadeiro mamute negro – e saiu correndo, carregando um dos barris de madeira sobre o ombro.

Fazendo o mínimo de barulho possível, e contando com as ondas para apagar os rastros que deixaria por ali, Jack chegou até os botes. Pôs o barril em um deles, empurrou-o para a água e, passada a primeira linha de arrebentação, subiu e começou a remar.

O *Charon* parecia grande e escuro como os portões de Hades quando ele chegou mais perto e se posicionou sob sua sombra imponente. A vida dele poderia chegar ao fim a qualquer momento caso fosse descoberto por algum dos lobos remanescentes a bordo, mas Jack só conseguia pensar em Sabine. Ela teria se escondido na mata? Não, ela não era Lesya. Sua especialidade não era aquela. Apesar de ela ter revelado apenas alguns detalhes, Jack sabia que Sabine entraria no mar para fugir dos lobos. Deixaria que sentissem seu cheiro e os obrigaria a persegui-la pela ilha, mantendo-os ocupados pelo maior tempo que conseguisse. Apesar de não ter o canto das sereias dos mitos, ela garantiria que era capaz de confundir a mente dos homens e dos lobos, impedindo-os de

vê-la. Enquanto não a visse de novo, porém – enquanto não a tivesse em seus braços e não sentisse seus lábios nos dela –, o medo persistiria, assim como o lamento pela vida que poderiam ter tido juntos.

“Tome cuidado”, Jack pensou, tentando transmitir suas reflexões a ela.

Quando se aproximou o suficiente para ouvir o rangido da madeira e do metal do navio, remou com força ainda maior, manobrando o barco até a escada de corda pendurada a estibordo. Tirou o pedaço de cabo cortado do bote, que estava preso em volta de sua cintura como se fosse um cinto, e amarrou o barril a seu corpo.

Jack se segurou na escada de corda, respirou fundo e começou a subir. As veias de seus braços e antebraços saltaram. A gravidade se opunha à escalada com toda a força, e, mesmo com o esforço realizado para carregar o barril, era preciso fazer silêncio. Quando chegou à balaustrada do *Charon* – colocando o barril com cuidado sobre o convés e o desamarrando –, sabia que o verdadeiro perigo estava apenas começando.

Agachado junto à balaustrada, Jack esperou até que sua respiração voltasse ao normal. Apurou os sentidos para detectar a presença do espírito selvagem dos lobos do mar. Havia alguns trancados no compartimento de carga, e ele sabia que deviam ser Fantasma e os demais sobreviventes do *Larsen*. Um lobo estava no convés, mas do outro lado do navio. Não havia ninguém por perto que pudesse surpreender Jack. Ele só precisava escolher o momento certo para executar a última parte do plano. E o momento ideal era aquele. Quando se levantou, não tinha mais como voltar atrás.

Sabine já havia começado a exercer sua influência sobre o clima – as nuvens aos poucos se avolumavam. O céu nublado filtrava a luz do dia, mas, mesmo sem o sol forte, sua posição era vulnerável. A corrida contra o tempo continuava.

O *Charon* era um vapor de dois mastros, mas com as velas recolhidas e a chaminé silenciosa parecia mais o corpo em decomposição de um antigo leviatã, flutuando pela água rumo à praia. Apenas a âncora do vapor o livrava daquele destino. No entanto, pela maneira como estava ligeiramente inclinado para estibordo, estava claro que o casco tinha sido seriamente avariado.

Jack subiu os degraus que levavam à casa do leme e arriscou uma olhadela lá para dentro. Não havia ninguém por lá. A embarcação rangia e oscilava levemente sob seus pés. Atravessou agachado o convés, usando a cabine comprida existente ali para se manter oculto até se esconder atrás da chaminé. O vapor tinha quase o dobro da extensão do *Larsen* e um compartimento de carga muito maior. Como ele poderia vasculhar a embarcação inteira à procura de Fantasma e seus homens sem ser descoberto pelos guardas deixados por Morte? Por um momento Jack foi invadido pelo pânico e, logo em seguida, ouviu uma risada gutural.

Praguejou em pensamento. Se os tripulantes saíssem para o convés naquele momento, seria impossível escapar da captura ou da morte. Mas, apesar de ter prendido a respiração por um bom tempo, esperando para ser descoberto, ninguém apareceu.

Uma chuva leve começou a cair: Sabine devia estar reunindo forças para produzir mais uma tempestade. Jack tentou desviar seus pensamentos da amada – se ficasse se preocupando com o jogo de gato e rato que ela fazia com Morte, jamais terminaria a tarefa para a qual havia subido a bordo do *Charon*.

Jack contornou a cabine e olhou pela janela, agachando-se logo em seguida. Havia sentido a presença de dois lobos de Morte lá dentro, e lá estavam eles – jogando cartas e bebendo rum ou gim no que parecia ser o refeitório do navio. Não tinham sentido seu cheiro, o que poderia ser atribuído a um milagre ou então à quantidade de álcool que consumiam, mas Jack sabia que, caso não se apressasse, sua sorte poderia mudar rapidamente.

Saiu de lá às pressas, sem fazer barulho. Aqueles não deviam ser os únicos lobos a bordo – não com Fantasma trancafiado ali. Por outro lado, a última coisa que Morte e sua tripulação esperavam era um ataque de alguém vindo da ilha. Os sentidos de Jack não eram apurados o bastante para determinar a localização exata de cada fera, fato que o obrigou a espiar de alçapão em alçapão, com os ouvidos sempre atentos para a atividade no compartimento de carga logo abaixo. Quando chegou mais perto da popa, Jack se deu conta de que os prisioneiros deviam estar no único compartimento que não tinha verificado, que ficava na proa.

Caso fosse até lá, estaria totalmente exposto a qualquer um que entrasse na casa do leme. Os dois piratas que jogavam cartas não pareciam preocupados o suficiente com a atividade a bordo para fazer uma ronda pelo navio; por isso, com um pouco de sorte, ele não seria visto. Seu nível de concentração caía, e para ele era impossível dar conta da presença de tantos espíritos animais ao mesmo tempo. Jack sabia, porém, que deveria haver guardas postados ali embaixo, no corredor diante da porta ou em uma cabine superior para onde levavam as escadas dos compartimentos de carga. Passar por eles seria difícil e demorado, e o tempo era um bem cada vez mais escasso.

Jack teria que procurar outra maneira de chegar até lá.

Passou agachado pela cabine do convés e chegou até o local perto da casa do leme onde tinha subido a bordo. Caso alguém tivesse passado pelo convés devia estar cego, ou então muito bêbado, para não ver o barril posicionado ali. Jack se ajoelhou, e sua calça se molhou com a garoa que caía sobre o convés.

De dentro da camisa ele tirou uma pequena bolsa de lona, da qual pegou um pedaço de pavio. Fez um furo na tampa do barril com a faca, enfiou o pavio no buraco e se certificou de que estava bem preso. Perguntou-se se os fósforos que levava nos bolsos estariam secos, porém não havia tempo para hesitação ou dúvida. Jack ergueu o barril e, dando uma última olhada ao redor, foi correndo na direção da proa. A casa do leme se erguia logo atrás, mas ele não ouviu nenhum grito ou assobio de alarme.

“Claro que não”, pensou. “Não vai ter nenhum grito.” Tudo o que ele ouviria seria o som das garras contra o metal, a respiração ofegante, e então...

Afastou aquele pensamento da cabeça.

Jack deu uma boa olhada na tampa do alçapão do compartimento de carga da proa. Era de ferro, soldada no convés, e projetada para impedir toda e qualquer tentativa de fuga dos prisioneiros trancafiados no *Charon*, fossem eles humanos ou não. Logo ao lado havia uma grade menor, pequena demais para permitir a passagem de um homem, mesmo que as barras fossem cortadas. Apesar da espessura da tampa do alçapão e dos parafusos grossos que a fixavam, a força dos lobos era tamanha que eles seriam capazes de destruí-la, empurrando-a de baixo para cima.

O chão do compartimento, no entanto, ficava mais de cinco metros abaixo, o que tornaria essa tarefa impossível.

– Jovem Jack! – falou uma voz familiar lá de baixo. Fantasma conhecia seu cheiro, e Jack ficou satisfeito ao ouvir o tom de surpresa do capitão.

– Silêncio – murmurou Jack, sem saber se os vigias tinham ouvido o que Fantasma dissera. Não que fizesse diferença. Dentro de instantes haveria um estrondo suficiente para despertar até os mortos.

Ele posicionou o barril sobre os pinos de fixação de um dos lados do alçapão, enfiou a mão no bolso e sacou a latinha com fósforos que havia roubado do *Larsen*. O palito se acendeu na primeira tentativa, e ele o aproximou do pavio, que começou a sibilar.

Jack olhou através da grade e viu Louis olhando para cima. Um fio de esperança se refez dentro dele. Louis poderia até ser um monstro, um membro do bando, mas era a única pessoa na tripulação de Fantasma com quem Jack sabia que podia contar.

Vukovich, Árvore e Maurilio também estavam por lá, feridos e ensanguentados, mas vivos. Estranhamente, surpreendeu-se lamentando o fato de Demetrius não ter sobrevivido. O marujo gordo parecia ser um sujeito razoável.

– O que você está aprontando aí, Jack? – murmurou Louis.

– Saiam de debaixo do alçapão e tapem os ouvidos – respondeu Jack, e, seguindo o próprio conselho, correu para a proa, jogando-se no chão com a barriga para baixo. Pôs as mãos sobre as orelhas.

A explosão abalou o navio, retumbando no ar como se o céu tivesse respondido ao estímulo com um de seus trovões, e fez a embarcação reverberar como se fosse um enorme tambor. Os fragmentos de metal ricochetearam aqui e ali, e ouviu-se um gemido, como o de uma criatura ferida. “O metal se rompeu”, pensou Jack, e se perguntou se não tinha exagerado na carga de pólvora. Quando olhasse lá para baixo veria que Fantasma e os outros haviam sido destroçados, esquartejados, pulverizados pela explosão?

O compartimento de carga se transformou em um buraco fumegante no meio do convés. Gritos ecoaram lá dentro, e Jack sorriu de alívio. Logo em seguida, porém, uma porta bateu para os lados da popa, e os dois piratas bêbados saíram cambaleando para o convés.

Jack correu até o alçapão arrombado. Fantasma e seus homens cobriam a cabeça com as mãos, tentando se levantar depois da explosão, abalados, mas de resto intactos. Com um baque e um rangido, a porta do compartimento se abriu, e dois vigias entraram, em meio a uma dolorosa transformação lupina. Fantasma rugiu enquanto se transformava, os ossos estalando, a pele se esticando e a pelagem se espalhando por todo o corpo. Ele saltou sobre um dos vigias e rasgou sua garganta antes mesmo que o restante dos lobos do mar concluísse sua metamorfose.

Nesse momento Jack desviou o olhar, pois não queria testemunhar o restante do massacre.

– Como foi que você fugiu? – gritou um dos marujos bêbados, apontando para ele, e depois se virou para o companheiro. – Espere aí. Já vimos esse aí antes?

Jack hesitou. Estavam pensando que ele era um lobisomem! Era preciso pensar em uma maneira de usar aquilo a seu favor.

Com os olhos opacos, arrogantes e exalando crueldade, os lobos foram se aproximando com cuidado, medindo-o de cima a baixo. Um deles farejou o ar.

– Kurt – ele falou, estreitando os olhos –, esse desgraçado é humano!

Kurt sorriu, e seus dentes se alongaram e ficaram pontudos, ao mesmo tempo que a pelagem começou a cobrir sua pele.

– Maravilha.

Jack sacou a faca, lamentando o fato de não ser feita de prata. Inclinou-se, respirou fundo algumas vezes, usando a magia que Lesya lhe havia ensinado – ou instilado nele – durante o período que passara no Yukon. Além de conseguir sentir a presença dos animais, ele também era capaz de canalizar sua essência e igualar seu aspecto selvagem. Havia peixes por perto, obviamente, e se ampliasse a extensão de seu espírito encontraria também algumas aves marinhas. Os verdadeiros animais, porém, estavam diante dele – homens que podiam se transformar por completo, usar sua raiva primitiva para caçar e matar.

A chuva de repente ficou mais forte, e Jack agradeceu a Sabine em silêncio.

Os lobisomens bêbados chegaram mais perto, contornando o enorme buraco aberto no convés e ignorando os sons do massacre que acontecia logo abaixo. A pelagem cobriu seus corpos lupinos por inteiro sob a

chuva, e eles rugiram ao cercá-lo cada um de um lado.

Jack rugiu de volta, escancarando os dentes. Com a faca na mão, alcançou diretamente a essência dos lobisomens, igualando sua selvageria de maneira tão plena que por um instante quase se deixou levar pela atuação, sentindo-se confortável com aquela situação de poder e liberdade. Ele estava mais forte do que antes e, se pudesse dominar e controlar aquela força, fundir-se com o animal e agir sem restrições, com força total...

Mas as brasas ainda acesas de sua humanidade ardiam com força dentro dele. E nunca se apagariam.

– Podem vir, seus cães inúteis! – provocou Jack.

O lobo gigantesco chamado Kurt avançou em sua direção, mas mesmo sobre quatro patas ele se movia como um bêbado. Jack se esquivou para o lado e chutou a perna do lobisomem com tamanha força que provocou um estalo e derrubou o monstro no convés. Enquanto o lobo se contorcia para tentar se levantar, Jack pisou em suas patas dianteiras e cravou a faca em seu peito, rasgando a carne e atravessando os ossos para enfiá-la bem no coração. O sangue espirrou para fora da ferida, e a criatura gritou e estremeceu, retornando a uma forma parte animal, parte humana. O ferimento não seria fatal, mas Kurt ficaria fora de combate por um tempo.

O outro lobisomem soltou um uivo furioso e partiu para cima de Jack, que saltou sobre o corpo caído e ensanguentado de Kurt, a cabeça trabalhando sem cessar. Não havia muitas opções disponíveis – as únicas rotas de fuga eram o mar ou um salto de cinco metros para dentro do compartimento de carga onde estavam Fantasma e sua violentíssima tripulação.

Em seu momento de indecisão, Jack notou uma movimentação atrás do lobisomem. Uma criatura escura e peluda surgiu do alçapão aberto e atacou o bêbado, fechando as mandíbulas sobre sua carne e arrancando pedaços da pelagem com as garras. O sangue se misturou com a chuva quando os dois lobisomens foram ao chão e saíram rolando pelo convés. Chocaram-se contra a balaustrada, que rachou, mas não cedeu.

O lobo de pelagem escura cravou a garra no rosto do outro e o puxou, rasgando a mandíbula e arrancando um dos olhos. O lobisomem embriagado gemeu e recuou, o medo estampado no olho cor de âmbar

restante. Jack procurou sua faca, mas não ousou arrancá-la do peito de Kurt, que já se transformava o suficiente para remover a lâmina por si só.

O convés foi tomado por lobos quando Fantasma e sua tripulação – manchados pelo sangue dos guardas – saltaram de dentro do compartimento de carga. Os lobisomens estavam furiosos, grunhindo e vasculhando o convés com sede de sangue e vingança. Contando aquele que fora cegado parcialmente pelo de pelagem escura, eram cinco deles contra dois lobos bêbados e feridos. Os tripulantes de Morte não tinham a menor chance. Fantasma e o contingente que havia sobrado do bando acabariam com eles.

Jack se afastou da matança e foi até a balaustrada a estibordo. Caso Fantasma decidisse matá-lo naquele instante, não haveria nada capaz de detê-lo. Além disso, ele preferia não ver os lobos do mar se fartando com as carnes do inimigo.

Mas o som das garras raspando metal o forçou a se virar. Esperava ver o enorme lobo cinzento em que Fantasma se transformava ao revelar sua verdadeira forma, mas em vez disso deu de cara com o lobisomem de pelagem escura que havia salvado sua vida. Estava ofegante e soltou um grunhido que parecia mais uma saudação que uma ameaça. O lobisomem começou a se transformar. Os ossos se deformaram e estalaram quando ele se levantou, já metade homem, metade animal. Ele jogou a cabeça para trás e uivou, escancarando as presas em um sorriso monstruoso.

O lobo tinha na boca um único dente de ouro.

– Olá, Louis – disse Jack.

A criatura zurrou como uma hiena e se transformou, reassumindo a forma ilusória de um ser humano. Instantes depois Louis estava de pé, totalmente nu, no convés do *Charon*.

– Jack – ele falou –, você é louco, mas fico feliz em vê-lo vivo.

– E eu fico feliz por *estar* vivo.

Louis começou a dar risada, mas em seguida seus olhos se estreitaram, e ele se virou para se defender. Era tarde demais, pois o enorme lobo cinzento, encharcado de sangue e chuva, já saltava sobre ele. Os dois caíram sobre o convés, e por um momento Jack chegou a pensar que Fantasma fosse dilacerar a garganta de Louis. Em vez disso,

porém, o capitão rosnou e escancarou os dentes, empurrando Louis para o lado como se o dispensasse, e virou a cabeça volumosa para Jack.

Com um grito que começou como um uivo animal e aos poucos foi se transformando em um grunhido humano, Fantasma se transformou. Com a respiração ofegante e os dentes ainda arreganhados, parecia mais animalesco e selvagem do que em sua forma lupina.

– Eu tinha planos para você, senhor London – disse Fantasma com a voz rouca.

– E eu tenho planos para você. Foi por isso que vim aqui libertá-los. Mas quem decide o meu destino sou eu, Fantasma. Sempre.

Fantasma ergueu um dos cantos da boca em um meio sorriso dos mais ameaçadores.

– Mas hoje não vai ser assim.

Os outros três lobos do mar assumiram as figuras familiares de Árvore, Vukovich e Maurilio. Fantasma avançou na direção de Jack. Em qualquer outra ocasião, a nudez dos marujos pareceria um tanto patética. No entanto, cobertos pelo sangue do inimigo e com a chuva caindo com força sobre o convés, aquilo só fazia a aparência deles se tornar ainda mais selvagem. De alguma forma conseguiam parecer ao mesmo tempo animalescos e sobrenaturais. Não eram homens, nem animais. Eram coisas cuja existência a natureza jamais aprovaria, por mais que Fantasma dissesse o contrário.

– Você me traiu! – acusou Fantasma, chegando mais perto, os dedos transformados em garras. – Tirou a bruxa do meu barco antes que eu a castigasse por ter se voltado contra mim. Você poderia ser muito mais do que é, Jack. Muito mais que um animalzinho frágil e indefeso.

– A crueldade e a sede de sangue não tornam ninguém mais forte – rebateu Jack, sem se deixar intimidar.

Louis e os demais lobos do mar – que, apesar de não terem mais o papel de tripulantes, ainda faziam parte do bando de Fantasma — aproximaram-se e o cercaram de maneira ameaçadora.

Com um movimento rápido, Fantasma envolveu o pescoço de Jack com uma das mãos e o prensou contra a balastrada. Em seguida o empurrou, deixando a parte superior de Jack pairando acima das ondas furiosas.

– *Matar* me torna mais forte! – rugiu Fantasma, babando no rosto de

Jack. – Tirar vidas, comer carne humana, beber sangue! Vou destroçar você com as minhas mãos, como deveria ter feito logo de cara, antes de ter o desprazer de conhecê-lo melhor. É isso que me torna mais forte, Jack. Sou o senhor do seu destino e quero ouvi-lo dizer isso antes de acabar com a sua vida.

– Pode esquecer – gemeu Jack, quase sem conseguir respirar. – O senhor... do meu destino... sou eu.

– Seu desgraçado! – gritou Fantasma. Ele começou a se transformar outra vez, mas apenas o suficiente para expandir os maxilares e as presas. Inclinou-se para a frente e abriu a boca para cravar os dentes na carne de Jack.

O punho poderoso de Árvore atingiu o rosto de Fantasma com tamanha potência que duas de suas presas saíram rolando pelo convés encharcado de chuva. Com Fantasma atordado pelo impacto do golpe, Louis e Maurilio conseguiram segurá-lo para que Árvore batesse nele mais uma vez. Vukovich agarrou seu antigo capitão pelos cabelos e puxou a cabeça dele para trás, expondo sua garganta. Os quatro lobos do mar tinham Fantasma à sua mercê.

– Isso não seria de bom-tom, capitão – disse Louis. – Você não pode matar o senhor London depois do que ele acaba de fazer por nós.

Jack suspirou. Havia se preparado para morrer, e precisava de alguns momentos para se recompor. Fantasma resistiu um pouco, mas depois se deteve, balançou a cabeça e foi solto.

– Eu ainda pego você! – Fantasma ameaçou Jack, já mais calmo.

– Pode até ser – admitiu Jack. – Mas o seu irmão com certeza ouviu a explosão. São doze deles contra cinco de vocês, e devem estar vindo agora mesmo. Não tenho medo de você nem de morrer, mas prefiro evitar isso se for possível. E, apesar de todo o seu falatório, eu também acho que você prefere não morrer, Fantasma. Pelos meus cálculos, você é o menor dos males, porque ainda tem resquícios de honra e humanidade escondidos aí dentro, apesar de todos os seus esforços para expurgá-los. Se quiser continuar vivo, vamos ter que trabalhar juntos.



– Matar me torna mais forte! – rugiu Fantasma.

– Por que se preocupar com eles, Jack? – questionou Vukovich. – O navio é nosso agora. Vamos abandonar Morte Nilsson e sua tripulação na ilha. A embarcação é grande, mas nós seis damos conta do trabalho, tenho certeza.

– Você não percebeu que o navio está inclinado para um dos lados? – perguntou Jack.

– O navio está avariado – disse Louis. – Morte atracou aqui para procurar material para o conserto.

– E, quando viu minha fogueira, resolveu investigar – complementou Jack.

– Não temos como evitar essa luta! – sentenciou Árvore com sua voz grave e retumbante.

– Os prognósticos não estão a nosso favor – observou Jack. – Mas vocês não precisam enfrentá-los sozinhos.

Fantasma deu risada.

– Você é só um homem, Jack. É esperto, admito, mas ainda tão próximo da meninice que deve ter lembranças bem vivas da infância, tenho certeza. O que você pode fazer para aumentar nossas chances contra Morte e seus lacaios?

Jack respirou fundo e soltou o ar com força. De todos os riscos que havia assumido desde o instante em que acordara, aquele era o mais assustador.

– Não sou só eu. Sabine...

– Claro, a bruxa do mar está com você – resmungou Fantasma. – Vocês se apaixonaram. Fugiram juntos para viver um sonho romântico. Mas ela não está a bordo, o que significa que você a deixou na ilha. Morte deve estar comendo o coração dela agora mesmo, seu idiota. E, mesmo que ela esteja viva, vai servir para quê? Você não faz ideia de como são meu irmão e seus lambe-botas.

Ele apontou o dedo indicador para a ilha. Através do véu pesado da chuva, Jack viu os botes a remo se movendo na direção do navio.

– Lá estão eles! – disse Fantasma. – E a bruxaria não vai servir de nada agora, Jack!

O rapaz sorriu, sentindo o ódio pelo pirata chegar ao ponto culminante.

– Apesar de todos os livros que leu e de toda a filosofia que distorceu com seu cérebro animalesco, você não é tão inteligente quanto pensa, Fantasma. Ou seja lá qual for o seu nome. – Jack levantou a voz para ser ouvido além da embarcação, enxugando as gotas de chuva que caíam sobre seus olhos. – Nunca percebeu que ela estava testando você. Nunca se perguntou sobre as viradas repentinas de tempo, nunca questionou decisões que iam contra sua própria natureza. Foi Sabine quem provocou esta tempestade! Ela fez o clima mudar, porque tem poderes que você não é capaz nem de imaginar.

O olhar de perplexidade, e depois de raiva, no rosto de Fantasma foi como um presente para ele.

– Se quiserem sobreviver, vão precisar da nossa ajuda – afirmou Jack.
– E, para tê-la, Sabine e eu queremos garantias. Uma trégua e um acordo. Vocês não vão nos matar. Não vão tocar em nenhum de nós dois, por motivo nenhum. E você, Fantasma, não vai punir seu bando por causa do motim. Vamos todos sair vivos desta, ou então morreremos juntos. Mas, se recusarem nosso pedido, vão morrer sozinhos.

Louis e Árvore expressaram sua concordância com um aceno de cabeça. Jack notou que Vukovich e Maurilio o encaravam com um respeito e um interesse nunca vistos. Ele havia incluído o destino daqueles homens em seu acordo, condicionando seu apoio à anistia dos amotinados. Não havia como negar que estavam todos no mesmo barco e que Jack e Sabine demonstravam maior preocupação com o bem-estar deles do que o próprio capitão.

Jack estendeu a mão.

– Aceita o acordo, capitão?

Fantasma parecia revoltado, o olhar carregado de desprezo.

Mas no fim apertou a mão de Jack.

CAPÍTULO CATORZE

TROVÃO E RELÂMPAGO

Um trovão retumbou pelo céu do Pacífico. Um relâmpago dançou entre as nuvens como se os deuses da guerra estivessem fabricando suas armas... E era exatamente de armas que Jack e os lobos do mar precisavam. As probabilidades estavam todas contra eles, e mesmo com a ajuda de Sabine seria necessária uma boa dose de sorte e determinação para sobreviver a fim de ver o sol se pôr e a lua surgir mais uma vez. Os botes a remo cruzavam o mar agitado pela chuva, trazendo consigo uma terrível tempestade.

Fantasma liderou a expedição aos conveses inferiores, vasculhando o *Charon* atrás de armas e facas. Jack sabia que a esperança de todos era de que encontrassem algo feito de prata. Enquanto Maurilio e Vukovich reviravam os aposentos da tripulação, Louis foi até os compartimentos de carga, e Fantasma e Árvore percorreram o restante da embarcação.

Jack se ofereceu para ir até a cozinha reunir objetos que pudessem ser úteis. Uma faca de açougueiro podia não ser suficiente para matar um lobisomem, mas um bom ferimento – ou mais de um ao mesmo tempo – poderia debilitar um dos tripulantes de Morte a ponto de Jack conseguir obter alguma vantagem. Enquanto se dirigia à popa, porém, ele passou por uma porta toda decorada, que exalava um cheiro almiscarado tão forte de animal que só poderia pertencer ao capitão.

Depois de uma breve olhadela para trás, Jack abriu a porta, virando o rosto para tentar evitar o fedor. Era um cheiro repugnante, que invadia as narinas e se instalava no fundo da garganta. No entanto, o que viu dentro da cabine era ainda pior. Morte Nilsson era um pirata mais cruel que o irmão, e muito mais animalesco.

O móvel de madeira no canto do cômodo se assemelhava muito a um berço de bebê, a não ser pelo tamanho. A mulher com apenas metade do corpo deitada lá dentro devia estar morta fazia uns três dias, mas Jack

não viu nenhum sinal de prisioneiros a bordo do *Charon*. “Ela deve ser a última”, refletiu. “A reserva especial do capitão.”

A bile subiu por sua garganta, e foi preciso se controlar para não vomitar. Começou a respirar pela boca, para que a pestilência da morte e de Morte não o fizesse passar mal. Jack desejava explorar livremente a cabine do capitão, mas sabia que Fantasma poderia aparecer na porta a qualquer momento, por isso resolveu se apressar, revirando os armários e a pequena mesa de jantar atrás do leito. Em uma das paredes havia uma prateleira cheia de mapas e cartas náuticas, um telescópio revestido de couro e latão e um sextante antigo, que Jack imaginou ser uma lembrança que Morte havia guardado de algum grande capitão. No alto do móvel estava uma espada, que ele apanhou e tirou da bainha – uma espada de oficial da Armada Espanhola com uma mensagem gravada: *Es mejor morir con honor que vivir sin ella.*

Jack abriu um sorriso de desprezo. “É melhor morrer com honra que viver sem ela.” O que Morte Nilsson poderia saber sobre honra?

Guardou a espada na bainha, mas não tinha nenhuma intenção de usá-la. Sua habilidade como esgrimista, na melhor das hipóteses, era a de um amador. Usar aquela arma contra os piratas funcionaria mais como empecilho do que como ajuda. Ele olhou mais uma vez para o alto da prateleira e já se preparava para ir embora quando notou que havia algo mais ali. Estendeu a mão até um cantinho escuro e alcançou uma caixa de cerejeira ornamentada. Era pesada, e pareceu esquentar em suas mãos. Olhou fixamente para o cadeado por um tempo antes de batê-lo contra o canto do móvel. Uma vez. Duas vezes. Com o terceiro impacto, o fecho soltou-se da madeira e a caixa se abriu.

O revólver despencou no chão, e as munições caíram em seguida. Eram de prata, reluzindo mesmo sob a luz fraca filtrada pela janela incrustada de sal. Eram uma boa chance de salvação.

Com uma olhadela furtiva para a porta, Jack se ajoelhou e começou a recolher os projéteis, guardando-os nos bolsos. Em um levantamento rápido contou vinte delas, e sentiu a esperança invadir seu coração. Havia mais balas que lobos do mar. Nem todas atingiriam o alvo, principalmente se ele atirasse durante a fuga, mas pelo menos existia uma alternativa de defesa. Uma possibilidade de sair vitorioso.

Apressadamente, Jack colocou as balas na arma. Quando tinha

acabado de pôr a última bala no último buraco, ouviu o chão ranger atrás de si. Jack se virou e deu de cara com Louis parado à porta, uma das sobrancelhas arqueada.

Louis abriu um sorriso, revelando seu dente de ouro.

– Pelo jeito Morte deixou um presentinho para você.

Jack hesitou, sem saber se Louis tentaria lhe tomar a arma. Até então eles tinham sido aliados, e o lobisomem parecia gostar dele. Mas a ponto de deixá-lo portar uma arma carregada de prata? Por uma fração de segundo, Jack pensou em apontar a arma para o pirata, só para se garantir, porém Louis já havia salvado sua vida mais de uma vez. Caso não confiasse em Jack o suficiente para permitir que ficasse com as balas de prata, ele lhe entregaria a arma.

– Se existe alguém que deve ficar com isso, esse alguém é você – disse Louis, como se lesse sua mente.

Jack respirou aliviado. Pegou a espada embainhada com a mão livre e a jogou para Louis.

– Achei que você fosse gostar disto – comentou Jack.

Louis pegou a espada, e seu sorriso ganhou um ar malicioso.

– Eu sempre tive um interesse especial por coisas afiadas.

Jack fechou a caixa e a recolocou na prateleira, torcendo para que Fantasma não a visse.

– Obrigado por ter me defendido – disse Jack. – E sei que não foi a primeira vez que você evitou que minha garganta fosse cortada.

O sorriso desapareceu do rosto de Louis, assim como o brilho em seu olhar.

– Essa não é a pior coisa que poderia acontecer com você.

– Pois é – concordou Jack. – Fico lhe devendo uma.

– Talvez – admitiu Louis. – Mas duvido que matá-lo seria assim tão fácil.

– Sou só um ser humano – respondeu Jack. – Sou apenas eu mesmo. Não teria a menor chance.

– Você é esperto, Jack – insistiu Louis, com uma expressão ainda mais séria. – E valoriza a vida dos outros assim como a sua. Isso tem um grande poder. Você mataria para continuar vivo, mas Fantasma vive para matar. Ele é um homem vazio.

Uma risada ressoou no corredor, deixando os dois paralisados.

Fantasma entrou no aposento do irmão e olhou para Jack e Louis como se eles fossem meninos malcomportados.

– Você está enganado, Louis – retrucou Fantasma. – Vazio, eu posso até ser. Mas não sou um homem.

Jack sentiu o peso da arma em sua mão, o poder letal e venenoso da pólvora, mas ele tinha firmado uma aliança e não iria quebrá-la. Apesar da brutalidade monstruosa daquela criatura, uma parte de Jack não conseguia deixar de admirar sua sobrevivência milagrosa depois de ter sido atacado pelo irmão; também torcia para que Fantasma conseguisse sua vingança. Além disso, com Morte Nilsson e seus homens a caminho, o destino de Jack estava diretamente ligado ao de Fantasma.

– Encontraram alguma coisa? – perguntou Jack.

– Maurilio e Vukovich acharam várias armas nos alojamentos da tripulação – contou Fantasma. – Nada muito útil. Algumas lâminas, mas não de prata. – Ele apontou com o queixo para as armas empunhadas por Louis e Jack. – Estou vendo que nenhum dos dois está de mãos vazias.

– O que conseguimos vai ter que servir – disse Louis, afrouxando o cinto e passando por dentro da bainha. – Se isso significa virar um espadachim, que seja.

Fantasma deu risada, mas era um sorriso falso. Seus olhos estavam cravados em Jack.

– Louis gosta de você, senhor London – comentou Fantasma. – Por alguma razão atribui a você habilidades extraordinárias. Não se deixe levar por essa fé. Muito cuidado para não fazer nenhuma besteira que possa pôr em risco nosso pacto.

– Não precisa se preocupar comigo – respondeu Jack.

– Claro que não – falou Fantasma. – Você só vai matar se alguém o forçar a fazer isso, não é?

– Isso mesmo.

– Quase me esqueci. – Os dedos de Fantasma se transformaram em garras, como se sua única intenção fosse rasgar o corpo de Jack. – Mas não se preocupe. Em breve a ocasião vai chegar. O seu batismo de sangue vai ser hoje.

– Não tenho interesse em ser batizado – retrucou Jack. – Só quero

estar vivo quando a tempestade passar. São, salvo e humano. Porém, se minhas mãos estiverem manchadas de sangue de lobo quando isso acontecer, vou lavá-las sem nenhum remorso.

– Porque os da minha espécie não merecem a mesma consideração que os humanos? – questionou Fantasma, aparentemente disposto a debater o assunto.

Eles ficaram em silêncio. Com Louis vigiando de perto, sem tirar a mão do cabo da espada, Jack e Fantasma se encararam por um longo momento. A tensão entre os dois foi interrompida por passos pesados no corredor.

– E também perdi o interesse em discutir filosofia com monstros – afirmou Jack.

Antes que Fantasma pudesse responder, Árvore apareceu na cabine, uma expressão sombria no rosto.

– Eles estão vindo!

*

A tempestade estava ainda pior. O *Charon* balançava violentamente. O rangido da madeira e do metal parecia o grito de uma criatura mítica, um arauto da morte.

– Ali! – gritou Maurilio quando Jack, Fantasma e Louis apareceram correndo no convés. Havia quatro lobos em cada um dos três botes, e a tripulação de Morte Nilsson remava com afinco em direção ao navio. Conforme esperado, a explosão do barril de pólvora os atraía de volta rapidamente.

A bordo do *Charon*, os cinco lobos que restavam do *Larsen* se preparavam para o enfrentamento, empunhando lâminas e facões, além de um par de rifles. Jack tinha na mão seu revólver, compartilhando o segredo das balas de prata ao trocar olhares discretos com Louis. Quando os inimigos subissem a bordo garras e presas entrariam em ação, lâminas se chocariam e haveria assassinatos a sangue-frio. Era vencer ou morrer. Por ora, contudo, o principal objetivo era atrapalhar tanto quanto possível o avanço de Morte e seu bando. Árvore e Vukovich, os melhores atiradores, empunharam os rifles e começaram a atirar nos botes assim que chegaram a pouco mais de trinta metros do *Charon*. Com as ondas

sacudindo fortemente as pequenas embarcações, a chance de acertar o alvo parecia mínima, mas pelo menos dois dos lobos de Morte foram atingidos.

Os ferimentos provocariam pouco mais que um incômodo passageiro, mas poderiam atrapalhá-los durante o momento crucial de subida a bordo. Jack sacou o revólver e aguardou a aproximação dos botes, ciente das limitações de sua arma e de sua mira. Suas balas provocariam muito mais que um incômodo passageiro, mas só se atingissem o alvo.

– Onde está a bruxa? – perguntou Fantasma, posicionando-se ao lado de Jack na balaustrada.

Jack ficou aliviado por não ver Sabine nos botes. Em algum lugar na ilha, ou então no mar, ela estava à sua espera e faria o que fosse possível para ajudar.

– Eles não a encontraram – respondeu Jack.

Árvore e Vukovich continuavam a atirar na tripulação de Morte. A chuva forte atrapalhava a visão que Jack tinha dos botes, porém ele conseguiu ver quando uma bala atingiu a cabeça de um homem no último deles. O pirata tombou para o lado e caiu na água. O bando de Morte continuou avançando sem que ninguém se detivesse para examinar o local onde o companheiro havia afundado. Jack se perguntou se o lobo do mar não se afogaria antes de conseguir se recuperar, mas um instante depois viu uma cabeça monstruosa surgir no mar, parcialmente transformada, e uma garra gigantesca se agarrar à parte traseira do bote.

Um relâmpago cortou o céu, tão forte que levou Jack a se afastar da balaustrada. Arcos de fogo cintilaram no ar em torno do navio, e um trovão explodiu no céu tempestuoso.

– Isso é obra dela? – Fantasma quis saber. – É ela que está fazendo isso?

Jack confirmou com a cabeça, segurando a arma na mão com ainda maior força.

Louis gritou seu nome, chamando-o com urgência ao lugar onde estava na balaustrada. Jack foi correndo até lá e, ao olhar para baixo, viu Sabine subindo a escada de corda na lateral do navio. Os três botes estavam a pouco menos de dez metros de distância, subindo e descendo sobre as ondas, e os lobos gritavam e rosnavam as obscenidades que

pretendiam fazer com ela.

– Sabine – murmurou Jack.

Maurilio, que também estava lá, segurou Sabine pelos pulsos e a puxou para bordo. Jack estendeu os braços na direção dela sobre o convés oscilante e encharcado. Temera nunca mais vê-la e, mesmo com a aproximação do bando de Morte, precisava tocá-la, abraçá-la, só para provar a si mesmo que ela estava de fato sã e salva.

Sabine o encarou, mas seu olhar se desviou para um ponto atrás dele.

Fantasma agarrou Jack por trás e o empurrou para o lado. A arma caiu das mãos do rapaz, deslizando pelo convés molhado. Ele saiu aos tropeções atrás do revólver, retomou sua posse e se virou a tempo de ver Fantasma agarrar Sabine pelos cabelos, tirando seus pés do chão. O capitão gritava ofensas terríveis para ela, as palavras exatas se perdendo no vento. As feições dele começaram a se contorcer, as presas crescendo dentro da boca, o focinho se alongando, enquanto os ossos se deformavam e a pelagem brotava sobre a pele. Sabine esperneava e desferia chutes sem conseguir tocar o chão. Fosse qual fosse o feitiço que pretendia usar, Jack temia que ela não tivesse tempo nem concentração suficientes para se defender naquele momento.

Jack saltou em plena chuva e apertou com força o cano da arma contra a cabeça de Fantasma.

– É prata! – Jack gritou no meio da tempestade. – Está sentindo o cheiro, Fantasma?

– Eu confiei nela e fui traído – rebateu ele, mostrando os dentes para Jack.

– Seus idiotas, eles estão quase chegando! – gritou Louis. Árvore e Vukovich continuavam atirando, e Louis ergueu sua espada. – Morte está chegando!

– Me solte! – gritou Sabine.

– Você fez dela sua prisioneira – continuou Jack. – Você a *torturou*!

Fantasma o encarou com tamanho ódio que Jack prendeu a respiração, o dedo formigando no gatilho. O capitão abriu a boca para falar, mas Jack viu algo em seus olhos – vergonha? – e adivinhou quais seriam suas palavras. Fantasma estava prestes a declarar seu amor por Sabine. Mas aquilo ia contra tudo em que o pirata acreditava, e, depois de um momento de conflito interno que Jack jamais havia presenciado, o

capitão abriu um sorriso cínico, estreitando os olhos.

– Vou comer o coração dela e ficar com seus poderes!

– Não há como saber se isso vai acontecer de verdade – argumentou Jack. – Nem ela mesma sabe como essas coisas funcionam.

– Eu guardo maldições terríveis dentro de mim – sussurrou Sabine em meio à tempestade, mas mesmo assim se fez ouvir, como se fosse o vento que carregasse suas palavras até Jack e Fantasma. – E vou lançar todas elas sobre você se não me soltar.

Uma rajada de raios desceu do céu. Um dos relâmpagos atingiu o bote mais distante e o partiu em dois, deixando uma metade em chamas e fazendo naufragar a outra. Parcialmente transformados, dois lobisomens pegaram fogo e desapareceram em meio às ondas, carbonizados e fumegantes. Um terceiro também caiu na água, debatendo-se em desespero, incapaz de nadar. Apenas o quarto, o que tinha sido baleado na cabeça, parecia que iria sobreviver. Ele nadava na direção dos outros dois botes, determinado a não se afogar e ansioso por matar.

Jack pressionou com maior força o cano contra a têmpora de Fantasma.

– Pode soltá-la agora mesmo.

Fantasma largou Sabine no convés e se virou para a balaustrada, onde o restante do bando o aguardava. Eles receberam a tripulação de Morte com promessas de dor e tormento.

Jack enfim pôde abraçar Sabine, observando por cima do ombro dela o lobisomem ferido subir em um dos botes remanescentes.

– Eu te amo – murmurou Jack.

– Eu também – ela respondeu. – Morrer só iria estragar tudo.

Jack não riu, mas selou aquelas palavras com um beijo.

A tempestade cessou por um instante. Aproveitando-se da calmaria repentina, Jack se afastou de Sabine, fez pontaria e mandou uma bala de prata no peito do lobisomem ferido. A criatura berrou ao ser jogada de novo no mar raivoso, e por um momento todos os olhares – no convés e no mar – se voltaram para Jack. A tripulação de Morte marcou seu rosto, e ele percebeu que aquela sua atitude só havia servido para torná-lo um alvo prioritário. A tentação para sair atirando a esmo e matar todos eles foi grande, mas Jack sabia que dispunha de um número limitado de balas. Era preciso que fossem muito bem aproveitadas.

Os dois botes já estavam bem perto do navio, e Jack pôde ver o ódio nos olhos da tripulação, além da fúria impassível estampada no rosto de Morte Nilsson. Fantasma gritou algumas ordens para o que restara do bando, mas Jack mal conseguia ouvi-lo, concentrado apenas na ira que se acumulava no espaço que separava os dois irmãos.

Um raio caiu na água perto dos dois botes. Um deles foi atingido de raspão e começou a pegar fogo, mas àquela altura isso não fazia mais diferença. A tripulação do *Charon* estava de volta. Os botes se chocaram contra o casco, e os primeiros marujos saltaram para a escada de corda, subindo para o convés a uma velocidade inumana.

Jack abriu fogo quando lobisomens passaram a saltar sobre a balaustrada. Eram tão ágeis que várias das balas rasgaram o vazio, embora duas delas tivessem se alojado no ombro e no abdome de uma mesma criatura. O lobo desabou sobre o convés, contorcendo-se e morrendo à medida que o veneno se espalhava por seu corpo. O bando de Morte ficou reduzido a oito homens.

Jack caiu sobre um dos joelhos, enfiou a mão no bolso e recarregou a arma. Sabine estava de pé a seu lado, o corpo oscilando levemente enquanto os lábios se mexiam, recitando algum feitiço em silêncio. O navio balançava, e o vento os castigava, mas o equilíbrio dela não parecia ser condicionado pelo mundo ao redor, e sim pela própria tempestade interior.

A guerra explodiu no convés do *Charon*, e a batalha sangrenta se espalhou de bombordo a estibordo. Alguns lobos do mar já estavam plenamente transformados, mas Fantasma e o restante de seu bando permaneciam em um estágio intermediário entre homens e lobos selvagens, para poder continuar usando as armas que encontraram espalhadas pelo navio de Morte. Louis brandiu sua espada, atingindo um dos lobisomens no braço e forçando-o a retornar à forma semi-humana. O sangue caiu sobre o convés e foi imediatamente lavado pela chuva. Todo o caos ao redor – a morte e a violência que se desenrolavam em torno de Jack e Sabine – parecia se desbotar sob o manto cinzento da tempestade.

Fantasma e seu irmão Morte se atracavam pelo convés. Quando se deparavam com alguma outra refrega no caminho, os piratas saíam da frente com medo, ou talvez pelo respeito inspirado pelo enfrentamento

entre dois capitães. Os dentes rangiam, as garras cruzavam o ar, e, onde quer que os combatentes caíssem, deixavam marcas de sangue e ódio.

Jack esvaziou o tambor do revólver pela segunda vez, com resultados ainda piores. Com a agilidade dos lobos e o manto d'água cobrindo tudo, apenas uma bala atingiu o alvo, e só de raspão. A prata atordoou o lobo, deixou-o mais lento, mas o efeito do veneno não foi imediato.

Ele se ajoelhou para recarregar de novo, aproveitando para contar quantas balas ainda tinha. Seria preciso caprichar na pontaria daquela vez. Poderia ser sua última chance.

Mais tiros ressoaram no ar, mas os rifles eram inúteis em um combate corpo a corpo, e os disparos foram logo deixados de lado para que as coronhas pudessem ser usadas como bastões. Enquanto enfiava mais uma bala no tambor, Jack viu dois lobisomens derrubar Árvore no convés e começar a destruí-lo, um se encarregando da barriga, o outro da garganta. Árvore lutou o quanto pôde, mas Morte pareceu surgir do nada – Fantasma não o atacava mais –, enfiando a mão no peito do grandalhão. Quando a tirou de lá, Árvore estava inerte.

Fantasma saltou do alto da cabine. A luta devia ter provocado o desencontro dos dois, mas ele logo reencontrou o irmão, sem dirigir sequer um olhar para seu comandado caído.

As probabilidades de sucesso se estreitavam ainda mais, e Jack se deu conta de que, se quisessem continuar vivos, ele e Sabine precisariam começar a fazer a diferença.

– O que aconteceu? – perguntou Jack, olhando para ela. – Seu feitiço não está funcionando?

Os cabelos dela estavam caídos sobre o rosto, e as roupas, grudadas no corpo. Naquele momento, Sabine tinha a aparência da entidade marinha que devia ser.

– Está funcionando, sim – ela falou. – Mas só posso cuidar de um ou dois de cada vez, caso contrário todos acabariam afetados.

Enquanto ela falava, Jack viu seu feitiço se abater sobre um dos membros do bando de Morte. O lobo cambaleou, virou-se para Maurílio e começou a dar golpes no vazio, acertando apenas a água da chuva. Maurílio se desvencilhou de outro inimigo e saltou sobre o lobo enfeitiçado, cravando uma lâmina serrilhada imensa em seu pescoço. Fez o lobo se deitar de costas e o esfaqueou várias e várias vezes, estripando-

o em questão de segundos.

A luta começava a dar uma reviravolta, pois os feitiços de Sabine eram eficazes e a ferocidade do bando de Fantasma continuava em um nível altíssimo.

– Jack! – gritou Sabine.

Ele ouviu um grunhido e virou a cabeça para ver o lobisomem se atirar de cima da casa do leme, as garras apontadas em sua direção. Jack se posicionou para encará-lo e apontar a arma, mas o monstro o atingiu antes que pudesse atirar. Eles caíram embolados sobre o convés, e a pancada na cabeça fez a visão de Jack escurecer. Nesse momento ele sentiu a arma sobre seu peito e ouviu o ruído abafado de um tiro à queima-roupa, que acertou o lobo na garganta, atravessando-lhe o crânio. Em seguida, porém, notou que o próprio ombro esquerdo havia sido perfurado, provocando uma dor forte e aguda.

“Fui mordido!”, constatou. Seu coração se apertou, e Jack sentiu a mácula da selvageria infectar sua alma. A partir daquele momento seria impossível não lutar. Já que era *impossível* escapar da sina de ser homem e lobo, trataria de domar a brutalidade daquela fera sobrenatural, assim como havia triunfado sobre o lado selvagem de seu espírito humano.

Sabine gritou seu nome, e ele a viu sacudindo o corpo do lobisomem, que começava a retomar sua forma humana. Jack o empurrou, Sabine o puxou, e juntos os dois tiraram o lobisomem de cima dele. Ela se ajoelhou no meio da chuva, linda e frágil, apesar de toda a magia extraordinária de que era detentora. Náíade, bruxa do mar, espírito marinho... O que quer que fosse Sabine, ele não era uma boa companhia para ela naquele momento. Seu coração estava abalado pela percepção de que havia mudado para sempre, e não poderia amaldiçoá-la ficando a seu lado. Caso a amasse de verdade, teria de esquecer os desejos que havia elaborado em segredo, as fantasias de um futuro em comum.

Sabine deve ter visto isso nos olhos dele, pois começou a balançar a cabeça em discordância. Um sorriso se insinuou em seus lábios, e, apesar da chuva pesada, ele notou que ela chorava. Ela riu como se a luz divina tivesse tocado seu coração.

– Estou vendo o ferimento – Sabine falou. – Ele não mordeu você, Jack. Foram as garras dele que fizeram isso.

Jack fez força para sentar, tentando recobrar os sentidos, e examinou

o próprio ombro, afastando a camisa para poder ver melhor. Então entregou-se a uma risada incontrolável e, durante alguns segundos, sentiu que havia sido acometido por um ataque de histeria.

Um uivo cortou o ar, engrossado pela tempestade, e pareceu ecoar pelo oceano.

Abalado, mas ainda vivo, e energizado com o fato de ter sobrevivido, Jack apanhou a arma do chão e se levantou. Quando se virou, viu que o convés do *Charon* havia se transformado em um cenário de carnificina. Vukovich e Louis permaneciam intactos, em pé diante da carcaça dos inimigos mortos, enquanto a chuva lavava o sangue e as entranhas que manchavam as pelagens dos que haviam sucumbido. Maurilio estava seriamente ferido, mas os arranhões profundos em sua carne já começavam a cicatrizar. Grunhindo e rosnando, agachou-se para dar o bote no último sobrevivente do bando de Morte Nilsson, um lobisomem imenso com pelagem cor de cobre.

– Não seja tolo – recomendou Louis ao lobo inimigo. – É melhor se render.

O sobrevivente olhou ao redor e viu que estava derrotado. Transformou-se então, retomando a forma humana – um pirata ruivo, de barba espessa, com mãos grandes e fortes, além de um estranho brilho de sabedoria no olhar.

Só restavam os dois irmãos.

Os demais lobos sabiam que não deveriam interferir. Fantasma e Morte estavam em suas formas lupinas – o primeiro enorme e cinzento, e seu irmão ainda maior, com uma pelagem preta como piche. Encaravam-se na proa, dois reis ensanguentados, dois líderes monstruosos. O ódio sibilava no ar ao redor deles como uma carga de energia estática.

O alçapão destruído do compartimento de carga era a única coisa entre os dois, que o circulavam em busca de uma brecha na defesa do oponente, à procura do momento ideal para atacar. Aguardavam a hora certa de matar.

Com um som que foi metade grunhido, metade gargalhada, Morte Nilsson se ergueu sobre as patas traseiras, revertendo parcialmente a transformação, os olhos cor de âmbar reluzindo em meio à tempestade. Suas garras eram temíveis – longas, curvas e tão manchadas de sangue que nem a chuva forte era capaz de impedir que ficassem vermelhas

como os chifres de um demônio.

Fantasma mudou de forma também, ficando de pé sobre as duas pernas, metade homem e metade monstro, mantendo-se em silêncio. Aquele era o irmão que ele um dia idolatrara, por quem abrira mão de sua humanidade para fazer parte de seu bando. Mas também era aquele que o havia banido e abandonado à própria sorte. Jack se perguntou se Fantasma ainda amava o irmão, se era esse o combustível de seu ódio ou se seu coração era mesmo frio e duro como sempre fizera questão de demonstrar.

– Eles sabem que estamos vendo tudo – murmurou Jack.

– Sim – confirmou Sabine. – E por isso mesmo fazem questão de exhibir todo o seu orgulho.

Sem emitir nenhum ruído, Fantasma saltou sobre o irmão, passando por cima do alçapão destruído do compartimento de carga.

Morte se encontrou com ele em pleno ar.

CAPÍTULO QUINZE

IRMÃOS DE SANGUE

Quando Fantasma e Morte se atracaram, um relâmpago caiu sobre a cadeia rochosa da ilha, e um trovão retumbou com tanta força que o navio tremeu sob os pés dos ocupantes. Jack e Sabine cambalearam para trás e se encostaram na parede da cabine. Diante deles, os lobos formavam um círculo em torno da batalha dos dois irmãos.

Um círculo bem largo. Ninguém queria se envolver naquela briga. Quem saísse vencedor ficaria com o coração do derrotado, além do que restasse de sua alma.

Os dois foram ao chão em meio a um caos furioso de membros incansáveis e garras ameaçadoras, e Jack ouviu o som apavorante das mandíbulas se fechando. Embolados perto do alçapão arrebitado do compartimento de carga, os dois pareciam destroçar um ao outro – os pelos voavam pelo ar, o sangue escorria pelo convés molhado. Outro raio espocou, e nesse momento Jack teve certeza de ter visto o brilho rosado de um músculo exposto.

Morte se levantou, livrando-se de um golpe de Fantasma, e pisoteou o irmão, fazendo seus ossos estalar e tentando empurrá-lo para o buraco aberto no convés.

– Vão acabar morrendo, os dois – comentou Sabine.

Jack segurou a mão dela.

– Vamos torcer por isso.

Ela apertou sua mão com força, como se nunca mais quisesse soltá-la. Ele entendia como ela devia estar se sentindo.

Morte desferiu outro golpe, mas se desequilibrou, desabando de cara no convés. Fantasma, por sua vez, caiu no compartimento de carga em que o irmão o fizera prisioneiro. Os outros lobos chegaram mais perto do alçapão escancarado. Louis olhou para Jack. Poderia até parecer humano, porém jamais voltaria a ser um homem.

Morte posicionou um pé de cada lado do alçapão e olhou para a plateia reunida ao redor. Metade homem, metade fera, não havia nada remotamente humano em seus olhos, e, quando abriu a boca, só foi capaz de grunhir.

Jack levou a mão ao cabo da arma, pronto para atirar caso fosse necessário. Ainda dispunha de três balas de prata. Talvez fosse preciso usar todas elas para derrubar Morte Nilsson, e até um pouco mais.

– Se ele vier, corra para a popa e... – começou Jack, mas se interrompeu. Morte saltava para o compartimento atrás do irmão ferido.

Os lobos restantes se entreolharam – Vukovich, Maurilio, Louis e o ruivo sobrevivente da tripulação de Morte. Havia muito em jogo ali, e a luta tinha se transferido para as entranhas do navio.

Amplificados pelo eco do compartimento de carga, os sons do conflito se faziam ouvir apesar do mar tempestuoso, do vento e da chuva que continuavam a castigar o *Charon* e a ilha. Jack se virou para Sabine, que tinha os olhos arregalados. Ele imaginou que, àquela altura, ela não tinha mais como deter a tempestade, caso quisesse fazer isso.

Com gritos e pancadas, grunhidos e rugidos, a luta continuava. Jack sentia os impactos de cada golpe sob os pés, com medo de imaginar o que o ódio entre os dois poderia produzir em um espaço tão confinado. Assim como os uivos ecoantes, a raiva remoída durante tanto tempo pelos dois irmãos estava toda concentrada ali, e a violência do confronto só faria piorar as coisas.

De repente, algo mudou. Jack demorou um pouco para se dar conta do que era, mas então notou que só ouvia uma voz, e não duas. Depois de mais um grunhido, ouviu-se um impacto mais forte que nunca, e um uivo se ergueu pelos ares, desafiando a tempestade e fazendo os lobos recuar vários passos.

Fez-se silêncio. A tempestade pareceu ceder um pouco – uma pausa que levou Jack a imaginar que Sabine prendia o fôlego –, e Louis deu alguns passos na direção do alçapão. Ele se deteve a alguns passos da abertura, depois se agachou. Sua silhueta mudou de forma, de maneira sutil, mas visível. A pelagem brotou em suas costas nuas.

– Jack! – disse Sabine.

Tudo o que podiam fazer, no entanto, era observar a mão que se agarrou à extremidade do alçapão alargado, com unhas mais compridas que

as de um homem, porém mais curtas que as de um lobo. Os dedos estavam tensionados, sustentando o peso da criatura pendurada logo abaixo.

Caso fosse Fantasma, Jack e Sabine logo saberiam se estava disposto a cumprir sua palavra. Talvez o monstro tivesse aprendido alguma coisa e honrasse o pacto firmado, mas Jack achava que não. Em sua opinião, a honra de Fantasma encontrava uma barreira intransponível no mesmo lugar em que poderia surgir – no coração do pirata.

Se quem aparecesse fosse Morte, no entanto, estariam diante de um desafio bem diferente.

– Jack, a arma!

– Pode deixar – disse Jack, mantendo o revólver firme na mão. Por mais que desconfiasse de Fantasma, estava disposto a dar uma chance ao capitão.

O vulto que emergiu do compartimento de carga poderia ser de qualquer um dos irmãos. Estava tão ensopado de sangue que era difícil identificar a cor dos cabelos, e, com o restante do corpo ainda pendurado, ele baixou a cabeça para tomar impulso e subir. A criatura se arrastou pelo convés de metal, a respiração ofegante e cuspiendo sangue. Em seguida, com um rugido tão grave que Jack sentiu o chão tremer sob seus pés, o vitorioso se levantou.

E, ao erguer a cabeça, revelou-se o rosto de Morte Nilsson.

– Reverendo – disse Morte, e o único sobrevivente de sua tripulação olhou ao redor com o pavor estampado no rosto.

– Morte... – murmurou o homem.

– Reverendo, se você não continuar na luta, vai se tornar mais uma vítima dela. – A voz de Morte era quase inumana, apesar de na aparência ele ter a forma exata de um homem. Abriu um sorriso ao olhar para Louis, Jack e Sabine. – Só restamos nós dois, mas já estou vendo que podemos dobrar o tamanho da tripulação. – Ele olhou de novo para Sabine, e seu sorriso se atenuou um pouco. – No caso dela... talvez seja possível usá-la de outra maneira.

Jack apontou a arma para o peito de Morte. “Um no peito, outro na cabeça e o último no coração, quando ele estiver caído.” A inumanidade nos olhos do pirata era quase idêntica à de Fantasma.

– O que é isso? – questionou Morte.

– Prata – respondeu Jack.

– Do meu próprio estoque – disse Morte. – Sim, prata. É melhor você caprichar na pontaria, garoto.

– O meu nome – disse Jack, sentindo o tremor em sua mão cessar com a mesma velocidade com que tinha aparecido – é Jack London.

– Muito bem, Jack, você e eu vamos...

Os olhos de Morte se arregalaram ao captar um cheiro no ar, ou talvez um som. Em seguida um vulto surgiu atrás dele. Um par de braços o envolveu pela cintura, e as mãos o agarraram quando o vulto caiu de volta no buraco, levando Morte consigo.

Ele resistiu. Estendeu braços e pernas, usando a mão esquerda para golpear o renascido Fantasma.

– Maldito seja você, irmão. Vou devorar seu coração! – gritou Morte. Sua ameaça, no entanto, não se concretizaria.

Um punho penetrou o peito de Morte, quebrando suas costelas entre as últimas saraivadas de relâmpagos da tempestade. Sob a pressão do punho fechado – o punho de Fantasma, que o apertava com toda a força – estava o coração pulsante de Morte Nilsson.

Fantasma continuou apertando até que o músculo se rompesse e os olhos de Morte se tornassem opacos.

Louis correu até lá e tirou o cadáver de cima do alçapão. Vukovich ajudou, assim como o homem que Morte chamara de Reverendo, puxando o capitão morto pela perna e abrindo espaço para que Fantasma saísse do compartimento de carga.



– O meu nome – disse Jack, sentindo o tremor em sua mão cessar com a mesma velocidade com que tinha aparecido – é Jack London.

Estava em um estado lamentável, nu e todo rasgado, mas resplandecente no sangue que lhe cobria o corpo. Por entre os lábios cortados e os dentes quebrados ele abriu um sorriso, jogou as mãos para o alto e soltou um uivo de tamanho regozijo que Jack sentiu vontade de gritar.

Sabine apertou com força sua mão esquerda.

– Eu nunca o vi assim tão descontrolado – ela comentou. – Nem mesmo quando está transformado em lobo.

Fantasma chutou o corpo inerte de Morte na direção da balaustrada, ergueu-o e o arremessou ao mar. Em seguida cuspiu sangue na água e se virou para encarar os demais.

– Pois então, senhor London – disse Fantasma, ofegante. A chuva não fora suficiente para lavar o sangue do irmão de sua pele, e Jack pensou que talvez ele permanecesse manchado para sempre.

Jack ergueu outra vez a arma, apontando-a para Fantasma.

– Pois então, Fantasma – repetiu Jack. – Espero que você esteja disposto a...

Fantasma avançou na direção deles, a violência estampada no rosto. Jack prendeu a respiração e pôs o dedo no gatilho, mas demorou *demais*, e talvez tivesse apenas um segundo antes de...

Louis deu uma rasteira em Fantasma, que caiu e se espatifou no convés. Vukovich segurou uma de suas pernas, e Maurilio, a outra. Reverendo foi ajudá-los outra vez, imobilizando a cabeça de Fantasma, fazendo de tudo para evitar seus dentes.

– Acabe com ele, Jack! – disse Louis.

– Não.

– Seu idiota! – vociferou Maurilio, iniciando uma transformação enquanto se esforçava para impedir que Fantasma o chutasse. – Ele está enfraquecido por causa da batalha, e a recuperação vai ser lenta. Uma bala no coração, e ele está liquidado. Agora!

– Não! – insistiu Jack.

Sabine tocou seu braço, e ele soube que havia tomado a decisão certa. Na verdade, *não* havia outra escolha. Matar ou morrer era uma coisa, mas assassinar Fantasma daquela maneira seria um ato de covardia.

– É o que ele quer fazer com você – garantiu Vukovich. – Ele nunca

vai respeitar esse pacto, você sabe disso.

– Você não entende. Eu *preciso* deixá-lo viver – argumentou Jack.

– Por quê? – questionou Louis.

– É a coisa mais humana a fazer.

Fantasma se virou para encará-lo, e Jack considerou que naquele momento o lobisomem talvez o odiasse tanto quanto detestara seu irmão.

– Deve existir outra maneira de mantê-lo sob controle – continuou Jack. – Temos muito sobre o que conversar, e um navio para consertar.

No dia em que se preparavam para deixar a ilha o sol brilhava forte, e o mar estava calmo. Sabine jurou a Jack que não tinha nada a ver com aquilo.

– O tempo está a nosso favor – ela falou, andando de um lado para outro no convés do *Charon*, que tinha sido lavado e esfregado várias vezes. Os corpos dos lobisomens mortos foram enterrados na praia. No navio, porém, as marcas da batalha ficariam visíveis para sempre. Estavam encravadas e gravadas no metal como uma lembrança dolorosa.

Um clima tenso pairava no ar. Todos sabiam o que viria pela frente. Fazia apenas dois dias, mas durante esse período Jack havia testemunhado uma mudança tão grande nos tripulantes sobreviventes que mal conseguia reconhecê-los. Louis demonstrava uma inteligência que Jack nunca tinha notado, uma prova de que se retraía quando Fantasma estava por perto, para que o capitão não o visse como uma ameaça.

– E você não fazia isso mesmo? – perguntou Jack.

– Claro – respondeu Louis. – Tudo tem seu tempo, e eu só queria garantir minha sobrevivência.

Jack não estava muito certo quanto a esse detalhe, tendo motivos bem sérios para não gostar de Louis. Fora por causa dele que Sabine acabara a bordo do *Larsen*. Por outro lado, caso Louis não a tivesse levado até Fantasma, Jack jamais a conheceria.

Vukovich e Maurilio eram menos surpreendentes, porém estavam mais relaxados e haviam trabalhado com afinco no conserto do *Charon*, com a ajuda de Reverendo – um sujeito grandalhão, grisalho e com pinta de durão, que aliás nunca havia sido religioso. Ele contara que Morte lhe

dera esse apelido por causa de sua fala tranquila e do costume de se dirigir à proa toda noite para rezar antes de se recolher.

– Um lobisomem conversando com Deus? – questionou Jack.

– Morte nunca soube com qual deus eu falava – disse Reverendo. – E nunca se preocupou em perguntar.

Jack também não perguntou. Reverendo se entrosou com os demais com certa facilidade. Não tinha o menor apego por Morte Nilsson e não se incomodou com o fato de o *Charon* ter novos donos. Chegou até a revelar onde ficavam os compartimentos secretos com os tesouros a bordo, e fez rapidamente amizade com Vukovich.

Jack foi até a balaustrada dar uma última olhada na ilha, e Sabine se juntou a ele.

– Você tem certeza do que está fazendo? – perguntou ela pela terceira vez.

– Claro. Você acha que temos como sair navegando daqui sozinhos?

– Não – respondeu Sabine, chegando mais perto dele.

– Eu confio neles – disse Jack. – Assim como nós, eles passaram por poucas e boas e vão nos levar até São Francisco, conforme o prometido.

– E depois? – questionou ela. – Quando desembarcarmos e eles voltarem ao mar, vão formar outro bando. Louis vai ser o capitão, talvez, e Vukovich, o imediato. Vão recrutar novos homens e transformá-los, assim como Fantasma fez com eles. Pode demorar meses ou até anos, mas em algum momento o *Charon* vai voltar a ser uma barca do inferno. Eles têm o próprio apetite, as próprias necessidades.

– Talvez eu tenha uma solução para isso – comentou Jack, mas, quando Sabine levantou as sobrancelhas para interrogá-lo, a porta da cabine se abriu.

– Como assim? – perguntou ela.

– Depois eu conto – ele respondeu.

Ele sentiu que os ombros ficavam rígidos por causa do estresse e sacou a arma da cintura ao notar a aproximação de Fantasma, que olhou para cima, piscou os olhos e virou o rosto todo marcado de mordidas e arranhões para o sol. Jack imaginou que, caso ele realmente quisesse, seu corpo já teria se recuperado. Mas, para alguém como Fantasma, que se considerava um injustiçado, exibir sua história através da pele talvez fosse algo desejável. Qualquer um que o visse notaria o nível de

violência a que fora submetido.

– Está pronto para zarpar, senhor London?

– Estou – respondeu Jack. – Mas você não vem conosco.

Fantasma soltou um risinho de deboche.

– Claro que não. Por que desejaria isso? Em um navio como este, eu poderia acabar virando um covarde como vocês.

Ele foi empurrado para o convés por Vukovich, seguido pelos demais lobos do mar. Fantasma era bem capaz de fazê-los em pedaços, mas as balas de prata na arma de Jack o impediam de tentar. Muitas vezes, porém, Jack se perguntou se era mesmo a prata que mantinha Fantasma sob controle ou se o velho lobo simplesmente havia decidido que aquele capítulo de sua vida estava encerrado, que era hora de virar a página.

– Você ainda acha que tem razão – comentou Jack. – Que moralidade e princípios são apenas fraquezas.

– Claro que sim – respondeu Fantasma, como se fosse algo líquido e certo. Seu olhar percorreu os demais, que o observavam. Sabine estava ao lado de Jack, mas os outros, como sempre, haviam se espalhado, indo cada um para um canto. Para enfrentarem Fantasma de maneira coordenada caso ele reagisse, Jack pensou a princípio, mas em seguida se deu conta de que a solidão era uma característica inerente dos monstros.

– Tenho certeza de que você conhece esta – continuou Fantasma: – “Todos nós vivemos sob a proteção de certas covardias, que chamamos de princípios”. Você, Jack, tem medo de enxergar quem realmente é.

Jack sorriu.

– Mas Twain disse também que “a coragem é a resistência ao medo, o domínio sobre o medo, e não a ausência do medo”.

– Então você está dizendo que ainda tem medo de mim – disse Fantasma com uma satisfação quase infantil.

– Está na hora de descer, Fantasma.

– Não.

Jack ergueu a arma. O clima no convés ficou pesado, e Jack sentiu Sabine ficar tensa atrás dele. Ela tinha dito a Jack que, se houvesse uma briga, ela faria de tudo para agir sobre a mente de Fantasma e confundilo. Em seu íntimo, porém, ele confiava mesmo era na pólvora e na prata.

– Está na hora de descer – reforçou Louis.

Fantasma encarou os lobos pela última vez e, por fim, olhou também para Reverendo, sem esboçar nenhuma reação. Todos ali eram inferiores a ele, não importava a que tripulação pertencessem. Em sua mente, ele era um deus.

– Que seja – disse Fantasma. Virou-se depois para Jack e Sabine. – Mas nós ainda vamos nos encontrar de novo.

Fantasma saltou sobre a balaustrada e se atirou no mar, e o barulho de seu corpo se chocando contra a água foi a última coisa que ouviram dele.

Um tremor de choque e surpresa se espalhou pelo convés, mas logo em seguida cada um foi assumir seu posto. O navio começou a vibrar quando Reverendo aumentou a aceleração do motor e Vukovich e Maurilio levantaram âncora.

Jack e Sabine continuaram em pé na balaustrada, vendo Fantasma nadar no mar logo adiante, a pouco mais de cinco metros de distância. Ele os encarou, porém não disse nada.

O lobo exilado não abriu a boca ao ver o navio zarpar, mas saiu nadando atrás da embarcação.

O *Charon* foi ganhando velocidade à medida que se afastava da ilha, embora ainda assim Fantasma continuasse a segui-los, apesar de ficar cada vez mais para trás. Ele encarava Jack e Sabine em silêncio. Sabine foi até a proa contemplar o horizonte mais à frente, contudo Jack não ousou desviar o olhar.

Por fim, Fantasma parou de nadar, mas continuou flutuando na água até se tornar apenas um pontinho no oceano, e depois a própria ilha se tornou um borrão no horizonte, antes de desaparecer sob o contorno curvo da Terra.

Foi só então que Sabine voltou a ficar a seu lado.

– E a sua solução, Jack, qual é? A ideia para impedir que esses homens amaldiçoados se transformem em monstros de novo?

– Por enquanto é só uma ideia – respondeu ele. – Ainda preciso conversar com eles. Mas, depois que voltarmos a São Francisco e eu entregar meu saquinho de ouro à minha mãe e revir meu amigo Merritt, existe um lugar ao qual prometi levar você.

– Yukon – falou ela, olhando para um lugar distante, voltando vários

séculos em sua mente. – Lesya.

– Sim – confirmou Jack, estremeando sob o sol escaldante ao ouvir o nome do espírito da floresta. – E, pela minha experiência, sei que vamos precisar de um navio como este para chegar até lá. E também de uma tripulação.